

Universidade do Minho
Escola de Psicologia

Simbolismo do Corpo e Identidade Narrativa:
Contribuições Feministas para a Construção
da Psicologia Comunitária Latino-Americana

Aline Maria Barbosa Domicio

Aline Maria Barbosa Domicio

Simbolismo do Corpo e Identidade Narrativa:
Contribuições Feministas para a Construção
da Psicologia Comunitária Latino-Americana

UMinho | 2011

Julho de 2011





Universidade do Minho

Escola de Psicologia

Aline Maria Barbosa Domício

**Simbolismo do Corpo e Identidade Narrativa:
Contribuições Feministas para a Construção
da Psicologia Comunitária Latino-Americana**

Tese de Doutoramento
Doutoramento em Psicologia
Especialidade em Psicologia Social

Trabalho efectuado sob a orientação da
**Doutora Maria da Conceição de Oliveira
Carvalho Nogueira**

Julho de 2011

DECLARAÇÃO

Nome: Aline Maria Barbosa Domicio

Endereço: Avenida Francisco Sá nº4421- Carlito Pamplona, código postal 60335-195, cidade de Fortaleza, Ceará/Brasil.

Telefone: (005585) 32367783 Brasil

Número do Cartão de Cidadão: 95001002747 – SSP/Ceará

Título tese: **SIMBOLISMO DO CORPO E IDENTIDADE NARRATIVA: CONTRIBUIÇÕES FEMINISTAS PARA A PSICOLOGIA COMUNITÁRIA LATINO-AMERICANA**

Orientadora Científica: DOUTORA MARIA DA CONCEIÇÃO DE OLIVEIRA CARVALHO NOGUEIRA, da Universidade do Minho.

Ano de conclusão: 2011

Ramo de Conhecimento do Doutorado: Psicologia Social.

DE ACORDO COM A LEGISLAÇÃO EM VIGOR, NÃO É PERMITIDA A REPRODUÇÃO DE QUALQUER PARTE DESTA TESE.

Universidade do Minho, 25/07/2011.

Assinatura: Aline Maria Barbosa Domicio

Palavras Chave:

Simbolismo do corpo; feminismos, identidade narrativa; psicologia da libertação.

American Psychological Association (PsycINFO Classification Categories and Codes)

"Quem não sonha o azul do vôo, perde seu poder de pássaro. É sonhar, mas cavalgando o sonho e inventando o chão para o sonho florescer".

(Thiago de Melo)

Dedico esta tese ao meu painho (in memorium)
Pelo amor incondicional que sempre teve por mim.

AGRADECIMENTOS

Deus,

Por me fazer acreditar na capacidade de recomeçar a cada dia. Foram muitas quedas, mas a alegria da vitória não pertence somente a mim. Rogo humildemente que os aprendizados deste caminho possam ajudar-me a continuar cuidando das pessoas porque assim consigo cuidar também de mim.

Minha família,

Que sempre acreditou nos meus sonhos e que muitas vezes compreende minha ausência física para que eu pudesse realizá-los com destemor e sabedoria.

Especialmente a você, minha irmã Madeline, que sempre pediu para ter uma “irmãzinha” e que sempre está ao meu lado nos momentos bons e difíceis.

Aos meus irmãos Jared, Jairo e Jairton (in memorium) e aos meus sobrinhos.

Muito obrigado, tia Aléa Fernandes, que sempre incentivou meus sonhos de psicóloga desde a infância.

Meu Pai,

Você que esteve no começo de tudo e que com certeza estará neste momento final de vitória.

Com você aprendi o valor das coisas simples e a fé inabalável em Deus e na vida.

Minha mãe,

Porto seguro nesta vida. Saiba que onde eu estiver neste mundo você estará ao meu lado. Você faz parte da minha vida de maneira intensa, sendo minha amiga em todas as horas. Obrigado por ter me aceitado na sua vida! Tenho orgulho de tê-la ao meu lado.

Minha Inha,

Não tenho palavras para agradecer cada minuto de amor e admiração que você tem por mim. Para você que me acolheu nos primeiros momentos de vida, meu eterno obrigado.

Conceição Nogueira,

Foi você que desde o início acreditou em mim, mesmo quando eu achava que não ia conseguir, além disso, esteve presente em cada etapa do caminho, ouvindo meus medos, relevando meus erros, lendo meus emails, sempre acreditando na força da psicologia latino-americana. Tenho a convicção de que não teria conseguido chegar até aqui sem ter você como minha orientadora e amiga. Minha admiração por você é incondicional.

Alunos (as), professores (as) e amigos (as) da Faculdade Católica Rainha do Sertão,

Foi na “Católica de Quixadá” que aprendi que sonhos são como velas de um barco em alto mar, ou seja, concretizam aquilo que somos e espalha a alegria das vitórias ao vento, essência da vida e do amor. Obrigado pelos aprendizados!

Núcleo de Extensão e Pesquisa em Psicologia Comunitária (NEPUC),

Hoje tenho a certeza de que a nossa psicologia sertaneja está presente em cada parte das nossas vidas. Obrigado pela confiança em mim e no meu trabalho!

A todas as mulheres que participaram como informantes da pesquisa,

Com vocês aprendi que a força feminina reside na capacidade de recomeçar a cada instante, mesmo quando não sabemos qual o melhor caminho a seguir – o que importa é a esperança na vida e acreditar na intensidade do amor.

Aos amigos de Portugal,

Foram muitas horas nas bibliotecas da *Universidade do Minho* (Braga), agradeço a todos em nome dos colaboradores Francisco e Sandra. Vocês fazem parte da minha história!

Ao *grupo de Biodança da cidade do Porto* que me acolheu de forma sincera durante meus dias de frio e solidão em um país desconhecido. Agradeço à facilitadora Ana Maria que me acolheu em sua casa e dividiu seus espaços de amor e vida.

Aos muitos estudantes dos outros países que tive a oportunidade de conviver e aprender novas culturas e línguas, bem como a equipe da *residência universitária* (World Spru) das cidades de Braga e de Lisboa por dividirem comigo seus sonhos.

As amigas feministas da *União Mulher, Alternativa e Resposta* (UMAR) das cidades de Braga, Lisboa e Porto. Com vocês aprendi o valor da militância feminista e a não ter vergonha daquilo que somos em essência!

Aos amigos da Espanha,

Foram muitas horas na biblioteca do *Centro de Estudos sobre a Mulher* (CEMUSA) da Universidade de Salamanca (USAL). À professora doutora Esther Martinez Quintero e à professora doutora María Pilar Jiménez Tello pelas oportunidades de aprendizado durante meu estágio doutoral.

À *prima Juliana de Sousa Pinto*, serei eternamente grata pela sua acolhida em Salamanca, você faz parte da minha vitória! Conte sempre comigo.

Ao *Claudio Gomes da Silva* por ter me acolhido na sua casa, na sua família e no seu coração!

Aos amigos do Brasil,

Zulmira Bomfim e *Eucléa Vale* (Fortaleza), *Mércia Capistrano*, *Elenilda Nascimento*, *Paula Lira*, *Juliana Fernandes* (Quixadá), *Nega Bezerra* (Icapuí) e tantos outros amigos que compartilharam alegrias e desafios durante o doutoramento.

Eurandízia Maia - bolsista de pesquisa durante a coleta dos dados em Quixadá.

Albaniza Nunes pelos anos de amizade sincera e companheirismo.

Lúta Lerche Vieira pelas conversas amigas e compartilhar de vivências espirituais.

Agradeço o apoio espiritual de todos do *grupo de oração* que participo em Fortaleza.

RESUMO

A tese apresenta uma importante fundamentação teórica sobre o simbolismo do corpo e a identidade narrativa, através do olhar feminista crítico, com objetivo de contribuir com a construção da psicologia comunitária latino-americana. O capítulo 01 realiza a síntese histórica dos feminismos e a revisão dos condicionantes históricos que determinam as representações corporais da mulher na atualidade. O capítulo 02 e 03 estão dedicados a apresentação da história de desenvolvimento da psicologia social na Europa e Estados Unidos até o nascimento da psicologia da libertação na América Latina. O capítulo 04 é dedicado a compreensão do simbolismo do corpo e das narrativas femininas. A segunda parte é formada pelos capítulos 05, 06 e 07, e apresenta o resultado de três investigações qualitativas, desenvolvidas no nordeste do Brasil, que correlacionam os dados empíricos com a realidade da mulher sertaneja, além de um posicionamento crítico sobre as ações da psicologia nas localidades.

ABSTRACT

The thesis presents an important theoretical recital on the symbolism of the body and the identity narrative, through the critical theory feminist, with objective to contribute with the construction of latino americana communitarian psychology. Chapter 01 carries through the historical synthesis of the feminisms and the revision of the historical questions that determine the corporal representations of the woman in the present time. Chapter 02 and 03 the presentation of the history of development of social psychology in the Europe and United States are dedicated until the birth of the psychology of the release in Latin America. Chapter 04 is dedicated the understanding of the symbolism of the body and the feminine narratives. The second part has chapters 05, 06 and 07 that they present the results of three qualitative inquiries, developed north-eastern of Brazil, that correlate the empirical data with the reality of the woman, beyond a critical positioning on the actions of psychology in the localities.

ÍNDICE

Lista de Siglas.....	xv
Lista de Quadros	xvi
Lista de Figuras	xvii
Lista de Networks	xviii
Lista de Cordéis	xix
Lista de Gráficos	xx
Lista de Categorias de Análise	xxi
Lista de Mapas Representacionais	xxii
Lista de Desenhos	xxiv
PARTE I – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	1
Introdução	2
CAPÍTULO 01 - CONHECENDO OS FEMINISMOS E AS REPRESENTAÇÕES SOBRE O CORPO FEMININO	9
1.1. Conhecendo os feminismos	11
1.1.1. Perspectivas históricas dos feminismos	12
1.1.2. Estruturação do movimento feminista	16
1.1.2.1 Conhecendo as vagas dos feminismos	19
1.1.2.2. Principais correntes teóricas dos feminismos.....	23
1.1.3. Os feminismos no contexto da modernidade e da globalização.....	32
1.2. Representações sobre o corpo feminino.....	38
1.2.1. Condicionantes históricos e culturais das representações sobre o corpo.....	40
1.2.2. Estudos teóricos sobre o corpo e a corporeidade humana.....	43
1.2.2.1. Principais teorias e autores sobre o simbolismo do corpo	45
1.2.2.2. Significação corporal e vivência feminina	51
CAPÍTULO 02 – BREVE HISTÓRIA DA PSICOLOGIA SOCIAL CRÍTICA.....	55
2.1. A psicologia social crítica na Europa e nos Estados Unidos	57
2.1.1. Condicionantes históricos	59

2.1.2. A psicologia como ciência natural e social	62
2.2. Perspectivas teóricas da psicologia social crítica	64
2.2.1. Teoria social crítica	66
2.2.2. Interacionismo simbólico.....	67
2.2.3. Pós-estruturalismo	68
2.3. A psicologia social crítica na América Latina	70
CAPÍTULO 03 – A PSICOLOGIA COMUNITÁRIA COMO PRÁXIS DE LIBERTAÇÃO	73
3.1. O compromisso da psicologia com a transformação social.....	75
3.2. Contexto histórico.....	79
3.3. Bases epistemológicas	82
3.3.1. Abordagem Centrada na Pessoa (Carl Rogers)	83
3.3.2. Pedagogia da Libertação (Paulo Freire)	86
3.3.3. Biodança (Rolando Toro).....	88
3.3.4. Teoria do Vínculo (Pichon-Rivière)	92
3.3.5. Teoria histórico-cultural (Vygotsky, Luria e Leontiev).....	97
3.4. Intervenção comunitária e feminismos na América Latina.....	99
3.5. A construção de espaços terapêuticos no eixo comunitário.....	104
CAPÍTULO 04 – SIMBOLISMO DO CORPO E IDENTIDADE NARRATIVA	108
4.1. A importância das práticas narrativas como ato político da ação feminista.....	110
4.2. A crítica pós-estruturalista e desconstrucionista da ciência	112
4.3. Feminismos e o discurso filosófico sobre o corpo	115
4.3.1. Teoria dos gêneros paródicos (Judith Butler)	119
4.3.2. Teoria da Identidade Narrativa (Adriana Cavarero)	122
4.3.3. Teoria dos Cyborgs (Donna Haraway)	126
4.3.4. Feminismos da Diferença (Luce Irigaray e Hélène Cixous)	129
4.4. A mediação simbólica e a construção dos sentidos corporais femininos	133
PARTE II – ESTUDOS EMPÍRICOS	137
A. Introdução	138
B. Tema global.....	141
C. Justificativa do tema global.....	142
D. Construção dos modelos de análise	143

CAPÍTULO 05 - NARRATIVAS FEMININAS NA LITERATURA DE CORDEL: CONTRIBUIÇÕES DA POESIA POPULAR NORDESTINA PARA OS FEMINISMOS LATINOAMERICANOS.....	146
5.1. Delimitação do Tema.....	147
5.2. Objetivo	147
5.3. Justificativa	147
5.4. Desenho Metodológico	149
5.4.1. Organização do material para análise	153
5.4.2. Tratamento e apresentação dos dados.....	155
5.5. Discussão das informações obtidas.....	159
5.5.1. Uso do recurso computacional.....	161
5.5.2. Visualização, leitura e estabelecimento de nexos causais	163
5.6. Interpretação e comprovação das hipóteses iniciais	169
CAPÍTULO 06 – MULHERES SERTANEJAS E A CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES NARRATIVAS: CONTAR HISTÓRIAS DA VIDA ATRAVÉS DA AFETIVIDADE E DO SIMBOLISMO DO CORPO.....	188
6.1. Delimitação do Tema.....	189
6.2. Objetivo	189
6.3. Justificativa	190
6.4. Fundamentação teórica.....	191
6.4.1. Perspectivas práticas decorrentes do estudo das representações sociais.....	198
6.5. Desenho metodológico	202
6.5.1. Instrumento para coleta de dados.....	204
6.5.2. Caracterização dos participantes do estudo.....	206
6.5.3. Preparação e redução dos dados coletados.....	212
6.6. Organização e apresentação das informações.....	215
6.6.1. Interpretação e comprovação das hipóteses através dos desenhos	241
CAPÍTULO 07 – ESPAÇOS DE REPRESENTAÇÃO DAS MULHERES E METÁFORAS CORPORAIS: CONHECENDO A VISÃO FEMINISTA DOS PSICÓLOGOS NO SERTÃO... 260	260
7.1. Delimitação do tema	261
7.2. Objetivos	261
7.3. Justificativa	262
7.4. Metodologia para organização e análise dos dados	262

7.4.1. Caracterização da amostra	263
7.5. Apresentação dos resultados	268
7.5.1. Desenhos interpretativos.....	268
7.5.2. Networks	274
7.6. Interpretação e comprovação dos objetivos.....	280
PARTE III – DISCUSSÃO DOS RESULTADOS DOS ESTUDOS EMPÍRICOS	283
Contribuições feministas para a construção da psicologia comunitária latinoamericana.....	284
CONSIDERAÇÕES FINAIS	285
ANEXOS.....	287
ANEXO 01 – Instrumento de coleta de dados do estudo empírico 02.....	288
ANEXO 02 – Termo de consentimento livre e esclarecido	294
ANEXO 03 – Instrumento de coleta de dados do estudo empírico 03.....	296
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	301

Lista de Siglas

ONU – Organização das Nações Unidas

DUDH – Declaração Universal dos Direitos Humanos

OIT – Organização Internacional do Trabalho

CNMP – Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas

PRF – Partido Republicano Feminino

FBPF – Federação Brasileira pelo Progresso Feminino

ONM – Organização Nacional de Mulheres

ACP – Abordagem Centrada na Pessoa

UMINHO – Universidade do Minho

PSF – Programa de Saúde da Família

PROUNI – Programa Universidade para Todos

TRS – Teoria das Representações Sociais

USAL – Universidade de Salamanca

FCRS – Faculdade Católica Rainha do Sertão

TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

CPF – Cadastro de Pessoa Física

NEPUC – Núcleo de Extensão e Pesquisa em Psicologia Comunitária

Lista de Quadros

Quadro 1 - Linhas de vivência em biodança.....	89
Quadro 2 - Documentos primários do Estudo Empírico 01.....	163
Quadro 3 - Categorias de análise do Estudo Empírico 01.....	164
Quadro 4 - Unidades de sentido do Estudo Empírico 01	165
Quadro 5 - Codificação das Famílias do Estudo Empírico 01.....	167
Quadro 6 - Codificação das Networks do Estudo Empírico 01	167
Quadro 7 - Codificação dos Hyper-Links do Estudo Empírico 01.....	168
Quadro 8 - Significações e unidades de sentidos presentes nas narrativas femininas	185

Lista de Figuras

Figura 1 - Mapa com destaque para a região nordeste do Brasil	139
Figura 2 - Mapa com destaque para a região do sertão central do Ceará	141
Figura 3 - Visão global da organização metodológica do estudo empírico 01	148
Figura 4 - Grelha sequencial com as etapas do estudo empírico 01	152
Figura 5 - Organização do material para análise dos dados do estudo empírico 01	154
Figura 6 - Tratamento das informações produzidas no estudo empírico 01	157
Figura 7 - Unidades de registro utilizadas na análise de conteúdo	158
Figura 8 – Compreensão das unidades de análise utilizadas no estudo empírico	159
Figura 9 - Técnicas provenientes do método de análise de conteúdo.....	160

Lista de Networks

Network 1 - Lei Maria da Penha	170
Network 2 - Panorama da violência contra as mulheres.....	173
Network 3 - Características do processo de vitimização	174
Network 4 - Identidade narrativa.....	180
Network 5 - Simbolismo do corpo feminino: beleza física	182
Network 6 – Simbolismo do corpo feminino: virgindade.....	184
Network 7 - Espaços de representação da mulher sertaneja.....	275
Network 8 - Existência de políticas públicas para as mulheres sertanejas.....	276
Network 9 - Serviços de apoio à mulher e contra a violência doméstica	276
Network 10 - Atuação da psicologia com mulheres sertanejas	277
Network 11 - Simbolismo do corpo da mulher para os psicólogos sertanejos.....	278
Network 12 - Representações dos psicólogos sertanejos sobre a psicologia feminista	279
Network 13 - Representações sociais dos psicólogos sertanejos sobre os feminismos.....	279

Lista de Cordéis

Cordel 1 - A Lei Maria da Penha em cordel (A)	171
Cordel 2 – Entre marido e mulher a Lei Maria da Penha mete a colher.....	171
Cordel 3 - A Lei Maria da Penha em literatura de cordel	172
Cordel 4 - A Lei Maria da Penha em cordel (B)	172
Cordel 5 - A Lei Maria da Penha em cordel (C)	172
Cordel 6 - O romance da quenga que matou o delegado	175
Cordel 7 - O significado da moda e a sabedoria da mulher através dos tempos.....	175
Cordel 8 - O cantor e a meretriz ou a puta que comia fotos do ídolo	176
Cordel 9 – Meia-noite no cabaré	176
Cordel 10 - A moça que virou cachorra porque foi ao baile funk.....	177
Cordel 11 - O poder que a bunda tem (A).....	178
Cordel 12 - O divórcio da cachorra	178
Cordel 13 - A princesa Rosamunda e a morte do gigante.....	179
Cordel 14 - O fazendeiro mendigo e a cabocla encalhada (A).....	180
Cordel 15 - O fazendeiro mendigo e a cabocla encalhada (B).....	181
Cordel 16 - Bundas e caras.....	182
Cordel 17 - A bunda da Chica Boa	183
Cordel 18 - O poder que a bunda tem (B).....	183
Cordel 19 - O Ricardão se foi e deu-se.....	184
Cordel 20 - A moça que deu o bicho e depois se arrependeu.....	184

Lista de Gráficos

Gráfico 1 - Idade dos informantes do estudo empírico 02	207
Gráfico 2 - Sexo dos informantes do estudo empírico 02.....	208
Gráfico 3 - Locais de moradia dos informantes do estudo empírico 02.....	209
Gráfico 4 - Tempo de moradia dos informantes no sertão central do estudo empírico 02	209
Gráfico 5 - Estado civil dos informantes do estudo empírico 02.....	210
Gráfico 6 - Ocupação dos informantes do estudo empírico 02.....	210
Gráfico 7 - Escolaridade dos informantes do estudo empírico 02	210
Gráfico 8 - Característica do ensino por tipo de instituição do estudo empírico 02.....	211
Gráfico 9 - Idade dos informantes do estudo empírico 03	264
Gráfico 10 - Sexo dos informantes do estudo empírico 03	264
Gráfico 11 - Local de moradia dos informantes do estudo empírico 03	265
Gráfico 12 - Estado civil dos informantes do estudo empírico 03.....	266
Gráfico 13 - Formação acadêmica dos informantes do estudo empírico 03.....	266
Gráfico 14 - Tempo de atuação como psicólogo dos informantes do estudo empírico 03.....	266
Gráfico 15 - Área de atuação em psicologia dos informantes do estudo empírico 03	267
Gráfico 16 - Locais de trabalho dos informantes do estudo empírico 03.....	267

Lista de Categorias de Análise

Categoria de Análise 1 - Representações sociais da mulher	216
Categoria de Análise 2 - O que as pessoas valorizam na identidade feminina	219
Categoria de Análise 3 - O que as pessoas não valorizam na identidade feminina	221
Categoria de Análise 4 - Identidades Narrativas	223
Categoria de Análise 5 - Representações masculinas sobre as identidades narrativas.....	225
Categoria de Análise 6 - Comportamento anterior	228
Categoria de Análise 7 - Comportamento Atual.....	229
Categoria de Análise 8 - Expressões da afetividade feminina na esfera privada.....	232
Categoria de Análise 9 - Expressão da afetividade feminina na esfera pública	234
Categoria de Análise 10 - Simbolismo do corpo feminino.....	237
Categoria de Análise 11 - Comparação.....	239

Lista de Mapas Representacionais

Mapa Representacional 1 - Cat01. Sub01 Casa e Família	217
Mapa Representacional 2 - Cat01. Sub02 Estudo e Trabalho	217
Mapa Representacional 3 - Cat01. Sub03 Identidade Feminina	218
Mapa Representacional 4 - Cat01. Sub04 Papel na sociedade.....	218
Mapa Representacional 5 - Cat02. Sub01 Metáforas.....	220
Mapa Representacional 6 - Cat02. Sub02 Comportamentos.....	220
Mapa Representacional 7 - Cat02. Sub03 Atributos Físicos.....	221
Mapa Representacional 8 - Cat03. Sub01 Atributos Físicos.....	222
Mapa Representacional 9 - Cat03. Sub02 Atitudes Sociais.....	222
Mapa Representacional 10 - Cat03. Sub03 Estereótipos.....	223
Mapa Representacional 11 - Cat04. Sub01 Espaços Privados	224
Mapa Representacional 12 - Cat04. Sub02 Espaços Públicos.....	224
Mapa Representacional 13 - Cat04. Sub03 Metáforas	225
Mapa Representacional 14 - Cat05. Sub01 Comportamento	226
Mapa Representacional 15 - Cat05. Sub02 Espaços Públicos.....	227
Mapa Representacional 16 - Cat05. Sub03 Metáforas	227
Mapa Representacional 17 - Cat06. Sub01 Espaços Privados	228
Mapa Representacional 18 - Cat06. Sub02 Espaços Públicos.....	228
Mapa Representacional 19 - Cat07. Sub01 Espaços Privados	230
Mapa Representacional 20 - Cat07. Sub02 Espaços Públicos.....	231
Mapa Representacional 21 - Cat07. Sub03 Atitudes Sociais.....	231
Mapa Representacional 22 - Cat07. Sub04 Identidade Narrativa.....	232
Mapa Representacional 23 - Cat08. Sub01 Comportamentos.....	233
Mapa Representacional 24 - Cat08. Sub02 Identidade Narrativa.....	234
Mapa Representacional 25 - Cat08. Sub03 Dificuldades.....	234

Mapa Representacional 26 - Cat09. Sub01 Atividade Comunitária	235
Mapa Representacional 27 - Cat09. Sub02 Atitudes Sociais.....	236
Mapa Representacional 28 - Cat09. Sub03 Emoções	236
Mapa Representacional 29 - Cat10. Sub01 Dificuldades.....	237
Mapa Representacional 30 - Cat10. Sub02 Comportamentos.....	238
Mapa Representacional 31 - Cat10. Sub03 Aparência Física	239
Mapa Representacional 32 - Cat11. Sub01 Espaços Privados	240
Mapa Representacional 33 - Cat01. Sub02 Espaços Públicos.....	240
Mapa Representacional 34 - Cat11. Sub03 Metáforas	241

Lista de Desenhos

Desenho 1 - Mulher dividida entre a casa, a universidade e o trabalho.....	242
Desenho 2 - Mulher guerreira que consegue seus objetivos	242
Desenho 3 - Mulher da roça que mora em casa de barro e trabalha na agricultura	243
Desenho 4 - Mulher estudante que tenta ser alguém na vida	244
Desenho 5 - Mulher bonita que mais caracteriza o sertão	244
Desenho 6 - Mulher forte parecida com o sol	244
Desenho 7 - Mulher trabalho que se adapta ao ambiente masculino.....	245
Desenho 8 - Mulher estereotipada com a imagem da fome.....	246
Desenho 9 - Mulher consciente que quer futuro melhor para os filhos	246
Desenho 10 - Mulher nordestina com poucas esperanças de uma vida melhor	247
Desenho 11 - Mulher brasileira que trabalha e gosta de viver	247
Desenho 12 - Mulher apressada que tem muitas coisas para fazer	248
Desenho 13 - Mulher independente que tem o seu próprio carro e dinheiro.....	249
Desenho 14 - Mulher globalizada que busca mais informação	249
Desenho 15 - Mulher sofredora que vive as carências do sertão	250
Desenho 16 - Mulher cuidadora da família e da casa.....	250
Desenho 17 - Mulher sem direitos que não tem acesso aos estudos nem nada	251
Desenho 18 - Mulher tecnologia que está atuante no mercado profissional.....	252
Desenho 19 - Mulher universidade que traz liberdade, força e autonomia	252
Desenho 20 - Mulher mãe de muitos filhos	253
Desenho 21 - Mulher saudosista que revive aspectos da infância.....	253
Desenho 22 - Mulher de direitos que produz e participa da vida em sociedade	254
Desenho 23 - Mulher solidão que se sente sozinha no trabalho	254
Desenho 24 - Mulher profissão que está progredindo no campo profissional.....	256

Desenho 25 - Uma nova mulher que vive na cidade e tem direitos sociais	256
Desenho 26 - Mulher metamorfose que sofre violência física e sexual.....	257
Desenho 27 - Mulher fortaleza que vence o ambiente da seca.....	257
Desenho 28 - Mulher batalhadora que vê a mudança do mundo doméstico ao trabalho.....	258
Desenho 29 - Mulher do interior versus mulher da cidade	258
Desenho 30 - Mulher guerreira.....	269
Desenho 31 - Objeto forte que foi quebrado	269
Desenho 32 - Olhar da sociedade sobre a mulher	270
Desenho 33 - Mulher dinâmica	271
Desenho 34 - Mulher sertaneja em processo de transição	272
Desenho 35 - Mulher como única responsável pelo lar	273
Desenho 36 - Mulher com sentimento de liberdade.....	274

PARTE I

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Introdução

É pertinente iniciar falando sobre a importância dos referenciais teóricos e talvez começasse desmanchando uma série de crença errônea e mitos acerca da atuação do psicólogo comunitário na América Latina. Entretanto, falar de conceitos que surgem a partir de concepções teóricas é tarefa árdua para quem sempre questionou a validade dos métodos positivos para transformação da ciência (Prilleltensky, 1997; Prado, 2002; Guedes, 2007; Freitas, 2000; Hall, 2006; Guareschi, 2000; Fryer, 2008a).

Isso decorre porque quando temos um percurso na vida comunitária, possuímos vivências que refazem concepções teóricas e as impulsionam para um dos lados daquilo que considero diferencial na nossa forma de trabalho: o compromisso com a mudança da sociedade, e a esperança, sempre renovada, nas pessoas e nos seus potenciais de vida, para que sejam capazes de ultrapassar obstáculos e pôr fim as opressões. Pensar como esses elementos encontram-se no cotidiano e, ao vivenciá-los, encontrar um modo para que sejam utilizados na coletividade é tarefa de poucos (Nelson, Prilleltensky & Mac Gulivary, 2001; Prilleltensky, 2004a).

Trata-se de uma dupla consideração que procura bases sólidas onde descansa o diálogo conscientizador, nasce na mediação simbólica e orienta a ação humana em busca da transformação. É forma de pensamento que vai além dos livros, constituindo-se como ferramenta de mudança que transmuta nossa identidade. Assim, a ciência fertiliza horizontes, a fim de erguer sobre as teorias novas fundamentações na perspectiva de um mundo mais justo e humano.

Em ambos os casos, os referenciais teóricos devem denunciar a falácia de que a verdade científica somente faz morada nas *análises positivistas*; ao contrário, “a verdade não terá de ser sempre um simples reflexo dos dados, mas deverá ser uma tarefa. Não os fatos, mas aquilo que temos por fazer é prioridade para a psicologia latino-americana”, como afirmou Ignacio Martin-Baró (2009, p.118). Esta noção começa a lapidar a própria ciência psicológica quando a envolvemos no palco dos feminismos, posto que esteja relacionada com a experiência científica que se molda ao cotidiano, dando-lhe sentido¹.

Ora bem, um caminho que nos pareceu estratégico e necessário para tornar esse

¹ Já que se refere aquilo que está nas nossas consciências e resulta em ação de transformação coletiva.

entrelaçar concreto foi resgatar as concepções históricas sobre os feminismos dos tempos antigos a atualidade. Proposta que está concretizada no **CAPÍTULO 01** que tem como objetivo situar os fatos históricos que transformaram a discriminação contra a mulher algo natural ao longo dos primeiros séculos da humanidade em diversos países e culturas, prosseguindo até a atualidade (Gebara, 2000; Domicio & Nogueira, 2009a; Alves & Pitanguy, 2003; Varela, 2008; Nye, 1995).

Posteriormente, consideramos a narrativa das vagas uma forma útil e didática de apresentar o universo feminista, tendo em vista a necessidade de desconstruir preconceitos que são dados como naturais no ocidente, mas que afastam pesquisadores dos feminismos como campo de atuação. As principais correntes também são apresentadas, sem que tenhamos tido a preocupação de considerar nenhuma delas de modo específico, contudo, mantivemos o olhar crítico feminista, desvelando potenciais e limites.

Seguimos o capítulo, apresentando as principais concepções teóricas acerca do corpo e da corporeidade, estabelecendo nexos causais compreensivos da maneira como as representações culturais perfilam a vivência feminina. O foco foi dimensionar as possibilidades de articulação entre os feminismos e a vivência corporal. Embora possa parecer que se tratou de uma escrita com obviedade clara, foi a mais demorada². Aqui está o resultado do estudo³ que com certeza transparece o sabor das nossas inquietações.

Neste percurso, identificamos pontos importantes: o principal foi compreender que antes trabalhávamos com a noção de que era possível construir uma *psicologia da mulher*, encarando-a como um “grupo unitário que partilha qualidades, traços, comportamentos e capacidades inatas e/ou adquiridas” (Hare-Mustin & Marecek citadas por Nogueira, 1999, p.55). Aceitando a ideia de que a mulher possui uma “essência pura” e por isso mesmo não participa da exclusão de si própria, sendo sempre “vítima” de alguém, nesse caso, dos homens.

O segundo ponto importante encontra-se no mesmo capítulo, porém organizado a partir do item sobre os feminismos no contexto da globalização (Giddens, 1991; Harvey, 2002; Menezes, 2008; Gergen, 1998; Santos, 2002; Simmel, 2006; Macedo, 2006) em que frisamos a interferência manipuladora dos meios de comunicação em massa ao declararem que “El feminismo era fruto de los setenta y el postfeminismo era la nueva historia” (Falcón, 2001, p.120). Sendo mais graves ainda as ideias que o preconceito contra as mulheres sempre foi alvo

² Por isso mesmo dedicamos bem mais de um ano conhecendo as origens dos feminismos, e também participando de eventos científicos, além de atividades junto aos movimentos sociais de mulheres no Brasil, em Portugal e na Espanha.

³ Fizemos uma atualização bibliográfica desse capítulo durante nossa estância de doutoramento europeu no “Centro de Estudios de las Mujeres de Universidad de Salamanca (CEMUSA - USAL)”, no último ano do doutoramento (2010).

de fundamentações ideológicas (Bard, 2000).

Paralelo a isto, nos dedicamos à realização de leituras que nos possibilitaram rever os percursos históricos da psicologia comunitária latino-americana na construção de uma ciência justa e solidária. Assim, originou-se o **CAPÍTULO 02** que foi gestado ao longo do segundo ano do doutoramento⁴. Aqui, tivemos a oportunidade de resignificar a realidade como parte intercambiável na produção do cotidiano, como diz Maritza Montero (1996); mas também a perspectiva de construção de uma teia que se interrelaciona com o sujeito e a totalidade ao mesmo tempo em que constrói as narrativas da vida comunitária (Domício & Nogueira, 2009).

A importância do capítulo reside no carácter didático que queremos atribuir a nossa narrativa. Trata-se da organização breve dos principais fatos históricos de desenvolvimento da história da psicologia social crítica, desde a Europa e Estados Unidos. Passa pelas três principais correntes do movimento, mas limita-se ao contexto institucional sem pretensões de esboçar uma prática da disciplina nestes continentes. O tema que encerra o capítulo tem início com uma reflexão sobre como a psicologia social crítica é compreendida atualmente na América Latina, mais especificamente no Brasil.

Inicialmente, havia uma continuidade desse capítulo com os temas voltados para a psicologia comunitária, entretanto, ao longo dos estudos fomos percebendo a riqueza deste debate e decidimos reorganizá-lo, originando o **CAPÍTULO 03** que nos permitiu evocar o compromisso da psicologia com as relações sociais de género, a partir do desvelamento das estruturas que visam à opressão das pessoas.

Um ponto de partida essencial, talvez inovador, encontra-se na apresentação das principais bases epistemológicas da psicologia latino-americana que segue sendo marcada por pressões das sociedades e mudanças políticas que fortalecem um paradigma científico determinista que não atende às necessidades do povo latino (Sandoval, 2004; Prado, 2002; Ramos & Carvalho, 2008; González, 2004; Montero, 2008; Scarparo & Guareschi, 2007; Freitas, 2000; Lane, 1995a).

Nesse aspeto, trazemos à tona as propostas do construcionismo, da teoria crítica e do interacionismo simbólico, além da visão pós-estruturalista que nortearam a prática da psicologia pragmática (norte-americana) e cognitivista (europeia); além do fortalecimento da psicologia comunitária latino-americana. Porém, sendo uma parte breve, cumpre o papel de tornar visível o constructo teórico (e porque não dizer ideológico) de compreensão da ciência diante dos

⁴ Tendo sido revisado e atualizado nos anos seguintes, assim como o conteúdo existente no capítulo 01.

trabalhos em comunidades.

A partir desse debate, nos colocamos ao lado da **psicologia da libertação** que irá nortear os demais pontos das discussões; sendo esta uma área do conhecimento que estuda “significados, sentidos e sentimentos do modo de vida em comunidade” (Góis citado por Nepomuceno e Ximenes, 2008, p.259). Para tanto, deixamos claro que tal compreensão requer a vivência na dimensão antropológica e histórica de construção do psiquismo⁵, cuja compreensão da psicologia social foi de distanciamento (Domício & Nogueira, 2010; Fox, 2008; Fryer, 2008; Prilleltensky, 1989; Marente, 2007).

O **CAPÍTULO 04** continua essa discussão, aprofundando-a na medida em que apresenta as práticas narrativas, além de argumentos necessários para a desconstrução da categoria gênero nas ciências humanas. Nesse sentido estamos diante de fios condutores entre o simbolismo do corpo e a teoria crítica pós-estruturalista numa espécie de campo de forças que garante um percurso aberto a múltiplas reflexões. Retrata como a história não pode ser mera espectadora dos preconceitos que as mulheres enfrentam no dia-a-dia, na sequência daquilo que constrói a psicologia feminista crítica como ato político de inserção no contexto comunitário.

Por isso mesmo, seguimos, sobrevoando as discussões sobre a categoria “mulher”, bem como os significados que a mesma propõe (ou impõe?) aos feminismos, pretendendo com isso trazer à tona temas centrais das discussões numa análise que se torna cúmplice da necessidade de revisão das relações sociais de gênero, como bem transgride Judith Butler com os gêneros paródicos (Butler & Cavarero, 2007; Butler, 2008; Butler, 1998).

Desta primeira parte passamos ao arcabouço teórico relativo à identidade narrativa que nos auxilia na compreensão e transformação da história de vida das mulheres⁶ em cenas reinterpretativas no eixo simbólico da atividade comunitária, realizando-as através das representações do corpo como mediação possível aos feminismos.

À medida que o capítulo progride, vamos apresentando a importância do eixo simbólico na construção dos sentidos corporais femininos, valorizando neste percurso a corporeidade vivida como estratégia de atuação da psicologia da libertação. Tal objetivo se concretiza numa posição teórica sobre o corpo que ultrapassa os elementos que foram apresentados ao longo da segunda parte do capítulo 01 (Claramunt Vallespi, 2003), indo além, posto que reflita a importância de que:

⁵ E sendo próprio ao ser humano é matéria prima para a ação do psicólogo nas comunidades, orientando as ações de transformação de si, dos outros e do mundo.

⁶ Informante das pesquisas em campo realizadas no sertão cearense, Brasil, nos anos de 2009 e 2010.

El cuerpo contacte con el mundo desde su elemental disposición sensorial (el ver), no sólo debe ser indicativo de una brecha práctica que se abre entre las dimensiones de lo visible y lo invisible en el mundo y en las cosas, sino también de la esperanza de reconocer su significación del mundo mediante el sentido de la coexistencia (Aguiluz, 2008, p.159).

Nesta perspectiva, defendemos a ideia de que a identidade humana fala de uma visão de homem a partir da sua condição histórica, buscando um cenário real para sua vida, desvelando o sentido da linguagem, através da compreensão das múltiplas manifestações corporais. Existe aqui a mediação compreensiva da hermenêutica como ato que impõe o repensar da subjetividade com objetivo maior de uma reflexão que invade a política e a ética como instâncias importantes do movimento feminista.

Este enfoque nos permitiu sedimentar o simbolismo corporal demonstrando como a corporeidade vivida é capaz de redimensionar os papéis do psicólogo social na promoção dos direitos das mulheres. E em certo sentido, deixa claro quão árdua foi essa parte da tese no que diz respeito à disponibilidade de fundamentações teóricas sobre a postura feminista diante dos sentidos corporais.

Algumas leituras (Muñoz, Gil & Spinoza, 2007; Méndez, 2004; Shildrick, 1997; Sánchez & Peyrí, 2001) nos fizeram sentir não somente a necessidade de revisitar nosso próprio imaginário sobre a corporeidade, mas deixar espaços para transformações prático-teóricas com mediação dos feminismos. Nos fez perceber, também, como o simbolismo é capaz de influenciar a identidade narrativa, transformando a matéria em um continuum de vivências a partir do contato com nossas emoções corporais.

Podemos dizer que se tratou de uma busca por respostas teóricas às atividades práticas realizadas com mulheres nas regiões rurais no nordeste do Brasil que se desdobrou em novos caminhos na medida em que supúnhamos cobrir tais necessidades. Deste modo, seguíamos percebendo espaços vazios nos feminismos que ainda mantém o olhar sobre as vivências corporais na esfera biológica e/ou material. Nisso Helen Marshall (1973) parece entender ao propor que:

Feminists have recognized and responded to the political and practical need to name experience with a plethora of experimental accounts. Theorizing the body can advance by looking, as Grosz (1994) suggests, at body images. This should entail reflecting on the

language in which people describe themselves and looking for divisions as a way of getting a better grasp of totalities (p.70).

Por outro lado, nesse percurso estivemos em contato com argumentos teóricos que nos convenceram de que o desconhecimento da mulher sobre os aspetos socioculturais e históricos que compõem sua existência a leva a não reivindicar direitos. Com efeito, entramos em contato com o tema dos direitos das mulheres a partir do último ano do doutoramento. Este fato é importante de ser mencionado não como estratégia que solicita um nível menor de exigência na avaliação da tese, ao contrário, demonstra a preocupação com resultados que sejam eficazes no cenário latino-americano (Crugel, 2001) que todos os dias negam a concretização dos direitos fundamentais ligados à cidadania na esfera social, civil, econômica, identitária e cultural (ONU, 2002).

Dito isto, propomos um redimensionamento da condição feminina que a coloca como “vítima” das mazelas interpessoais e sociais numa proposta de fortalecimento da sua condição de reação à opressão como locus de produção intersubjetiva. Fala-se, ainda, no motivo pelo qual as mulheres possuem direitos especiais (Falcón, 2001; Cruz, 2001), já que os direitos humanos abarcam a neocomplexidade das situações de violência a que estão expostas as mulheres, sendo consideradas suas vulnerabilidades.

Nesse ínterim, citamos algumas representações sobre a mulher nas esferas pública e privada (Bastida, 2006; Heredia, 2006), com objetivo de tornar claro o papel do Estado, dos indivíduos e da sociedade na discriminação entre os géneros, transpondo a discussão as normas e costumes locais no sentido de gerar respostas face aos desafios quotidianos das mulheres brasileiras. Também aqui relacionamos o simbolismo corporal aos propósitos que analisam a interpelação do constructo género e globalização (Simmel, 2006, Santos, 2002):

A partir de la consideración del género como sistemas de poder y desigualdad que asignan espacios, tiempos y actividades y se acompañan de representaciones simbólicas que condicionan el acceso de las mujeres a los recursos en sentido amplio, se han analizado los vínculos sistemáticos entre la expansión de la producción, el mercado y las finanzas, por un lado, y el incremento del sector informal desempeñado por las mujeres, la precariedad del empleo, la segmentación de género del mercado laboral y los altos niveles de inmigración femenina (Pyle y Ward citado por Maquieira & Saavedra, 2006, p.39).

Tais paralelos foram fundamentais para a análise dos estudos empíricos, e mais, para a compreensão dos motivos pelos quais existem direitos específicos para as mulheres no cerne da DUDH ⁷. No início, pareceu um documento que indicava itens óbvios em um universo já difícil de ser compreendido. Todavia, passamos a identificar lacunas nos nossos trabalhos no Brasil e a descobrir inter-relações que acabaram fortalecendo o olhar sobre as epistemologias críticas e o simbolismo. Hoje pensamos que a discriminação em qualquer situação são enfermidades mortais (Internacional, 1995) na qual os feminismos não podem calar a voz da contestação. Seguem os capítulos apresentados para que na segunda parte possamos articulá-los com os estudos empíricos.

⁷ Declaração Universal dos Direitos Humanos.

CAPÍTULO 1

CONHECENDO OS FEMINISMOS E AS REPRESENTAÇÕES SOBRE O CORPO FEMININO

No cenário de estruturação do movimento feminista falamos de cumplicidade das mulheres no sentido de resgate de um processo histórico que tem raízes no passado, mas que vai sendo construído no presente; assim como não tem um ponto determinado de chegada, mas que propõe a valorização do homem e da mulher numa nova dança das polaridades masculina e feminina (Alves & Pitanguy, 2003).

Trata-se de um movimento de contestação do direito da mulher nos diferentes níveis da vida e que se impõe contra as atitudes discriminatórias em relação ao feminino (sexismo), afirmando a centralidade no direito masculino (falocracia), ao mesmo tempo em que denuncia um sistema de dominação dos homens (patriarcalismo) como forma única de compreensão do mundo (Gebara, 2000). Porém, contextualizar os feminismos não é tarefa fácil, já que nos referimos a uma disponibilidade existencial para *vivê-los*. Não importando qual fase histórica ou corrente; mas necessariamente viver para talvez encontrar as chaves que oprimem a nós mesmos e com elas enxergar as situações em que também oprimimos.

O que se passa é que nem sempre estamos prontos para isso porque se trata de um desafio que antes de ser epistemológico, está imerso de maneira ideológica na ação quotidiana. E a legitimidade da ciência acadêmica, relativista, enraizada na análise dos dados empíricos, não nos permite sentir a poética desse encontro com o essencial à vida. Porém, fazer um esforço para compreender a história da luta feminista, suas conquistas e insatisfações, seus atores e atrizes, já se faz interessante. E é somente a isto que nos propomos neste capítulo: apresentar de forma didática, breve, a história dos feminismos.

Iniciamos demarcando acontecimentos históricos com objetivo de tornar claro que a opressão da mulher sempre existiu e que não se trata de reverter um processo que não teve outro cenário distante do patriarcado (Méndez, 2007, Gebara, 2000). É dada ênfase ao contexto psicossocial que constituiu o que fazer cotidiano das mulheres na Europa, nos Estados Unidos e na América Latina. Daí, passamos a narrativa das ações que permitiram a estruturação dos feminismos enquanto movimento de contestação das formas sexistas. Dividimos esta parte do capítulo em três aspectos relativos à primeira, segunda e terceira vaga. Em seguida, nos reportamos às correntes teóricas de articulação dos feminismos no contexto da modernidade.

A segunda parte é dedicada às representações do corpo com início nos aspectos históricos que delimitaram imagens corporais. Aqui a ênfase se dá na apresentação de teorias e autores que se dedicaram ao constructo teórico “corpo”, finalizando com sua significação no interior das vivências femininas. Nesse trecho, tivemos como objetivo enfatizar concepções que

atribuíram ao sentido corporal uma lógica subjetiva variável de acordo com o modo de vida das civilizações, considerando as influências da cultura e seus contextos regionais.

Existe, nas ideias aqui apresentadas, uma narrativa pessoal que durante os anos de doutorado foi sendo desconstruída e reinventada. De outra maneira, não poderíamos calar a voz da emoção, das inquietudes e das contestações, que nos invadiram durante as nossas próprias descobertas feministas. Tudo isso resulta numa forma ousada de fazer ciência a partir das vozes que falam (e às vezes, calam) diante da opressão, mas que por isso transformam o simbolismo do corpo numa esperança renovada de ação comunitária em parceria com mulheres no nordeste do Brasil, quiçá em outras partes do mundo.

1.1. Conhecendo os feminismos

Os feminismos se constituem na atualidade como forma de pensamento que não somente reivindica os direitos das mulheres, mas, sobretudo orienta a ação política a favor de uma ciência e uma prática de igualdade de oportunidades e conquistas. Tal perspectiva exige o reconhecimento de um mundo opressivo contra as mulheres que em parte nós criamos, mantemos e temos a força e o dever ético de transformá-lo.

É um movimento plural que se revela na esfera doméstica e no trabalho, nas relações de intimidade ou amizade, compartilhando vivências entre homens e mulheres na busca da recriação das relações interpessoais que estruturam a vida em sociedade. Os feminismos atuam diante da perspectiva de possibilitar aos indivíduos a vivência de não se adaptarem a modelos hierarquizados, fazendo com que a mulher não seja uma parte silenciosa (e silenciada) da sociedade (Domício & Nogueira, 2009a).

Nestes termos, os feminismos existem desde o domínio dos homens na divisão do mundo em *masculino* e *feminino*; sendo um olhar que “se estende desde a família e a tribo até a comunidade, a sociedade, o Estado, e no qual a perspectiva de gênero domina o modo de perceber, de construir e de administrar a realidade social” (Cantera, 2007, p.23). Não se tratando de um fenômeno novo, mas que encontra suas raízes no passado. Logo os feminismos não são outra coisa senão o repensar das estruturas opressoras que põem em detrimento as necessidades da mulher a favor do desejo dos homens. Sendo, por esses motivos, um movimento plural que sustenta diferentes formas de pensamento, desde a radicalidade à tolerância de opiniões e vivências.

Afirma a necessidade de resignificação da realidade, além da introdução de códigos culturais, contextualizando-os. Revelando o saber masculino que marginaliza as mulheres sem reconhecimento da importância do feminino como vivência interpessoal e política; sendo um acontecimento histórico que subordinou o mais fraco ao mais forte (Beauvoir, 2008a). Apesar das lutas para o compromisso da igualdade entre homens e mulheres (Bensadom, 1988; Vieja, 2007), o termo “feminismo” surgiu no século XIX para designar um “movimento de caráter internacional, com uma identidade teórica, autônoma e organizativa” (Carvalho & Vieira, 2003). Não sendo exclusivo para a defesa dos direitos da mulher, mas em prol desta, dedicado principalmente ao combate das formas sexistas.

Fala-se de uma releitura do patriarcado não mais coexistindo e ganhando forças na esfera privada. Posto que se trate de contrato social que foi estabelecido por homens, tendo a mulher como objeto fático. Não diferentes disto, os feminismos caracterizam-se como forma de entendimento de que o patriarcalismo tem faces ocultas que contaminam a sociedade, e impregna o Estado, pois nasce e é influenciado por ele (Saffioti, 2004).

Daí, compreender criticamente como o patriarcalismo gera forças para manter o preconceito contra a mulher, torna-se importante não só para repensar a ciência, mas pelo reconhecimento valorativo do trabalho das mulheres que dedicam suas vidas para que a mudança social possa trazer esperanças para as demais gerações na construção de um mundo melhor e mais justo do ponto de vista social e humano.

1.1.1. Perspetivas históricas dos feminismos

Seus pressupostos históricos existem desde a época da criação do mundo e nos diferentes mitos que a fundamentaram. Entre eles, a *história de Adão e Eva* enraizada nas matrizes ideológicas que definem a identidade sexual (Alves, 2003b). Conceção que exaspera o feminino como sedutor do ponto de vista maléfico e que leva o homem a sucumbir às tentações corporais. É importante observarmos que a mulher personificada em Eva passa da representação sagrada para a profana, desencadeando males que vão fazer sofrer a humanidade. Havendo um “princípio bom, que criou a ordem, a luz e o homem; e outro mau, que criou o caos, as trevas e a mulher”, como diz Pitágoras citado por Beauvoir (2008).

Tal ideia está presente nas *leis da Grécia Antiga*, quando ser cidadão era ser homem (e não mulher), ser ateniense (e não estrangeiro) e ser livre (e não escravo). Havia a lógica sutil de

que a mulher deveria cuidar dos afazeres da casa e da educação dos filhos, além de produzir o que era ligado à existência do homem (Alves & Pitanguy, 2003).

Ao poder masculino cabiam sempre os espaços externos da casa e a participação em ações consideradas nobres: como artes, filosofia, religião e política. Era negado às mulheres o direito de estudar e exigido um período longo de procriações mediante a exclusividade e satisfação biológica dos parceiros, sendo a participação na vida pública condicionada a autorização do primeiro. Quando o esposo a deseritava, cabia ao Estado a continuidade da educação dos/as filhos/as que deveriam proceder logo a matrimônios.

Entendemos que nesta forma discriminatória “o homem é o criador da ordem e da lei, enquanto a mulher está associada aos desejos e as desordens, um ser inferior pela sua natureza” (Nogueira, 2001, p.02), sendo por isso colocada na esfera doméstica, haja vista ser personagem de uma relação de imperfeição diante do masculino. Aqui reside uma das facetas mais perigosas do preconceito contra a mulher que é a naturalização das ideias que o produzem por parte da pessoa que o sofre (Azeredo, 2007; Méndez, 2007). Quer dizer, o preconceito como uma instância presente no oprimido, tanto quanto no opressor, requerendo forma sutil de atuação diante da sociedade e no seio da família.

Postura que assenta durante séculos um destino quase irrevogável que fortalece o pensamento patriarcal, como afirma o pensamento de Xenofonte citado por Beauvoir (2008) quando questiona aos homens: “Existem pessoas com quem converse menos do que com a tua mulher? Certamente há poucas”. Nesse panorama, não existe um poder feminino que necessita ser recuperado, mas de maneira contrária, é urgente a necessidade de *fazê-lo surgir* porque a subordinação da mulher em relação aos homens existe desde o início dos tempos. Trata-se de uma revolução que ainda não aconteceu. Então, o que há de “natural” nisso tudo? Questionam-se os feminismos.

Já na *Idade Média* houve aumento na participação das mulheres em atividades fora do lar, devido o afastamento dos homens para as guerras. Nesse período, há registo de mulheres que trabalharam na carpintaria como aprendizes e que adquiriram o direito de exercer a profissão, embora com remuneração menor do que os homens. O ideário de posse da terra era tão prestigiado que a sujeição da mulher ao homem era tida como similar à posse dos instrumentos de trabalho, assim como dos servos; não devendo haver nenhuma dúvida sobre a geração dos filhos e das filhas. Aos primeiros, louvores e propriedades pela dádiva de terem nascido varões; às filhas, “dote” que servia como incentivo para aumento do poder militar que

necessitava de novas procriações.

Como denunciou Giddens (1993), a noção de consanguinidade neste período foi vista como outorgadora de direitos criados pelo laço biológico e depois assegurados pelo casamento. Todavia, como modelo assimétrico, esta relação fortaleceu a noção que a categoria mais favorecida corresponderia aos homens, sendo estes referências para a sociedade.

Após esta fase da idade média, encontramos autores que narram histórias de mulheres dedicadas às religiões. Como bem ilustrou Saranyana (1997) ao escrever sobre as místicas de Helfta, século XIII, na região da Gália. Estas foram mulheres que se dedicaram à escrita da vida de outras que se destacaram nas artes e na guerra. Às escritoras, era obrigatório deixar seus países para seguirem as mulheres alvo da escrita.

Com as mudanças político-religiosas advindas no *século XIV*, observamos que o papel defendido pela igreja em nome da “santa inquisição” reforçou a desqualificação da mulher que foi considerada “bruxa”. Em resposta ao tratamento das santas inquisições, a igreja dizia que eram “realizadas curas por encantamentos ou preces para persuadir os espíritos do mal a sair do corpo da mulher acusada de bruxaria” (Holmes, 1997)⁸ e que somente depois eram dadas as sentenças de morte nas fogueiras.

Isto ilustra o que Gebara (2000) afirma ser um “ato de violência, uma construção sociocultural que tende a diminuir um pólo da humanidade para poder exaltar outro”. Relacionando essa imagem co- a visão cristã, vimos que não difere da ideia defendida pela autora ao questionar o fato de Jesus ter nascido homem: se tivesse nascido mulher qual seria a aceitação e devoção da humanidade?

Houve, depois disso, um período de silêncio diante das situações de opressão contra a mulher devido às muitas guerras para conquista de novos territórios. Contudo, no *século XV* a igreja renova-se no que é intitulado poderio médico⁹, fortalecendo a falta de informação da população com a ideia de posseção do corpo feminino por forças do mal (Holmes, 1997). Fica evidente, então, a necessidade de análise dos aspetos ideológicos para compreensão de que nesse período: “a vida da mulher era dependente da sua ligação aos homens, que em recompensa a protegia, continuando a cultivar uma poderosa metáfora sobre o universo feminino”, como afirmam Nogueira e Fidalgo (1994).

Já no *século XVII*, afirma Sluga e Caive (2000), desenvolvia-se na Grécia a ideia que

⁸ É importante pensarmos: existiam “homens bruxos” queimados nas fogueiras da “santa” inquisição?

⁹ O preconceito surge e é reforçado principalmente na área da psiquiatria que era contrária ao uso de ervas pelas mulheres para a cura de doenças e a realização de partos naturais.

“las mujeres eran hombres imperfectos que carecían del calor que originaban la forma perfecta del hombre y su fuerza física”. Quer dizer, a diferença entre homens e mulheres convergiu para a biologia e encontrou eco nos textos filosóficos que de certo modo atenuaram as formas anteriores de opressão masculina ao mesmo tempo em que dava forças para sua manutenção.

Do outro lado do mundo, as *religiões orientais* contribuíram para uma visão diferente da participação das mulheres na vida privada e/ou matrimonial. Falamos das correntes filosóficas da Índia que defendiam a união sexual entre homens e mulheres ¹⁰ como um momento possível de transformação da matéria, atribuindo a inclusão desta à experiência mística ¹¹.

Na *cultura japonesa*, por exemplo, o estímulo para a manipulação da genitália feminina na presença masculina representava o símbolo sagrado da grande deusa e sua yoni (vulva), sendo permitida a presença de duas ou três mulheres durante essa etapa de estimulação orgástica, momento em que o homem sinalizava qual a mulher que estaria com ele durante o momento da penetração (nomeada segunda etapa da relação sexual). Dessa forma, embora o homem desempenhasse papel de complementaridade nas águas femininas do supremo segredo da vida, a decisão de prosseguir o ato sexual cabia a ele sem que as mulheres tivessem nenhuma opção de escolha (ou recusa). Homem e mulher unidos no ato sexual formavam uma identidade de opostos que é capaz de se entrecruzar no momento libidinoso, gerando amor para ambos.

Existem, ainda, os rituais tântricos que pressupõem a união carnal entre homem e mulher, a partir do desejo masculino, não sendo possível que o mesmo possa atingir nenhum estado ampliado de consciência – objetivo final do ato sexual libidinoso – sem a presença feminina. Nesta forma de expressão da sexualidade, o feminino é percebido como parte “ativa” do ato sexual e os poderes masculinos são considerados “passivos”, sem qualidade ou paixão.

Na mesma linha de pensamento, as *leis hinduístas* consideram a feminilidade como divina e a divindade sagrada como feminina (Koss, 2000), sustentando uma organização familiar expressamente patriarcal, ainda nos dias atuais. Para o povo hindu existem princípios masculinos detentores da vitalidade e das forças criadoras do mundo. Junto com as *deusas-mães* estava um filho varão (ou esposo) para proteger-lhes. Ou seja, havia uma ação

¹⁰ É importante percebermos que não há uma significação entre mulheres-mulheres e homens-homens.

¹¹ Realiza-se a utilização da mulher como meio de expansão da consciência masculina. Sua ênfase é no aspeto sexual, como forma de redução das tensões orgânicas, não significando igualdade entre os sexos.

masculina, associada às forças da fertilidade feminina¹². Tudo isso agia como “símbolos da ordem patriarcal, sendo o homem forte e a mulher frágil, com desigual distribuição do poder e posições sexuais diferenciadas” (Cantera, 2007), ora de forma evidente, ora camuflada, correspondia a necessidade masculina de diferenciar-se das mulheres desde a criação do mundo e da própria vida.

Diante dessas questões, um dos desafios para o enfrentamento do preconceito contra a mulher encontra-se na perspectiva de recriarmos diferentes cenários do ponto de vista social e cultural que valorizem igualmente a dimensão masculina e feminina presente nos indivíduos (Varela, 2008; Carballo, 1999; Falcón, 2001). Assim, seguimos ampliando um pouco mais nossas discussões no próximo item.

1.1.2. Estruturação do movimento feminista

Afirma Marques e Nogueira (2003) que as primeiras reivindicações políticas de mulheres aconteceram no *século XVIII*, a partir da defesa da ideia de igualdade presente na Revolução Francesa, que excluía as mulheres das mudanças sociopolíticas vigentes no período. Ao mesmo tempo as discussões participavam de outras instâncias, como a relação entre o corpo e as características reprodutivas, o cumprimento dos papéis sociais reservados ao feminino, capacidade de articulação política e militar, incluso as questões dos direitos, a luta de classes e o voto feminino (Luxemburg, 1994). Atestando que “lo que había sido un asunto en su mayor parte intelectual hasta 1789, pasó a ser un tema político desde el inicio de la Revolución Francesa” (Sluga & Caive, 2000).

Em 1792, Mary Woolstonecraft foi autora do primeiro livro feminista ¹³ que fala sobre o direito das mulheres ao voto (sufragismo), reconhecimento das capacidades iguais para os sexos e participação da mulher na política e na vida pública.

Carvalho e Vieira (2003) afirmam, por sua vez, que a expressão “*feminismo*” apareceu pela primeira vez no *século XIX* como sinónimo de um “movimento de carácter internacional, com identidade teórica própria, autónoma e organizativa”. Desse modo, a eclosão dos feminismos ficou conhecida como um movimento de uma elite intelectual que reivindicava seus direitos em diferentes níveis da sociedade.

¹² Principalmente na agricultura ou na preservação dos ciclos da natureza no momento de início das plantações e das colheitas.

¹³ Com o título original: “An indication of the rights of woman”.

O movimento surge, no Brasil, movendo-se no campo da garantia dos direitos. Nas décadas seguintes, o discurso feminista se aproxima da ótica institucional, significando que operava proposições para colocar no jogo cotidiano as pautas da igualdade entre homens e mulheres (Pinto, 2004; Méndez, 2007). Antes disso, usava-se a expressão “estudos sobre as mulheres” para análise da discriminação sofrida por elas, embora com uma compreensão ainda restrita ao cenário doméstico.

Em 1968 já se percebia a aquisição de novos comportamentos, inclusos sexuais, o que torna o debate feminista efervescente diante dos métodos anticoncepcionais e da saúde sexual reprodutiva¹⁴, por exemplo. Ao mesmo tempo, as feministas davam forças às mulheres de baixa renda económica, fortalecendo propostas advindas da teologia da libertação latino-americana (Martin-Baró, 1997).

O que se percebeu nesse período foi à mobilização da opinião pública, havendo um processo que indicava que “se por um lado [as mulheres] se identificavam com a realidade que observavam, por outro se afastavam dessa realidade marcada pelos traços culturais de cada contexto social” (Santos 2002). Daí, podemos perceber duas tendências do movimento na América Latina: a primeira, dita “popular”, voltava-se para preocupações do quotidiano das mulheres pobres; e a segunda, “universitária”, repensava a pesquisa nas ciências humanas a partir das contribuições feministas.

No *cenário internacional*, o ano de 1975, foi particularmente importante, pois a luta feminista no contexto europeu e norte-americano favoreceu a discussão da mulher nas Nações Unidas que estabeleceu o ano internacional da mulher. Daí o feminismo ter tido a oportunidade de promover graus de contestação sobre o poder questionando o papel da mulher na sociedade. Vai também além, supera as “formas tradicionais se auto-organizando em muitas frentes que privilegiaram o compartilhar das vivências próprias à mulher” (Alves, 2003b). A feminista Sarti (2006) nos lembra que na década de 60 os países europeus passavam por mudanças na compreensão do conceito de género devido à modernização industrial nos anos anteriores¹⁵.

Paralelos a isto, os feminismos no Brasil saem da cena doméstica e assume ares de sujeito político que põe em discussão os mecanismos de opressão contra a mulher. Nestes termos, no final dos anos 70, o movimento encontrava-se novamente com duas vertentes: a primeira, preocupada diretamente com a atuação pública das mulheres e a necessidade de

¹⁴ Que fragilizava a relação com a igreja católica, mas o aproximava da esquerda em um triângulo que lutou contra a ditadura.

¹⁵ Havendo a contestação da luta armada, casamento e virgindade, além das relações sociais de género com a estrutura de classe.

investimento na organização partidária; e a segunda, voltada para a subjetividade, através dos grupos de estudo, reflexões e convivências.

Com a crescente abertura política e a amnistia no ano de 1979, as vivências no exílio de umas e a experiência de ter ficado no país de outras, levaram o movimento a uma profunda penetração nas associações de bairro, sindicatos, partidos políticos e outros setores da sociedade civil, legitimando a mulher como cidadã que se consagra no ano de 1988, no Brasil, com a extinção da tutela masculina no contrato civil conjugal ¹⁶.

Outra vitória significativa ocorreu no ano de 1990 com a aprovação do estatuto da criança e do adolescente que contribuiu com o fortalecimento dos feminismos, pois trouxe mudanças na expectativa do papel de mãe diante da educação dos filhos e das filhas, até então preconizadas a partir de modelos universalistas. Percebemos, ainda, que a história dos feminismos brasileiros se inscreveu na luta onde os conceitos de *classe* e de *raça* se articularam com o de gênero (Schmidt, 2004).

Já na década de 90 é legítima a ideia de que a ausência da luta contra a ditadura trouxe distanciamento entre os interesses das mulheres ¹⁷. Fato que resultou na ideia de que mulheres se tornam mulheres em contextos socioculturais específicos, levando a feminista Sarti (2006) a afirmar que o conhecimento antropológico sobre as mulheres forma-se a partir da relação de *alteridade* e não de *identificação*. Tal discussão redefine as diretrizes feministas no sentido de refletir sobre a necessidade de resgatar a história das mulheres que até então se apresentava "como parte silenciosa das memórias sociais, ausente dos livros escolares e dos registos históricos" (Alves, 2003b).

Já na *União Europeia*, a REDE DE ESTUDOS SOBRE AS MULHERES (2006) afirma que nas décadas de 70 e 80, o movimento caminhou para a estruturação de uma base política igualitária, reivindicando a participação da mulher em todos os níveis da administração pública. O que não quer dizer, necessariamente, que os espaços abertos tenham sido ocupados. Sobre a situação das mulheres portuguesas nesse período, Nogueira e Saavedra (2006b) reconhecem conquistas: a mulher passou a ser cidadã, teve início um período de acesso às profissões e a mesma teve direito ao voto e a emissão de passaportes sem autorização dos maridos. Houve também o aumento da participação da mulher no mercado de trabalho (Amâncio, Nogueira & Pául, 1995).

¹⁶ Conhecida como "constituição cidadã", mas que excluía os direitos para mulheres, negros, idosos, crianças, imigrantes e jovens.

¹⁷ A maioria da classe média universitária e aquelas mulheres economicamente menos favorecidas.

Completando este pensamento, diríamos que nas décadas de 70 e 80, a luta das mulheres portuguesas pela libertação foi um discurso “na área da educação voltada para a redefinição dos currículos, sobre o que constitui o ensinar e o aprender numa escola coeducativa”, afirma Maria José Magalhães (1998). Ainda na Europa, países como Inglaterra e França se dedicaram à defesa do socialismo em que “as mulheres foram não só dirigentes do movimento revolucionário” (Carmo & Amâncio, 2004), mas defensoras dos direitos humanos ao lado das feministas da Grã-Bretanha e dos Estados Unidos que foram para as ruas.

Assim, de forma breve, mapeamos contextos sócio históricos de emergência do movimento feminista, identificando-os com as condições para seu desenvolvimento e luta para promover a igualdade entre homens e mulheres (Pinto, 2004). Veremos a seguir as correntes feministas e suas implicações no contexto da modernidade (Hall, 2006; Santos, 2002; Simmel, 2006; Villota, 2001).

1.1.2.1 Conhecendo as vagas dos feminismos

O início do *século XIX* foi marcado pelo florescer das ideias socialistas que repensaram as origens da família, da propriedade privada e do Estado como mecanismo opressor das condições de vida das mulheres. Segundo Nogueira (2001) a conquista de um estatuto civil para as mulheres nos mesmos termos dos homens caracteriza-se como eixo central da primeira vaga dos feminismos, além do reconhecimento desta condição pelo Estado. Ou seja, reivindicava-se o sufrágio universal como sinônimo da luta por reformas legislativas e conquista dos direitos da cidadania feminina, eliminando o voto qualificado pela renda salarial ¹⁸.

Outras questões também foram discutidas, como: direito a propriedade privada, reforma do casamento e liberdade sexual. Porém, segundo Nye (1995) a “própria teoria democrática incentivava as feministas a verem o voto como o modo correto e prático de atingir suas metas” (p.19).

Contudo, a legalização do voto veio somente em 1920, nos Estados Unidos, 72 anos após o início do movimento sufragista internacional; e só em 1928, na Inglaterra, após 65

¹⁸ Era como se a partir da oficialização as mulheres pudessem votar a favor de mudanças na legislação, sendo esse o mecanismo capaz de corrigir as injustiças contra elas.

anos¹⁹. Nesse ínterim, realizou-se o 1º Congresso Internacional Feminista (1910), na Argentina, com tema: “as mulheres querem seus direitos para cumprir seus deveres”; bem como a abertura do *gabinete da mulher*, no período da pós-revolução Bolchevique ²⁰, coordenado por Alexandra Kollontai durante o governo Lenine (ex-URSS).

No âmbito das reivindicações da OI ²¹, ocorreram ações de defesa dos direitos e promoção da igualdade salarial que culminou na proteção à maternidade (ano 1919), e em 1939, no direito a representação no emprego para a mulher casada sem a autorização do marido. Em Portugal criou-se o CNMP ²² que atua em defesa da educação, do direito ao voto, do acesso ao trabalho com salário igual aos homens e da independência econômica (Carvalho e Vieira, 2003; Méndez, 2007).

No Brasil tivemos a fundação do PRF ²³, na cidade do Rio de Janeiro, tendo Deolinda Daltro como responsável, no ano de 1910; assim como a fundação da FBPF ²⁴, em 1919, sob responsabilidade da feminista Bertha Lutz; além da divulgação das ações do movimento pela imprensa para mobilização da opinião pública, até então leiga. O voto universal foi instituído no de ano 1927 em alguns estados, havendo um momento de expansão do movimento para as demais regiões do país ²⁵. Dez anos depois, ocorre um refluxo dos feminismos que volta a estar fortalecido nos anos 70 com a participação das mulheres na cena pública (Falcón, 2001; Cruz, 2001).

Em todas estas experiências não podemos esquecer que o cenário mundial passava por transformações advindas das duas grandes guerras mundiais, além das mudanças provenientes da revolução industrial que contagiou os países desenvolvidos. Com isto, nos interessa afirmar que “se o movimento sufragista não se confunde com os feminismos, ele foi um movimento feminista, por denunciar a exclusão da mulher nas decisões públicas”, como afirma Claricia Otto (2008, p.239).

Do ponto de vista teórico, surge, então, no ano de 1940, a publicação do livro “O

¹⁹ Sendo necessária a realização de “greve de fome” das feministas e a organização de passeatas para que o voto fosse qualificado como direito cidadão.

²⁰ Embora na prática não tenha havido nenhuma abertura para conquistas em prol da mulher soviética.

²¹ Organização Internacional do Trabalho.

²² Conselho Nacional de Mulheres Portuguesas.

²³ Partido Republicano Feminino.

²⁴ Federação Brasileira pelo Progresso Feminino.

²⁵ Sendo em 1932 promulgados Decretos-Lei, por Getúlio Vargas, que instituiu o sufrágio universal nos onze estados da federação quando na verdade dez deles já haviam regulamentado o voto feminino.

segundo sexo” de autoria da feminista Simone de Beauvoir, uma espécie de “porta-voz” neste momento de transição. A autora realiza a análise dos determinantes históricos da opressão contra a mulher do ponto de vista biológico, mítico, materialista, histórico e psicanalítico. A importância da obra reflete-se na ideia de que a opressão não é específica das sociedades capitalistas ou socialistas, mas da apropriação das mulheres como objetos, quer sociais, políticos ou económicos como um laço doentio existente nas sociedades.

Constata-se, ainda, que existindo um “inimigo” da mulher, este não está na dimensão externa, mas encontra-se no desconhecimento sobre o corpo e reprodução das ideologias sexistas, cuja transformação do preconceito cabe ao universo feminino (Nye, 1995) e não somente a mudança nos comportamentos e estereótipos masculinos. Assim, a primeira vaga termina com posições feministas rompendo o discurso da limitação para apropriação do compromisso com a igualdade.

Após esse período, observa-se que o movimento passa a estar centrado na troca de experiências como propulsora das conquistas do próximo período. Como diz Macedo (2006), a segunda vaga garantiu acesso à informação e valorização do saber da mulher para fortalecimento da sua cidadania. Ratifica-se a ideia de que bastam aos feminismos reivindicações jurídicas para que a partir destas seja possível conseguir outras formas de contestação. Nos Estados Unidos, destacam-se as obras de Betty Friedman (“A mística feminina”), nos anos 60, Kate Miller (“Política sexual”) e Juliet Mitchell (“A mulher na sociedade de classes”), nos anos 70, contra o colonialismo, o racismo e as formas sutis de discriminação fundamentadas principalmente nas lutas estudantis.

No Brasil, década de 70, Heleieth Saffioti (“A mulher na sociedade de classes: mito e realidade”), relata a condição de opressão e debate temas como: saúde, ideologia, violência, profissão e mercado de trabalho. Inaugurando uma luta contra a distribuição desigual do poder e propondo a recriação identitária da mulher brasileira como capaz de superar as hierarquias entre regiões do país.

O slogan desse período foi: *o que é que os homens fazem que as mulheres não possam fazer?* Isso resultou no recrudescimento das ideias apresentadas por Simone de Beauvoir com questionamentos não somente restritos a cena privada e a família, mas ao âmbito público, principalmente. Foi um período histórico marcado pela capacidade da mulher de articulação em grupos para a discussão das desigualdades e da identidade de género (Bauman, 2005; Hall, 2006; Connor, 1993).

Sobre a experiência latina, os feminismos se desenvolveram distante da política partidária, voltando-se para mudanças nas estruturas jurídicas, denunciando a violência e criação de uma estrutura social de apoio às mães e seus filhos para que elas pudessem buscar a sobrevivência; sendo evidentes as alianças com setores da sociedade (Alvarez, Friedman, Beckman et. al., 2003). Também podemos observar a presença da mulher no mundo do trabalho como forma de utilização da mão-de-obra barata. Daí passa-se à denúncia das situações de opressão desde a carga horária absurda às condições insalubres e de abusos sexuais, além do desrespeito aos direitos humanos no ambiente de trabalho.

Com a consciência crítica da opressão no lar, e agora no mundo do trabalho, retomam-se ideias iniciadas durante a primeira vaga, sendo os questionamentos acerca da família e a autonomia da mulher diante das questões da maternidade e da reprodução os mais fortes. Exemplo disto é a luta em defesa do aborto estender-se aos cuidados do Estado. Ponto de vista comentado por Conceição Nogueira (2001):

O ceticismo feminista sobre as ideologias prevalentes na família nuclear como uma instituição imutável, necessária e natural, sugeria que esta ideologia significava apenas uma glorificação hipócrita da maternidade, que acarretava desigualdades de poder entre os membros de um casal (p. 06).

Formam-se, no final desta vaga, um posicionamento crítico mais consistente que adquire visibilidade nos media. Porém, o poder patriarcal, percebendo estes aspetos, difunde a contra ideia de superficialidade dos feminismos (Bard, 2000; Macedo, 2006; Oliveira, 2006) ²⁶.

É nesse pluralismo de ideias e no fervilhar das discussões essencialistas e pós-modernas, que podemos reconhecer a delimitação da *terceira vaga*, momento ímpar de popularidade do slogan: *Eu não sou feminista, mas*, Frase que ganha sentido ambíguo, haja vista que não se trata mais de negar as diferenças entre homens e mulheres, mas afirmá-las no sentido igualitário (Marques e Nogueira, 2003).

Fato importante nesta vaga está configurado nos questionamentos às categorias homem e mulher, masculinidade e feminilidade. Com isto, são trazidas à tona as ideias de que a discriminação contra as mulheres é favorecida por um discurso ideológico que possibilita a naturalização da forma desigual de relação entre os sexos. Parecendo algo mais ou menos

²⁶ Movimento conhecido como Backlash.

assim: os homens “permitem” que as mulheres trabalhem fora de casa, mas dando conta das tarefas domésticas, conjugal e maternal primeiramente; o mundo laboral “permite” a atuação das mulheres, porém com salários mais baixos e sem acesso aos cargos executivos de nível mais elevado que ainda são confiados ao masculino.

É nesse sentido que muitos autores questionam se estamos mesmo na *era pós-feminista* (Falcón, 2001; Bard, 2000; Macedo, 2006; Oliveira & Amâncio, 2006). Tendo duas teses pressupostas para isso: uma, a “extinção evolucionária” dos feminismos que se encontra subjacente à necessidade de ampliação do movimento; depois, a idéia de que os feminismos seguiram uma sequência temporal, sem que haja preocupações com a sua renovação como movimento plural (Hawkesworth, 2006).

É importante falar nesse momento que o cenário político internacional passava por momentos de ressurgimento de muitos outros movimentos sociais, tais como: o antirracista, o estudantil, os pacifistas, os sufragistas, entre outros. Todos tinham algo em comum: o caráter da chamada “contracultura”; contudo, segundo Varela (2008, p.103), “no eran reformistas, no estaban interesados en la política de los grandes partidos, solo querían nuevas formas de vida”.

Para Gabriela Macedo (2006), o termo pós-feminismo dissemina a necessidade de reinvenção dos feminismos, traduzindo a existência da multiplicidade de feminismos existentes na atualidade, sem, contudo, idealizar o conceito de diferença entre os sexos no sentido binário (masculino-feminino). A autora conclama homens e mulheres a retomarem suas lutas reivindicativas, tendo a igualdade como compromisso ético-afetivo (Sawaia, 2000), interpessoal e político.

Isto nos leva de novo a afirmação de que os feminismos se constituem como teorias críticas contra a injustiça social, desafiando a ordem dominante nas relações de gênero. Perpassa o respeito às diferentes realidades que sustentam a opressão a partir da “multiplicidade de significados dos fenômenos e dos processos numa análise crítica do gênero” (Marques & Nogueira, 2003, p.119). Vejamos os desdobramentos desta forma de pensamento diante das principais correntes teóricas dos feminismos.

1.1.2.2. Principais correntes teóricas dos feminismos

A primeira corrente que iremos conhecer denomina-se *feminismos liberais*, cujas principais ideias defendem a imediata emancipação das mulheres, havendo a noção de que

cabe ao Estado assegurar igualdade de oportunidades que permitam a concretizarem do potencial humano (Álvares, 2005). Utiliza-se o referencial da filosofia política para reparar as desigualdades [económicas] entre as mulheres, a partir do desenvolvimento racional das sociedades. Existe a crença de que tais promessas necessitam serem cumpridas como resultado, talvez, de um ato de lealdade das mulheres no retorno à família e ao lar. Isto ocorre amiúde questionarem o elitismo e o Andro centrismo nas relações sociais de género.

Como representantes teóricas e militantes, temos na primeira vaga as autoras: Mary Woolstonecraft, Theodore Von Hippel, John Stuart Mill, cujas preocupações estão na defesa da igualdade de direitos do ponto de vista legal. Na segunda vaga, Betty Friedman que fundou a ONM ²⁷, nos Estados Unidos, no ano de 1966, denunciando a opressão sofrida pelas mulheres no período pós-guerra com a obra, intitulada “A mística Feminina”. Convém lembrar que as estratégias utilizadas pelos feminismos liberais são grupos de pressão junto aos órgãos governamentais, acreditando que o acesso das mulheres ao poder político e económico é fator central para a mudança social (Batisda, 2006; Santos, 2002; Falcón, 2001).

Ressalta-se que destes grupos, chamados “women lib”, partiam experiências de discriminação das mulheres na estruturação de um movimento de libertação com carácter nacional (países europeus). Afirma Magalhães (1998), com veemência, que muitos países foram aos poucos convergindo em direção à defesa de temas semelhantes; transferindo aos feminismos “a introdução de novos vocabulários que passavam da discriminação para a opressão, da igualdade para a libertação” (p.30).

Todavia, necessitamos ter cautela ao constatar que esta corrente não se refere à justaposição dos termos “feminismo” e “liberal”, como chamam atenção Neves e Barbosa (2003), posto que haja aspetos que podem nos levar a supor que “o movimento liberal fundiu suas ideias aos movimentos feministas com uma ênfase na racionalidade e na universalidade” (p.51); estando por isso centrado no cotidiano das pessoas.

Outra estratégia desta corrente está no fato de que as/os participantes acreditam que a igualdade entre homens e mulheres se dará a partir de mudanças na legislação, não sendo preciso nenhum tipo de revolução maior, posto que seja a sociedade, e não os indivíduos, responsável direta e única na manutenção do estatuto de inferioridade da mulher (ibidem); julgam importantes medidas de discriminação positiva no judiciário.

Por outro lado, os feminismos liberais foram reconhecidos como movimento que

²⁷ Organização Nacional de Mulheres.

percebe a situação da mulher em relação aos homens como desigualdade (e não opressão ou exploração), sendo importante a implantação de medidas laborais capazes de garantir a inclusão das mulheres nos espaços públicos, além da formação continuada para que elas pudessem ocupar cargos públicos (Varela, 2008).

O pensamento maior se refere à subordinação das mulheres como resultado da atuação isolada das estruturas das sociedades (instituições educacionais e de trabalho, sexismos, atitudes discriminatórias), como se estas não fizessem parte do todo. Tendo tido conquistas na legislação, porém, é argumentativo dizer que existe a denúncia das situações de desigualdade, mas sem ações reivindicatórias diretas, levando-as ao conformismo.

Diferentes da ênfase individualista da corrente liberal, os *feminismos marxistas* advogam que são necessárias mudanças sociais advindas de sujeitos concretos imersos na historicidade e materialidade da vida. Isto implica que tanto “no marxismo como no feminismo haveria o questionamento das relações desiguais socialmente construídas em situações de poder” (Castro, 2006, p.108).

Neste sentido, se refaz à luz do marxismo um importante movimento feminista ávido por mudanças estruturais, bem mais do que somente mudanças nas tipologias sexuais ou de gênero, sendo sugestiva a esta corrente destacar o lócus de atuação das mulheres nas formas de opressão patriarcal.

Silva & Nóbrega (2002) chamam atenção para o fato de que nesta estrutura de produção trabalhista: “tradicionalmente analisada pela teoria marxista, os feminismos socialistas alertam para a necessidade de reexaminar as estruturas de subordinação e de reprodução que servem de suporte à família, à sexualidade e à (...) socialização” (p.71).

Aqui nos referimos a uma espécie de mão dupla entre marxismo/socialismo e feminismos que se apoia na ideia da diversidade e nas implicações que levam as pessoas a estarem [ou não] envolvidas nas lutas para mudanças sociais capazes de afetar a todos. Do ponto de vista teórico, temos Íris Young como expoente desta corrente “levando-a a ultrapassar a abordagem de classes, dando relevância a heterogeneidade entre grupos de mulheres de um modo geral” (idem, p.71).

A par destas lutas, deve estar claro que a corrente assume como legítima a ideia das relações sociais de gênero como resultado do patriarcalismo, porém não a percebe exclusivamente como causa das desigualdades (Sousa, 2002). Prima pela expectativa de que as relações entre homens e mulheres na intimidade possam estar baseadas no direito à diferença,

porém ignora que isto seja possível sem que haja equidade nas esferas pública e privada. Ou seja, não adiantaria a mulher ter no âmbito doméstico um companheiro que seja sensível a divisão de tarefas, se no mundo do trabalho ela passa seguidas vezes por submissões.

Outra discussão importante desta corrente é feita por Manuela Tavares (2003) quando afirma existem discriminações históricas para a manutenção do preconceito às mulheres. Do mesmo modo, Carla Barbosa (2007, p.47) afirma que nesta proposta:

A relação entre os sexos acaba por escamotear profunda desigualdade entre os gêneros na classe proletária porque se é verdade que as mulheres vivem assimetrias entre si de acordo com a classe de pertença, também não é menos verdade que estão sujeitas a profundas desigualdades nas relações sociais que estabelecem com os homens da sua classe social em relação aos aspetos laborais e a vida privada.

Posicionamo-nos, a partir de agora, do ponto de vista dos *feminismos radicais* que afirmam que somente a mudança pessoal no eixo social é responsável pela reversão da situação de opressão²⁸. Ao redignificar ideias sobre sexismo, naturalismo e hierarquia sexual, Costa (2003: p.81) afirma que as defensoras deste grupo:

Argumentam que a origem da opressão reside em primeiro lugar na instituição social de género (e não somente no sistema económico), ou seja, que a dominação é produto do patriarcado e não do capitalismo em si (que apenas a reflete), sendo somente uma ferramenta para mudança.

Esta corrente considera as mulheres “boas” na essência e constituição biológica, não assumindo a cultura ou o sistema socioeconómico como produtor das desigualdades. Neste sentido, espalham-se inúmeros grupos de mulheres para a defesa desses interesses, incluso àquelas que radicalizam as vivências lésbicas como um ato de rebeldia diante da subjugação e exaltação do poder masculino. A corrente afirma a necessidade da união das mulheres para defesa de uma “agenda política global”, baseada nas experiências pessoais, partindo da esfera pública e do trabalho até chegar aos aspetos domésticos (Costa, 2003). Presume-se que existindo a libertação individual, existirá, por conseguinte a superação da exploração patriarcal.

²⁸ Caracteriza-se, para muitos autores, como uma contracultura evidenciada no pós-guerra dos anos 60 e 70, como sinónimo do que se conhece como *new left*.

Do ponto de vista teórico, temos a publicação do livro “Sexual Politics” (1969), de Kate Millet como expressão central da corrente. Argumenta que o poder económico não é a causa da opressão, mas a mantém; havendo necessidade da revisão do conceito de género. Sobre a reprodução, defende a ideia que “o coito não é apenas um ato físico e por isso deve estar situado nas relações humanas” (Nye, 1995, p.120). Diz Magalhães (1998) que a corrente compreende o sexo como uma forma de opressão, independente das classes sociais.

Sobre o termo “radical”, foi a feminista Sulamith Firestone (com a publicação do livro “La dialéctica del sexo”, no ano de 1970) que o redignificou acreditando que cabia as mulheres irem até as raízes da opressão; redefine temas importantes, como: patriarcado, género e castas sexuais (Varela, 2008). Firestone propõe ligações teóricas entre as formas de opressão e a função biológica (reprodutora) da mulher, numa assepsia uniforme que passa a ser estendida à divisão laboral entre os sexos.

Pressupõe a existência de uma “sequência crítica e temporal que explica a história do materialismo dialético diante das explicações para existência do patriarcado” (Costa, 2003, p.89-90). São questionados assuntos polémicos sobre saúde da mulher advogando que “embora a maternidade possa ser uma experiência valiosa, como instituição está sob controle do masculino” (Idem, p.124). No âmbito teórico, temos a releitura das ideias da segunda vaga no sentido de aceitação do pressuposto que tornam as mulheres “escravas” e os homens “senhores” das relações de género.

Ao seguir nossa exposição temos agora os feminismos culturais que valorizam, sobretudo, a diferença a partir da redignificação da ideia de homogeneidade e igualdade das reivindicações das mulheres presente nas demais correntes. Segundo a autora Costa (2003) esta proposta:

Rompe com o feminismo radical ao perceber a biologia como uma possibilidade de libertação, não como um foco opressor. Valorizam por sua vez os papéis, atitudes e emoções como aspetos tipicamente femininos; propõe construir um mundo de mulheres para mulheres (p.94).

Principal autora e ícone desta corrente, a feminista Sandra Harding (1993), solicita o resgate da história como fonte de conhecimento para os feminismos, posto que vislumbre perspectivas de superação das investigações baseadas no empiricíssimo, para que seja lícita a construção de um universo mais pluralista e neste sentido crítico menos feminista. A partir deste

ponto, as feministas defendem a igualdade nas relações sociais de género, através da independência económica e do exercício irrestrito da sexualidade que não implica só genitalidade, mas afetividade. Não se trata de negar diferenças entre corpos biológicos, ou culturais, mas manifestação do que há de bom em ambos.

Esta corrente valoriza os feminismos existentes em todo o mundo, mas afirma que somente a troca de experiências e a retransmissão destas não são suficientes para a luta contra a opressão. Assinalam a necessidade de construção de um movimento plural com identidades culturalmente definidas, analisando itens femininos através da redignificação da tessitura sócio histórica. Admite a diferença entre homens e mulheres, mas a percebe como elemento potencial e não somente ideológico (Viegas & Farias, 2001). Além disto, valoriza a participação da mulher de forma político-partidária, pois compreende o carácter mobilizador no seio da sociedade que os feminismos possuem.

Parece-nos nesse momento pertinente falar desta proposta como suprapartidária no sentido de um movimento sinérgico com confluência entre pensamento e teoria, sem perder sua especificidade, sendo plural e polifónico no modo de desenvolver o cenário pós-moderno com influências nos feminismos.

Entretanto, mesmo a corrente tendo uma visão crítica sobre os recuos históricos dos movimentos feministas, como afirmam Viegas e Farias (2001), proporciona de forma competente a desconstrução do paradigma científico que durante anos não mencionou as mulheres como produtos históricos das produções humanas; ao contrário, lhes negou a subjetividade. Disto resulta a fala de Nogueira (2004a) ao reconhecer a proposta como plural no sentido de “substituir as posições unitárias de mulher e identidade de género, por concepções construídas, complexas e plurais, de identidade social” (p. 269).

Donna Haraway (1991) é outra grande expressão do viés pós-estruturalista dos feminismos culturais, posto que objetive compreender suas produções sem a formatação binária sexual ou a falácia dos mitos originários de definição da sexualidade. Vai além e torna clara sua ideia de que as “mulheres são herdeiras criadas para a insurreição, haja vista serem engendradas na insubordinação aos sentidos hegemónicos e também das oposições binárias” (Fonseca, 2000, p.206).

Segundo João Oliveira (2009), Donna Haraway constitui uma nova genealogia no plano dos discursos científicos, apoiada nas teorias críticas e no construcionismo, afirmando a falta de sentido da categoria “mulher”, cuja metáfora oposta encontra-se na proposição de seres que

fogem as concepções sociais deterministas atreladas ao gênero (Oliveira, 2009). Revolucionando, assim, os estudos feministas culturais.

A partir da concepção dos feminismos culturais, por incentivar que as mulheres tenham experiências de trabalho e militância, as sementes germinaram e deram origem a novas ideias conhecidas como *feminismos da diferença* (Varela, 2008). Como principais representantes, temos na França: Luce Irigaray, Hélène Cixous e Annie Leclerc; e na Itália, Carla Lonzi (Azpeitia; Barral & colaboradoras, 2001).

Esta proposta parte de uma crítica radical ao pensamento binário, implicada numa releitura das obras psicanalíticas, cujo dizer é proposto como forma de alteridade. O faz apresentando o corpo feminino como uma espécie de desejo negado, reprimido e utópico, porém o compreende em termos de fluidez e multiplicidade numa excursão que estabelece elo nos dizeres do pensamento pós-moderno.

Sua ênfase maior está nos ritmos biológicos e nas variações hormonais que dão sentido as metáforas de que o corpo não é algo uno, mas múltiplo, numa completude que adquire sentido quando este está aberto ao encontro do (a) outro (a). Apesar de uma aparente vinculação da mulher à natureza de modo quase essencialista, tais feminismos relacionam-se com a ideia de que “el camiño hacia la libertad parte precisamente de la diferencia sexual” (Varela, 2008, p.120).

As *autoras francesas* inovaram ao radicalizar a subversão da linguagem para a compreensão do sentido corporal, propondo a criação de um saber mítico que ultrapassa as fronteiras do cognitivo e parte em direção ao protagonismo das mulheres a partir da existência corporal. Esta, não subjaz a estética, nem se submete ao desígnio mediático; mas equaciona-se como estratégia de conhecimento do espaço corporal através da crítica que foi, e continua sendo, lapidada pelo patriarcalismo.

Por sua vez, os *feminismos italianos* lutam contra a igualdade dos princípios jurídicos porque acreditam que a diferença é fator fundamental na realidade existencial para homens e mulheres. Por fim, se faz importante assinalarmos que tais feminismos trabalham no eixo simbólico no sentido de resgate da função materna com vinculação à natureza com perspectiva de criação de laços de companheirismo entre as mulheres com a finalidade última de alcançar os temas centrais do movimento.

Igualmente importante é sinalizarmos que mesmo sendo um eixo investigativo mais recente e criativo dos feminismos, por assim dizer, identificamos algumas autoras que se

posicionam no sentido de demonstrar cautela diante da exaltação das diferenças (Falcón, 2008), bem como na acusação de que tais propostas teóricas necessitam “mejor deslinde y argumentación que posibilite la aplicación de suas ideas” (Bragado 2006).

Prosseguindo em nossa explanação, há que dizer que além destas estratégias de ação, os feminismos culturais defendem que a mulher deve participar das conferências mundiais com vistas à defesa dos seus direitos do ponto de vista legal e participativo ²⁹.

Por hora, é importante mencionar que essa forma de atuação política faz parte também dos ditos *feminismos institucionais* que estando bem próximo aos *feminismos académicos* contribuem para a fundamentação e apoio legal da agenda de reivindicações femininas. É válido destacarmos, ainda, que se trata de formas diferenciadas de atuação feminista, posto que estejam situados no interior dos sistemas de formação profissionais e do próprio Estado, sendo estas suas principais marcas.

Como vertentes atuais e consideradas desdobramento dos feminismos culturais, temos também a proposta do *eco feminismo* que busca repensar a ideia de atuação das mulheres com respeito ao dualismo natureza e cultura, afirmando que tal proposta deve ter um sentido dinâmico e teleológico “en la medida en que se admite la existencia de procesos naturales dirigidos intrinsecamente a un objetivo, la clase o el tipo de cosa que algo se pasa a definirse desde su fin” (Bravo, 1999, p.22). Com isso afirma que a natureza não é sinónima de “primitivo”, mas possibilidade relacional de fusão com o universo feminino numa conceção que coloca os feminismos como cenário identitário de resgate do valor das mulheres nas sociedades. Entretanto, torna-se imprescindível atentarmos para as colocações da escritora Alicia Puelo (2004) que afirma que:

Poco conocido y globalmente estigmatizado con el tan temido calificativo ‘esencialista’, el ecofeminismo ofrece, sin embargo, una praxis y diferentes teorías sobre las que vale la pena detenerse y reflexionar. En el ámbito teórico, sus principales representantes pertenecen a la Filosofía, particularmente a la Ética. La Filosofía política y la epistemología. ‘Ecofeminist Philosophy’ es hoy un término usual en la producción intelectual anglosajona (2004, p.21).

Nesse sentido, tais feminismos preocupam-se em afirmar sua utilidade para a

²⁹ Estas discussões serão mais bem expostas ao longo do capítulo 04.

compreensão de temas quotidianos e reais, como a ligação das mulheres com o mundo do trabalho e da produção alimentar, com ênfase nas preocupações sobre a igualdade entre homens e mulheres.

Por fim, citamos, também como desdobramento dos feminismos culturais, o *cibe feminismo*, que utilizam a internet e outros meios de comunicação em massa para promover o ativismo social como ferramenta para as ideias feministas. Não poderíamos deixar de destacar que é também Donna Haraway que propõe “a través del mito del ciborg una lectura más progresista de los dualismos jerárquicos de los cuerpos (...) que están perdiendo sus límites y confundiéndose en el marco de la cibercultura” (Bohigas, 2001, p.35).

De acordo com Varela (2008) suas raízes teóricas partem das ideias da terceira vaga sob influência dos feminismos franceses, trazendo uma forma de comunicação que de dribla o fato dos feminismos estarem ausentes da grande media. Na mesma direção, temos a opinião das autoras Maria Fernandez e Faith Wilding (2002, p.17):

Historically, waves of feminism have often accompanied technological expansion, and feminists have both embraced and contested technological developments. At the beginning of the twenty-first century the advancing global hegemony of U.S. information and communication technologies (...) presents radically new challenges for feminist theory and practice. An early response to these conditions has been the emergence of the eclectic formation of ciberfeminismo. In the last years, cyber feminism has become a significant field in contemporary cultural practices.

Para os autores Bozal e Bozal (2006), o cibe feminismo representa a promessa de renovação na era pós-feminista, sendo considerado um espaço de experimentação e de difusão das vivências femininas com a expressão artística e representação simbólica do feminino. Necessitando, por isso mesmo, de práticas descentralizadas, participativas e múltiplas, pois urge a ampliação da tecnologia na divulgação dos ideais feministas.

De todas essas extensões e estratégias de compreensão e luta feministas, o que consideramos importante é o propósito de que não se trata de enfraquecer os ideais dos movimentos femininos, mas permitir que os mesmos possam caminhar de acordo com suas realidades e necessidades, num contexto que tenciona a opinião pública a acreditar e mesmo reproduzir que a igualdade entre homens e mulheres já foi alcançada, falando, inclusive, em tempos de “pós-feminismos”.

Postura que implica uma análise do cenário atual e moderno das sociedades para que possamos nos posicionar e contextualizar o simbolismo do corpo no sentido dos direitos das mulheres. Estas são propostas que nascerão na continuidade das narrativas.

1.1.3. Os feminismos no contexto da modernidade e da globalização

Empreender uma análise crítica sobre como os feminismos se posicionam face ao pensamento moderno, é antes de tudo argumentar que estamos em uma nova era que localiza o desenvolvimento social a partir da transmissão das informações e da produção do conhecimento científico como forma de benefícios para coletividade. É também estar atento aos conceitos que invadem os debates atuais sobre a modernidade. Quer dizer, não se trata de tarefa fácil, mas necessária às possibilidades de desconstrução da própria ciência. Traz, ainda, inúmeras formas de crescimento dos feminismos relativo ao uso (e desuso) do corpo feminino e suas implicações no cotidiano.

Prosseguir nesse caminho nos projeta a reflexões sobre a distribuição dos espaços e dos ritmos biológicos próprios à vida social e ao trabalho, nos levando a repensar a lógica formativa das subjetividades através da condição histórica dos homens e das mulheres. Mais diretamente, nos conduz a repensar o poder, antes soberano, dos estereótipos sociais numa reinterpretação que interage diretamente com as discussões feministas sobre o corpo e a sexualidade, repensando-as no interior das questões de gênero.

Em condições consideradas “modernas”, temos, ainda, uma opaca sensação de estarmos aquém da velocidade de processamento das informações, como se a estrutura corporal e mental humana não conseguisse entrar em conformidade com as mudanças que se realizam no dia-a-dia. Diversos aspetos estão envolvidos nesse processo que por sua vez não se relaciona somente com mudanças no nível estrutural, mas caracteriza-se como resultado de alterações nas esferas: pública, política, económica e interpessoal. O escopo da modernidade segue certamente uma lógica que age de forma diferente nas regiões do mundo, aproximando-se ora das narrativas culturais, ora das necessidades de atenção à lógica mercantilista que domina boa parte dos países (Heredia, 2006).

Por trás dessas formas de enfeixamento, as relações de poder que emanam das instituições agem como catalisadoras das transformações inerentes não só ao mundo do trabalho, mas que afetam diretamente a intimidade das relações humanas. Alteram a um só

tempo, a confiança pessoal e a percepção das necessidades básicas que deve nortear as questões corporais e de gênero. Isso ocorre do nosso ponto de vista, como alerta aos resultados imediatistas da modernidade nos processos identitários (Bauman, 2005; Hall, 2006; Connor, 2004). Precisamos, sim, compreender o que se passa aos indivíduos e a nós mesmos, partindo daí, a significação da vivência corporal feminina. Isso quer dizer que é preciso redignificar às ações de mudança desde o ponto de vista pessoal até o cenário histórico e político próprio às sociedades atuais, e vice-versa.

O correlativo de tal necessidade concretiza-se no entendimento do significado do termo “modernidade”, que para Anthony Giddens (1991) refere-se “a estilo, costume de vida ou organização social que emergiram na Europa a partir do século XVII e que depois se tornaram mais ou menos mundiais em sua influência” (p.11). Expressa, ainda, como o autor destaca a associação ao tempo e a geografia, estando às ciências sociais e humanas designadas ao limiar do que muitos consideram uma “nova era”.

Uma parte importante das discussões sobre a modernidade a percebe como um processo de mudança cuja responsabilidade está voltada quase de forma exclusiva para as transformações das instituições, principalmente no que se refere ao uso do capital e da força produtiva. Chegam mesmo a classificá-la de forma estática como se fosse uma fase da história bastante definida, ou algo planejado pelos sistemas capitalistas. Porém, o que se processa é algo diferente desta realidade porque a própria modernidade pauta-se na descontinuidade, além de não seguir tendências sociológicas ou epistemológicas de forma clara.

O que muitos consideram *projeto da modernidade* não é dado a coerências, seja no âmbito interno ou externo; posto que esteja caracterizado mesmo de forma obsoleta por “um interminável processo de frágeis ruturas e fragmentações” (Harvey, 2002, p.22). Ao fazermos uma análise da forma como as organizações sociais se estruturam na atualidade a partir dessa ideia, por exemplo, podemos verificar que as mesmas apresentam de forma acrítica elementos incertos que influenciam não somente questões materiais, mas a justiça, a moral, a ética, e até a vida pessoal dos indivíduos.

As mudanças nos modos de vida das populações, que partem de pressupostos considerados “modernos”, querem com isso transparecer que se trata de um período histórico que vem surgir nas sociedades, mas que de modo algum se assemelha a outras características contextuais, ou seja, não carrega pontos de certeza, nem determinismos. Existem, obviamente, certas continuidades, que se posicionam de forma até intencional, garantindo alguma conexão

entre os indivíduos e destes com as sociedades. Mas achar que tal perspectiva é suficiente para refletirmos sobre a modernidade, seria uma atitude ingênua que traz consequências para os feminismos (Oliveira & Amâncio, 2006; Macedo, 2006) porque os mesmos encontram-se situados como teorias críticas que agem no sentido de catalisar mudanças nos espaços comunitários.

Com isso, é urgente pensarmos na necessidade de empreendermos uma análise sociológica sobre a modernidade, quer dizer, uma reflexão que seja capaz de apresentar-se como “uma realidade interpretada pelos homens e subjetivamente dotada de sentido para eles na medida em que forma um mundo coerente” (Berger & Luckmann, 1985). Tal perspectiva parte de homens e mulheres comuns, que afirmam suas realidades como tendo origem no modo como sentem o cotidiano. Afastam-se, todavia, dos enunciados teóricos que por vezes só servem para preencherem espaços vazios da literatura. Tais indivíduos, ao contrário, vivem a busca da compreensão dos sentidos da modernidade enquanto ontologia que congrega parte das experiências humanas próprias à vida (Hall, 2006; Bauman, 2005).

Por isso mesmo são muitíssimo importantes para novos avanços feministas e prosseguem nessas diferentes estruturas de significação, através da consciência de que compartilham realidades comuns, mas diferenciam-se em termos de ações coletivas. De todas essas considerações é certo nos referirmos ao substrato corpóreo como identidade narrativa que acumula em si uma série de crenças e de opiniões que são compartilhadas de forma a permanecerem enquanto diferença. Fato que em última análise resulta na ideia de pertencimento das pessoas aos grupos sociais durante a ação consciente que realizamos para sermos aceitos afetivamente nestes domínios.

O que é “moderno” é também enunciador de uma nova linguagem que objetiva nos dias atuais resgatar o compromisso das ciências humanas com a mudança social. E ao delimitarmos, através dos feminismos, formas de exploração deste intermundo (até pouco tempo desconhecido), repensamos indiretamente a noção de sujeito e o colocamos sob a égide do diálogo, produto e produtor de si próprio como identidade.

As metáforas do corpo ancoram o refluxo contínuo dessas ideias, e as jogam distantes do cenário idealista e essencialista que invadiu as ciências no final do século XVIII e início do XIX. Somos compostos de múltiplas realidades, somos narrativas de vida que passam da reflexão à ação num gesto corpóreo de transformação de si mesmo e do outro, sem nenhum limite que não seja o próprio conhecimento humano (Mendéz, 2007). E o que sabe a modernidade sobre

isto? Perguntamos-lhe.

Preocupam-nos, dessa forma, não banalizar sob nenhuma hipótese os discursos identitários que muitas vezes agem como disfarces na compreensão da “modernidade”, haja vista voltar-nos quase sempre para o viés económico e político. O que se passa é que a modernidade pode até ser mais facilmente compreendida do ponto de vista material, económico, social, estrutural, mas de modo algum é simples de ser entendida quando a transpomos para outras áreas do saber, tal como os princípios éticos e valores que regem as populações. Esta é uma questão perigosamente intrigante, mas que está aí no contexto moderno e que afeta os feminismos e o simbolismo corporal, com certeza.

Trata-se, nesse caso, de uma caracterização da “modernidade” que não está só baseada na produção industrial, por exemplo, mas caracteriza-se por outros traços, como a burocracia, a urbanização das cidades, a democratização, a mobilidade social, além de outros temas que atingem as perspetivas da subjetividade e do sujeito (Connor, 2004; Bauman, 2005). Porém, afirma Souto (1985), as sociedades ditas pós-modernas são sempre aquelas que reagem à mudança social.

As implicações mais importantes decorrentes disto são analisadas por Kenneth Gergen (1998) quando empreende uma crítica construcionista sobre a história da ciência e da sociologia do conhecimento, a partir da teoria crítica, da retórica e dos feminismos. Diz que é preciso enfrentar revisões sobre as concepções do real, da racionalidade e da relatividade em troca do compromisso com a mudança nas estruturas sociais.

A crítica construcionista foi atraente para muitos grupos cujas vozes foram marginalizadas pela ciência, e para todos aqueles cuja busca de igualdade social e justiça foram contrariadas por outras autoridades já existentes. Essa crítica não somente serviu para nivelar as condições equitativas de concorrência discursiva, mas também abriu as portas para a política e a crítica moral da autoridade da estrutura existente (p.174).

À luz deste pensamento, outras críticas são realizadas, em correlatos próximos à modernidade, assim, são bem-vindas as ideias de Santos (2002) ao considerar a falácia presente na globalização. O autor considera que o determinismo económico e político são muito seletivos em relação à forma como o discurso globalizante chega aos países ditos de “terceiro mundo”, produzindo geometrias assimétricas que emperram a possibilidade de transformação social.

Tal entendimento e influências da modernidade e da globalização do ponto de vista dos indivíduos são considerados pelo autor Simmel (2006) como mantenedores do *caráter enigmático* próprio as mudanças de pensamento presentes na era moderna e que promove alterações, inclusive psicológicas, nos ideais de liberdade e igualdade no eixo da coletividade. Os conflitos não estão mais dirigidos para a constituição subjetiva, mas para as possibilidades de construção do indivíduo como *representante* da humanidade. Como se fosse mesmo possível a constituição de “sujeitos universais” com qualidades bem guiadas pela moralidade nas relações humanas.

De modo contrário, os feminismos contextualizados na modernidade, sendo teorias de crítica às estruturas binárias, perseguem a redignificação da subjetividade e do sujeito. Esquecendo, para isso, as noções unitárias de mulher ou mesmo uma identidade de gênero feminina, com diversidade e, sobretudo intensa pluralidade, inclusive metodológica (Macedo & Marques, 2003) e multireferencialidade que situa a mulher no contexto sócio-histórico-cultural. Estando nestes domínios o fato de que “não podemos esperar sair deste círculo a não ser na condição de descobrirmos uma estratégia prática capaz de efetuar uma objetivação do sujeito na objetivação científica” (Bourdieu, 1999, p.05).

O fato é que lutando contra os paradigmas estáticos da ciência, os feminismos criticam as estruturas da sociedade que restringem o pensamento científico com base na atuação dos movimentos sociais. A partir daí propõem a busca da razão de constituição dos sujeitos. Seguem rejeitando a análise das questões feministas a partir do ponto de vista do binaríssimo sexo *versus* gênero, masculino *versus* feminino, defendendo a intercambia idade destas categorias do ponto de vista crítico. Neste sentido, o desafio encontra-se nas formas de valorização do feminino que recusa a ideia universalista, a cultural e a histórica como solução para a crítica pós-moderna à ciência.

Nesse caso, a rutura com o pensamento anterior ocorre durante a compreensão de que *a mulher transforma o mundo ao mesmo tempo em que faz parte dele*, pois deste modo pronuncia a necessidade de mudança na estrutura da sociedade. O discurso, pelo fato de existir, não é mais suficiente para processar estas transformações, nem somente a formulação de leis públicas. É preciso ir além, havendo uma transformação que ao mesmo tempo modifique as esferas da sociedade, as pessoas e a ciência.

Uma relação cujos termos: “feminino” e “masculino” ganham novas dimensões, e se constituem obra original de identificação e transmutação dos valores (acima de tudo, corporais)

em arquétipos de transformação social. Sendo assim, as mulheres não são vistas como seres que se mantêm sempre as mesmas, estáticas, mas cujo existir consiste em *identificar-se* reencontrando a força da sua identidade narrativa através do que lhe acontece quotidianamente (Lévinas, 1980). Nestes termos, o corpo, e não a subjetividade passa a ser desejo de completude diante das especificidades pós-modernas ³⁰.

Ao processar a ciência nestes domínios, os feminismos pós-modernos rejeitam a ideia de que “as mudanças sociais dependam primeiramente da descoberta, e posterior alteração das estruturas subjacentes da sociedade” (Nogueira, Neves & Barbosa, 2005, p.05). Refutando as suposições epistemológicas que tratam a realidade como algo inerte, todavia sem nenhum tipo de influência na determinação do objeto de conhecimento dos tipos de ciência. Estas noções encontraram ressonância no objetivo desconstrucionista que invadiu o cenário académico nos anos 60, na Europa, quando os feminismos passaram a legitimar os fatores sociais e culturais como sinónimos da pluralidade e de expressão da luta feminina. Como adverte Macedo (2006):

Afirmar a existência de um feminismo ‘global’ sem atender a diferentes ‘localizações’ espaços-temporais seria no mínimo paradoxal, pois significaria reconhecer a entrada num mundo pós-feminista sem nunca termos ‘globalmente’ conhecido um mundo feminista. Vivemos tempos de feminismos plurais, porém, não (e infelizmente, se bem entendido), de pós-feminismos (p.816).

Incluso, o momento nos permite dizer que temos que ter cautela na análise do que muitos autores colocam como a era “pós-feminismos” no sentido de defenderem que os feminismos não são necessários aos tempos atuais (Bard, 2000). Nisso concordamos com Falcón (2001) quando afirma que a maior parte das mulheres, além das sociedades, deixa-se manipular por informações e imagens embaçadas transmitidas pelos meios de comunicação de massa que possuem o interesse de persuadi-los no sentido de criarem a imagem de que os feminismos estão fora das pautas das discussões “modernas”, sendo fruto dos anos 70, portanto, ultrapassados.

De modo contrário, os feminismos na modernidade em tempos de globalização contribuem para o desenvolvimento de “uma linha de pensamento que está centrada na

³⁰ Desse ponto de vista existe o reconhecimento do papel que cumpriu as categorias “sexo” e “gênero”, nas fases anteriores, mas também a crítica de que tais conceitos levaram à ciência a busca de respostas muito simples para questões complexas (Vicente, 2002). Do mesmo modo como não se advoga a renúncia da diferença cultural, mas se questiona o motivo pelo qual existe superioridade entre homens e mulheres.

construção genderizada de uma ciência moderna” (Oliveira & Amâncio, 2006, p.560).

Defendemos, então, uma mudança de paradigma que seja atuante mais do que uma simples mudança de atitudes; sendo claro que o equilíbrio entre homens e mulheres interfere nas dimensões da sociedade no sentido de facilitar a garantia de liberdades sociais (Magalhães, 1998). Dito isso, partimos para a maneira como as representações corporais são vistas no interior destas discussões, inaugurando a segunda parte deste primeiro capítulo.

1.2. Representações sobre o corpo feminino

Sabendo que historicamente tanto as mulheres como também os homens foram vistos como variantes da mesma fisiologia, quer dizer, ela inferior e ele superior (Bourdieu, 1999), podemos reconhecer nas ciências humanas e sociais a perspectiva de que o substrato “corpo” resulta numa série de construções psicossociais que vão se delineando em torno do mundo social e das realidades locais que abrigam as populações.

Para além de uma óbvia explanação teórica, temos a partir de agora a missão de demonstrar que para os feminismos, sejamos mulheres ou homens, incorporamos estruturas sólidas que se abastecem no cenário social e que são impregnadas da ordem masculina. Este alfabeto de imbricações se acha presente nos nossos pensamentos e comportamentos que resultam na historicidade da vida humana; não subjaz, portanto, as relações sociais de gênero; nem poderiam, conforme defendem os feminismos.

Não sejamos inconsequentes em achar (e/ou defender) que sair deste círculo voltado para o pensamento bio logicista seja fácil, mas devemos conceber que encontrar estratégias que ultrapassem a dicotomia sujeito-objeto já é um começo para uma não incorporação da dominação patriarcalista. Sendo possível pensar numa ciência capaz de reinventar as formas de mudança, através da utilização de metodologias que levem o indivíduo a transformar sua vida, transformando, progressivamente, toda a sociedade.

Assim, pode-se imaginar que as representações do corpo e seus movimentos no cenário social funcionam como uma máquina que detém princípios de comunicação e códigos culturais quase sempre implícitos à ordem vigente. Em relação ao corpo, afirma Bourdieu (1989) que é necessário “redescobri-lo onde ele se deixa ver menos, onde ele é mais completamente ignorado, portanto, reconhecido” (p.07). Nisso, os feminismos são potentes por trazerem à tona as ideologias presentes nas representações corporais já que estas emergem no *intervalo* das

relações de poder entre homens e mulheres.

Por sua vez, e, além disso, mostrar como a corporeidade humana espelha-se na mulher é demonstrar os diferentes estágios da sua existência, sendo algo que não está de forma exclusiva na consciência, na cognição ou no comportamento. Apresenta-se, ao contrário, nos vultos desiguais da opressão do feminino ao longo da história, bem como na estória inacabada da sujeição dos corpos à cultura.

Nesse caso, contudo, espera-se que uma crítica feminista às teorias do corpo possa identificar-se com um corpo anatômico real que possui diferenças socioculturais e reflete as sociedades materiais como um objeto que é construído na exterioridade dos indivíduos.

Imagina-se que o corpo feminino é aquele que cria sua identidade na relação com o outro, no imaginário coletivo que assentam as bases para sua discriminação; mas também para a reintegração do prazer de ser homem, ser mulher, fugindo aos padrões estéticos que massificam a experiência corporal tirando seu aspeto tangível.

Interessa-nos perceber as representações corporais produzidas numa correlação de forças e distribuição desigual de poder entre homens e mulheres, tendo o simbolismo como uma “arena” depositária dos sinais desenvolvidos por meio da linguagem e do uso que fazemos dela. Esta, por sua vez, não se entrega ao viés linguístico, mas encontra formas de moldar o psiquismo anunciando também novas mudanças sociais.

Assim, acreditamos que uma análise moderna sobre os corpos femininos acha-se sob a perspectiva constitutiva da esfera simbólica do mesmo modo como a diferença entre os sexos biológicos nutriu o início do movimento feminista. Acerca disto, o que acontece na atualidade é uma quebra das tendências binaristas presentes nas relações de gênero, desconstruindo os paradigmas patriarcais, que tanto nós feministas falamos, mas também a visão heterossexual da ciência; relacionando-a a política e a filosofia.

Ao mesmo tempo a crítica as proposições universalistas, além da busca de uma nova ordem simbólica, exige o repensar da subjetividade corporal numa visão de que o corpo não é sinônimo de impessoalidade e irracionalidade. É, ao contrário, uma rede de significado que contribui como representatividade corporal daquilo que somos enquanto realidade da vida cotidiana (Berger & Luckmann, 1985).

Numa primeira instância, as abordagens teóricas e os autores que se dedicaram ao tema pareceram apresentar uma visão limitada do corpo, no sentido de colocá-lo imerso no discurso teórico, biológico ou bio logicista, sem extensões ao trabalho prático. Porém,

percebemos que se trata de um tema “antigo”, que está presente no início da história da humanidade, mas também “atual” por absolver de maneira ativa as certezas e interrogações da modernidade ³¹.

1.2.1. Condicionantes históricos e culturais das representações sobre o corpo

O interesse nesse tema parte da necessidade de organização teórica das ideias que foram sendo desenvolvidas ao longo da história da humanidade sobre o constructo corpo; mesmo que as mesmas estejam (in) diretamente colocadas por teorias que fundamentaram o desenvolvimento da ciência no tema corporal. Tendo a certeza de que foram construídas mediante ideologias presentes no cenário cultural e histórico próprio das sociedades locais.

Nesse sentido, as preocupações sobre o corpo não são recentes na ciência. Pelo contrário, existem registos que vão desde a concepção do corpo como invólucro da alma, até uma variável fonte de interpretações culturais a partir das eras da humanidade. Sobre isso, Vigarello, Courtine e Corbin (2008) afirmam:

É este mundo dos sentidos e dos meios, dos ‘estados físicos’, que restitui uma história do corpo; mundo que varia com as condições materiais, os modos de habitar, os modos de garantir as trocas de fabricar objetos, impondo modos diferentes de experimentar o sensível e de utilizá-lo; mundos que também varia com a cultura, sublinhando como nossos gestos mais ‘naturais’ são fabricados pelas normas coletivas: modos de andar, de jogar, de gerar, de dormir e de comer (p.07).

Para os filósofos gregos o corpo era visto como sinónimo do mundo animal, capaz de refletir os impulsos e instintos de forma direta. Tal visão reducionista, e extremamente limitada sobre o corpo, nutre nas pessoas a ideia negativa que cultua a mente como parte privilegiada do organismo, reservando ao corpo a tarefa de invólucro imediato da alma.

Em seguida a história retrata o corpo como uma máquina, que possui raízes cartesianas, sendo impossível imaginarmos uma perspetiva corporal diferente desta até o início do século XVIII. A representação destes pensamentos traz a imagem de que para os indivíduos

³¹ Urge a apresentação de um conhecimento situado na história e no tempo para que a partir daí possamos compreender algumas interrogações que surgem na práxis da psicologia social latino-americana e que serão exploradas de forma direta ao longo do capítulo 03.

os cuidados com o corpo devem estar voltados para a devoção a deus e a religião, estando o corpo das mulheres vinculado a um bem material que deve ser cuidado, domesticado, por assim dizer, pelos homens e a própria igreja, caso contrário, tornar-se-ia profano.

Em momentos históricos seguintes, temos uma renovação das teorias corporais que utilizam a filosofia, a fenomenologia e a sociologia crítica como referências para a análise do corpo no seio da cultura e da própria história da humanidade. Saímos, então, de vertentes potencialmente bio logicistas para reflexões no seio da cultura, mudando com isto, as formas de pesquisa nas ciências humanas e sociais. A passividade corporal passa a estar recheada de criticidade e traduzem os aspectos socioculturais e históricos que conduz o corpo a dinâmica subjetiva e de ação no mundo. Como afirma Merleau-Ponty (1999):

O corpo não é inerte como uma coisa [...]. O corpo humano não é determinado por suas funções biológicas. Ele transfigura seus poderes naturais em atividades que excedem a pura manutenção da vida. Isso se dá pelo fenômeno da expressão, do qual o corpo é sede e origem (ele não é somente um espaço expressivo, mas o próprio movimento de expressão (p.69).

Desta discussão surgem inúmeras ideias que caracterizam novas concepções do corpo, proporcionando uma característica de movimento à linguagem corporal passando a considerá-la como um *centro de informações e de conhecimento* que dependendo das formas de análise pode influenciar as relações interpessoais (Weil & Tompakow, 2003). Entretanto, mesmo com certo avanço histórico e cultural sobre o corpo, o que podemos perceber é que essas mesmas teorias buscam definir tipologias de compreensão corporal que o concebem como sustentáculo passivo mediante as influências modernas. Limite que obviamente buscam ultrapassar.

A importância de discutirmos de forma crítica a influência da história diante do corpo relaciona-se, também, com a ideia de que apesar dos avanços teóricos parecerem ter ultrapassado noções bio logicistas sobre o corpo, muitas mulheres, sem exclusão das próprias feministas, se contentam em reproduzir ideologicamente que temos obrigações com a estética corporal, sendo isso suficiente para uma nova visão do corpo feminino.

É aí que nos posicionamos de forma aberta para entender, por exemplo, que a cultura reproduz símbolos de cunho patriarcalista sutis, mas que na verdade escondem as preocupações sedimentadas desde a época da criação do mundo. Tanto é assim que na atualidade uma mulher que parece estar “descuidada” na sua aparência corporal não por acaso

é questionada sobre sua identidade sexual, como se o corpo tivesse um padrão de comportar-se através das imagens que o definisse claramente, e até de forma fácil, naquilo que as emoções femininas possuem como subjetividade.

Neste momento também temos a oportunidade de trazer aspectos considerados positivos na compreensão do corpo feminino do ponto de vista histórico. Entre eles o mergulho na dinamicidade que se assemelha a certa manifestação cultural polissêmica e diversa, mas que contribui diretamente para novas abordagens corporais. Esse debate no seio da modernidade reveste-se de uma natureza instrumental que é compreendida como produtora de um discurso que leva o corpo aos sinônimos de “saúde”, de “inteligência” e de “vitalidade”, aperfeiçoando-se nas técnicas que “garantem” juventude.

Nisso vale todos os esforços, todos os recursos, oxalá financeiros. Esta cisão é considerada, por Suassuna e Azevedo (2007: p.102), como um “desenlace simbólico de valores agregados ao homem por meio do inexplicável” no reforço a uma compreensão que relembra ao corpo sua ligação inexorável com a natureza. O que por si só é edificante, benéfico, porém não no sentido limitador.

Atestamos que na maioria das vezes para as políticas públicas, por exemplo, o corpo é visto como um acumulador de saúde ou de doença, que pode ou não avançar enquanto individualidade, posto que configure múltiplos dados subjetivos que fazem jus a experiência corporal como produtora de sentidos e significações. O que leva Chammé (2002) a afirmar que o corpo não necessariamente deve ser ditado pela “exclusividade do acometimento biológico, mas pelas condições culturais e simbólicas que configuram sua ampla e complexa identidade”.

O que apostamos aqui é na imediatez da constituição do corpo biológico que é capaz de ir além da anatomia (Claramunt Vallespi, 2002), indo à busca de uma sociedade mais justa e humana. Nestas condições, fica estabelecido um processo de interpretação histórica sobre os determinantes que constituem a corporeidade dos homens e das mulheres – foco dos feminismos, ou seja, um setor que ao mesmo tempo debate de forma crítica o processo de subordinação/dominação ideológica corporal, mas que às vezes detém a capacidade das mulheres nas sociedades dissolverem os esquemas autoritários que congestionam as formas mais simples de liberdade.

Jorge Goia (2007) refere que a psicologia de uma forma direta exclui o corpo a partir da preposição que nega a afetividade e exclui o corpo como recurso espontâneo de apreensão da existência humana, não devendo ser por isso considerado somente como um recurso

terapêutico vinculado as muitas abordagens psicológicas, mas que a ciência o considere “a partir de uma pedagogia de corpos políticos que se afetam e mudam as relações gerando sempre imprevisibilidade e alternativas” (p.109).

Tal abordagem nos ajuda na construção da ciência longe dos padrões dualistas que consideram o corpo das mulheres como máquinas de prazer aos homens (Varela, 2008, Carballo, 1999). Desse modo, um novo projeto para a ciência psicológica deveria trazer em si a perspectiva de discussão dos aspetos sociopolíticos inerentes ao corpo, não somente questões relativas à sua materialidade, mas no nível da inconformidade ou da recusa as projeções mentais que são asseguradas por algumas escolas psicologistas.

Aqui é importante refletirmos sobre o que Isaac Prilleltlesnky (1989) pontua, ou seja, que uma suposta *neutralidade* a favor das influências ideológicas dentro da nossa profissão tem dificultado um exame profundo da interação entre a psicologia e as forças sociais. Isso faz com que haja uma espécie de formatação acrítica relativa aos métodos e técnicas da disciplina, principalmente no cenário social-comunitário. O autor prossegue afirmando que:

The penetration of the prevalent ideological influences in the realm of psychology knowledge often results not only in an uncritical acceptance of the status quo but also in an active endorsement of it (p.795).

Mesmo antecipando as discussões do capítulo 02, o que nos interessa agora é ir tornando claro que para qualquer das duas análises propostas até agora, feminismos ou sentido corporal, é importante ter olhar crítico para questionar a validade pretensamente universal dos dados empíricos que são tidos como comprovações no cenário científico, além da análise da relação de poder inclusas na produção do conhecimento psicológico (Fryer, 2008; Fox, 2008; Prilleltlesnky, 2001b; Prilleltlesnky, 1997)³².

1.2.2. Estudos teóricos sobre o corpo e a corporeidade humana

Uma verdadeira explosão de estudos sobre o corpo invadiu as ciências sociais e humanas nas últimas décadas com objetivo central de envolver as pesquisas em novos temas.

³² Tal ideia tornar-se-á mais clara na medida em que conhecermos os principais autores e teorias sobre o corpo e seus símbolos – como veremos nos próximos itens.

Alguns autores (Almeida, 1996; Thompson, 1995; Morgan, 1988) compreendem que a subjetividade humana está localizada no corpo que por sua vez não estaria limitado a refletir temas da sociedade ou mesmo pessoais. Quando se fala nesses estudos encontramos posições teóricas que o coloca como matéria-prima, defendendo a ótica de que a cultura molda e inscreve o corpo de modo a criar subtis diferenças (Almeida, 1996). Isto implica dificilmente o encontrarmos no seu estado natural propriamente dito, mas sempre em relação.

Trata-se de uma ferramenta que auxilia os homens a moldarem sua história, bem como é o cenário ultra real onde percebem o mundo de maneira concreta consignando seus mapeamentos culturais. Daí, Almeida citado por Giddens (1996) afirma: “O corpo é um terreno privilegiado das disputas em torno de novas identidades, quer na preservação de identidades históricas, da assunção de híbridos culturais ou das contextualizações locais de tendências globais” (p.24).

Assim, a compreensão da corporeidade humana envolve aspectos quotidianos nas representações simbólicas que conduzem os indivíduos a vivenciarem sua existência como fenômenos socioculturais. Até porque toda existência, antes de qualquer coisa, é corporal. Através da materialidade do corpo os homens transmitem aos demais aquilo que são em essência, suas ações quotidianas, necessidades e desejos. Transmitem, ainda, uma série de valores, crenças, opiniões e ideologias compartilhadas na coletividade (Breton, 2006).

Porém, cada gesto, cada sensação ou maneira de expressar os sentimentos do ponto de vista corporal, são moldadas socialmente, mesmo quando são vividos de modo individual. Não há nada na gênese corporal que não seja influenciado pela sociedade, ou seja, aprendemos uma determinada forma de expressão do corpo através do contato com as pessoas como um fator de individuação corporal. Quando se fala do corpo nestes termos, dizemos também que a existência e a expressão corporal são apreendidas. Sendo o corpo uma matéria-prima que vai moldando as ações e lhes dá sentido e significado ao mesmo tempo em que é capaz de limitar a experiência física como construtora única do psiquismo humano.

A partir de reflexões críticas como esta, surge um novo objeto de estudo para a ciência. A cultura, a sociedade e a própria história como elementos diretos de análise da expressão corporal com tendência a descoberta dos nexos que redefinem a lógica sociocultural que nele se propaga. Procuram-se as características históricas que transformam o homem em produto e produtor das qualidades do corpo, sendo ele mesmo resultado da inter-relação com

outras pessoas³³. Sobre isto, Alves (2003b) afirma que: “os feminismos denunciam as manifestações do corpo das mulheres e a violência a que é submetida, tanto àquela da agressão física, como a que o coisifica enquanto objeto de desejo e de consumo” (p.60).

Disto resultam elementos sócio etnológicos de análise dos meios de exploração do feminino, posto que o corpo seja realidade que se depara com valores das sociedades, muitas vezes sem distinção entre corpo-mercadoria e corpo-humano. Com isso, é tarefa das ciências humanas, compreenderem o corpo social considerando suas estruturas simbólicas representações e limites³⁴.

1.2.2.1. Principais teorias e autores sobre o simbolismo do corpo

A Escola Hermenêutica Compreensiva³⁵ propõe a análise do conhecimento sobre o corpo voltado para a compreensão do sentido da realidade (Ortiz-Osés, 2003). Afirma que o simbolismo corporal é algo que não só diz (significado) algo, mas também quer dizer (significação) um sentido reinterpretativo para os indivíduos. Em outras palavras, a chave para a linguagem corporal estaria não na utilização que os seres humanos realizam do corpo físico, mas, sobretudo no uso da linguagem ontológica presente no corpo que parte da conjugação dos homens no mundo e vice-versa.

É uma ideia que prioriza a compreensão das coisas a partir da emoção humana no sentido hermenêutico, não banalizando os corpos como instrumentos de sobrevivência. Justamente essa identidade corporal é considerada, por autores como Vieira (1999), *a terceira dimensão do ser*, sendo um dinâmico e não somente uma estrutura anatômica porque se constitui como “processo inacabado que se alonga prospectivamente no projeto de identidade cultural, psicossocial e interpessoal” (p.39). Daí, falamos de complexidades dialéticas com trajetórias similares que produzem diferentes identidades.

A partir disso, cada ser humano transforma o seu corpo naquilo que quer e ainda não é. Surge, então, um projeto de existência que sendo humano é também corporal, posto que mediado pela mudança que transforma as pessoas e as constituem como referências para as

³³ Porém, sem confirmar o reducionismo científico que elege o modelo biológico como explicação única para os fatos sociais.

³⁴ Empreender uma análise como esta requer considerar de modo crítico os principais autores e escolas que mencionam o corpo ou a expressão deste, a partir de um arcabouço teórico definido. Tal discussão será alvo dos próximos itens.

³⁵ Considerada como desenvolvimento científico de uma filosofia crítica interpretativa que trabalha o simbolismo entre a ideia aristotélico-tomista e o pensamento hegeliano.

mudanças nos corpos coletivos. Do mesmo modo, “o indivíduo acede à consciência de si por diferenciação do outro e assimila a identidade de grupo, que designa e identifica como seu” (idem). Porém, ao nos apropriarmos do corpo como produto da mudança social é evidente que atravessamos uma multiplicidade de códigos linguísticos, crenças, valores, opiniões, mais ou menos universais que nos destinam a identificação multicultural que por sua vez é absorvida de forma indireta pelo sentido corporal que integramos no cotidiano ³⁶.

Tal linguagem simbólica “é gerada pela emotividade e não pela racionalidade dos códigos linguísticos” (Assunção, 2008, p.140), e por isso mesmo, sedimenta-se de forma tão potente, sendo capaz de potencializar várias decisões que nascem na esfera individual, mas não estão limitadas a ela. Daí, os corpos demonstram uma proximidade emotiva com os signos que a humanidade criou, não só no cenário pós-moderno, mas desde os tempos antigos. Estes, por sua vez, adquirem expressões na trajetória da vida e contribuem para a decodificação do mundo real em vários sentidos compartilhados na coletividade.

As pessoas, neste domínio, se constituem como ícone a partir da capacidade de expressão das tradições de um povo quer seja através da palavra oral ou escrita, das danças, dos artefactos, dos lugares construídos, ou nos movimentos sociais e políticos. O que importa é saber que tudo isso possibilita aos estudos sobre o corpo a concretude que nos dias atuais podemos observar. Existindo uma lógica subjetiva que está presente no que compreendemos como simbolismo corporal para a hermenêutica compreensiva.

Não obstante, o corpo está na fronteira de diversas áreas do conhecimento, não sendo, em certo sentido, propriedade de nenhuma delas. É, portanto, espetáculo e plateia de um mesmo cenário cultural que se concretiza no quotidiano dos grupos sociais. Se esta afirmação é verdadeira, possui força diante das representações corporais ao longo do desenvolvimento da humanidade, como reafirmamos agora há pouco.

Não é algo estático, ao contrário, situa-se na dinâmica da vida humana como elemento central e desafiador que transpassa a história ao longo das gerações. Criando uma heterogeneidade que pode ser objeto de libertação ou de alienação, de desejo ou de castigo, de ambição e de poder. Instrumento de todos simbolicamente, mas domínio de poucos no uso das ideologias e técnicas corporais expostas na atualidade.

Diferentes desta forma de pensamento hermenêutico, outras correntes afirmam que toda expressão corporal é sempre aprendida (Almeida citado por Mauss, 1996) em um sentido

³⁶ Falamos da Escola Hermenêutica, representada por Heidegger (Livro: Ser e o Tempo) e Gadamer (Livro: Verdade e Método).

exato de influências da sociedade em relação ao indivíduo, e não vice-versa. Este corpo social direciona, por assim dizer, a forma de percepção e de aprendizagem do corpo físico em um movimento de submissão corporal contra a posição simbolista anterior, sendo Marcel Mauss o principal representante desta forma de pensamento.

O autor acredita que o corpo é ao mesmo tempo instrumento utilizado pelos homens para moldar o seu mundo e as suas substâncias originais, como uma espécie de matéria-prima que nunca pode ser encontrada no seu estado original. Isto porque Mauss também defendia a ideia de que nosso corpo é social e capaz de limitar a percepção que possuímos do mundo físico. Falamos de um sentimento de vivência em coletividade que somente é possível através dos dizeres do corpo, transferindo à intersubjetividade um aspecto central, tal como defende esta visão teórica.

Sendo necessária a transmissão de regras e normas sociais para a garantia das condutas corporais, através das ações humanas. Temos, ainda em Mauss, o conceito de *Habitus* imortalizado por Pierre Bourdieu. Havendo a descentralização das estruturas mentais e cognitivas como resultado da repetição de práticas corporais inconscientes atuantes na determinação cotidiana da vida corporal dos indivíduos e dos grupos sociais nas esferas do cotidiano (Almeida, 1999; Bourdieu, 1997; Nye, 1993).

Em contraposição, autores como Anthony Giddens (1982), fazem uma crítica às ideias de Mauss e consideram o corpo não apenas como entidade física, mas um sistema de ação e reinserção prática que absorve e transforma as narrativas cotidianas de vida. Para tanto, compreendê-lo a partir da sua postura, dos seus regimes e aparências é descentralizar a construção cognitiva (e emotiva) do conhecimento e significá-lo ao lado da construção de um simbolismo capaz de sedimentar prática importante no cenário comunitário e para os profissionais que atuam neste eixo social.

O autor contribui com reflexões sutis sobre intimidade corporal e a perspectiva do alcance da democracia como sinônimo de democratização da vida pessoal. Sua fonte de estudos é a gênese dos relacionamentos “puros”, não somente na área da sexualidade, mas, sobretudo, nas relações de parentesco, amizade e entre familiares. Faz ao mesmo tempo pretensas considerações para defender que a transformação da intimidade diz respeito à divisão entre os sexos, mas não se limita a análise ingênua destas polaridades. Sendo clara sua afirmação:

A transformação da intimidade reclama por mudanças psíquicas e também por mudanças sociais, e essas mudanças, partindo de 'dentro para fora', poderiam potencialmente se ramificar através de outras instituições públicas (1993, p.200).

Há nestes termos, explícitas referências ao contexto sócio histórico e cultural de formação (e transformação) corporal que revela o fim da dualidade mente *versus* corpo ao afirmar que a estruturação simbólica é sempre transmitida de geração para gerações na estruturação de práticas e representações vividas em coletividade ³⁷.

Um terceiro autor importante nos domínios corporais é Pierre Bourdieu que enfatiza, sobretudo, que a “linguagem corporal exprime mais facilmente as coisas do que as relações, e os estados do que os processos” (Bourdieu, 1982, p.33). A partir daí defende que as atividades históricas do homem nas diferentes sociedades não estão nas ações objetivadas na realidade, nem mesmo nas instituições, mas na história encarnada nos corpos e nas relações que estes mantêm com os sistemas sociais.

Embora perceba que o próprio corpo está contido no mundo social, o autor afirma que é a incorporação do “social” realizada pelo corpo físico que fundamenta de forma direta a presença das pessoas no mundo imagético. Complementa suas ideias afirmando que a exclusão (ou inclusão) do corpo neste processo é também forma de alienação dos grupos menos favorecidos socialmente.

Não podemos deixar de mencionar que Bourdieu traz uma ligação teórica entre o corpo social, na perspectiva da intersubjetividade humana, e as noções de corpo defendidas na antropologia, no cognitivismo e na fenomenologia. Embora ultrapasse o dualismo da estrutura mental em correlação com o mundo dos objetos do qual o corpo real faz parte, proposto na teoria de autores como Lévi-Strauss.

Com isto, objetiva acabar com a dualidade corpo *versus* mente e signo *versus* significante através do conceito de *habitus* (Almeida, 1996) que envolve diretamente a concepção corporal como imersa num sistema de disposições duradouras que incluem as ações no mundo e a estruturação das representações mentais, incluindo a simbologia corporal.

Porém, seu principal discurso sobre a noção de *habitus* nos remete a críticos que se manifestam no sentido da imobilidade do termo, posto que “sustenta a explicação de uma sociedade nas suas estruturas” (Certeau, 2003, p.126). Ou melhor, teoriza sobre elas como o

³⁷ Estando a maioria das pessoas nos dias atuais aptas a escolher quem são seus parentes e quais estarão compartilhando suas vidas.

modo de geração das práticas sociais. Isto inclui as expressões corporais como formas de interiorização das estruturas. Corre-se o risco de transferir ao *habitus* um lugar de dogma com valores heurísticos que deslocam as possibilidades de pesquisa nas questões corporais.

Por outro lado, Merleau-Ponty (1999) caracteriza os indivíduos como corpos sociais e corpos físicos. Defendendo, sobretudo, a ideia de que o corpo “vê” e “é visto”, é disto que resulta a imagem corporal. Partimos, então, da ideia de intersubjetividade que se reproduz na ação dos indivíduos incorporados, negando a um só tempo a dicotomia mente *versus* corpo. O autor propõe que os seres humanos são corpos e os corpos são seres agindo no nível sensório-motor, comunicativo, sensível e inteligente.

Defende a perspectiva de uma estrutura intersubjetiva presente no cotidiano das pessoas, diz ainda que os corpos possuam a propriedade de agir e sofrerem ações humanas. Há importantes implicações teóricas e metodológicas nestas concepções, posto que assim o corpo social não possa (nem deva) estar dissociado como objeto de estudo. Antes, diz que a incorporação da simbologia corporal não deve ser vista como único aspeto na base da experiência sensória e emotiva da humanidade.

Ao falarmos de Reich (1932), vemos que a armadura que a pessoa desenvolve para se defender contra perigos internos e externos, encontra-se na estrutura corporal na forma de uma rigidez que recebe o nome de *couraça muscular*. Esta por sua vez existe como resultado de um alto custo psíquico. O autor questiona (Giddens apud Reich, 1993, p.153): será a sexualidade a chave para a civilização moderna? Propondo com isso a ideia de um método³⁸ terapêutico que inclui a redistribuição de forças psíquicas que subjagam o indivíduo nos aspetos do seu caráter.

Reich acredita que existe condições sócia ambientais que contribuem para as pessoas bloquearem suas energias do ponto de vista motor, que por sua vez passam a ser convertidas em inibições interpessoais. Incluindo a inibição dos impulsos sexuais que passam a vir à tona de maneira compulsiva e desordenada. Há, portanto, uma crença na sexualidade como ponto de convergência corporal de acordo com as representações psíquica que lhes correspondem.

Diferentes de Reich existem autores que defendem a emancipação social como sinônimo da primazia do prazer que é diferente de hedonismo. Entre eles, encontramos Marcuse (1947) que afirma a importância de uma resexualização dos desejos corporais, a partir do

³⁸ Reich defende a utilização de programas de relaxamento com massagens para a dissipação da tensão corporal com objetivo de “atravessar a armadura do caráter neurótico” (Breton, 2006, p.148).

resgate ontológico e do significado original presente no erotismo. Sustenta desse modo uma mudança evolucionária na estética corporal (Giddens, 1993), tendo a mulher um papel de destaque nesse processo.

Porém, tanto Reich como Marcuse acreditavam que as sociedades modernas dependiam de um nível maior de repressão da sexualidade; sendo ambos utilizados com empolgação por uma parte do movimento feminista, embora não haja em nenhuma das duas teorias, achados específicos sobre as relações sociais de gênero. Havendo dizeres sobre como as relações afetivas influenciam a ordem social moderna.

Por fim é bastante divulgada a obra de Foucault (1923) sobre a sexualidade. Inquirindo reflexões sobre como a sociedade moderna necessita da formação de corpos “dóceis” para controlar e regular a vida das pessoas. O autor acredita que o significado corporal da nossa existência não deve se limitar somente a este aspecto deve ir adiante, numa luta pela liberação sexual. Quanto a isto fala que “a invenção da sexualidade foi parte de alguns processos distintos envolvidos na formação e na consolidação das instituições sociais modernas” (Giddens apud Foucault, 1993, p.31).

Sua teoria também obtém destaque no momento em que começa a produzir uma série de textos distinguindo a sexualidade considerada normal dos seus domínios patológicos. Chegando a afirmação de que a própria sexualidade é um produto social, haja vista a grande repressão do prazer orgástico pelas mulheres, primazia dos homens nos deleites corporais. Antes disso, analisa as implicações que a política transfere ao corpo na elaboração de um corpo doutrinal que interage nas instituições de poder e de vigilância dos indivíduos. Detetando o que ele mesmo denomina de *espaço do discurso* corporal como “gesto epistemológico e social de confinar o excluído para criar o espaço que possibilita a ordem de uma razão” (Certeau, 2003, p.113).

Existem, porém, importantes críticas ao pensamento de Foucault: entre estas temos o autor Giddens que sugere ao primeiro uma limitação ao tema da sexualidade e aos estímulos corporais, relações de poder, discurso e instituições sociais, colocando o corpo como objeto de excitação e prazer. O próprio Michel de Certeau faz críticas a Foucault no sentido de questionar sobre a ordem do poder e a influência do saber das relações e dos dispositivos que marcam as ideologias delimitadas por este no cenário social. Em certo sentido uma análise dos aspectos corporais a partir das tecnologias instituídas nos e pelos discursos.

A revisão destes autores nos leva a concluir algo que foi afirmado no início, ou seja, que as especulações sobre o corpo não são novas. Entretanto, nos interessa perceber de que maneiras os feminismos percebem o simbolismo do corpo. Desafio do próximo item a partir da revisão crítica destas (e de outras) importantes teorias e que a preocupação com a imagem da mulher como "objeto para la mirada del hombre para um deseo ajeno en el que se aliena el propio" (Carballo, 1999, p.67), também não.

O leitor atento irá perceber que existem autores dentro das teorias corporais, principalmente filósofos e feministas que ainda não foram citados, por termos feito uma opção didática de fazer uma introdução ao tema neste capítulo para de agora em diante organizar as ideias apresentadas já fazendo uma inter-relação com os feminismos.

1.2.2.2. Significação corporal e vivência feminina

Estas formas históricas de observar o corpo que foram apresentadas até aqui nos remetem à ideia de que a cultura possui uma forma de expressão que se transforma em linguagem cotidiana inteligível para determinados grupos psicossociais. Podendo esta ser relacionada com a instauração do simbolismo corporal sob a lei da escrita, da metáfora e dos signos, tanto do ponto individual como coletivo (Certeau, 2003). Partindo daí, cabe aos feminismos a construção da significação corporal em diferentes etapas da existência (Assunção, 2007); sem que recorra a modelos dicotômicos, embora os idealize de forma didática como subsídio para compreensão da expressão feminina.

Existe, então, uma corporeidade que possui aspectos biológicos e anatômicos que são perpassados pela linguagem corporal, indo além da simbolização, que por sua vez é capaz de gerar uma nova identidade humana. Surgindo como uma utopia, uma idealização imposta por um desejo que culmina quando cumpre as potencialidades do corpo real. Este processo é de tal maneira forte que podemos falar da subjetivação do indivíduo no interior de um sujeito corporal, estando o corpo a mercê da interpretação alegórica que cada pessoa realiza sobre o mundo que a cerca.

Sendo uma imagem própria que vai se estabelecendo a partir da expressão do corpo, o indivíduo vai delineando o uso de recursos metodológicos para apreensão da significação corporal que se converte em elemento da coletividade, sendo da mesma maneira mediação

entre as configurações individuais e subjetivas. Nos dizeres dos autores González e Furtado (2002) esta vivência corporal permite:

A compreensão da personalidade como sistema em desenvolvimento, comprometida de forma simultânea com a história do sujeito e sua condição social (momentos constitutivos da subjetividade individual) e que permite a construção desta relação inseparável com a subjetividade (pág. 33).

Desta maneira, os olhares feministas sobre o simbolismo do corpo implicariam considerá-lo como propriedade do “outro” e ao mesmo tempo do “eu” que comunica ao mundo a exteriorização dos símbolos e sinais que por sua vez obedecem às influências socioculturais de toda a humanidade. Sendo uma linguagem que é gerada no seio da emotividade e da vivência feminina, deve abrir-se para a ligação íntima com elementos da natureza. Tal perspectiva atesta que a significação corporal está no mundo social, mas o próprio mundo social desenvolve-se através do corpo (Bourdieu, 1982, p.36) que transmite de modo eficaz as relações nascidas no seio da coletividade; sendo os sistemas simbólicos a mola propulsora das mudanças sociais (Domício & Nogueira, 2009) ³⁹.

Autores como Garaudy (1981, p.53) recordam que depois do ano 1968 o que marcou a luta feminista foi à temática do corpo, “pelo domínio das suas maternidades escolhidas (ou recusadas) e pela autonomia da vida sexual”. Não esquecendo a luta por melhores condições de vida e a luta para a expansão do mercado de trabalho feminino com condições igualitárias aos homens.

Mas aqui nos posicionamos de maneira clara no sentido de perceber que não basta ter só a garantia desses domínios, mas ir além e atribuir significação como vivência no sentido de cidadania, fazendo parte do todo em conexão com a vida “na sua relação com os seres vivos, nas dimensões arquetípicas e também ontológicas” (Toro, 1991, p.03), através de vivências corporais integradoras.

Deste ponto de vista, a concepção humana já não se encontra somente na esfera individual, mas numa teia de interação entre eco fatores para o desenvolvimento integral e holístico da humanidade. Restabelecendo o elo perdido entre a motricidade biológica e a

³⁹ Os símbolos tornam possível o consenso a respeito do sentido do mundo social. Estes sentidos estão condicionados aos poderes sociais partindo de uma lógica intersubjetiva que acontece simultaneamente ao fortalecimento da identidade feminina, a partir das crenças e opiniões das pessoas.

afetividade ocorre à possibilidade de reaprendizagem das funções de expressão do corpo (idem, ibidem); ⁴⁰ momento em que a vivência corporal é soberana de acordo com Toro (1991). É justamente a *vivência* que possibilita um profundo contato das pessoas com seus corpos, sendo:

O ponto de partida da regulação e orientação do ser no mundo, a imediatez do viver, lugar onde a existência adquire sentido por si mesmo ou revela a falta de sentido em procurar um sentido para a existência (p.67).

Com isso, a vivência feminina corporal é possibilidade de atualizar a vida em nós, fortalecendo-nos na grande teia da vida, na vinculação com a eternidade do instante vivido. Torna-se ato naquilo que se nos revela como potência no momento de fusão com o universo. Parte de uma singularidade presente na identidade humana e se realiza a partir da nossa estrutura corporal simbólica, não querendo dizer que está na cena utópica ou adormecida em algumas expressões poéticas dessa nossa narrativa feminina. Mas, vai além e caracteriza-se como afirmação da existência enquanto mulheres e se mantém aberta as possibilidades de troca imersas no ambiente e nas pessoas.

Nesse ponto, as reflexões advindas da hermenêutica sobre o sentido ontológico do ser, como imerso na infinitude da vivência, esclarecem a capacidade de entrega das pessoas através do diálogo com a corporeidade – que em última instância realiza-se na atribuição de verdade àquilo que somos. A linguagem e a produção de sentidos passam a ser elementos importantes que tornam possíveis a significação corporal desde o ponto de vista da vivência feminina (Cascante, 2001). Afastando-a do substrato biológico, ou seja, favorecendo o contato das pessoas com o sentir feminino.

É certo que só compreendemos bem alguma coisa quando sentimos, só depois disso trazemos à consciência o que nos chega através do mundo de sentidos. E mais, podemos prescindir da racionalidade teórica quando nossos interesses não possuem raízes nesse eixo, mas não nos compreenderíamos se não compartilhássemos o dia-a-dia (Vallespi, 2002; Carballo, 1994, Falcón, 2001).

Não que estejamos aqui defendendo alguma espécie de monismo que realiza o esforço de criar metodologias para um “sentir único”, mas o que chamamos atenção dos leitores encontra-se naquilo que a hermenêutica compreensiva considera uma necessária

⁴⁰ Como estabelecimento da harmonia homeostática necessária à manutenção e perpetuação da espécie.

limitação crítica à razão (Almeida, 1998). No entanto, temos ciência de que somente esta abertura do ser para a vivência não é garantia de mudanças no cenário da opressão contra as mulheres. Deve-se ter claro que alcançar alguma forma de diálogo vivencial é antes de tudo quebrar muitas amarras que nos chegam do ponto de vista ideológico com pré-juízos que talvez só pudéssemos conhecer em longo prazo.

São nestes sentidos, então, que dedicamos o estudo da vivência feminina como motivo para a mudança social, principalmente nas sociedades latinas, achando mesmo que a significação corporal é capaz de potencializar o compromisso da psicologia da libertação a partir dos feminismos. Tais temas serão mais bem expostos ao longo das narrativas dos capítulos 02 e 03.

CAPÍTULO 2

BREVE HISTÓRIA DA PSICOLOGIA SOCIAL CRÍTICA

Apresentar de maneira clara as bases teóricas e metodológicas que compõem a psicologia social como área de estudo e formação, não é de forma alguma tarefa fácil. Cobra da pessoa que fundamenta a narrativa um conhecimento sobre a própria história de desenvolvimento da ciência psicológica, bem como suas origens como disciplina e área de ação profissional. Requer, ainda, uma análise crítica da história que ultrapassa as teorias para posicionar-se ao lado dos oprimidos, mantendo um diálogo constante no sentido de inserir-se como mediador/a no processo de conscientização individual e, por fim, coletiva.

Acredito que não poderia, nem deveria ser um caminho diferente, entretanto, o que se passa é a crescente ideia de que compreender a psicologia social é somente estar limitada ao conhecimento de autores e teorias. Pelo contrário, acreditamos que é uma área que ultrapassa os eixos teóricos e apodera-se dos caminhos vivenciais que nos favorece a perspectiva de uma ciência mais justa e comprometida com a transformação psicossocial.

Todavia, sabemos que nem sempre foram claros tais objetivos, principalmente se nos reportarmos para a estruturação da psicologia social no período entre as guerras mundiais, por exemplo. Nessa parte da história o que vamos perceber são características de predição do comportamento humano que passa longe dos princípios éticos, posto que de maneira ideológica contribuiu para o fortalecimento do poder político de poucas pessoas em detrimento das necessidades e desejos de grandes parcelas das populações envolvidas no conflito mundial.

Percebemos, ainda, como o conhecimento de temas cotidianos do ponto de vista psicológico foi alvo de adequações e mau uso na conformação das pessoas sobre as diferenças socioeconômicas existentes entre os países. A história do ensino da psicologia no Brasil (Souza & Filho, 2009) vai reforçando nossas palavras ao mesmo tempo em que vai tecendo perspectivas também claras e possíveis de mudanças que serão demonstradas ao longo da escrita desse capítulo (Guedes, 2007).

Com esse objetivo, consideramos importante iniciar refletindo sobre o contexto de desenvolvimento da psicologia social crítica na Europa e nos Estados Unidos. E para tal intuito, a vivência em Portugal, e um pouco na Espanha, durante o doutoramento foi fundamental para uma visão crítica dos espaços acadêmicos construídos como cenários de desenvolvimento dessa forma de atuação, bem como um maior esclarecimento sobre as perspectivas construcionistas em psicologia social e sua interface com os feminismos (Nogueira, Neves, & Barbosa, 2005; Nogueira, 2001; Gergen, 1985; Guanaes e Japuri, 2003; Castañon, 2004) e com as questões corporais (Carvalho, 2000; Grandesso, 2002). Trata-se de uma área de atuação com perspectivas

emancipatórias diversificadas, além de desdobramentos igualmente importantes em outros países não situados no contexto europeu (Veronese e Guareschi, 2005).

O capítulo prossegue realizando diálogos entre os condicionantes históricos da psicologia social e as principais concepções teóricas que embasam o desenvolvimento enquanto ciência moderna (Parker, 1998; Ibañez-Gracia, 1990; Gergen, 1981; Castañon, 2004), estando a teoria social crítica e o interacionismo simbólico em lugar de destaque nos itens seguintes. Finalizamos a primeira parte com uma reflexão sobre a necessidade do compromisso social da ciência psicológica, posicionando-nos no sentido de atribuir novos significados para a atuação do psicólogo (Estramiana, 1995; Barriga, 1989; Lane, 1984; Lane 1995b; Sandoval, 2004; Montero, 1996; Vala & Montero, 2006).

A segunda parte do capítulo foi aquela que inicialmente seria bastante óbvia já que nossa prática em campo relaciona-se com a libertação das populações latinas com ênfase nos processos identitários e de emancipação humana no interior dos feminismos. Contudo, a complexidade do tema nos levou a indagações consideradas pertinentes já que falamos de uma área do conhecimento científico *relativamente recente* do ponto de vista teórico e metodológico, ainda com importantes (in) definições que se desdobram em posturas às vezes ambíguas no próprio cenário comunitário (Silva, Saraiva, Franco & Domício 2007; Domício, Fernandes, Capiotto et al, 2007c; Domício, 2003).

Talvez por isso, consideramos muito pertinente fazer uma breve reflexão sobre a psicologia comunitária como praxis de libertação, demonstrando de maneira breve as bases epistemológicas que orientam as ações (Nepomuceno, 2008; Ximenes et al, 2007; Martin-Baró, 1997; Montero, 2006; Góis, 1993). Não sem tecer algumas considerações sobre o contexto histórico da América Latina, a pertinência do compromisso e o posicionamento sociopolítico do psicólogo comunitário.

Por fim, e sabendo que vamos retomar uma parte dessas discussões no final do capítulo 03, encerramos com uma discussão sobre a intersecção da psicologia comunitária com os feminismos latino-americanos (Alvarez, 2003; Otto, 2004; Bosch, 2006; Rich, 2002), sempre enfatizando a importância da construção de cenas terapêuticas nos espaços comunitários⁴¹.

2.1. A psicologia social crítica na Europa e nos Estados Unidos

⁴¹ Numa discussão iniciada pelas autoras Conceição Nogueira e Sofia Neves (2004) em relação as violências na intimidade.

Tornam-se essencial no início desse capítulo, conhecer de forma breve quais as principais ideias que estruturaram o desenvolvimento da psicologia social nos Estados Unidos e na Europa, sabendo de suas vertentes: pragmática, no primeiro caso, além da base cognitivista, no segundo. Trata-se de uma área da psicologia que propõe a análise do contexto social como influência maior na construção da personalidade humana.

Com este intuito, utiliza teorias e formas de investigação que estão enraizadas no estudo do comportamento social, através das atitudes, crenças e opiniões; bem como, a maneira como as pessoas reagem às situações quotidianas quando estão em contato com grupos. Daí surge a importância do profissional nesta área compreender a forma como as teorias psicológicas são capazes de modificar o comportamento humano (Gergen, 1973)⁴².

Entretanto, com o passar do tempo a própria psicologia social foi absolvendo o caráter impositivo e, sobretudo, normalizado presente na ciência dita moderna e com um viés que beira o positivismo académico, vai aos poucos engessando suas práticas ao não considerar a relevância dos aspetos sociais a partir da visão dos próprios personagens alvo das ações em psicologia. Além disto, vai também de forma gradativa fortalecendo modos de atuação que se mostram totalmente eficazes para as necessidades do sistema económico vigente, ou seja, capitalista e imperialista; mas não para a conscientização da coletividade (Traverso-Yépez, 2001).

Tal cenário conduz a um movimento de questionamento do viés estruturalista, que a psicologia social levou adiante nos Estados Unidos e estruturou reflexões críticas sobre a retórica cientificista desta área de atuação. Autores como Ian Parker e John Shotter (1990) organizaram publicações com a participação de muitos autores igualmente atuantes na área da psicologia social que questionavam qual o poder que era necessário construir para que a ciência pudesse transformar a realidade social.

Fora isto ao considerarem a psicologia como fazendo parte do rol das ciências sociais, também buscavam discussões sobre a subjetividade humana, numa crítica que semeou temas transversais importantes, tais como o racismo, a discriminação sexual, a violência e, sobretudo o caráter ideológico dos programas de assistência governamental. Nesse movimento, Kenneth J. Gergen (1994) possui papel de destaque como personagem de muitos questionamentos sobre a visão paradigmática que se acercou a psicologia social, afirmando a importância de a mesma

⁴² Tendo sido a psicologia social crítica um importante eixo nos estudos sobre a psicologia geral.

passar por uma crítica das suas propostas e não somente propor as demais áreas da ciência este caminho. Vejamos:

Social critique must be supplemented in important ways. Such critique is essentially turned outward, challenging features of the culture at large. In so doing, it leaves the human sciences themselves unquestioned. Yet, because the human sciences are purveyors of languages and prices that affect the culture, they too require critical appraisal (p.58).

No mesmo período, outros importantes posicionamentos vão surgindo (Shotter, 1993; Parker, 1998; Gergen, 1999; Prilleltlesky, Nelson & MacGulivary, 2001b; Watts, Williams & Jagers, 2003) e apontam para a perspectiva construcionista social como um caminho capaz de repensar o movimento da psicologia social no interior da ciência. Este por sua vez está situado no contexto das teorias modernas, sendo um “posicionamento crítico e filosófico que propõe uma visão de pessoa e de mundo. O conhecimento é agora compreendido como prática discursiva socialmente construída” (Grandesso, 2002, p.4).

Existe, nesse caso, a ênfase no importante papel desempenhado pela linguagem e relacionamentos humanos como ferramentas capazes de mediar o modo como construímos significados sobre o mundo e nós mesmos (Guanaes e Japur, 2003). Esses novos olhares sobre a psicologia comunitária faz com que a mesma seja reconstruída do ponto de vista epistemológico, requerendo também novas formas de ação, o que já poderia nos indicar um verdadeiro compromisso com a transformação das sociedades e do próprio indivíduo, inclusive em outros países da América Latina (Veronese e Guareschi, 2005). Mas para que possamos entender esses desdobramentos, é preciso compreender as origens históricas que influenciaram o nascimento da psicologia social nos Estados Unidos e na Europa – é o que propomos a seguir.

2.1.1. Condicionantes históricos

A compreensão dos fundamentos que originaram as bases da psicologia social moderna remonta à sua vertente norte-americana no sentido de estarem situados na segunda guerra mundial (1939-1944). Ao mesmo tempo em que as impulsionam ao cenário de desenvolvimento dos testes psicológicos, como recurso metodológico para seleção das pessoas durante a primeira guerra (1914-1918). Reconhecer as contribuições da psicologia para adequação dos soldados aos exércitos, além da medição das atitudes, motivação e predição do

comportamento, trouxe consequências para a participação dos países nos combates; possibilitando depois a continuação das pesquisas na área social e a criação de programas interdisciplinares no eixo universitário (Estramiana, 1995).

No final do século XIX, o que se observou foi o domínio da produção da ciência e da própria psicologia nos centros de estudo das universidades alemãs, que não possuíam rivais que ofuscassem seu desenvolvimento, além de receber estudiosos de várias partes do mundo. Somente com o final da primeira guerra, foi que os Estados Unidos iniciaram a fundação das suas escolas de pós-graduação, redirecionando o público que antes preferia a Alemanha para tais atividades, mas que no momento temia novos levantes. Com isso os Estados Unidos fortaleceram as influências da ciência positivista na área da psicologia e o desenvolvimento da fenomenologia e psicologia da gestalt, através de psicólogos alemães e austríacos que migraram durante a guerra para o país.

Estando no século XIX, ocorre um desdobramento na área da psicologia que levou Farr (2004) a afirmar que enquanto área de atuação “a psicologia é ao mesmo tempo antiga e moderna. Como ciência ela é moderna; como campo de especulação dentro da filosofia ela é antiga” (p.38). Neste cenário histórico, a perspectiva positivista influenciou a psicologia não somente nos seus aspectos metodológicos, mas, sobretudo na ênfase dada às dicotomias presentes na edição dos primeiros manuais norte-americanos de psicologia social. Tão claro está que Neves e Bernardes (1998) ressaltam a presença de reducionismos e ideologias sociais deixadas transparecer no pensamento psicológico devido o positivismo do período.

Já para Maritza Montero com base no pensamento de Guba (1990) a mudança de paradigmas proposta pela psicologia social coexistiu com outros modelos científicos, entre eles o positivista, que encontra expressão em paradigmas de transformação crítica. Nisto, o positivismo possui uma ontologia que realiza generalizações atemporais com exclusão de valores próprios à intersubjetividade. Leva adiante o uso de metodologias experimentais manipulativas e com viés positivista, contrapondo-se a proposta dialógica e transformadora atual.

Embora tal perspectiva tenha alterado a vida acadêmica resultando em uma maior proposição de instrumentos de seleção de recursos humanos para execução de tarefas durante as guerras; podemos afirmar que “duas formas totalmente diferentes de psicologia começaram a se desenvolver em locais separados do Atlântico antes do início da segunda guerra” (Farr, 2004, p.187), ou seja, o behaviorismo nos Estados Unidos e a Psicologia da Gestalt na Alemanha.

Em termos gerais, a *área behaviorista* acredita que o comportamento pode ser investigado como fenômeno observável (Fadiman & Frager, 1986) que ao ter contato com o mundo, legitima a análise a partir da decomposição das partes complexas em elementos simples. Já a *psicologia da Gestalt*, atomística, propõe a “compreensão do todo como sendo definida pelas interações e interdependências entre as partes mais simples” (p.193).

Este pensamento é coerente com a visão de Wundt ao provar a impossibilidade do estudo do processo mental somente do ponto de vista experimental. Quer dizer, Wundt defendia a psicologia como a “ciência da mente” com capacidade de investigação direta vinculada à esfera individual, cujos fenômenos resultantes da interação entre as pessoas estariam ao lado do desenvolvimento de uma psicologia social, não somente no nível da consciência, mas na emergência de (novos) comportamentos no âmbito coletivo.

Por isto, devemos compreender bem a contribuição que o pensamento de Wundt trouxe para o nascimento não só da corrente behaviorista, a partir da junção da fisiologia alemã e da filosofia inglesa, mas para o início da área social⁴³. Neste sentido, Wundt avaliava que o desenvolvimento mental de um determinado grupo não poderia estar ligado à compreensão da somatória dos indivíduos que o compõem.

Questiona, também, a utilização exclusiva do método introspecionista como elemento central para a coleta dos dados nesta situação. Isto faz com que o autor realize uma primeira crítica ao isomorfismo, contradizendo-o no sentido de atribuir diferenças entre os processos mentais individuais e grupais (Estramiana, 1995), além das formas de estudo do comportamento humano. Wundt compreendia que os estudos sobre a vida mental requeriam a reflexão sobre aspectos conscientes, mas de processos não conscientes, posto que esses últimos:

Deveriam ser investigados por uma psicologia social, que, a partir do estudo dos fenômenos tidos como seus produtos ou manifestações, como a linguagem, o mito, a arte; também efetuariam suas inferências visando compreender a natureza desses processos inconscientes (Honda, 2004, p. 276).

O caráter destas considerações alavanca aspectos cruciais na compreensão das bases históricas da psicologia social: o primeiro deles relativo ao fato de que nas ciências humanas a

⁴³ Embora o mesmo não seja conhecido dessa maneira, e sim pela organização do primeiro laboratório de psicologia experimental no ano de 1879, na cidade de Leipzig - Alemanha.

conceção do objeto determina a definição do método com o qual se trabalha; a segunda, porque denuncia ambiguidades no pensamento de Wundt e no nascimento da própria psicologia social.

Wundt preocupava-se “com o estudo da evolução humana através das criações mentais, mas do que uma psicologia diferencial com características culturais” (idem, p.23), entretanto, não as desconsiderava em nenhum momento do seu estudo. Não devemos esquecer que uma análise histórica deste porte gera diversas consequências no cenário de desenvolvimento metodológico da psicologia social, trazendo implicações na emergência do sujeito e da própria subjetividade, cujos “espaços de subjetivação ainda se contradizem e de forma permanente se confrontam”, como expõe González (2004, p.141).

Esta questão nos leva à história do conhecimento social desde o pensamento do filósofo Platão, que acreditava na importância do contato com outras pessoas para que o indivíduo se tornasse “social”, em detrimento da visão aristotélica cuja ideia é de que o homem é um ser social por natureza. Desse modo, o mundo era concebido como essência, sendo o ser verdadeiro aquele que permanecesse idêntico a si mesmo; a outra corrente preocupa-se com a pluralidade produzida pelo conhecimento (Silva, Saraiva, Franco & Domício, 2007).

Isto leva a uma polêmica que originou duas linhas de pensamento, destacando a influência das instituições sociais na organização do comportamento, está a *psicologia social sociológica*, com uma explicação centrada no meio. Do outro lado, a *psicologia social psicológica* destaca o “caráter da conduta e a determinação das estruturas sociais por processos humanos individuais”, propondo como objetivo da psicologia o estudo do indivíduo (Estramiana, 1995, p.17).

Existem diferenças conceituais que geram olhares e saberes diferentes na análise dos condicionantes históricos da psicologia social crítica. Sendo importante na interface dos feminismos e suas opções metodológicas e para o uso do simbolismo do corpo como ferramenta de mudança social.

2.1.2. A psicologia como ciência natural e social

Concordamos com Álvaro e Garrido (2006) na afirmação de que reconstruir as origens de qualquer disciplina é uma tarefa complexa, muitas vezes arbitrária, posto que se baseie no desejo de legitimar o presente, levando quase sempre a um discurso parcial da história. Porém,

é importante mencionar itens que caracterizam a psicologia como ciência natural e social para a exposição de ideias inerentes ao nascimento da Psicologia Social.

Sendo a mesma, resultado das concepções positivistas iniciadas por Augusto Comte. Sua historiografia passa por muitos autores, tais como: **Gordon Allport** (1954) e **Edward Jones** (1985). Tendo sérias consequências históricas que levaram à psicologia a pesquisa experimental, embora não defendida por todos os psicólogos, mas próxima a sociólogos como Edward Ross e Émile Durkheim.

Reconhecendo influências do desenvolvimento das Ciências Sociais na França (século XVIII) para estruturação da psicologia como ciência natural e social, através da obra “Curso de Filosofia Positivista”, a psicologia social nasce influenciada pela ciência sociológica que busca leis gerais para explicar os fatos sociais. Para isto, define etapas para o desenvolvimento histórico das ciências, quais sejam: 1ª Estágio Teológico (realidade = agentes sobrenaturais), 2ª Estágio Metafísico (realidade = forças abstratas), 3ª Estágio Positivo (leis da natureza a partir da experimentação).

De acordo com o próprio positivismo comtiano não fazia sentido falar de uma ciência psicológica, já que o estudo da pessoa humana deveria ser realizado pela ciência fisiológica, enquanto o estudo dos indivíduos como seres sociais, seria responsabilidade da sociologia. Com as ideias de Émile Durkheim e de Herbert Spencer na França do século XIX, ocorre a redefinição do objeto de estudo da sociologia, que para eles, deveria ser os fatos sociais, sendo a evolução da humanidade um processo de diferenciação que nasce da sociedade percebida como entidade supra orgânica ⁴⁴.

Neste mesmo período histórico, surgem as ideias de Gabriel Tarde que se mostra contra a redução biológica característica da sociologia de Spencer, negando conceitos importantes de Durkheim, como consciência coletiva. O autor acreditava que os efeitos da sociedade sobre o comportamento individual não são produtos de processos psicológicos independentes e situados fora do indivíduo, mas o resultado das reações recíprocas entre as consciências.

Ou seja, que a vida social se limitava às ações e interações individuais, cujo processo se encontra na *imitação* e na *invenção* como forma de intercâmbio. Desse modo, só existia um nível de realidade, a dos indivíduos associados e o efeito dos seus comportamentos sobre a

⁴⁴ Desta maneira, o autor introduz ao estudo sociológico e da ciência psicológica temas como influência social, sanções, crenças, condutas, linguagem, entre outros, refazendo seu objeto de estudo.

consciência coletiva; dando sentido à psicologia social como uma espécie de sociologia elementar cuja unidade de análise era os atos individuais e as relações interpessoais.

Por fim, não poderíamos deixar de citar Auguste Le Bon, cuja obra foi precursora do estudo das massas como entidade psicológica independente. O autor acredita que quando os indivíduos se reúnem para formar uma multidão vão surgindo muitos processos psicológicos que não estão presentes no indivíduo isolado. Havendo, então, uma perda temporária das faculdades de raciocínio e um retorno às formas primitivas de reação humana em um processo unidirecional.

2.2. Perspetivas teóricas da psicologia social crítica

Nossa revisão teórica vai ao encontro da ideia de que houve uma redefinição do papel da ciência, próxima às crenças iluministas, que promoveu de certo modo uma visão radical sobre a condição humana. Esta passou a ser compreendida no cenário das ciências sociais, não mais da biologia ou filosofia.

Ocasionalmente, assim, a “instauração de uma época em que o conhecimento é visto como posse individual” (Gergen *apud* Nogueira, 1996, p.15). É uma época que a ciência primava pela descrição dos fatos de modo objetivo (neutro) e universal. Uma visão positivista que não questiona as estruturas ideológicas e as determinações históricas existentes na sociedade, sendo talvez por isso mesmo modelo para a construção científica.

Há, nesse caso, uma oscilação hermética entre a visão relativista, empirista e racionalista que ora contribui para o avanço do pensamento científico, mas fortalece o recorte de correntes que pretendem anunciar “verdades” acadêmicas (ou academicista). Não estando à própria psicologia social isenta de tais falácias.

Disto resultam os longos anos em que a psicologia negou a importância do social, sendo esquartejada por teorias que se encaminham quase sempre no sentido da apropriação do conhecimento sobre o psiquismo. Porém, nenhuma delas atenta as condições sócio históricas adjacentes ao desenvolvimento dos indivíduos influenciarem tão intimamente a essência subjetiva que nos compõe ⁴⁵.

⁴⁵ Esta é uma das críticas da psicologia social na atualidade.

Acreditamos que Parker (1998, p.01) é um dos principais autores que contribui para esta discussão, já que explora em muitos dos seus textos as conexões entre teoria, método e política nas investigações na área das ciências sociais e humanas, com particular referência ao construcionismo social e discursivo em torno dos debates da psicologia social crítica. Como o mesmo autor afirma: “isto representa um movimento de reflexividade crítica distante da parafernália mental de cada cabeça em direção a uma mediação social e histórica situada nos estudos sobre experiência e ação”.

Podemos afirmar que estes debates atuam em torno da formação de metáforas que são reveladas ao defendermos o mundo social como cenário da estruturação do objeto de estudo da ciência psicológica. Sendo este um modo que busca a predominância entre tantos outros contextos que vão surgindo ao longo da história da disciplina.

Não devemos esquecer as condições discursivas que encenam a psicologia na modernidade, que por sua vez operam dentro de estruturas materiais de transmissão de conhecimentos que também são ideológicas. Disto resulta, o debate sobre as perspectivas teóricas da psicologia na atualidade.

Quer dizer, posiciona-se longe da mera descrição de paradigmas, vai adiante e propõe a organização do conhecimento científico ao longo dos séculos como algo mutável capaz de gerar novas compreensões sobre o papel da ciência psicológica ao longo de todo o corpo da sociedade (Foucault *apud* Parker, 1989).

Passa longe das *concepções universalistas*, que pretendem transferir às teorias psicológicas leis universais; ou do *empirismo*, que renova as situações em laboratório como essenciais para a “verdade” científica; ou mesmo dos *debates materialistas* sobre as relações corpo e mente, referindo o ser humano como realidade plural e não *individualista* (Nogueira, 1996).

Assim, o movimento de estruturação da psicologia social crítica se faz no sentido de representá-la como “o âmbito do encontro interdisciplinar em torno da compreensão do sentido da realidade” (Ortiz-Osés, 2003: p.21), buscando uma mediação entre o objetivismo clássico e o subjetivismo moderno; sendo uma síntese contemporânea que dá sentido aos movimentos da modernidade.

Tudo isso é pertinente às afirmações da autora feminista Sofia Neves (2007) que ao descrever os limites e a rutura da psicologia social crítica com a ciência tradicional no seu enquadramento paradigmático, afirma que a mesma possibilita aos investigadores a difusão de

variantes discursivas dentro da ciência psicológica. Reabilita, pois, o caráter concreto e temporal da disciplina transferindo um status de historicidade e reflexão crítica que será alvo das nossas afirmações posteriores.

2.2.1. Teoria social crítica

Já citamos no corpo deste capítulo o argumento de que a teoria proposta por Wundt sobre a psicologia das massas teve que presumir a utilização de novos métodos de investigação somente disponíveis nas ciências humanas no início do século XX (Morales, 1994) para que este campo comece a adotar sua forma moderna de ciência.

Afastando-se, porém, das ideias positivistas que destinaram a psicologia social um papel semelhante aos estudos sobre a conduta social e influências pessoais na formação de atitudes e opiniões. Hoje compreendemos que não se trata de um estudo sobre a sociedade com formas isoladas, nem mesmo das instituições sociais; mas ao contrário, infere sobre as influências das condições históricas de formação do psiquismo humano.

Acostumamo-nos a perceber que “o indivíduo histórico-social, que é também um ser biológico, se constitui através da rede de inter-relações” (Bonin, 1998, p.59); mas sem nos darmos conta das implicações para a pesquisa que estas dimensões nos condicionam. Disto resulta diretamente a teoria social crítica. Defende a ideia de que somente uma ou duas teorias acerca do desenvolvimento humano, quer do ponto de vista individual ou grupal, não consegue dar conta da complexidade, nem fornecer respostas as indagações sobre as relações sociais.

As escolhas metodológicas passam a ser vistas não só como técnicas de obtenção de dados, mas como detentoras de um poder empírico que perpassa as visões dos/das pesquisadores/as. Neste caso, existem alterações importantes para pesquisa em psicologia social crítica como afirma Jacques e Tiltoni (1998: p.78):

Ao tomar como pressupostos a complexidade, a relativização da verdade, a não neutralidade do pensador, pressionam para muitas transformações importantes no desenho da pesquisa, coleta, análise e interpretação, em geral mais identificadas com as abordagens qualitativas da pesquisa.

Falar em termos de uma teoria crítica social nas relações de gênero implica não aceitar a vinculação destas ao sexo (ou a biologia), ao contrário, significa tratar estas questões

na diversidade, ou seja, como *verbo*, mais do que *substantivo* (Azeredo, 2007). Defende-se a identidade de gênero das mulheres e dos homens como estabelecadora de fronteiras relacionais. Significa que é necessário rever paradigmas fabricados no seio de uma sociedade cientificista, essencialista e apaixonada pela neutralidade científica. Sendo frequente a perspectiva de que a meta das ciências é o alcance da verdade absoluta, contida nas leis que regem o universo. Não por acaso, a teoria social crítica encontra caminhos férteis para tecer ideias contrárias a estas.

Afirma, pois, que somente no respeito às diferenças e adequação das pesquisas em ciências humanas e sociais aos instrumentos e escolhas teóricas dos pesquisadores se chega mais proximamente da apreensão dos fenômenos cotidianos. Denuncia, assim, a falácia dos experimentos laboratoriais. Além disso, colocam em questionamento as formas de organização dos experimentos e se acerca da opinião do senso comum como maneira lúcida de redefinir seus objetos de pesquisa. Todavia é importante refletirmos sobre as ideias de Isaac Prilleltlesnky “If critical theory is to become an agent of understanding and change, it must balance its theoretical interests in power, domination, and resistance with pragmatic steps for collective action” (2006, p.37).

Sabendo, ainda, que a teoria crítica contribui imensamente para vários avanços na psicologia social no sentido de sustentar uma crítica permanente ao posicionamento teórico e profissional que são considerados “acadêmicos”, posto que ao situar-se entre disciplinas, traz a certeza de que os fenômenos sociais podem ser considerados sob diversos pontos de vista. Isto nos renova as esperanças de que a psicologia social crítica possa ser uma prática de promoção da justiça e bem-estar psicossocial, além das relações interpessoais (Burton & Prilleltlesnky, 2006; Prilleltlesnky & Fox, 2007; Prilleltlesnky & Austin, 2001). O que nos itens subsequentes nos ajudará a compreender a importância do compromisso da psicologia social com a libertação dos povos oprimidos.

2.2.2. Interacionismo simbólico

Podemos caracterizar as principais ideias do interacionismo simbólico através de dois autores que se consagraram na teorização da interação social entre as pessoas nas situações de coletividade. A primeira enfatiza os processos interpretativos por meio dos quais as pessoas são capazes de atuar em sociedade, considerando o indivíduo como ser não determinado somente

por fatores externos e por isso ativo. Conhecida como “Escola de Chicago”, seu principal expoente foi o autor Herbert Blumer.

Deste modo, o ser humano orientaria seus atos na sociedade a partir dos vários significados provenientes dessa interação social que se modifica de acordo com a forma de interpretação que cada pessoa possui deles (Álvaro & Garrido, 2006). Nesse caso, a própria interação seria um processo que se origina e torna possível o comportamento humano, sem desconsiderar a influência das estruturas sociais. Sendo esta uma maneira indireta de aceitar a interpretação da relação entre objetos da realidade e os indivíduos.

De outro lado, a “Escola de Iowa”, liderada por Manford Kuhn, revela sua ênfase na influência da posição social sobre a identidade, ou seja, nas determinações das estruturas sociais sobre as atitudes sociais, sendo a Identidade humana resultado das influências ambientais. Acreditando posteriormente nas ideias de Georg Mead, esta proposição analisa os determinantes estruturais da identidade com a utilização de métodos científicos usuais.

Este ponto de vista nos coloca questões relativas ao fato de onde está situada a realidade histórica dos indivíduos e da sociedade nas investigações provenientes da ciência psicológica? Elemento central que perpassa todo o interesse dos psicólogos que valorizam as teorias construcionistas como alternativa aos que interpola o material psíquico como resultado de um discurso sobre o ser humano (Parker, 1998).

2.2.3. Pós-estruturalismo

Consideramos importante a análise crítica da ideia de que a luta das mulheres nos dias atuais não está restrita a igualdade econômica, política, social, mas vai além e de certo modo é injusta quando reivindica somente igualdade quando “as possibilidades de partida não são as mesmas e o conjunto do nosso sistema social priva a maioria das mulheres estas possibilidades” (Garaudy, 1981, p.119). Para que seja possível a recusa de considerar a visão patriarcalista como exclusiva nos olhares sobre o mundo; necessita compreender a maneira como o pós-estruturalismo propõe a análise dos princípios das ciências humanas.

Considerando que o pensamento central encontra-se na ideia de que a luta dos movimentos feministas trazem em si o bojo das demais lutas de opressão, libertar as mulheres é ao mesmo tempo considerar a libertação humana. Nisto o pós-estruturalismo aparece, já que lhe é permitido compreender que os significados sociais transpassados pelo viés da linguagem

humana são carregados de significados que não são fixos, nem mesmo imutáveis (Nogueira, 1996).

Surge, assim, um importante elemento para a formação de redes de interações psicossociais mediados pela linguagem e as formas de simbolização dos atos humanos. Não se trata de definições conceituais, ou mera organização do conhecimento científico acerca da realidade. Ao contrário, questiona o relativismo da ciência humana e propõe metodologias vivenciais que vinculam as mulheres aos seus espaços sociais e culturais.

Parker (1989, p.33) citando Foucault, sugere dois questionamentos: o que as definições sobre a linguagem nos permitem? Como as imagens da opressão governaram os parâmetros dos discursos? Ora, isto quer dizer que somos responsáveis pelos processos sociais, ou seja, de dominação ou libertação. No caso de uma análise pós-estruturalista, por exemplo, as relações sociais de gênero não deveriam ser consideradas como provenientes de indivíduos abstratos ou socialmente desconexos. Mas, situadas na reflexividade crítica a serviço da ciência, mudando as formas de agir diante do gênero como modelo central nas discussões sobre os sexos.

Em síntese, percebemos que o pós-estruturalismo é uma importante influência do construcionismo social, pois mostra a possibilidade de experiências subjetivas que “podem ser reproduzidas ideologicamente, sem disposições sociais, e na análise das condições históricas que deram origem à complexidade psíquica” (Parker, 1998, p.03). Não se revelam, entretanto, tarefa fácil trazer para a cena das ciências humanas e sociais novos contextos metodológicos, a partir da construção de narrativas culturais específicas, regimes de poder ou forma ideológica. Existe nisso desafios pois romper o cientificismo tradicional é apresentar novas características de pesquisa científica.

Porém, o que o pós-estruturalismo afirma é a necessidade de ultrapassagem de uma visão descritiva que ao empreender a análise dos fatos sociais determina seus limites e potencialidades, embora o faça dentro do discurso considerado realista. Esta atenção ao ideário das construções sociais vem direcionar a análise feminista ao mesmo tempo em que fortalece críticas a pouca importância dada à ciência no aspecto da linguagem. Apresenta-se como saída para “a mediação entre o objetivismo clássico e o subjetivismo moderno” (Ortiz-Osés, 2003, p.21). Será esta situação possível?

2.3. A psicologia social crítica na América Latina

Sem dúvidas, as reflexões propostas por Sílvia Lane e Wanderley Codo, no livro “O homem em movimento” (1984), representa formal e institucionalmente o início de nova etapa no pensamento e na ação ideológica da psicologia social. Até então o indivíduo era considerado no seio de uma tessitura que o determinava inexoravelmente as condições materiais dos seus aspectos biológicos, sem que com isso as influências sociais fossem consideradas como determinantes na formação do psiquismo humano.

À psicologia cabia a observação dos fenômenos como eixo intermediador entre as causas e efeitos encontrados na sociedade, da mesma forma, reproduzia as condições necessárias que impediam uma ação transformadora e consciente dos homens no seu cotidiano com objetivo principal de mudança das condições opressoras que os tiravam a possibilidade de desenvolvimento dos seus potenciais de vida. O homem, como produto e produtor do seu meio, reflete a essência de uma **práxis libertadora** primeiramente porque rejeita a noção determinista que concebe a ciência uma mera caixa registradora e organizadora dos fatos sociais já determinados política e historicamente.

Segundo porque ao valorizar a história pessoal dos indivíduos como base para as histórias das sociedades, fortalece o potencial transformador de ambos e propõe o conhecimento como situado historicamente, valorizando a diversidade e a complexidade de cada ser na teia incessante da vida. Neste segmento, vai compreendendo a existência de contradições como fermento necessário ao alcance da justiça e da equidade social, sendo possível a realidade desta afirmação a partir do momento em que consideramos os indivíduos como totalidade histórica e cultural.

É justamente essa materialidade histórica (Lane, 1994) que se atreve a afirmar que temos um eixo que vai se alternando entre *aquilo que de fato somos* e o que *desejamos ser* potencialmente. Somos, enfim, a própria mudança das nossas condições de opressão quando o desenvolvimento da consciência como ato cognoscível permite a produção da nossa existência do ponto de vista material, afetivo e ético.

Terceiro, percebe as influências capitalistas sob a ótica da opressão econômica que limita o desenvolvimento dos seres humanos a partir da *falta de igualdade de oportunidades*, além de compreender que a liberdade tem a ver com a apropriação das formas de linguagem e de pensamento, desde que inscreve a mesma no processo de tomada de decisões e ações

coletivas nas diversas esferas do cotidiano, podendo envolver conflitos identitários e afetivos, como analisa Galbiatti e Guzzo (2010).

Um quarto argumento importante volta-se para a idéia de que o contexto de vida da maioria das populações pobres coloca-se por si só como gerador de um *círculo vicioso de pobreza* que as prende no próprio certame, podendo ser visto na forma como estas pessoas explicam a própria situação de miséria e opressão que vive. Existe aqui uma causalidade que muitas vezes é atribuída às forças da natureza, do que consideram “destino” e que encontra na crença religiosa uma espécie de obediência à submissão. Como se o sofrimento nesta vida fosse redentor em outra que virá no futuro. Este se limita as suas causas imediatas que podem ser superadas de forma individual e nunca coletivamente.

É justamente isso que quer as ideologias dominantes, ou seja, que os indivíduos sintam-se incapazes de romper tal condição. Há interesses na mercantilização das esferas da vida cotidiana ao mesmo tempo em que a desvalorização social dos seres humanos gera o massacre das competências individuais para o alcance de uma nova condição de vida, como afirmam Filho e Guzzo (2009). É nesse ponto que uma práxis libertadora torna-se tão nociva ao sistema capitalista porque vai dizendo aos indivíduos que a mudança começa neles mesmos até atingir a coletividade.

Como quinto fator, apontamos a crença de que as desigualdades sociais devem ser combatidas a partir do *fortalecimento das políticas de inclusão social* que atue nos eixo intersubjetivo e político-económico com sustentabilidade de ações que propiciem as pessoas o exercício da liberdade individual e coletiva. Como diria Sawaia (2009), uma liberdade que não seja confundida com livre-arbitrio, mas que dirija sua ação ao poder da transformação social com qualidade de vida e consciência crítica da cidadania necessária aos processos de mudança interpessoais e coletivos.

Neste caminho, encontramos justamente a ideia do “homem em movimento” cantado por Sílvia Lane no início da década de 70 no Brasil. Um ser completo que se acha no meio de contradições e inaugura uma nova estética de vida nos centros urbanos e rurais da América Latina. As tecnologias sociais e a ideia de uma modernidade que se liga à globalização – tão bem explorada no capítulo anterior – fazem com que tenhamos a obrigatoriedade de repensar o papel da psicologia neste contexto e também do próprio psicólogo. Uma psicologia comunitária com base na libertação deve libertar, antes de tudo, as pessoas envolvidas na ação. O que acontece é que muitos profissionais levam adiante ideias contrárias. Acham-se detentores de um

saber diferenciado, muita vezes considerado único, e também salvador de determinados povos ou situações.

É extensa a bibliografia de artigos e conferências de psicólogos sociais sobre o tema (Dimenstein, 2000; Guzzo, 2007; Yamamoto, 2007; Ramos e Carvalho, 2008). Todas afirmam que “o trabalho do psicólogo social deve ser definido prioritariamente em função das circunstâncias concretas da população a que deve atender” (Martin-Baró, 1996, p.07).

Neste contexto, a psicologia comunitária passa a ser entendida como um fluxo de mudança social que imparte a análise estrutural das sociedades como elemento central para as possibilidades concretas de mudança dos indivíduos. O eixo metodológico central é aquele que caracteriza a pesquisa mediante a ação e vice-versa, como estratégia que fortalece o planejamento constante e a avaliação dos resultados alcançados no contexto sociopolítico que opera mudanças e rupturas.

Hoje sabemos que a própria prática individualista da formação em psicologia é um dos obstáculos ao exercício da prática libertadora. O modelo de subjetividade e os métodos propostos pela ciência psicológica⁴⁶ põem em conflito o que fazer psicológico numa compreensão da realidade que caduca nos limites da mistificação. Formam-se psicólogos na academia como se todos fossem preparados para a clínica individual, por assim dizer, de forma quase exclusiva. Embora compreendamos seu valor, é urgente a adequação metodológica da psicologia para o atendimento dos problemas das populações.

Como mencionamos anteriormente, a libertação é meta que deve contemplar a nossa profissão, antes mesmo de intentar mudanças estruturais micro e macros políticas. Talvez nesse sentido seja pertinente nos debruçarmos mais detalhadamente no contexto histórico de mudança que gerou, do ponto de vista epistemológico, possibilidades de atuação da psicologia no eixo da libertação e da transformação social. Item apresentado a seguir como base para a compreensão da intervenção comunitária no contexto latino-americano.

⁴⁶ Aos moldes daqueles emprestados dos continentes europeus e norte-americanos, como já demonstramos no capítulo anterior

CAPÍTULO 3

A PSICOLOGIA COMUNITÁRIA COMO PRÁXIS DE LIBERTAÇÃO

Importantes reflexões foram realizadas na América Latina, principalmente no Brasil, durante a *década de 70*, no que diz respeito à necessidade de adequação teórica e metodológica da psicologia social crítica ao nosso contexto. Foram muitos momentos de angústia e deflagração de muitos governos ditatoriais que abalaram não somente o cenário político-económico, mas dedicaram-se ao silenciamento dos direitos humanos básicos, espalhando censuras às formas de comunicação interpessoais, além de operar mudanças em todos os níveis educacionais.

Os espaços para reflexões críticas eram praticamente inexistentes e a ameaça ao exílio parecia ser aos governos ditatoriais, pelo menos de forma momentânea, uma solução eficaz para a manutenção das relações desiguais de poder entre homens e mulheres, entre oprimidos e opressores, entre ricos e pobres, mantendo a soberania dos governos militares sob as nossas muitas populações civis.

No espaço universitário, um pequeno grupo de académicos questionava como a psicologia poderia dar subsídios para a transformação social, garantindo caminhos para o exercício da cidadania numa perspetiva histórica e contextualizada (Lane, 1995a). A isto se sucedeu a revisão de temas, tais como: a psicologia da linguagem, a identidade social, as influências da cultura na formação das atitudes, além da revisão do carácter ideológico dos estudos sobre liderança e papéis sociais (ibidem).

Havia a necessidade de teorias críticas que fossem transformadas em *práxis* comprometida com as necessidades dos povos latinos, cujos espaços vitais e identitários estavam sendo devastados. Ou seja, se fazia urgentíssimo a reformulação (ou criação) de metodologias de atuação em campo que assim ocorreu na *década de 80*. Tal marco de desenvolvimento da psicologia social nesse período abriu espaços para estruturação de duas outras áreas: a psicologia política e a psicologia comunitária.

Houve alterações metodológicas importantes que impulsionaram a pesquisa em psicologia social, tirando-a dos muros das universidades e vinculando-a a realidade das vidas quotidianas numa leitura de base sócio histórica que considera vital o compromisso do pesquisador com a transformação das sociedades de forma ética e afetiva (Jacques, 1998).

A psicologia social crítica transformava-se numa proposta político-pedagógica a favor dos oprimidos, saía dos laboratórios de pesquisa experimental e ganhava as ruas das cidades em um processo coletivo de tomada de decisões que impedia a neutralidade científica como

perspetiva de análise psicossocial. A não generalização dos resultados ou uso da experimentação levou os cientistas sociais à valorização do saber popular; não somente isso, mas a legitimação do mesmo. Havendo formas de superação da dicotomia teoria versus prática, a *década de 90* fortaleceu o comprometimento do profissional na área da psicologia com a construção de uma ciência psicológica diferente (Lane, 1995b) daquela produzida nos Estados Unidos e na Europa.

Nesse ínterim, foram repensadas as relações comunitárias tal como a psicologia social crítica propunha, todavia tal pensamento estava impregnado de considerações que percebiam o eixo comunitário como estratégia que ideologicamente colocava o papel do/a psicólogo/a como agente de motivação para que as pessoas saíssem de um sistema social organizado de maneira “frágil” para sistemas considerados “desenvolvidos”, ou melhor, ditos urbanizados e modernos (Harari e McDavid, 1980; Prilleltlesnky, 2001; Montero, 2008; Freitas, 2000).

Nota-se com muita facilidade o papel ideológico de compreensão das formas de organização comunitária e é justamente contra esse viés que a psicologia social crítica na América Latina realiza-se no sentido de “problematizar a relação do indivíduo com seu meio, além de atingir uma camada corporal que juntos formam um mundo intersubjetivo dotado de sentidos (Berger e Luckmann, 1985, p.41) ⁴⁷.

3.1. O compromisso da psicologia com a transformação social

Ao realizarmos diversas leituras sobre a interface da psicologia social no eixo comunitário (Guedes, 2007; Barracho, 2001, Amaro, 2007; Prado, 2002; Vidal, 1996), observamos uma preocupação constante em *não* fazer jus ao uso de soluções simplistas para problemas considerados complexos do ponto de vista político. Havendo uma conexão entre o desenvolvimento do espaço comunitário e a garantia dos direitos humanos básicos, numa análise crítica que invadiu a psicologia social do mesmo modo como as ciências sociais, no final do século XIX, na Europa e nos Estados Unidos. Prilleltlesnky (2004, p. 502) argumenta:

⁴⁷ Como veremos nos itens a seguir que retornarão ao nascimento da psicologia social na Europa e nos Estados Unidos, verificando depois quais as influências e mudanças desta proposta teórico-metodológica nos países latinos.

Colleagues and I have argued elsewhere that there cannot be personal wellness in the absence of relational and collective wellness, just as Martin Luther King argued that injustice anywhere is a threat to justice everywhere.

Tais preocupações encontraram eco de diferentes formas em diferentes países. Nos Estados Unidos, por exemplo, a psicologia social desenvolveu-se em parceria com vários programas comunitários, a partir do governo Kennedy, abordando questões de desinstitucionalização e a implantação de serviços para comunidades carentes do ponto de vista econômico, como nos mostra a análise crítica do autor Murray Levine (2007). Havia a consideração de que as *mudanças individuais* seriam capazes de promover as *mudanças estruturais* que a sociedade americana necessitava.

O modelo médico-clínico era utilizado para instrumentalizar muitos psicólogos comunitários nas áreas da saúde mental e da droga dicção (Fryer, 2008). Nisso já havia o uso de técnicas participativas, porém, era evidente o cunho ideológico de manipulação e controle das comunidades através dos métodos de pesquisa e ação social.

Nesse momento, a psicologia social crítica foi vista como possibilidade real de mudança por inúmeras razões: fundamentava uma crítica ao *status quo* da psicologia e também das sociedades (porque muitas vezes se apoiam em estratégias de dominação); visava politizar as ciências humanas e sociais com objetivo de proporcionar mudanças teóricas e metodológicas; atuava como estratégia de promoção da ação social entre os oprimidos; estando preocupada com a mudança estrutural das sociedades e não somente com o bem-estar das pessoas (Prilleltensky, 2001).

Com isso, a proposta de atuação da psicologia comunitária norte-americana foi sendo expandida para outros países, tendo a emancipação, a conscientização, o bem-estar, a justiça social e o poder, como temas principais de análise da realidade. Segundo Austin e Prilleltensky (2001, p.77):

In our view, engaging in critical praxis can be step that it's taken to ensure that critical psychological knowledge in used in accordance with the needs of oppressed people, as to defined by oppressed people. It can also be an opportunity to strengthen, one's theoretical insights by grounding these in experience.

É certo que tais proposições contribuíram, pelo menos de forma inicial, para que os profissionais percebessem que mais uma vez a psicologia social estava à mercê das relações de poder que ainda subsistem no cenário acadêmico e que apesar de certa disposição para levar projetos com propostas de mudança social para o âmbito prático, os mesmos ainda possuíam objetivos próximos as pesquisas científicas, o que de modo algum garantia por si só a promoção da conscientização das populações alvo da ação. Ou seja, não seria só uma mudança no estudo de determinadas categorias, ou mesmo a mudança nos discursos de realização das atividades que seria capaz de mudar os rumos da psicologia social comunitária; tornando-a mais útil para a diminuição da opressão.

Outras estratégias foram incorporadas neste cenário, entre elas, fortalecer as parcerias entre a psicologia comunitária e outras áreas de estudo e ação social, o que de acordo com Maton; Perkins & Saegert (2006) ocorreu a partir da utilização de desenhos e medidas, além de quadros analíticos que possibilitaram a integração de vários níveis de análise desde o indivíduo até as comunidades, passando pelas famílias, com tema que predominantemente mostrava interesse ao lado dos movimentos ecológicos e em defesa das pessoas do terceiro mundo e da África.

Prosseguindo com estas preocupações, forças norte-americanas também foram sendo investidas na criação de um método que ao ser utilizado pelo psicólogo que atua em comunidades facilita o alcance de uma política integrada à sociedade do ponto de vista psicológico capaz de promover ao mesmo tempo bem-estar humano e qualidade de vida⁴⁸.

Tal proposta é conseguida a partir de uma exposição sistemática do papel do poder na dinâmica política dos trabalhos em comunidades, cuja postura crítica do profissional afeta a forma como são realizadas as ações comunitárias. Têm-se com isso, a preocupação de que a ação da psicologia não esteja fortalecendo os interesses políticos em detrimento da busca pela justiça social (Prilleltlesnky, 2008).

A psicologia social crítica, como temos visto nos itens anteriores, representou uma importante fonte de mudanças para os países do hemisfério norte do continente americano, mas ainda assim podemos afirmar que permaneceu à margem dos grandes movimentos e inquietudes do nosso povo. É verdade que na prática o uso renovado de instrumentos metodológicos, já distantes do empirismo científico, contribuía para o começo de novas

⁴⁸ Tal proposta intitula-se Psychopolitical validity. Foi elaborada por Prilleltlesnky e outros psicólogos comunitários norte-americanos. Para maiores informações consultar bibliografia no final da tese.

experiências no nível prático-teórico, porém continuávamos sem respostas aos problemas da coletividade que eram mais imediatos do que a espera dos resultados das pesquisas científicas. Com o passar do tempo, foi ficando claro que a importação de conceitos ainda persistia. Caímos em um ativismo que contava com alguns psicólogos que insistiam na necessidade de novas mudanças, ou quantas fossem necessárias, para a construção de uma psicologia capaz de responder as necessidades latino-americanas.

Muitas vezes, a ausência de uma epistemologia adequada nos empurrava para o conhecimento de como outras áreas da pedagogia da libertação, da sociologia crítica e da antropologia social poderiam contribuir com respostas num cenário onde o positivo da psicologia operava quase exclusivamente nas áreas cognitiva e psicanalítica. Mais uma vez repetimos: essa visão exata da ciência realizada a partir de pesquisas científicas não nos permitia ver longe, ao mesmo tempo em que colocava a psicologia social crítica distante das mudanças estruturais que possuíam reflexividade crítica na busca da justiça social.

Como disse Martin-Baró (2009) o importante era responder a pergunta: “com a bagagem psicológica de que dispomos hoje, podemos dizer, e, sobretudo, fazer algo que contribua significativamente para dar respostas aos problemas cruciais do nosso povo?” (p.183). O mesmo autor denunciou o que acreditava ser uma escravidão da psicologia latina, um colonialismo norte-americano com raízes sedimentadas nas populações do continente e que por isso mesmo tinha esperança de assistir ao seu fim no momento em que fosse conclamada a união de todos ⁴⁹.

Tratava-se, mais do que nunca, de fertilizar o compromisso ético e a crença na transformação social como ferramenta para a mudança. Enxertar a subjetividade a partir da diferença social e do respeito à diversidade cultural dos nossos povos, numa ciência que a partir da contextualização, tornar-se-ia problematizadora da realidade numa diáde que resgata o potencial de luta dos homens e das mulheres como parte das suas identidades latinas e que questiona à própria psicologia seu caráter de dependência. Não mais a visão homeostática da realidade que associa a mudança das estruturas sociais com necessidades individuais de uma forma absurda e autoritária.

E para esta nova ciência psicológica um novo objeto de estudo: as necessidades da população que devem ser trabalhadas no eixo da atividade comunitária. Parte disso, a proposta de um arcabouço teórico-metodológico que seja eficiente e compromissado na luta contra as

⁴⁹ Não no eixo teórico, mas a partir da práxis comprometida com a igualdade de direitos humanos.

desigualdades, sendo resultado de uma opção consciente dos psicólogos latinos e de outros tantos que acreditam nessas mesmas proposições. Acreditam na ideia de desconstrução das formas alienadas de relativização do conhecimento, sem nunca abdicar das muitas experiências que cada um possui como ser humano.

Importa fazer uma psicologia com as pessoas e a partir delas, não para elas. Repensando as relações de poder e a busca por uma politização da ciência psicológica que acabe com os muros da academia e com o status quo que mantém a memória social longe dos povos latinos e das bases de transformação das sociedades como um todo. Desta maneira, potencializar as virtudes dos nossos povos é acreditar no fortalecimento de uma ciência que é capaz de agir de forma humana, e no eixo da realidade, sem ter medo de considerar as pressões sociais, económicas ou políticas de cada país.

Aqui citamos uma reflexão muito lúcida do autor Salvador Sandoval (2002) ao dizer que a primeira etapa para a construção da nossa psicologia da libertação é somente compreender que o terreno natural da investigação científica exposta na América Latina é o mundo do subdesenvolvimento e da pobreza. O que requer uma abordagem capaz de integrar a produção do conhecimento, não somente material, mas proveniente do senso comum, com as necessidades que surgem aos indivíduos que vivem na pobreza.

Para isto, é necessário que os profissionais comecem olhando para a realidade, para o seu dia-a-dia e assim seremos capazes de construir uma psicologia mais ativa que colabore com uma sociedade mais humana. Não basta só a produção de uma consciência libertadora, mas ter a vivência como mediadora da transformação social; também não é eficaz a mera criação de grupos de pesquisa e estudo, mas a chance de tocarmos a vida, fazendo valer o esforço para a construção de epistemologias feministas com caráter de transformação, além de rigor metodológico com preservação da ética, acolhimento afetivo e igualitário para todos os seres humanos sem distinção.

3.2. Contexto histórico

Até esta parte da nossa escrita, esperamos que estivesse claro aos leitores que uma psicologia da libertação possui como eixo principal o compromisso político com a mudança nas estruturas opressoras existentes na sociedade. Um caminho possível e que histórica e criticamente foi se desenvolvendo sob a forma dos movimentos sociais na América Latina, ficou

conhecido através das muitas lutas no campo dos direitos sociais, tais como: o próprio movimento feminista, a luta pela posse da terra e oportunidades de emprego e de moradia, além do movimento ecológico que ganharam ares de protesto ao valorizarem a cidadania como impulsionador das mudanças macro sociais.

Tal posicionamento reflete exatamente o pensamento demonstrado por Odair Furtado (2000) ao realizar reflexões sobre o caráter político da psicologia social, e para tanto, voltar-se criticamente ao pensamento de Ignácio Martín-Baró. Quer dizer, situam as pesquisas que este realizou com as classes trabalhadoras de El Salvador no âmbito da ação política a partir do método sócio histórico e dialético.

Com isto, ambos acreditam em uma psicologia que foge da neutralidade e posicionam-se a favor de um processo de tomada de consciência que confia no papel do psicólogo como intermediador daqueles que são lesados e ideologizados pelas faces capitalistas. Que seja uma intervenção **com** os oprimidos e não **para** eles, posto que um dia seja corresponsável pela libertação dos opressores, como enseja Paulo Freire (1987).

Seguindo o delineamento histórico que constituiu as bases epistemológicas da psicologia da libertação, temos na proposta teórica da autora Sílvia Lane conjeturantes fundamentais que necessitam serem mencionados e que vão mais além da concepção de homem e do compromisso social da psicologia apresentados anteriormente.

Já sabemos, que a recusa do pragmatismo norte-americano foi item inquestionável do pensamento laneano; porém, segundo Sawaia (2007), a fé no potencial transformador do homem e a valorização da intersubjetividade em termos de singularidade aliada a uma práxis científica transformadora possibilitam, ainda nos dias atuais, mudanças na formação do profissional psicólogo que vai em direção a vivência do psicólogo com tais propostas ainda na graduação:

Para isto, se deslocam física e simbolicamente para áreas de exclusão nas quais podem ser identificados três campos de batalha onde estas ações se darão, onde há submissão e resistência: **o corpo**, sujeito ao controle e ao sofrimento, mas sede da subjetividade e local de onde o indivíduo realiza as experiências de sua inserção no mundo: é o corpo que circula pelo espaço vivido; **o cenário social** e grupal de pobreza e isolamento, os marcos históricos do grupo, seus movimentos no tempo e no espaço; e **o espaço físico**, construído de forma orgânica, muito mais do modo como é quotidianamente vivido do que

por uma lógica que lhe é externa, dona de espaços onde os campos de batalha imediatamente se materializam (Ramos & Carvalho, 2008, p.175)

Aqui também temos a defesa histórica do autor Salvador Sandoval (2002) que ao refletir sobre o que há de novo na psicologia social latino-americana argumenta que a mesma sempre esteve marcada por pressões da sociedade e mudanças políticas e socioeconômicas, sendo esta sua gênese enquanto ciência.

O mesmo autor (ibidem) afirma que uma das importantes características latinas para o exercício da psicologia da libertação é a incorporação de profissionais de outras áreas de atuação, que nos ajudam na compreensão do terreno estrutural da investigação científica nos países da América Latina.

Do mesmo modo, aponta para a existência de uma abordagem psicossociológica integrada para saber lidar com a pobreza e que nasce no senso comum, mas enseja a preocupação científica própria à realidade cotidiana, não só do ponto de vista material, mas, sobretudo na compreensão do sofrimento psíquico.

Trazemos, ainda, as ideias da autora Maritza Montero (2006) que ao fazer uma análise sobre a prática da psicologia comunitária na América Latina, desde o ponto de vista da tensão entre a comunidade e a sociedade, aponta para o fato de que o conhecimento científico deve estar sempre focado no objetivo da mudança social não se abstendo do rigor metodológico necessário a contestação das teorias dos outros continentes. Sendo inócuo o desenvolvimento exclusivo de teorias científicas, sem a análise direta e a contextualização dos processos emancipatórios e de poder entre os indivíduos.

Igualmente importante, mas com um olhar diferente dos autores antes citados, faz-se interessante mencionar as ideias da autora Regina Helena Freitas Campos (2002) sobre o desenvolvimento histórico da psicologia social no nosso continente, nos ajuda a ter uma visão mais concreta, não utópica, ao dizer que:

A falta de estrutura para a produção científica [na América Latina] levou os profissionais a uma maior consciência política e social, assim como o próprio período das ditaduras que impulsionou a prática do psicólogo no cenário de desenvolvimento dos movimentos sociais de base (p. 24).

A isto acrescenta o fato do desenvolvimento tardio das universidades latinas, o discurso das elites locais sobre a pobreza, o desenvolvimento desigual das regiões, além da fragilidade dos sistemas educacionais como fatores que levaram a psicologia a seguir a tendência das ciências sociais e humanas na América latina.

Tal realidade no faz crer na dimensão de criticidade que desde cedo tivemos que assumir para a fundamentação epistemológica da psicologia da libertação. Diferente de outros países que atuam através de vários projetos sociais, para nossa realidade, a própria sociedade é o desafio maior. Mas, o que fundamenta teoricamente nossa atuação em campo? Reflexões a seguir.

3.3. Bases epistemológicas

Para a efetivação da psicologia da libertação, Martin-Baró citado por Guzzo & Lacerda (2009), aponta para a urgente necessidade da “redefinição do arcabouço teórico e metodológico da psicologia baseada na práxis e na opção consciente e compromissada com os menos favorecidos social, política e economicamente” (p.17). Segue afirmando que é um novo **objeto de estudo** para a ciência psicológica para que os povos possam alcançar a liberdade das estruturas alienantes da sociedade.

Prossegue afirmando que uma nova epistemologia não implica o abandono do conhecimento científico anterior, mas revitalização da análise das relações de poder no eixo comunitário e de politização da própria psicologia. Na nossa compreensão, a práxis exige uma postura ética e afetiva de abertura ao novo e a análise das contingências da realidade a partir do olhar de quem as vive cotidianamente. As técnicas devem exaltar a partir daí a experiência popular como norteadora da ciência psicológica e não o inverso.

Daí, apresentamos agora as principais **bases epistemológicas** da psicologia da libertação como a utilizamos no nordeste do Brasil, são elas: a Abordagem Centrada na Pessoa (Carl Rogers); a Pedagogia da Libertação (Paulo Freire); a Biodança (Rolando Toro); a Teoria dos Vínculos (Pichon-Rivière) e a Teoria Histórica Cultural (Vygotsky, Leontiev e Luria)⁵⁰.

Não nos interessa, entretanto, fazer uma síntese exaustiva das teorias, objetivo realizado por uma série de outros trabalhos de qualidade e aprofundamento bem maiores e mais

⁵⁰ Cada uma contextualizada na realidade latino-americana e direcionada para a utilização de determinados instrumentais de atuação em campo que por sua vez foram fundamentais para a realização das nossas pesquisas apresentadas na segunda parte da tese.

interessantes; contudo, consideramos importante fundamentar os leitores naquilo que acordamos como eixos importantes na prática da psicologia comunitária.

Esta, sem dúvidas apresenta um *elemento vivencial* somente possível a partir da conjugação destas propostas e que talvez por isso seja considerado singular para a atuação dos feminismos. Passemos, agora, à compreensão das teorias que originam este caráter de ineditismo.

3.3.1. Abordagem Centrada na Pessoa (Carl Rogers)

As principais ideias que a prática da psicologia da libertação toma emprestada, por assim dizer, da ACP ⁵¹ é certamente a defesa que seu criador, o norte-americano Carl Rogers, utiliza das possibilidades de construção de uma psicologia fora dos limites dos “consultórios particulares”. Trata-se de um ato de rebeldia que traz muitas implicações conscientes e críticas aos profissionais que enveredam para a prática do processo socioeducativo que contém o ato terapêutico em si mesmo.

O papel do psicólogo, a quem Rogers chama *terapeuta*, é antes de tudo facilitar o processo de aprendizagem que é conduzido pelo próprio *cliente* ou *educando*. A visão de homem e de mundo está vinculada a percepção do auto crescimento que se realiza na medida em que os resultados da intervenção psicológica é o desenvolvimento pleno das potencialidades de cada participante da ação, seja esta individual ou grupal.

Os muitos obstáculos existentes nesse *processo de auto crescimento* devem ser encarados como situações de aprendizagem que aprimoram as habilidades interpessoais de comunicação nos grupos sociais, assim como oportunidades de renovação de antigas estratégias comunicacionais utilizadas anteriormente pelo próprio cliente. Nisto reside a possibilidade de compreensão do ato terapêutico como gerador de um equilíbrio entre as necessidades pessoais e o entorno social considerado.

Carl Rogers defendia que todos os organismos vivos, e isso é algo semelhante à concepção da Biodança que veremos mais adiante, possuem uma *tendência atualizante* que deve ser compreendida como um impulso biológico que impulsiona as pessoas para o crescimento saudável. Cada ser sabe intimamente o lado saudável e positivo da vida, o que o impede de crescer são as contingências ambientais que precisam ser vividas do ponto de vista corporal, não somente racional.

⁵¹ Abordagem Centrada na Pessoa.

Em contraste claro com as teorias freudianas e comportamentalista, Carl Rogers é conhecido como “humanista” por ter sido um dos primeiros autores a acreditar numa visão positiva do ser humano. Há sempre uma crença inextinguível de que cada indivíduo sabe o que é melhor para si, porém, muitas vezes, os desígnios da sociedade fazem com que haja desvios importantes na busca por uma vida em equilíbrio. Por isso é importante cada um estar atento às necessidades de atualização do próprio organismo, uma vez que a sociedade e a cultura são forças independentes que agem de maneira conflituosa.

Trata-se de uma visão holística, ecológica, orgânica e sistêmica do homem que é vista como a terceira força em psicologia. Com base nas filosofias existencialistas, o que ocorre nesta abordagem é uma profunda crença no valor do ser humano a partir da consideração de conceitos humanísticos, como: empatia, auto-aceitação, congruência e a compreensão de si e dos outros mediante uma visão de progressividade que reconhece a contribuição de cada pessoa como importante para os grupos e a sociedade.

Ser homem (ou mulher) a partir de uma visão integral, tal como postula a ACP, é aceitar os limites e alargar experiências positivas de vida ⁵². Isto confere dimensões bem maiores em termos de aplicabilidade. Segundo Fonseca (2009):

Por outro lado, no desenvolvimento da sua abordagem à pessoa, os princípios e as atitudes valorizadas no modelo psicoterapêutico que defende e teoriza, vão-se alargando de tal modo que estende a sua aplicação a muitos outros domínios das Ciências Sociais e a campos tão diversos como os da educação, das relações interpessoais, das relações familiares, inclusive das relações conjugais, da comunicação interpessoal, da gestão de recursos humanos, da gestão de empresas, da resolução e mediação de conflitos, pessoais, interpessoais e mesmo sociais, e até mesmo políticos e raciais (pág.02).

Aqui precisamos compreender que o caminho seguido por Rogers é justamente motivar as pessoas a ser exatamente o que elas são sem nenhum tipo de recurso artificial que permita desvios na sua conduta do ponto de vista individual ou social. Um segundo fator reside na ideia da vivência, ou seja, cada um deve manter-se na realidade cotidiana como se não houvesse outras moradas para a própria dimensão humana. Como diriam Bergman e Luckmann (1985) é um processo que acontece no aqui e agora da relação do indivíduo com o mundo. Isto

⁵² Neste ponto é importante mencionarmos que também há similitude de ideias na teoria da pedagogia da libertação, proposta por Paulo Freire, e que vemos no item a seguir.

acontece na interface de um processo corporal que acolhe as emoções da mesma forma como os limites conscientes da nossa impessoalidade.

A principal aplicação da ACP na América Latina, pelo menos, além dos limites dos consultórios em psicologia, foi à educação, trazendo, de acordo com nossa opinião, avanços e alguns recuos. Os primeiros relativos uma nova ideia de que o educando deve ser respeitado nos seus potenciais criativos com a utilização de metodologias que sejam capazes de motivá-lo ao aprendizado crítico e transformador, partindo da práxis como um requisito para a sedimentação da troca de saberes que se realiza entre o educando e as pessoas que o cercam. Recuos devido à compreensão às vezes superficial do que Rogers chamou de técnica da “não-diretividade”⁵³. Vejamos o que diz Moreira (2010):

Ainda que o próprio Rogers tenha deixado de usar esta denominação desde a década de 50, por entender que não era uma denominação adequada, ainda hoje, eventualmente escuta-se falar em “não-diretividade” quando se fala no pensamento de Carl Rogers, possivelmente pela popularidade do termo, que acabou contribuindo para imagens frequentemente negativas dessa abordagem (pág.549).

Podemos afirmar que a utilização da ACP como base epistemológica inerente a psicologia da libertação é utilizada, principalmente, no caráter de facilitação existencial que o psicólogo latino-americano atribui as suas intervenções comunitárias ao utilizar o sentido das suas experiências profissionais, e de certo modo pessoais, na atribuição de meios facilitadores para o desenvolvimento pleno do potencial criativo das pessoas que estão imersas na vivência coletiva de determinados lugares comunidades. No dia-a-dia, o resgate da cultura popular, a partir da percepção dos meios ideológicos e de opressão dos valores humanos passa a priori pelo *sentir e agir corporal*. Sendo esta uma técnica de facilitação grupal que não é comum nos países europeus ou norte-americanos.

Entretanto, deve existir congruência entre as experiências do facilitador com as necessidades do grupo, a partir das demandas das comunidades que devem estar sempre claras para ambos. No nordeste, utilizamos o processo de diagnóstico-ação como norte do planejamento, desenvolvimento e avaliação das atividades em campo⁵⁴.

⁵³ Confundimos *liberdade* com *libertinagem*, fato também comum nas intervenções comunitárias – como veremos adiante.

⁵⁴ O trabalho nos **grupos de crescimento** – propostos da ACP – configura-se como parte do trabalho do psicólogo comunitário, porém, eixo central das discussões com objetivo de mudança das formas de opressão cristalizadas materialmente na cena corporal.

3.3.2. Pedagogia da Libertação (Paulo Freire)

Antes de tudo é preciso lembrar o contexto histórico vivido por Paulo Freire, o criador da “pedagogia da libertação”, inicialmente conhecida como uma “pedagogia do oprimido”, de profundo desrespeito aos direitos humanos e de ultraje a garantia mínima de condições digna de sobrevivência humana.

Cenário este com proporções desastrosas nos países da América Latina, onde o exílio e as matanças ideológicas eram utilizados de modo indiscriminado. Na verdade, porém de outras formas, os temas propostos pela pedagogia do oprimido são tão atuais quando empreendemos uma análise crítica das situações modernas de violência na vida da modernidade. Portanto, não se trata aqui de exaltarmos “utopias”, mas de correlações que vão sendo atualizadas nas lutas propostas pelos movimentos sociais nas partes do mundo. Acreditamos que o próprio Paulo Freire tinha essa compreensão lúcida das suas ideias, também por ter compartilhado as mesmas em outros países e culturas.

O que também nos chama atenção é o caráter plural das obras do autor quando ele fala de um *elemento opressor* na verdade quer dá ênfase aos oprimidos, pois acredita que está nas mãos destes a libertação de si e daqueles que oprimem. A opressão, assim, encontra-se no indivíduo como personagem e autor que atua na realidade do dia-a-dia na perspectiva de vir a oprimir. O mais comum é que o faça do ponto de vista financeiro e com elevação do seu status social.

A *primeira implicação prática* desta forma de compreender a opressão para a psicologia comunitária é a quebra de dicotomias, haja vista que o ato de oprimir está na opressão, ou seja, somos dialeticamente portadores das duas dimensões desse processo. E só o desenvolvimento da consciência de si e do outro, que atua nas relações sociais, é capaz de envolver simbólica e sistematicamente os indivíduos na autotransformação da realidade opressora em que vivem.

Talvez se pudéssemos agora fazer um correlato atual e crítico entre as reflexões de Paulo Freire com o pensamento antropológico de Geertz (1989) no ponto abordado a pouco, achássemos a afirmativa de que esta cena interpretativa oprimido-opressor cria de certo modo

um acontecimento humano paradigmático que irá permitir a criação de várias identidades narrativas que as demonstraremos nos estudos em campo.

O que fica claro até o momento é como a intensidade da proposta pedagógica freiriana se acha incrustada em um projeto de transformação dos indivíduos, e depois da sociedade como um todo. Danilo Streck (2009), ao revisitar as obras de Paulo Freire, diz que a compreensão do caráter oprimido é de um ser humano que possui diminuída a sua capacidade de pronunciamento perante o mundo e a vida. Não consegue perceber os fatalismos históricos que a sociedade reproduz atribuindo um caráter de passividade aos que trabalham para a construção das riquezas materiais, sendo alijadas destas.

Nada disso teria sentido na pedagogia da libertação se não houvesse a denúncia das estruturas macro das sociedades capitalistas no seu discurso de “progressividade”, e agora também de globalização e/ou modernidade. Não podemos compreender a teoria se não tivermos em mente a noção de sujeitos históricos que é detentor de características como consciência crítica e dialogicidade. São justamente tais condições concretas de vida que fundamentam a materialidade do desenvolvimento sócio histórico e cultural do psiquismo humano. Para Freire, é somente na ação direta de confronto com a realidade que o indivíduo possibilita o alcance da libertação; não sozinho, mas coletivamente.

Na América Latina, e no Brasil claramente, foi entre as décadas de 60 e 70 que as ideias sobre a **libertação** caminharam junto aos movimentos populares. O papel dos intelectuais foi fundamental na revisão dos eixos teóricos que possibilitaram a criação e a aplicação de novas metodologias no trabalho de intervenção comunitária. Paulo Freire destacou-se nesse processo no instante em que foi porta-voz dos grupos marginalizados, representando sua própria vida um caminho de combate a opressão política e militar que foi protagonista certo. Estratégia que exaltou viés político da ação educativa. A ação da alfabetização de adultos no continente africano e latino é emblema dessa luta e a usamos como possibilidade de atuação em campo, através principalmente das rodas de conversa e dos círculos de cultura.

Também na leitura de Gramsci encontramos comparativos interessantes sobre o caráter de libertação, ou melhor, da passagem do indivíduo que reina passivo diante das estruturas sociais opressoras e o fortalecimento crítico deste diante da necessidade de apropriação do projeto de sociedade libertador que almeja. Mas, somente é possível tal passagem no instante em que os indivíduos conseguem dialogar com as contradições existentes nos sistemas capitalistas. O autor Giovanni Semeraro (2007) diz que ambos, Freire e Gramsci

favorecem o repensar da libertação como ato concreto de mudança da realidade, sendo urgente uma nova produção de saberes capazes de tornar concreto tais perspectivas. É o que propõe a psicologia comunitária latino-americana.

3.3.3. Biodança (Rolando Toro)

Como parte de um todo e em conexão com a vida nas suas relações com os seres vivos, em dimensões ontológicas e arquetípicas, a Biodança consagra-se como um sistema que objetiva a “integração afetiva, renovação orgânica e reaprendizagem das funções originárias da vida” (Toro, 1991, p.03), através de vivências integradoras.

A conceção humana não se encontra simplesmente na esfera individual, mas numa teia psicossocial de interação entre eco fatores que permitem o desenvolvimento integral e holístico da humanidade como um todo. Restabelecendo o elo perdido entre a motricidade biológica, a afetividade e as funções viscerais existentes humanas, ocorrem a reaprendizagem das funções vitais como estabelecimento da harmonia homeostática necessária a manutenção e perpetuação da espécie.

Para a Biodança, a tríade música – dança – encontro, propicia a criação de um núcleo afetivo potente capaz de “aumentar a resistência ao stress, elevar a resistência imunológica, estimular as funções neurovegetativas” (ibidem) resultando em mudanças não somente comportamentais, mas especificamente orgânicas na maneira de identificação dos seres humanos.

Como afirma Toro citado por Flores (1998, p.05), a Biodança tem a “coragem de abordar o universo como um organismo pulsante que está em contínuo processo de criação de condições para que haja vida e mais vida”. Neste sentido, para a Biodança, a via régia de acesso as leis que conservam e permitem a evolução da vida encontra-se no *princípio biocêntrico* que conduz a vida ao centro de todas as coisas e não o homem, ou o universo, como acreditavam os povos antigos e mesmo algumas religiões atuais.

Acredita na estreita vinculação da vida com a expressão do potencial genético através de canais que permitem, a partir da liberação de hormônios estimulados pela vivência de emoções específicas, a expressão de potencialidades humanas inibidas ou deformadas pela cultura ou momentos da história individual dos homens. Assim, afirma Rolando Toro (*apud* Gonzalez, 1994, p.08).

É importante, então, compreender que o suporte genético, que antigamente se concebeu como uma estrutura que selava o destino de muitos, guarda milhares de potenciais que só esperam a reversão da estrutura rígida do meio ambiente para se desenvolverem.

É justamente a *vivência* que possibilita a modificação dessa estrutura em momento de profundo contato consigo mesmo. Não a vivência epistemológica da qual trata o autor Husserl (1989), nem mesmo a especificada por Dilthey (1978) que embora se aproxime da concepção da Biodança, ainda limita o ser à consciência de fatos; mas a que Góis (1995), a partir de observações feitas pelo próprio Rolando Toro, afirma ser

O ponto de partida da regulação e orientação do ser no mundo, a imediatez do viver, lugar onde a existência adquire sentido, por si mesma, ou revela a falta de sentido em procurar um sentido para a existência (p.67).

Com estas concepções, o criador do sistema Biodança, Rolando Toro começou a sistematizar as principais vivências experimentadas durante a realização de exercícios específicos que combinavam, como já citado, música, expressão corporal e continente em grupo com atmosfera afetiva propícia ao contato íntimo do ser com suas próprias emoções, encontrando cinco possibilidades de expressão (ou linhas básicas de vivência).

Aquelas estão presentes na evolução do modelo teórico em Biodança que inclui a ideia de espiral evolutiva para a inter-relação entre as linhas de vivência, partindo de experiências marcantes na primeira infância, denominadas proto vivências, que passam por momentos de equilíbrio (homeostase) e de mudanças (transtase) que possibilitam a evolução dos seres vivos. Vejamos no quadro 01 abaixo como as linhas de vivência estão vinculadas as emoções.

Quadro 1 - Linhas de vivência em biodança

Linha	Tipos de Vivência	Emoções Básicas
Vitalidade	Capacidade e força	Alegria e entusiasmo
Sexualidade	Intimidade	Desejo e prazer
Criatividade	Expressividade	Exaltação criativa
Afetividade	Ternura, amor, amizade	Plenitude

Transcendência

Plenitude

Beatitude, gozo supremo

Fonte: Adaptado de Gonzalez, M.; 1994 p.09

A **Vitalidade** é aquilo que dá sentido a existência humana visto que a mesma sobrevive a partir dela, é seu útero original que pressupõe a existência da própria vida. Como bebês mergulhados na vivência primal de contato orgânico com a mãe a partir daí com todo o universo, cada um respira conforme a necessidade de manter-se “vivo” do mesmo modo que se movimenta dentro da possibilidade do que a vida lhe impõe.

Mas, há um movimento sutil de transcendência ontológica que nos lança à vida e que nos leva à fusão de prazeres e de aprendizados. O desconhecido parece ser a mola mestra que abraça a nós mesmos nesse momento de finitude, de compreensão visceral da eternidade do instante vivido.

Nascer significa em sentido estrito, *nascer para o outro* como resultado da criatividade que chega como momento de alegria na transmutação necessária e quotidiana própria à existência humana. A **criatividade** nos conduz, então, a capacidade (criativa) de comunicação com as pessoas, sendo esta uma atitude afetiva perante a vida.

A expressão das emoções contidas no ato criativo da própria existência humana nos proporciona o estabelecimento de vínculos (diferenciados ou indiferenciados) com os outros, bem como o desenvolvimento da nossa capacidade de interação que se realiza no contexto social e grupal. Cabendo-nos ressaltar que a vida criativa não está somente na esfera humana, mas em toda a natureza.

Com facilidade podemos compreender que a linha da **afetividade** na Biodança é a possibilidade de autorrealização e aceitação de si para através do fortalecimento saudável e harmônico nós mesmos possamos nos debruçar no prazer afetivo do vínculo com o outro e com o universo inteiro.

Esse vínculo nasce a partir da expressão do desejo de estarmos com o outro em uma vontade tal que revela a cada instante a emoção de nos fundirmos com o outro, retornando com nossa identidade fortalecida, sensível, de modo a preencher nosso instinto gregário de vinculação com a própria espécie. A linha da afetividade, tal como a concebeu em Biodança é antes de tudo a possibilidade de integração do ser em todas as suas dimensões (vitalidade, transcendência, criatividade e sexualidade).

Vivenciar tudo isso é estar sensível primeiramente à vida e isso bem significa estar aberto ao outro, disponível para a vivência do outro e ao encontro do novo. Muito se pode falar

da **sexualidade**, mas é sincera mente por ser o portal do paraíso - que a maioria dos homens julga ser inatingível - quando na verdade sabemos ser o encontro único entre a identidade e a diferença.

Há um instinto gregário e de continuidade da espécie que coexiste nestes termos, mas não podemos negligenciar neste ponto a existência visceral da orgia e do prazer que encontram seu refúgio na natureza humana. Há um *chão ontológico*, por assim dizer, que possibilita o ato de dar-se conta do horizonte aberto para a finitude dos homens.

E essa marca somente é possível pelo despertar da sexualidade como fruto do amor e também da discordância, não sendo um ato de escolha individual, mas antes de tudo o meio do homem compreender-se, projetar-se, ir ao encontro do outro, lançando-se na vida. A sexualidade em Biodança é a “disposição do modo de ser da humanidade que abre espaços para a disposição subjetiva de um ente que se lança para uma ação determinada” (Almeida, 1998, p.04), a busca do prazer imediato e da fusão com o rasgo de liberdade que historicamente torna livre os homens e as mulheres como instâncias fundadoras da história.

A pergunta fundamental quando estudamos as linhas propostas pela Biodança é a compreensão do sentido da **transcendência** que nos remete ao sentido da vida; como poeticamente escreve Almeida (1999) ao buscar a compreensão da transcendência:

A vida é criadora e criatura; o descanso e o movimento. Não escapamos dela nem a possuímos, por isso, somos o seu acontecer e dela nos damos conta de muitos modos. Se a vida não é objeto para nós, então só a fazemos presença como vivência e narração (p.10).

Assim, a transcendência é em si mesma a possibilidade de atualizar a vida em nós, fortalecendo-nos na teia da Vida e na vinculação com a eternidade do instante vivido. Torna-se ato aquilo que se nos revela como potência no momento de fusão com o cosmos. É justamente a necessidade do (a) facilitador (a) em Biodança permanecer no portal da transcendência que o impulsiona a renovar cada vez mais intensamente seus potenciais de vida que se revelam na intimidade deste com o grupo no qual facilita. Mas esta perspectiva de facilitação grupal em Biodança merece destaque, pois a utilizamos nos grupos comunitários que levamos a cabo nas comunidades do nordeste do Brasil.

3.3.4. Teoria do Vínculo (Pichon-Rivière)

Não é sem propósito que existem muitos tratados sobre a importância dos grupos na vida humana. Somente alguns autores enfocam a questão do vínculo entre os membros de um grupo como elemento impulsionador do desenvolvimento. Assim, às vezes somos forçados a participar de estudos sobre o tema que embora importantes do ponto de vista estrutural sejam ao mesmo tempo frágeis pela descrição de papéis e perspicazes pela demonstração sutil da riqueza dos grupos. Para chegarmos à verdadeira interpretação do que isto significa, devemos atentar para o fato de que para se estudar algo é necessária a *vivência* no que se mostra como elemento de inquietação.

Pois foi exatamente por abordar o homem, concebendo-o em única dimensão, ou seja, a humana, que Pichon-Rivière colocou, desde o início da estruturação da sua teoria, a necessidade de conhecermos três aspectos fundamentais da facilitação de grupo comunitário ⁵⁵. Tendo abordado estas questões, o autor concebeu o *vínculo* como uma estrutura dinâmica e pulsante, portanto, essencial para a vida do indivíduo em grupos.

Deste conteúdo, destaca-se o esforço de Pichon-Rivière em compreender que a cada instante formas diferentes de vínculo são estabelecidas com a totalidade humana; salientando que não há possibilidade de existência de um tipo de vínculo, mas de vários simultaneamente. Em última instância, tais formações propiciariam a cada indivíduo à compreensão e análise dos vínculos patológicos como possibilidades de construção de novas relações que profilaticamente contribuirão “para a proteção da evolução sadia da sua personalidade” (idem, ibidem). Assim, nasce a ênfase no estudo psicossocial que favorece a inclusão e a significação interna que a pessoa transfere aos grupos.

Quando as representações sociais que temos dos grupos que participamos são modificadas, desenvolvemos a tendência desequilibrante de reconstituição da situação tal qual ela se nos apresentou em um primeiro momento; o que ocorre, na verdade, é o rearranjo da estrutura interna com ênfase no vínculo que impulsionado por motivações psicológicas age como resultado de uma boa diferenciação entre a pessoa e os objetos que a circulam. Antes, porém, compreende-se a noção de vínculo como uma constante espiral evolutiva que dialeticamente impulsiona a pessoa a se comportar sempre em sua totalidade.

⁵⁵ Sob o ponto de vista psicossocial, sócio dinâmico e institucional.

As ideias de Pichon-Rivière assumem características de peculiaridade quando nos aproximamos da integração de teorias que fogem ao modismo teórico para fomentar a riqueza de sua análise sobre a pessoa na vivência em grupos. Assim, bebe na fonte da psicologia fenomenológica - existencial e traz à tona a suma importância do observador de grupos serem uma unidade dialética de transformação de si, do outro e do mundo.

Entre observador e observado cria-se um campo de situações onde a análise do grau de coesão e de interação entre ambos perpassa a interpretação de “terapeuta” e “paciente”, mas sobrevive a gênese do contexto indivíduo-sociedade. A elaboração de Fernando Tarangano como nota introdutória da obra de Pichon-Rivière (1982, p.18) revela que ele “considera que quando ambos estão reunidos configuram uma *gestalt* e tanto o existente como o emergente devem ser considerados como figuras que emergem do fundo organizado em cada aqui - agora”.

É possível que desta forma possamos também nos debruçar em uma brevíssima análise de como a psicologia de grupos influenciou o pensamento de Pichon-Rivière. É o que veremos a seguir em poucas palavras. Sendo este conteúdo importante para alguns itens que iremos trabalhar nos capítulos posteriores.

É necessário compreendermos que sempre existe um processo de socialização que torna a pessoa apta (em maior ou menos grau) ao estabelecimento de vínculos, a partir da expressão de comportamentos que ao garantirem regularidade na realização de atividades coletivas determinam o que a psicologia institucional chama de um *processo de institucionalização* (Bock, 2002, p.215).

Pode-se dizer que esta característica é a mais segura da vida humana e a que mais influencia a constituição de valores e atitudes individuais ao mesmo tempo em que é fracamente percebida nas relações sociais. Valorizamos na psicologia comunitária o local onde as instituições ganham vida, ou seja, os grupos e as organizações sociais, mas esquecemos o corpo de regras e valores que se co substanciam a partir do cotidiano da sociedade; contudo, recorremos a estes aspetos quando observamos algo alterado e que mexeu com a totalidade da sociedade. Por isso mesmo devemos compreender que:

O grupo é o sujeito que reproduz e que, em outras oportunidades, reformula regras. É também o sujeito responsável pela produção dentro das organizações e pela singularidade – ora controlado, submetido de forma acrítica a essas regras e valores, ora sujeito da transformação, da rebeldia, da realidade, da produção do novo (p.217).

Tal crítica sugere que é possível evidenciarmos o processo grupal através de uma abordagem que considera importante “avaliar o campo das fantasias e simbolismos encobertos nas relações pessoais e organizacionais dos seus diferentes membros” (p.224) como etapa fundamental e concreta da perspectiva de crescimento na vida em grupos.

O estudo da interação dos indivíduos no cenário grupal não é novidade, o próprio movimento gestaltista, já em 1935, realiza uma análise do que considera grupos *sociológicos* e *psicológicos* de acordo com um dos mais bem conceituados autores. O sentido geográfico que aparece no primeiro de forma clara é contraposto por elementos comportamentais identificados por Koffka no segundo. O autor conceitua ambos, como estruturas que se diferenciam da soma de unidades (Penna, 2000, p.98).

Paralelo a esta ideia, Wolfgang Köhler reconhece os grupos como estruturas fracas que impossibilitam aos seus componentes o desenvolvimento de ações coletivas; enquanto os grupos fortes têm *suas funções dependentes de sua posição na estrutura maior* de dada sociedade (idem, ibidem).

Na realidade, o que estes conceitos têm em comum diante dos pressupostos da teoria do vínculo de Pichon-Rivière é que nos levam a compreensão de que a nossa capacidade de inserção nos grupos influencia no processo de estabilidade grupal e de um maior ou menor grau de unidade ou segregação ao meio que acolhe. Conclui Köhler, a “expressão ‘nós fizemos’ ou ‘nós vamos fazer’ implica que o fazer não mais se situa ao nível de uma participação individual que se acrescentará à participação dos demais; mas que é o grupo que se dispõe à realização (p.98)”.

Por fim, é válido salientar as contribuições do autor Kurt Lewin à compreensão dos grupos, especialmente na demonstração das modificações das atitudes coletivas em detrimento às individuais; além da valorização do componente prático ao mero discurso na descristalização de hábitos enraizados nos comportamentos humanos.

À medida que fornecemos este panorama geral das características grupais sob o ponto de vista de variantes teóricas, recorreremos, ainda, a descrição de ideias básicas da efervescência do processo grupal na vida humana a partir também dos aspetos da comunicação, cujos fatores por sua vez entram na constituição da linguagem humana. Linguagem que não é puramente verbal, mas sensível o suficiente para coexistir numa comunicação sutil entre o corpo e as expressões da mente.

Sobre as teorias da comunicação, Pichon-Rivière aproxima-se desde o ponto de vista do papel dos sistemas sociais no desenvolvimento das relações humanas. Partimos da tese de que o homem influencia seu meio e o faz através das impressões que aquele lhe transmitiu, ora boas e fortalecidas, ora com certos tipos de julgamentos que alteram o curso da comunicação.

O fato é que além das expectativas geradas no seio das relações, existe a necessidade da análise dos sistemas sociais que nos inserem na sociedade como um todo e nos permitem estar inseridos nas relações humanas de um modo geral. Nessas condições, os sistemas nos fornecem a possibilidade de alcançar objetivos que também são perseguidos por outras pessoas. Sejam sensíveis ao fato de que “O conhecimento do funcionamento de um sistema social é útil para que se possam fazer previsões sobre como os membros se comportarão nas situações de comunicação” (Berlo, 1999, p.141).

É possível que esta breve análise tenha nos propiciado o tripé de identificação da obra de Pichon-Rivière que nos revela categoricamente a investigação psicossocial e a compreensão do contexto como essenciais para a vida em grupos. Enquanto a primeira se preocupa com a análise das atitudes da pessoa que se revelam de maneira externa ao grupo, a segunda avalia as tensões entre os membros que configuram a dinâmica grupal.

Quer dizer, uma pessoa tem certos comportamentos no seio da família e em seu trabalho, mais cedo ou mais tarde irá também expressar e buscar modos de relação em grupo de maneira semelhante ao expresso no contexto social mais amplo.

Assim, o facilitador de grupos, ora deve posicionar-se como um investigador de variáveis que contribuem ou prejudicam a fluência destas ações, ora deve mostrar ao participante a perda de equilíbrio que os sistemas sociais sofreram para lhes causar dor e sofrimento, portanto, colocar-se em busca do equilíbrio. Sem isto, o crescimento grupal está fadado a ineficácia de objetivos a que se propõe.

Sabemos que Pichon-Rivière (1982) chama isto de *emergência mental* onde o desconhecimento desta estrutura causa a não compreensão dos fatores de desequilíbrio, ou seja, não importa somente registrar que houve ruturas, mas saber minuciosamente como e em que condições ocorreram este fato para possibilitar o emergir de um novo homem ou uma nova mulher numa situação existencial que pressupõe sempre crescimento evolutivo e em espiral para melhor refletirmos.

É certo que a pessoa encontra-se como centro deste emergente mental que é chamado de “crise existencial” ou, em sua intensidade maior, de “doença mental” até sendo

possível o desenvolvimento da loucura, mas é um todo que está atuando através de um dos membros da instituição ou grupo do qual ela faz parte (idem, ibidem).

Sabemos agora que Pichon-Rivière traz da *psicologia institucional* a ideia de que o estabelecimento de vínculos garante a regularidade e eficiência no modo como as pessoas se relacionam entre si. Do *movimento gestalista* sabe-se que o desempenho de funções e papéis no grupo depende do contexto social que permite a pessoa um maior ou menor grau de integração com as características do meio. Cabendo *aos processos de comunicação* a complementaridade de que não basta somente valorizar este contexto social que modifica e é dialeticamente modificado pelos homens, mas estar sensível à situação e às expectativas geradas nessas condições.

Mas, o que é mesmo vínculo? Na concepção de Pichon-Rivière o vínculo é resultado do tipo de relação que uma pessoa estabelece com certos tipos de objetos, sejam eles internos ou externos, que movido por fatores de motivação psicológica resultam em maneiras habituais e visíveis do indivíduo se relacionar consigo e com os outros. É uma estrutura dinâmica que contribui com a definição do caráter de uma pessoa no “sentido de que o caráter se torna analisável quando descobrimos o vínculo interno ou seja, a natureza do objeto e o tipo de relação que o eu estabelece com o objeto interno” (p.38).

A mesma coisa acontece quando nos propomos a compreender o vínculo do ponto de vista intrapsíquico, ou seja, através do que o autor denomina campo interno de natureza interpessoal e grupal. Estes, por conseguinte, incluem de maneira dinâmica as formas de comportamento e de manifestação do caráter não só de nós mesmos como das pessoas mais próximas que nos relacionamos no contexto grupal e institucional.

Devemos dizer que não somente a psiquiatria, mas descritivamente a própria psicologia social considera a noção de vínculo como certo tipo de conhecimento que funciona na prática como um critério operacional de compreensão da realidade. Isto ocorre porque “o vínculo é sempre um vínculo social, mesmo expresso por uma pessoa; através da relação com esta pessoa repete-se uma história de vínculos determinados em um tempo e em espaços também determinados.” (p.49)

Aí se configura um momento de compreensão direta do contexto grupal que ao ser afetivamente protegido e bem definido, como é proposto pela psicologia comunitária através da Biodança, torna possível o entrelaçar harmônico da pessoa com suas partes integrantes. De fato, não existe uma relação impessoal entre os homens, uma vez que o vínculo entre duas ou mais

pessoas é estabelecido em função de outros vínculos que inclusive de maneira inconsciente se acumulam historicamente em cada um de nós.

Sempre nos comunicamos um com os outros a partir das relações de vínculo que depositamos sobre as demais pessoas mediante mecanismos de deslocamento ou de projeção que nos auxiliam na compreensão da realidade. Mas é certo que este mundo, por assim dizer, também é influenciado pela nossa percepção da realidade externa e não somente de conteúdos internamente definidos.

3.3.5. Teoria histórico-cultural (Vygotsky, Luria e Leontiev)

Com base no materialismo histórico e dialético que pressupõe a influência das condições materiais de vida como mediadoras da formação do psiquismo humano, além do imediatismo de tais interações no desenvolvimento da consciência e da atividade no cotidiano, a teoria histórico-cultural tem como principal expoente Vygotsky que agrega a estas argumentações a importância da linguagem como constituinte dos signos e sinais que orientam a ação dos indivíduos na vida e no mundo da cultura.

O pensamento humano é considerado uma forma de mediação das expressões do dia-a-dia da mesma forma como o conjunto de traços, ideias e percepções da pessoa sobre si própria e seus pares. Gerada pelo processo de individuação que por sua vez está sustentado nas habilidades psicossociais dos grupos, a interação dos indivíduos com seu ambiente é fator principal na visão sócio histórica aqui concebida. O homem, concebido como produtor e produtor das suas condições de vida, também se posicionam a partir de uma série de transformações identitárias que compartilham com a coletividade.

O caráter de ineditismo das ideias de Vygotsky está voltado para a perspectiva marxista que permite ao psicólogo latino-americano a inserção nos movimentos sociais da mesma forma como as demais bases epistemológicas as permitem. Perpassa, ainda, a perspectiva de compreensão dos símbolos culturais presentes em cada comunidade indo em direção a utilização destes aspectos como interlocuções dialógicas para o alcance da libertação.

Existe ao lado da necessidade de problematização dos problemas que afligem as populações do mesmo modo como as ajuda na contextualização crítica dos mesmos, faz com que a investigação científica ganhe novo sentido porque está imersa na ação do cotidiano dos grupos sociais.

A interação simbólica entre os indivíduos, como elemento comum ao contexto de diálogo que se acham imbricado, é outro ponto importante da teoria. De acordo com Ximenes e Barros (2009), a teoria histórico-cultural permite ao psicólogo comunitário a compreensão dos processos psicossociais como resultado da troca de saberes e maneiras de existência nos territórios da aprendizagem presente nos movimentos sociais. Estando os mesmos aptos à mediação do que fazer psicológico a partir da análise do todo, mais do que a intersecção entre cada situação de vida. Quer dizer, não é característica da ação do psicólogo latino-americano o trabalho com segmentos da população sem que para isto a análise do contexto global de sobrevivência dos grupos sociais possa ser analisada em parceria com os indivíduos que participam das atividades comunitárias.

Assim que a participação da população no processo de tomada de consciência das formas de opressão que a mantém, deve também pautar-se nestes princípios. Nossa preocupação como psicólogo, deve ser favorecer ético-afetivamente à reflexão e à ação dos grupos populares de maneira pedagógica para que a linguagem científica não seja regra da intervenção, por exemplo. Daí resulta que o método genético estruturado por Vygotsky permitir o acesso a nova forma de atuação metodológica com o uso do signo como instrumentos mediadores da investigação-ação.

A abordagem sócio histórica também possui os objetivos das demais bases de perceber o homem na sua totalidade, rechaça os reducionismos e idealismos presentes em outras teorias, partindo em busca dos aspectos biológicos, antropológicos e sociais de constituição do psiquismo humano. Forma, com isso, a noção de um sujeito concreto, ativo, coletivo, histórico, considerando a concretude do indivíduo como eixo norteador da tomada de consciência.

A posição identitária dos grupos sociais também é valorizada, posto que tenha sido ambientada entre os nexos causais que rodeiam a vivência comunitária. Mas, nesse aspecto, os achados de Vygotsky aos enriquecidos com as ideias de Luria, outro autor da teoria histórico-cultural, que compreende a ciência como a arte da imersão lógica e da descrição dos fatos da vida concreta dos indivíduos. O psicólogo seria o intermediador das compreensões que os grupos organizam, ou bem melhor, um catalisador das ações que inspiram novas formas de compreender a realidade a partir dos signos linguísticos e das crenças culturais de determinadas populações.

Bakthin, outro colaborador, acha-se motivado para o desenvolvimento de tais ideias no sentido de reforçar o valor da produção textual como instância criadora dos seres humanos. Isso desperta, no decorrer do nosso estudo, a clara compreensão de que as narrativas de vida são também processos de produção do conhecimento que requerem uma nova estratégia de pesquisa em campo, porque representa a gênese de um saber que está incrustado nos indivíduos, mesmo que estes não tenham a compreensão científica que suponhamos ter como profissionais.

Freitas (2001) afirma que para Bakthin nunca foi possível a compreensão do homem distante das suas lutas ou do seu trabalho, assim não podemos tratá-lo como um simples objeto de estudo ou algo similar aos fenómenos da natureza, por exemplo. Pelo contrário, existe uma especificidade material que provoca uma busca pela totalidade que nem sempre é colocada em prática pela proposta da psicologia da libertação. É justo que muitas vezes sejamos apontados como “idealistas”, mas talvez seja o retorno epistémico as bases científicas que embaçam nossas ações em campo, o segredo para o alcance de atuações mais críticas no eixo comunitário. A proposta a seguir é compreender como os feminismos tornam concreta tal lacuna.

3.4. Intervenção comunitária e feminismos na América Latina

Nos capítulos anteriores, expomos uma genealogia feminista do ponto de vista histórico que rompe com a tendência binarista propondo uma desconstrução desta visão paradigmática. Neste percurso, nos foi possível compreender os feminismos através de um posicionamento político e uma ontologia própria que demonstrou a importância das esferas simbólicas como mediadoras da formação do psiquismo humano.

De acordo com nosso ponto de vista, desconstruir paradigmas que a história naturaliza ao longo das décadas não significa só denunciar o caráter patriarcal presente nas histórias de vida das mulheres, mas sim propor algo no eixo metodológico que seja capaz de impulsioná-las à mudança.

Ao mesmo tempo, fora as manifestações políticas e partidárias, há na expressão artística, poética, teatral, musical, literária, variadas formas de reivindicar a igualdade nas relações humanas. Trata-se de pensar como a psicologia é capaz de atuar no eixo feminista fortalecendo a identidade através de práticas narrativas.

Por hora, é imprescindível deixar claro o que compreendemos por intervenção comunitária, aliás, qual a definição de comunidade. Para Góis (1994), a comunidade não é somente um espaço geográfico, mas um locus de interação entre as pessoas que acima de tudo compartilham signos e significados comuns ao modo de vida do lugar. A ênfase do trabalho do psicólogo está na compreensão da atividade comunitária, quer dizer, na maneira como os atores sociais compreendem suas interações e relações psicossociais. É uma compreensão que busca o significado que cada um dá ao feitiço da sua história de vida que sendo individual é ao mesmo tempo coletiva. Igualmente importante é saber de que forma as pessoas são capazes de influenciar na vida da coletividade, alcançando as transformações desejadas e necessária para todos.

É por isso que falamos em um desenvolvimento comunitário local que é similar a ideia do conhecimento situado que os feminismos acreditam. A diferença está no fato de que tal estratégia é alcançada na superação das contradições do dia-a-dia, e não fora delas. O enfrentamento e a apropriação daquilo que cada um é na sua identidade, não se realizam, para a psicologia da libertação, de outra maneira senão esta.

Nossa maneira de trabalhar passa, necessariamente, pela formalização de uma parceria entre a equipe de psicologia comunitária (ou profissional) com um representante comunitário que passa a defender interesses pessoais ou na maioria das vezes coletivo. Este é chamado de **contratante**, essa forma de comunicação inicia nossa proposta de atuação em campo.

Nesse processo nos interessa compreender como ocorreu a decisão para a proposta de parceria, quais as demandas e necessidades da população alvo, onde está posicionada a representação comunitária, se falamos com instituição pública ou privada, quais os outros parceiros envolvidos na ação, quais os atores sociais que vamos entrar em contato, as principais características do campo de ação. Definidas estas e outras questões consideradas pertinentes para a realização do trabalho, agendamos visitas e iniciamos a ETAPA I do processo de inserção comunitária que se chama **Diagnóstico-Ação**.

Normalmente temos dois a três meses de visitas constantes ao campo para que seja realizada esta etapa. Empreendemos um processo de observação-participante que nos possibilita o entendimento do que os grupos consideram prioridade para as atividades em psicologia (necessidade) e o que a equipe (ou profissional) de psicologia (agente externo) considera possível ser realizado (demanda). É importante que haja nessa etapa um processo de vivência comunitária que se realiza na participação dos agentes externos em um número maior e diversificado de ações organizadas pela comunidade, sem o caráter intencional de propor mudanças.

Esta etapa também é central para o estabelecimento de vínculos profissionais e afetivos com o contratante e grupos sociais, tornarem conhecida das pessoas a proposta da psicologia social, desmistificando o papel do psicólogo como “dono da verdade”. E também manifestar respeito pelas crenças e opiniões de cada um, sendo a equipe uma catalisadora da histórica cultural da comunidade em questão. Outro fator importante é ter clareza de que ora estamos participando de reuniões, grupos de encontro, atividades culturais, ora realizamos conversas individuais, visitas domiciliares, entre outros.

As ideias e necessidades do contratante são sempre consideradas, mas é papel do psicólogo comunitário ampliar a visão do contexto comunitário, problematizando as questões trazidas pelo contratante na medida em que a análise do contexto situacional é ferramenta de trabalho da nossa proposta de atuação. Com isso, utilizamos o diário de campo como estratégia de registro das percepções sobre o modo de vida da comunidade. É comum que o conteúdo seja compartilhado com os membros da equipe em campo.

Documentos escritos, bem como outras formas de registro da forma de vida do lugar comunidade são fundamentais para a posterior organização do que conhecemos como plano de ação. Esta é a fase final da etapa I que é concluída com uma apresentação formal das percepções que os agentes externos empreenderam nos meses de inserção em campo, sendo propostos meios de atuação direta com a comunidade. Há nesse processo existe a preferência pela proposição de abordagens individuais e grupais que servirão para o uso de técnicas diferentes de abordagem as necessidades do campo de atuação.

Observamos que após esta apresentação formal do plano de ação é comum a realização de ajustes, quer sejam proposta pelo contratante quer venham das pessoas dos grupos comunitários. Alguns profissionais latino-americanos utilizam este momento para a realização do planejamento estratégico participativo, bastante comum no nosso meio. Outros

utilizam formas mais simples de coleta de dados. Existem, ainda, os que utilizam a pesquisa-ação ou a pesquisa-participativa como estratégia para compreender o cenário comunitário. De qualquer maneira, o mais importante é garantir a intersecção entre os saberes técnico-acadêmico e popular.

A ETAPA II, conhecida como de ***desenvolvimento dos grupos comunitários*** é o momento de formação ou fortalecimento dos grupos sociais, a partir das categorias de análise propostas pela psicologia social latino-americana ⁵⁶. A proposta não ver a realidade de maneira estática, mas utilizar mecanismos de compreensão de forma a percorrermos os objetivos constantes no plano de ação. Também não utilizamos as categorias isoladas porque as compreendemos como partes de uma espiral evolutiva que se apresenta como uma síntese das características ontogenéticas e filogenéticas presentes nos indivíduos.

Dependendo da proposta em campo, costumamos conduzir esta etapa por um período aproximado de seis a sete meses, fazendo uma avaliação processual conjunta com os grupos trabalhados, cujas metas podem ser refeitas ou dadas continuidade ao longo da atuação em campo. Normalmente, ao final desta etapa, propomos a ampliação dos grupos temáticos haja vista ser uma das nossas estratégias de inserção em campo a formação (ou fortalecimento) de lideranças comunitárias. Temos sempre a ideia de que o sucesso da atuação depende da continuidade das atividades em a presença da equipe de psicologia, excetuando-se aquelas ações próprias do psicólogo.

É também nesta etapa que nos propomos a realizar abordagens individuais que normalmente prosseguem com o atendimento das demandas anteriormente expostas no início do trabalho de diagnóstico-ação. É comum aos psicólogos comunitários latinos a formação complementar em alguma abordagem terapêutica humanista que nos leva ao maior entendimento sobre como as situações de opressão levadas a cabo pela sociedade são internalizadas pelos indivíduos. É um processo que será descrito adiante, deixando claro que se trata da ação em um contexto terapêutico diferenciado da psicologia clínica individual.

Como falamos, a etapa II poderá alongar-se dependendo dos objetivos proposto no plano de ação e avaliados periodicamente pela comunidade e o profissional. Assim, podemos ter uma atuação que até aqui já dura quase dois anos. Inicia-se a partir daqui o que conhecemos como ETAPA III do processo em campo. Com a meta de ampliar a rede de apoio aos projetos ou

⁵⁶ As principais categorias são identidade, afetividade, consciência, atividade, caráter oprimido, ideologia de submissão e resignação, representações sociais. Estas também são chamadas de categorias fundantes da psicologia da libertação.

grupos comunitários, esta etapa é comumente denominada de **articulação dos grupos com os movimentos sociais** de base e/ou institucionais.

Nesta etapa, ocorre que a aliança entre a equipe de psicologia comunitária e as lideranças locais já está fortalecida e quiçá sedimentada como resultado das estratégias de capacitação na ação comunitária, desenvolvidas pelo psicólogo que deve intermediar, ou melhor, facilitar o processo de aproximação destas com movimentos reivindicatórios cujos temas são afins com a problemática trabalhada. Nesta etapa, ajuda muito a clareza que o profissional deve ter ao longo do processo de atuação de que sua prática não é *neutra* do ponto de vista político – o que não significa necessariamente um engajamento partidário. Pelo contrário, é o respeito extremo à diversidade de opiniões que garante a pluralidade metodológica pretendida pela psicologia da libertação.

É tempo de motivar a participação da comunidade nos processos de tomada de decisão da sociedade na qual faz parte, compreendendo que as conquistas nesta esfera serão fundamentais para a mudança estrutural das situações de opressão. Não podemos perder de vista, entretanto, que nesse ínterim existem indivíduos que através da tomada de consciência estão passando por processos de assimilação e transformação identitária, necessitam suporte psicossocial dos grupos que participam e dos quais o psicólogo faz parte tanto quanto possível e de maneira ética e política.

Para Alain Touraine (2002), os movimentos sociais refletem os processos pelos quais a sociedade produz suas formas de organização. É justamente no conflito entre os interesses de diferentes classes sociais e as transações políticas impostas por estes que a sociedade de forma macro estrutural estrutura seu sistema de ação histórica. No caso da luta feminista é fundamental que os diferentes grupos de mulheres que existem no eixo comunitário possam estar vinculados a tais movimentos. É espaço precioso para atuação da psicologia da libertação feminista que possui no Brasil muitos exemplos.

Na prática, podemos trabalhar com grupos de biodança ou de crescimento de acordo com a ACP adequando a parte inicial ou final dos encontros para discussão dos temas próprios ao movimento feminista, contudo, a partir das situações de vida trazidas pelas mulheres (e homens) participantes dos grupos.

Poderíamos, ainda, trabalhar com a metodologia dos círculos de cultura de Paulo Freire como estratégia metodológica para em seguida propor a vivência do que foi discutido anteriormente, enriquecemos a forma como cada um se percebe diante das situações de

opressão masculinas. Enriquecemos a visão de algumas com o compartilhar das experiências de outras numa teia complexa de significações interpessoais que foram desconstruídas coletivamente com objetivo claro de mudança de comportamento, valores e crenças sexistas.

Tal postura deve ter à frente a ideia de que não basta somente estar engajada de forma política nos movimentos de mulheres, se acaso cada uma não modificar a maneira como lidar com as situações particulares cotidianas e vice-versa. Por isso, ao realizar ações em grupos terapêuticos propomos sempre formas de mobilização social que são em última instância meta desta etapa de atuação. Tendo em vista que as pessoas agem mais facilmente em mobilizações coletivas quando se sentem tocadas individualmente.

O tempo de permanência nesta etapa é muito variável e como percebemos vai sendo reciclado ao longo do processo de tomada de consciência. Nossa experiência em campo indica que se concretiza de forma crítica em torno de dois a três anos de parceria com os movimentos sociais de base, dependendo das características dos grupos sociais trabalhados e do exercício das relações de poder advindas das lideranças comunitárias.

Daí, chegamos a ETAPA IV do processo de inserção comunitária que se chama ***desligamento progressivo***, cuja ação da equipe de psicologia comunitária já não é mais necessária de forma contínua. É momento de avaliar se tanto as lideranças locais, como os grupos sociais, acham-se desenvolvidos nos seus potenciais de ação. Não somente do ponto de vista teórico e/ou ideológico, mas na realização de ações concretas de mudança das situações frágeis coletivamente.

Sabendo que houve, durante todo o processo, o estabelecimento de vínculos da equipe de psicologia com os munícipes, não raras vezes o profissional é convidado para regressar ao lugar comunidade em momentos chave de mobilização e reivindicações, o que garante uma avaliação dos resultados obtidos com a parceria antes estabelecida. São sempre momentos de compreender que a grande meta da psicologia da libertação é de certo modo ser um dia desnecessário para as populações menos favorecidas.

3.5. A construção de espaços terapêuticos no eixo comunitário

A interpretação que os autores contemporâneos transferem ao contexto grupal como elemento chave para o desenvolvimento humano denota, às vezes, esquecimento de que a

vivência grupal é necessariamente a interação entre os seres e as expressões emotivas de seu meio tal como são percebidas individualmente e apoiados pelo contexto grupal.

Neste sentido, a construção de espaços terapêuticos no eixo comunitário ocorre através do incentivo à expressão do potencial criativo e identitário de cada participante, sendo este mola propulsora do sentimento vivo de nutrição e proteção que vivemos em grupo. Assim, fortalecer a identidade feminina, através da Biodança ou do grupo de crescimento pessoal proposto pela ACP, significa conscientização, além das descobertas de papéis saudáveis a serem desempenhados de acordo com a noção do contexto social, recursos e expressão dos potenciais de vida existentes em cada um.

Devida sua natureza não estruturada, o grupo em Biodança aproxima-se das ideias do autor Carl Rogers (1994, p.18) que afirma que “o objetivo principal de quase todo membro é encontrar caminhos para a relação com os outros membros do grupo e consigo próprio” de modo mais detalhado e direto do que poderia fazê-lo em situações cotidianas. Daí a possibilidade de emergirem sentimentos verdadeiros de pessoas que se propõem a fortalecer sentimentos de confiança através do desenvolvimento de uma comunicação autêntica. Os estudos sobre a importância do contexto grupal indicam que

Um grupo de Biodança deve ser a expressão da vida através do cultivo dos potenciais biocêntricos (linhas de vivência) que proporcionam o mergulho na intimidade do universo vivo. O grupo de Biodança deve ser o ninho acolhedor que permite o crescimento para o voo na vida; ele é o lugar que aprendemos a conviver com nossos medos e a romper com nossos limites (Almeida, 1999, p.17).

De acordo com esta compreensão, um grupo é um organismo vivo que segue espontaneamente seu caminho, manifesto em todos os níveis desde a sobrevivência até a proteção em caso de fatores agressivos que possam acabar ameaçando a existência do grupo, passando pelo desenvolvimento de mecanismos de nutrição sofisticados desde o ponto de vista que sinceramente ele possa direcionar-se de modo próprio, sem que para isto seja necessária a tutela de um “coordenador”, mas o cuidado expressivo de um “facilitador” que atribui ao crescimento pessoal a descoberta de experiências possíveis somente no contexto grupal.

O grupo em Biodança torna-se único pela perfeição que exhibe diante do modo como produz suas *vivências*. Que fique claro aqui que a vivência em Biodança “somente é possível através de quatro elementos indispensáveis: o (a) facilitador (a) – narrador da vida; a vida – narrada em forma de poesia (consigna); e a música; e o grupo – que atualiza e efetiva a narração através da dança e de seus relatos” (idem; p.12). Assim, o grupo é ninho deflagrador dos potenciais da vida traduzidos como linhas de vivência; no qual também é soberano, pois não existe Biodança na solidão do indivíduo.

O grupo exala movimentos criativos durante a sessão de Biodança e por isso mesmo compreende espontaneamente a importância de construir marcas poéticas de expressão da própria vida; a experiência do (a) facilitador (a) contribui com o grupo, assim como cada membro torna possível o desencadear de emoções a partir das suas vivências quotidianas, tornando-as expressão da criatividade, afetividade, sexualidade, vitalidade e transcendência; não mero laboratório de aprendizagem ou comunicação.

Tanto mais o grupo expresse a unidade homem *versus* cosmos ⁵⁷, mais estará conspirando a favor da vida e o próprio método em Biodança é ultrapassado por esta autêntica atitude de singularidade particular do contexto grupal. Para, além disto, estão as possibilidades de vivência e de mergulho de cada participante no inusitado da Vida. Embora não haja uma direção específica, o grupo caminhará, mas é arrojado pensar que devemos conduzi-lo a lugares ou a objetivos específicos.

Ao fazer esta releitura do processo grupal como um espaço terapêutico possível no eixo comunitário, a biodança afirma o fato de que existe um caminhar ligeiramente diferente do que aquele que a sociedade nos impõe para a rutura do que nos oprime. Cria-se um ambiente favorável, afetivo e seguro que possibilita as pessoas, desde o princípio, se arriscar sendo elas mesmas.

Isto significa um retorno ao que existe de mais espontâneo no ser humano que aos poucos, pelos resultados indiretos dos processos de aculturação ou de institucionalização a que somos submetidos desde sempre, perde a característica de crescimento em direção oposta à vida e resgata os valores vitais próprios da espécie.

Até esse momento não nos furtamos em observar como o contexto grupal em Biodança é percebido, mas isso implica também acreditar que confiar nos sentimentos, nas palavras, nas dúvidas e nos medos de cada participante é optar pela situação de enfrentamento

⁵⁷ Vinculação: consigo mesmo, com o outro e com o universo.

que cada momento da vida nos exige. Não como *destruidores* dos nossos impulsos mais primordiais, mas como *aprendizes* daquilo que nos mantém.

Aquele que não vive seus desejos como potencial motivador dos elementos de vida existente na individualidade gera uma estrutura distante da autenticidade, portanto, frustrada em seu princípio. O grupo é encorajador da vivência de conhecimento visceral das formas mais genuínas de expressão dos desejos.

O próprio Rolando Toro (1997; p.02) afirma que o medo de realizarmos nossos desejos é a causa de muitas dissociações. Isto implica dizer que os participantes de um grupo de Biodança são pavorosamente livres para expressarem seus potenciais, sejam eles positivos ou confusos detalhados ou aparentemente superficiais e sem sentido, aproximando-se da capacidade de vinculação com os demais a partir do resultado de uma boa diferenciação entre si e os outros numa atitude de equilíbrio e paz.

Também desta maneira se compreende como o contexto grupal em Biodança e especialmente seu facilitador (a) não se preocupa com a antítese que se estabelece entre temas importantes das teorias grupais, porém não enfatizados por nós nesta proposta, de consciente *versus* inconsciente, psíquico *versus* somático. Simplesmente estamos ali no sentido da totalidade existencial, a tríade música-movimento corporal-grupo possibilita o crescimento na temporalidade que inclui em um só sentido: passado, presente e futuro.

CAPÍTULO 4

SIMBOLISMO DO CORPO E IDENTIDADE NARRATIVA

Escrever esse capítulo foi ir além das nossas crenças e preconceções teóricas acerca dos feminismos ao lado das suas possibilidades de ação política de transformação e alcance da justiça social entre mulheres e homens. O tema trouxe reflexões que muitas vezes nos obrigou a voltar aos primeiros capítulos numa desconstrução que não estava só no nível teórico, mas que foi alicerce mediador das discussões presentes ao longo do quarto ano do doutoramento.

Já tínhamos claro as revisões sobre a história de constituição dos feminismos, suas correntes e diferenças entre teorias e autores. Do mesmo modo, havíamos realizado uma busca bibliográfica que nos possibilitou achados semelhantes para a compreensão do corpo ao longo da história da humanidade. Contudo, este foi o momento de juntar as “peças de um imenso quebra-cabeças” e dimensioná-lo nas nossas experiências de ação comunitária no Brasil. Era decisivamente o momento de tornar claro qual a nossa compreensão sobre o simbolismo corporal e porque esta defendia a possibilidade de compreendê-lo a partir da identidade narrativa e da vivência feminina.

Preparado o terreno, decidimos começar o capítulo abordando a importância da prática narrativa como ato político da ação feminista. Para tal, o conhecimento exposto no continente latino-americano foi diferencial no momento de organizar as palavras. E assim articulamos as ideias de teorias e autores (Assunção, 2007; Vieira, 1999; Ortiz-Osés, 2003; Almeida, 1996) que produziram conhecimentos sobre as iconografias corporais que partem de uma análise sócio histórica e cultural não estruturalista, que nos itens seguintes farão diferença na compreensão da visão crítica desconstrucionista da ciência moderna.

Esse caminho facilitou muito o início da segunda parte do capítulo que propõe aos leitores conhecer as relações entre os feminismos e os discursos filosóficos sobre o corpo com foco nos seguintes itens: a **teoria dos gêneros paródicos** (Judith Butler), a **teoria da identidade narrativa** (Adriana Cavarero), a **teoria dos cyborgs** (Donna Haraway) e os **feminismos da diferença** (com as autoras francesas Luce Irigaray e Hélène Cixous)⁵⁸.

Antes, entretanto, dedicamos a última parte do capítulo para reflexões sobre a mediação simbólica e os sentidos corporais femininos com objetivo de construir laços entre estes e as propostas de ação da psicologia comunitária latino-americana. É importante dizer que

⁵⁸ Aqui tornamos claro os aspectos centrais da nossa fundamentação teórica que será complementada no capítulo seguinte com o debate sobre os direitos das mulheres.

nestes espaços textuais procuramos valorizar uma escrita própria a partir das nossas experiências, sendo esta criação mais evidente nos estudos empíricos.

4.1. A importância das práticas narrativas como ato político da ação feminista

Evidenciamos, no capítulo anterior, movimentos importantes que crescem à luz da desconstrução da ciência moderna, nos convidando a criação de novos espaços para a compreensão das questões sociais ao lado de conhecimentos que vão em direção à busca do diálogo transformador entre as pessoas. Tal pressuposto deve ser capaz de diminuir conflitos e hostilidades com especial atenção aos componentes da transformação social por um mundo mais justo e digno, resultado de um processo de conscientização inerente aos grupos sociais, e não aos indivíduos de maneira isolada.

Como expõe Gergen (1999), tal movimento na psicologia social também está preocupado com as condições históricas das sociedades e das formas possíveis produzidas por estas para dar suporte à boa parte dessas mudanças. Havendo, mesmo, pensamentos críticos diante da necessidade de repasse das informações (e do conhecimento) que não são reproduzidos de maneira uniforme, posto que esteja afetada pelos ditames globalizantes.

É, entretanto, no auge dessas mesmas discussões que as raízes dos feminismos encontram-se, estando aí do mesmo modo enxertados às “expressões locais e específicas dos processos sociais e/ou econômicos que orientam a divisão funcional do espaço e a divisão dos papéis de gênero” (Martínez, Moya & Muñoz, 1995). Tudo isso fundamenta uma discussão sobre a possibilidade de construirmos epistemologias feministas capazes de fundamentarem a ciência como um todo e não somente a psicologia.

Sandra Harding (1993), situada nos feminismos culturais, redirecionou seus estudos nesta perspectiva e propõe o fortalecimento do conhecimento epistêmico a partir da transgressão as visões atualmente dicotômicas de mundo e de ser humano. Enfatiza, ainda, a importância das práticas sociais como imprescindíveis aos desafios presentes nesse caminho.

Ainda ao longo do capítulo 02 conhecemos como tais perspectivas foram sendo delineadas de maneiras diferentes ao entrarem em contato com os continentes europeu e americano, estando este cindido entre a realidade norte-americana e latino-americana. E por fim também encontramos breve apresentação sobre os construcionismos sociais e ao largo deste, possibilidades de mudança nos paradigmas que nos dias atuais orientam as ciências humanas e

sociais. Nisso concordamos com Bourdieu (1999, p.05) ao afirmar que “não podemos esperar sair deste círculo a não ser na condição de descobirmos uma estratégia prática capaz de efetuar uma objetivação do sujeito na objetivação científica”.

É falarmos de complexidades dialéticas que se entrecruzam no campo da ação política no qual a ciência (e os próprios cientistas) deveria estar conformada de que a mesma não será capaz de cumprir seu papel ético se não construir-se permanentemente nessa complexa alteridade.

Assim, cada parte dos feminismos vai apresentando determinadas matrizes que ao invés de agirem como moldes fixos para cada indivíduo, assumem o papel de resgate da diferença que designa cada um, porque é verdadeiro dizer que a identidade de uma pessoa não deve corresponder ao modelo decalcado da identidade cultural dos grupos sociais dos quais o indivíduo faz parte (Vieira, 1999).

Aqui está à importância da prática narrativa como estratégia de transformação dos feminismos. Representando o encontro multidisciplinar das nossas duas áreas de atuação: psicologia social crítica e psicologia da libertação. Fazendo valer um esforço de articulação entre teorias e metodologias que as unem e que estão localizadas de forma contextualizada.

No caso dos feminismos, tais práticas são narrativas posto que criem condições de análise da realidade a partir da ordem simbólica feminina, não estando limitada ao corpo físico da mulher. Trata-se da percepção de que nossas vidas podem (e devem) ser uma sucessão de acontecimentos narráveis, cujos/as atores e/ou atrizes principais somos nós mesmos na presença do/a outro/a.

Para Cavarero (2007) tal duplo efeito postula a reciprocidade e a dependência que possuímos em relação às outras pessoas, numa teia infindável que além de caracterizar nossas histórias de vida, nos possibilita dimensionar os atos políticos como cenários comuns à nossa existência no mundo da vida.

Outra característica desse entendimento transfere nossas identidades narrativas ao contato com as estruturas intersubjetivas que valorizam as vivências cotidianas como parte das nossas representações e performances intersubjetivas. Ou seja, somos resultado de construções que agem através dos discursos que por sua vez faz morada nas páginas que escrevemos no dia-a-dia.

Desta forma, não faz sentido falarmos em desconstrução da ciência, se não pensarmos na abertura necessária para vivermos as dimensões plásticas da realidade. O outro

(ou a outra) torna-se parte central daquilo que somos, mas não só como alguém que vai agregando significados; ao contrário, urge que o compreendamos como um universo de palavras carregadas de sentido e que de maneira recíproca também necessita de nós⁵⁹.

Tal eleição é bastante óbvia quando no âmbito da configuração narrativa que a hermenêutica compreensiva transfere à identidade e também as ações feministas, achando-se imbricadas em torno da dimensão temporal da existência dos homens (Paul Ricoeur citado por Villaverde, 2004). E prossegue nos fazendo entender que na verdade toda a dimensão narrativa do que somos é prova de constantes reinterpretações que fazemos acerca de nós mesmos na presença do/ outro/a.

Essa forma de pertencer ao mundo, por assim dizer, é somente compreensiva do ponto de vista vivencial e simultaneamente vai chegando ao mundo do conhecimento numa proposta discursiva clara que é característica de uma produção política atuante e inspiradora do real a partir dos símbolos e do próprio corpo. Cada um deles possui um sentido próprio, mas são, antes de tudo, inspiradores das metáforas narrativas presentes nas questões de gênero (Castro, 2002), por exemplo.

Contudo, ao saber da complexidade do tema, incluso porque nesse capítulo 03 vamos explorar os discursos filosóficos sobre o corpo e a contribuição dos feminismos para construção das metáforas corporais, é necessário que possamos compreender bem a crítica desconstrucionista e pós-estruturalista da ciência para em seguida relacionarmos com propostas e autoras específicas feministas.

4.2. A crítica pós-estruturalista e desconstrucionista da ciência

Compreender o tema proposto para essa secção é ter muito claro as reflexões iniciadas no final da primeira parte do capítulo 01, momento em que consideramos os feminismos no contexto da modernidade e ali também foram iniciadas considerações sobre as formas possíveis de compreensão da ciência e das subjetividades humanas. No bojo dessa discussão, percebemos que os corpos fortalecem suas características de ação como produto e produtor do meio social onde se encontra inserido.

De acordo com Miguel Almeida (1996), que faz alusão à idéia de que o pós-estruturalismo constitui-se como novo movimento político de resistência pessoal, social, cultural

⁵⁹ Como espelhos que vão ao encontro das partes imaginárias daquilo que nos identifica enquanto seres.

e ambiental, o “corpo consiste em processos de atividade produtiva, ao mesmo tempo subjetiva e objetiva, significativa e material (...), um agente que produz discursos, bem como os recebe” (p.15).

Já para as autoras Carmo e Amâncio (2004) é necessário lembrar que uma das principais características dos feminismos consta da sua sensibilidade para perceber os descompasses existentes na modernidade. Estando claro que as configurações corporais a partir dos olhares feministas (e femininos) às vezes também são produzidas em cenas embaçadas pelo relativismo crítico das ciências sociais. Tanto que em relação ao mesmo aspeto, Ian Parker (1998, p.35) questiona: “onde se situa o real na investigação crítica contemporânea em psicologia?”.

O fato é que o pós-estruturalismo configura-se como vertente do pensamento ocidental contemporâneo que questiona a noção binarista de sujeito, identidade, agência e identificação (Louro 2001). Consideramos que a importância das ideias pós-estruturalistas para os feminismos é certamente as possibilidades de questionarmos a validade das categorias unitárias e universais que são utilizadas, por exemplo, nas questões de gênero. Além disso, quando estas encontram o quotidiano, quer no âmbito científico ou do senso comum, geram formas de tratamento quase sempre tido como naturais ao longo da história; como é o caso do “homem” e da “mulher”.

Para a autora Aparecida Mariano (2005) um ponto importante de contribuição do pós-estruturalismo é a utilização do método desconstrucionista⁶⁰ que objetiva desmontar a lógica interna dos binarismos cientificistas, numa aceção que não significa “destruir” tal ideia, mas “desmontá-la” para ao mesmo tempo “reconstruí-la”; representando o esforço para demonstrar que sempre um dos polos desses binarismos sempre contém o outro, assim a identidade sexual e a sexualidade podem ser compreendidas sempre como um estado de pluralidade e coincidências.

Dessa forma, somos capazes de perceber que também se configuram críticas as teorias essencialistas, universalistas, racionalistas, além das iluministas. Talvez devido a essa complexidade histórica as relações existentes entre pós-estruturalismo e feminismo não estejam tão claras em muitos estudos. Isso também nos leva a repensar a construção da noção de sujeito e de subjetividade como inserida no bojo dessas mesmas discussões, não sendo possível trabalharmos com conceitos universais, nem mesmo com a proposta de ações políticas únicas e

⁶⁰ que originalmente foi proposto por Jacques Derrida.

diretivas em defesa dos direitos das mulheres.

Apesar da força desses e de outros possíveis argumentos, há quem considere a necessidade de cautela no momento da articulação entre as teorias pós-estruturalistas e os feminismos. Sendo assim, considero importante refletirmos sobre os argumentos da autora Eleni Varikas (1994, p.66):

Meu ceticismo se estende até as esperanças nutridas por muitas feministas no que concerne ao potencial libertador de epistemologias situadas no âmbito do pós-estruturalismo. Todavia, penso que um debate deste tipo não deveria limitar-se aos empréstimos feitos pelos estudos feministas; deveria passar por uma discussão sistemática das premissas dessas teorias, da novidade das suas promessas epistemológicas e também do grau de comprometimento dessas promessas e da sua dinâmica política de conjunto.

No mesmo âmbito, o autor Bezerra Santos (2004) aprofunda essas discussões levando-nos a pensar sobre as possibilidades de constituição da subjetividade e igualdade sob o que chama de “nova ordem do gênero” (p.44) no interior das teorias pós-modernas e faz uma análise de maneira breve sobre as influências da sociedade, do Estado e das religiões nesse processo. Conclui seu pensamento afirmando que de acordo com as formas de reflexão (ou de pró-ação) tal junção poderia interferir, desfavoravelmente, sobre a autonomia das mulheres.

Outra opinião que nos chama muita atenção sobre certa fragilidade decorrente da junção entre teorias pós-estruturalistas, os feminismos, e nesse caso, a pós-modernidade, encontramos nos escritos da autora Claudia Costa (1998) argumentando que no instante que estes radicalizam a noção de diferença entre as mulheres em troca do essencialismo binarista presente na categoria gênero transforma a mulher em alguma coisa que não pode existir, em “categoria oca, uma ficção, uma identidade que não pode ser afirmada” (p.137). A autora complementa seu pensamento afirmando que tal disposição celebrou um feminismo “sem mulheres”.

A parte dessas considerações, Prysthon (2003) recorda que a pós-modernidade começou a ser delineada no final dos anos 70, início dos anos 80, a partir do autor Jean-François Lyotard numa época em que não era mais possível falar em meta narrativas ou mesmo no estabelecimento de regras gerais, melhor dizendo, universais para análise do sujeito e da realidade.

Houve um profundo movimento de condenação face aos esquemas absolutos de

compreensão das relações sociais que levou o pós-estruturalismo a estar centrado em um espaço de fronteira entre a modernidade e a pós-modernidade. Tudo então que possa estar suscetível de análise crítica, faz parte desses movimentos. O que vamos ver de forma clara a partir dos pensamentos expostos nos dois próximos itens.

4.3. Feminismos e o discurso filosófico sobre o corpo

Apesar de já termos dedicado uma parte do capítulo 01 a apresentação dos estudos teóricos sobre o corpo e a corporeidade humana, mencionando, ainda, principais autores que contribuem para a construção e compreensão da significação corporal no seio da vivência feminina ⁶¹.

Nesta secção, e para que possamos avançar na compreensão do simbolismo, vamos perceber que alguns caminhos que foram construídos ao longo da tradição histórica estão sendo repensados e no bojo dessas reflexões críticas, ganham novos significados que são utilizados como argumentos dentro dos feminismos (Domício & Nogueira, 2010).

Também ficará claro que há incongruências importantes entre o significado que estes atribuem ao corpo e o diálogo das mulheres do ponto de vista da vivência, embora ambos permaneçam situados na cena filosófica que vai da ilustração ao florescer da ciência moderna, assim que “La reflexión feminista sobre el cuerpo implica la crítica y la sospecha em ellas” (Gimeno, 2001, p. 253).

Deste modo, o que pretendemos é fundamentar nossas argumentações de uma maneira mais direta do ponto de vista filosófico desconstrucionista, por assim dizer; iniciando esse percurso com as ideias que o filósofo **Spinoza** possuía sobre o corpo. Ao nos dedicarmos a uma leitura pormenorizada das suas obras, vamos perceber que o autor coloca o corpo como um elemento “vivo” que afeta e é afetado pela essência dos outros corpos, cuja prática política vai sendo integrada em complexidades maiores ⁶².

Spinoza acreditava que não havia separação entre o corpo, a natureza e a noção de Deus, por isso mesmo cabia aos homens o cuidado com a materialidade corporal numa aceção

⁶¹ Buscamos deixar claro, não somente no final do capítulo 02, mas início deste capítulo 03, que os olhares pós-estruturalistas e anti essencialistas da ciência moderna contribuiu para uma visão desconstrucionista dos sujeitos, inclusa dos estudos sobre gênero, resultado também de uma proposta de revisão do pensamento filosófico sobre o corpo naquilo que autores conceituados já haviam apresentado sobre o tema.

⁶² Estas, por sua vez, são inspirações para o pensamento holista atual que atribui ao corpo parte extensiva à mente.

que talvez esteja situada no cenário hedonista, mas que teve seu desenvolvimento teórico sufocado pelo poder religioso e autárquico. Apesar disso, o autor não deixa de ser importante e central para nossas reflexões pós-estruturalistas sobre o corpo.

Encontramos outra referência importante nas obras de Nietzsche que faz uma crítica radical as filosofias que excluem o corpo dos seus arcabouços teóricos. Tudo isso porque o autor compreende que a consciência é produto corporal, sendo constituída a partir de uma série múltipla de forças que encontra na organização histórico e política das sociedades uma espécie de espelho onde o sentido corporal que o indivíduo constrói ao longo da existência vai ganhando forças e constantemente se reconstruindo. Inclui, ainda, a própria psicologia, as produções mentais, a arte e o conhecimento racional como produções corporais (Gimeno, 2001).

As pessoas estariam, assim, fazendo parte de uma teia de multiplicidades que atingem de forma direta a constituição e o sentido corporal. Não havendo prepositivas para constituição de sexos binários, ao contrário, a expressão corporal ocorreria numa arena de disputa pelos poderes que nesse caso não são económicos, mas sim políticos e proveniente da sustentação daquilo que o indivíduo é enquanto sexualidade e inspiração quotidiana. Entretanto, é preciso que esteja claro que a elaboração de uma teoria sobre o corpo humano não foi objetivo direto aclamado por Nietzsche.

Por sua vez, o autor Derrida valoriza e expõe o corpo como forma material das palavras que nascem das relações entre os indivíduos, defendendo que os significados da comunicação somente possuem sentido através das relações corporais. Apesar do seu pensamento inovador, temos que ter certa cautela com a posição hierárquica que o autor impõe⁶³ para que não possamos cair em oposições binárias que reforcem a exclusão das mulheres. Entretanto, é pertinente a noção que defende de que devemos entender o corpo como se estivéssemos num paradoxo textual, o que de forma alguma é visto como uma página em branco na qual os indivíduos vão de maneira livre escrevendo suas histórias.

Sobre Lévinas, importante filósofo que nos possibilita uma compreensão atual sobre o corpo, existe sempre uma abertura ao feminino, através do tempo e da presença do outro. Para o autor, “o encontro com o feminino se dá na relação erótica, que não é a fusão entre dois elementos materiais, mas proximidade, e ao mesmo tempo, distância. No amor, a distância aproxima e a proximidade distancia” (Menezes, 2008, p.19). Nesse patamar de descobertas, o

⁶³ Ao que intitula “metafísica da presença”

outro (ou a outra) nos chega através da intersubjetividade corporal que nos acaricia e é ferida por nós da mesma maneira.

Existe, aqui, a possibilidade de transcendência da noção de corpo material, já que a necessidade de reconhecimento daquilo que somos adquire na expressão corporal seu sentido máximo; sendo ao mesmo tempo somente um vestígio na pele da subjetividade que a ciência atual busca incessantemente definir, conceituar. A noção do “corpo morada”, como Lévinas expõe, vai além, e insere seus gritos de revolta contra a visão estática que lhe atribuem, numa espécie de diferença acerca de si mesmo e das suas possibilidades de expressão. Torna-se um local plural que acolhem os outros em um estranhamento que é composto de características femininas e masculinas, sem que uma tenha maior posição do que a outro, já que ambas formam uma mistura de prazer e erotismo.

Tal momento, para Lévinas, não é possível de ser captado pela racionalidade, mas somente deixa-se ver através da vivência corpórea do ato sexual (não estando reduzida ao alívio de tensões biológicas), pelo contrário, é aquilo que precisamente fundamenta nosso silêncio no momento da fusão corporal. Nada mais temos a dizer daquilo que sentimos e que pulsa entre nossa pele e a consciência daquilo que somos.

Há, nesse caminho, o “desnudar-se corporalmente” e é precisamente aqui que se encontra o simbolismo do corpo numa multiplicidade que é compreensível para todas as pessoas, não importando religiões, crenças, opiniões, sexo, gênero. É a síntese daquilo que somos e que se deixa tocar pelo estranhamento presente na pele do outro.

Não é um momento racional, mas de pura vivência; não é um instante planejado, mas de encontro consigo mesmo. Percorre nossos espaços, vai se definindo, vai criando e também modificando nossas diferenças até o momento em que existindo duas pessoas, existe somente uma. Tal instante, segundo nosso autor, somente pode ser captado através da carícia entre os corpos que se torna palco das vivências femininas.

Dessa maneira, o corpo não poderia jamais ser visto como algo que possui uma concepção unitária, como uma espécie de unidade biológica, nem mesmo psíquica. É por isso que as concepções pós-estruturalistas que buscam compreender o corpo utilizam as ideias de Deleuze (citados por Gimeno, 2001, p. 271) sobre o “corpo desejo” que fortalece os argumentos de Lévinas.

O desejo resulta numa força que nasce e é ao mesmo tempo também transformada em um fluxo corporal de substâncias que estão sempre em movimento, sendo plásticas e

criativas. Seguem sempre sobrevivendo aos paradoxos que alimentam nossas expressões femininas, outras vezes masculinas, numa procissão que cabe aos corpos humanos eleger onde querem (e necessitam) estar numa alusão clara a performatividade dos sexos, como pudemos conhecer a partir da autora Judith Butler.

É importante também dizer que para nossos autores, tais movimentos corporais são nitidamente o próprio movimento da vida e das coisas do mundo, num gesto de abertura ao impessoal que garante intimidade nas relações entre homens e mulheres. Compõem uma narrativa feminina que é mais bem compreendida através das palavras de Moehleck e Fonseca (2005, p.46)

Falamos, pois, de corpos que se aventuram nas intensidades do pensamento e, sendo assim, propõem-se a pensar o corpo que dança e as complexidades desse tempo dançante, o que enseja, ainda, por fim, um devir escritor, que se deixa atravessar por estranhos devires para compor uma escrita inventiva, um “escritor feiticeiro”.

Aqui, temos convicção de que tais narrativas podem ser integradoras, com base na vivência entre corpos que dançam e são resignificados a partir do contato com a pele, mas podem ser também produzidas de forma ideológica, tanto no sentido material como nos desejos corporais que para Foucault são historicamente produzidos por discursos que disciplinariam os indivíduos (Almeida, 1996; Tebúrcio & Domício, 2009). O corpo vai sendo construído como matéria-prima da sociedade que ao mesmo tempo reserva espaços de construção da intersubjetividade no contato com os outros indivíduos e grupos sociais, reproduzindo, ainda, suas normas e leis, crenças e opiniões.

Apesar de já termos elucidado as principais ideias de Foucault⁶⁴ sobre o corpo no capítulo 01, é importante voltar a mencioná-lo não somente pela palavra decisiva que o mesmo possui no pensamento acadêmico ocidental, mas, sobretudo, por desenvolver concepções teóricas presentes no pensamento de Nietzsche⁶⁵, além de embaçar discursos produzidos pelos feminismos sobre o corpo.

⁶⁴ Ao dizer que o campo de batalha do poder é o sentido corporal, Foucault explora principalmente a idéia de que “La genealogia es un tipo de método histórico, que no busca el origen como esencia, identidad o verdad ultima de lo investigado, se sino muestra cómo lo originado fue producido” (Gimeno, 2001, p.271).

⁶⁵ Especialmente a perspectiva de releitura do método genealógico.

4.3.1. Teoria dos gêneros paródicos (Judith Butler)

De acordo com Femenías (2006), o pensamento de Judith Butler é constituído a partir de uma leitura dos feminismos enquanto crítica filosófica e movimento social que possui profundas coerências na busca por argumentos que sejam capazes de transgredir os modelos essencialistas, biológico e determinista acerca das categorias mulher, gênero e poder. Isto a leva a questionar falsas dicotomias binaristas e restritivas do pensamento moderno numa interrogação que pressupõe a formação da subjetividade que não esteja identificada com o sexo do ponto de vista opositivo.

Nesta forma de interrogação provocativa, possui influências da Escola Inglesa (Austin, Searle), da Escola Francesa (Derrida, Deleuze) e da Fenomenologia Existencial (Sartre, Hegel, Merleau-Ponty) numa perspectiva filosófica situada na era pós-moderna dos feminismos. Butler elabora com muita sagacidade inúmeras críticas ao trabalho conceitual sobre o dimorfismo sexual e bio logicista proposto por Simone de Beauvoir e afirma que embora a mesma tenha aberto portas para uma análise criativa das relações de gênero, não soube explorá-la no contexto social e cultural.

Sob a influência de Derrida, o pensamento de Butler insiste na compreensão da diferença e suas ideias sobre a subjetividade humana encontram respaldo nas lógicas do corpo humano (Azpeitia, 2001). Por trás das palavras materiais sobre o sentido corporal está a consideração de que o mesmo não é unitário, mas múltiplo, sendo também lugar de conflitos no qual se constituem forças capazes de direcionar a ação humana. Assim, estas podem ser criativas e plásticas (ou reativas), dando lugar a diversas possibilidades de inscrição nos corpos humanos gerando expansão e crescimento (ou impedimento).

Se os traços corporais indicam a versatilidade dos corpos, a sexualidade, por sua vez, é produzida através das histórias de vida numa transformação cujas “narrativas de gênero não pode ser capturada em termos de categorias, ou pode ser capturada em termos de categoria apenas por um período limitado de tempo” (Butler, 2009).

Tais mudanças tornam-se possíveis devido à inserção dos indivíduos nas ações coletivas, não sendo dirigidas por nenhum ser humano de uma forma especial, mas arbitrária. Desse modo, o objeto principal dos feminismos está na busca reinterpretativa dos sentidos

corporais através da intencionalidade dos símbolos (Kaulino, 2007), cuja intermediação encontra-se entre o prazer corporal e aquilo que somos.

O mundo do prazer corporal passa a ser o universo de análise da modernidade e com isso necessita de mudanças epistemológicas que sejam capazes de não limitar os seres ao viés binarista. Butler (2008) afirma que é necessário uma resignificação corporal como algo dinâmico que varia no tempo e no espaço. Disso nascem suas afirmações sobre a performatividade do gênero que luta contra o regime sutil que regulada os sexos e que foi imposta pelas normativas linguísticas norte-americanas.

O feminino é visto, agora, como uma forma possível de constituição da narrativa de vida, mas não a única, posto que o sujeito corporal seja recheado por uma série de novas inscrições que o dominam e o subvertem no seio das culturas (Menezes, 2008).

Apesar dessas concepções consideradas revolucionárias, existe em Butler uma recusa pela análise corporal do ponto de vista material, sendo o corpo uma parte do que chama de “estrutura de inteligibilidade” que é resultado da sua imersão em uma rede de sentidos, crenças e significados que supera as formações deterministas que consideram o corpo como contorno físico: masculino ou feminino (Guaraldo, 2007).

Nesses termos, Butler (2001) recorre aos estudos de Althusser para reconhecer que existe um sentido simbólico que possibilita a análise corporal do ponto de vista simbólico e que com isto devemos ir em direção a compreensão das relações sociais em suas formas ideológicas. Não havendo confusão entre a subjetividade e o próprio sujeito, quer dizer, uma espécie de descontinuidade entre a materialidade dos corpos e os usos que fazemos deles.

Para lograr êxito nesse caminho, diz Butler (2006) é necessário “desfazer” as categorias prescritivas que compõem os gêneros: masculino e feminino; e isso somente é possível através das narrativas de vida que vão sendo construídas ao longo do tempo e coordenadas pelos próprios indivíduos. Desta perspectiva, Butler afirma que reconstruir o gênero é uma tarefa mais ou menos permanente e somente é possível de ser realizado no auge da vida cotidiana, momento em que as palavras verbais não são suficientes, mas sim o esforço envolto nas nossas ações de vida.

Aqui também podemos afirmar que são produzidas muitas diferenças sexuais que existem entre os indivíduos, numa inter-relação que se situa entre o biológico e o cultural. Tal encontro está presente em boa parte das análises que Butler vai sabiamente tecendo no seu livro “El grito de Antígona” comentando a formação dos gêneros como inscrita no campo social e

central na “división entre lo psíquico y lo simbólico, por um lado, y lo social, por El outro, ocasionando esta normalización preventiva” (2001: p.95). No fundo o que esboça são as bases para o que posteriormente vamos conhecer como uma espécie de subversão da identidade, uma disputa entre os gêneros que buscam por si sós uma desconstrução.

Destas discussões surge a teoria dos gêneros paródicos que permite aos corpos a existência material a partir de estruturas de referência que por sua vez nos permitem utilizar a performance como recurso criativo para a nomeação corporal (Butler, 2008). Para tanto, homens e mulheres poderiam jogar na cena identitária sem a necessidade (ou regra social) de fixar-se em um dos polos da sexualidade.

Nesse processo o indivíduo sabe da existência de uma matriz corporal que se encontra sob seu domínio e cujos efeitos estão na sociedade. Com tais performances, tal matriz desestabiliza-se como ato singular ao mesmo tempo em que se impõe como ação crítica que questiona a heterossexualidade como modelo único de prazer corporal. A autora defende, assim, a intercambialidade do sexo em relação aos gêneros.

E nesse momento, cada performance, ou melhor, cada paródia que o indivíduo esboça sobre si próprio, incluindo a realização dos seus desejos corporais, implica de verdade maior liberdade para a constituição sexual inerente à corporeidade humana. Não havendo nenhuma identidade de gênero possível de ser formada distante das cenas performáticas que constituem o desejo corporal (Butler citada por Femenías, 2006). Pois assim cada teatralidade transforma o corpo em algo dinâmico e plural, além de contínuo em suas possibilidades de expressão ao longo dos tempos.

Nesse ponto, Butler recorre aos escritos de Foucault e inclui a análise do poder como impositivo a tais performances existentes nos gêneros. Diz, ainda, que para cada indivíduo “viver” seus corpos necessita socialmente obedecer a determinadas leis que as sociedades de maneira ideológica as inscrevem, o que resulta quase sempre em “culpa” quando são transgredidas. Tal processo, Judith Butler chama de “políticas de superfície do corpo”, como citam Nancy Fraser e Linda Nicholson (1992, p. 90) e segue ilustrando uma reflexão da própria Butler:

Si la verdad interna del género es una fabricación y si um género verdadero es una fantasía instituída y inscripta em la superficie de los cuerpos, entonces parece que los géneros no pueden ser ni verdaderos, ni falsos, sino simplemente producidos como efectos de verdad de um discurso de identidad estable y primaria.

Por último, e a título de concluirmos esta secção, é importante deixar claro que as relações que Judith Butler estabelece entre a performatividade dos gêneros e as ações discursivas somente podem ser analisadas do ponto de vista político que implica sempre pensar os indivíduos imersos numa oposição política que lhes garante meios de criar as performances possíveis para si e para aqueles com os quais se relaciona.

Sabemos que esta forma de pensamento põe em cheque a característica essencial do político enquanto formulação de leis e regras sociais, momento em que Butler (1998, p.13) afirma que “o ato que estabelece unilateralmente o domínio político funciona como um estratagema autoritário pelo qual se silencia sumariamente a contestação política do estatuto do sujeito”.

Tais reflexões serão o fio condutor do final deste capítulo, onde faremos uma análise das possibilidades críticas de atuação política da psicologia comunitária a partir do simbolismo corporal. Por hora, vamos conhecer o que diz Adriana Cavarero com a perspetiva da teoria da Identidade Narrativa do ponto de vista pós-estruturalista.

4.3.2. Teoria da Identidade Narrativa (Adriana Cavarero)

Nada podia ser mais inquietante nos estudos teóricos de Adriana Cavarero do que o debate sobre o sentido político da filosofia. Para tanto, une realidades e expoentes do pensamento moderno e contemporâneo para apresentar alternativas para a análise da subjetividade, a partir da desconstrução das narrativas femininas – momento singular de ação ontológica reinterpretativa que coloca em destaque a individualidade como fonte de sobrevivência coletiva.

Suas ideias estão ancoradas na crítica ao pensamento bio logicista que une o corpo ao sexo, afirmando que “a história do pensamento político expõe o corpo através de estratégias discursivas de apagamento dele. O corpo excluído é sempre o da mulher” (Cavarero citada por Guaraldo, 2007, p.665). Com uma narrativa que busca investigar a importância constitutiva das esferas simbólicas, a autora demonstra que apesar dos avanços desconstrucionistas dos feminismos, ainda persistem certas tendências para análise dos sexos sob o ponto de vista patriarcal.

Procura compreender no eixo material a subjetividade e a relacionalidade que por sua

vez dão suporte à ciência para explicar os diferentes modos de existência dos indivíduos numa relação de pluralidade com as pessoas. Cavarero defende as limitações corporais como fazendo parte da vida, mas concorda com a necessidade de testarmos limites, a partir da busca permanente dos prazeres corporais, sejam quais forem nossas escolhas em termos sexuais.

Admiradora dos estudos ontológicos inerentes à filosofia hermenêutica atribui à modernidade não somente a busca pela diferenciação e a multiplicação dos sentidos corporais femininos, mas inaugura perspectivas críticas que fortalecem ambiguidades no caminho para a atribuição de novos significados ao gênero.

Nesse percurso, outorga aos feminismos um horizonte que integra o ponto de vista cultural e histórico com a ação política, obrigando aos cientistas à construção de novos conceitos de universalidade e de validade empírica, numa exigência que beira as ideias pós-metafísicas (Kaulino, 2007). Com isso, Cavarero insiste na ideia de que não basta só fazer críticas ao patriarcalismo, mas é necessário ir além e buscar compreender os limites potenciais para construção de uma nova ciência feminista.

Os seres em relação também fazem parte das ideias da autora que inaugura o sentido da vulnerabilidade como imerso no oceano que dá sentido à natureza feminina, mas de certa forma não exalta o conteúdo essencialista presente em outras teorias. Pelo contrário, aponta a fragilidade que impulsiona a existência humana para a relação com os outros seres em um cenário recíproco de exposição de fragilidades e prazeres. Nesse sentido, afirma em diálogo com a autora Judith Butler que:

Entender a condição humana como relacional significa sublinhar uma reciprocidade essencial pela qual não somente cada um está exposto ao outro, mas é, por sua vez, o outro a quem ele se expõe (Cavarero & Butler, 2007, p. 660).

Com influências nítidas das interlocuções propostas pela autora Luce Irigaray, além de reflexões propostas por Hannah Arendt, assim como os principais conceitos de Hegel (Guaraldo, 2007), Cavarero critica de forma ousada a abstração dos indivíduos no texto filosófico e o faz caminhando do lado contrário que garante a utilidade das suas ideias. Neste domínio, o corpo passa a ser compreendido como textualidade (Azpeitia, 2001) e não como uma espécie de “página em branco” que a cultura irá inscrever algo, sem a concordância ou poder de decisão dos indivíduos.

Trata-se de um corpo real que se aconchega nos domínios do simbolismo e que pressupõe a radicalidade da vivência como dado existencial. Não havendo nenhuma referência as formas binaristas de discussão sobre a sexualidade humana, mas um ato que valoriza a troca de experiências entre indivíduos confirmando suas existências.

Segue adiante, fazendo referência ao que está sendo gerado de forma material, transferindo ao prazer do corpo a múltipla estratégia de fortalecer o sentido da diferença para os feminismos plurais, assim como a vontade manifesta de historicização do corpo das mulheres. É como se nesse instante a autora tivesse a necessidade de repensar nossa subjetividade humana em termos de “unicidade incorporada” (Guaraldo, 2007), ou seja, no sentido da valorização da existência feminina e da diferença entre os sexos. Para isso utiliza a linguagem poética, teatral, erótica, e, sobretudo, a sutileza da voz humana como gesto afirmativo da nossa identidade plural.

Todas essas afirmativas compõem de forma crítica o pensamento de Cavarero e auxiliam na tarefa de compreensão da singularidade em termos de identidade narrativa. Tal prática é na verdade o momento de contarmos nossas histórias de vida e, acima de tudo, termos um sentido afirmativo daquilo que somos. A identidade não está limitada a cena passiva, nem é transmitida do ponto de vista biológico pelos nossos antepassados.

Pelo contrário, possui implicações que necessitam do indivíduo como personagem e autores atuando na realidade do dia-a-dia (Tittoni, 2000). Nisso nasce à consciência do que somos numa pluralidade que transcende o prazer corporal, como já foi dito, mas que surge a partir dele e sem o qual não poderia existir.

Outro aspecto importante definido pela autora reside na ideia de que pensar em corpos que satisfazem as necessidades erógenas dos seres humanos é de certa maneira considerar obsoleta a diferença entre feminino e masculino; situando-os, antes de tudo, na cena relacional que acontece a partir da necessidade de companhia, mesmo que tais aspectos estejam incutidos nas pessoas de forma não-consciente.

Aqui apresentamos a corporeidade como alteridade que assegura nossa presença no mundo da vida (Aguiluz, 2008). Somos, então, corpos expostos aos demais seres vivos em um espaço-tempo tão perceptível, como prazeroso, do ponto de vista material. Nesse sentido, o prazer erótico é compreendido como possibilidade sempre atualizada de prazer (Cassigoli, 2008) que por sua vez, ao ser vivido orgasticamente, fortalece nossas identidades.

A partir daí, naturalmente as narrativas de vida vão se transformando em gozo

supremo que nada mais significa do que o momento transcendente de olharmos para o que somos enquanto realidade corporal. Isso requer um retorno ao cenário onde se realiza a reciprocidade entre o humano, posto que a identidade narrativa seja fonte de significados das histórias que as pessoas contam aos outros e que também legitimam ao ouvir histórias das outras pessoas. Para Cavarero (citada por Guaraldo, 2007, p. 668):

Não contar a alguém a minha história, mas contar a alguém a sua história significa atribuir à pessoa sua identidade porque responde a uma necessidade de unidade que cada pessoa percebe como essencial ao seu ser.

Temos somente que ter o cuidado de não achar que a identidade é considerada pela autora como soberana, haja vista a mesma deixar claro que na verdade tal forma de compreensão sobre a corporeidade coloca os seres humanos numa posição vulnerável e de dependência em relação aos outros, sendo uma característica que faz do indivíduo, como o prazer corporal. Nisso assinalamos sua recusa em aceitar a impessoalidade presente no conceito de intersubjetividade tão explorado pelo arcabouço teórico das filosofias pós-modernas.

De tudo nos é útil perseguir a soberania da linguagem poética e filosófica que atribui marcas pessoais as reflexões de Cavarero, bem como a crença de que na verdade somos sempre seres vulneráveis ao outro (a outra), não sendo possível dissociarmos os discursos verbais da vida real (Jacques, 2000).

Com isso acreditamos que os feminismos vão passar a enxergar a corporeidade feminina sob novas perspectivas desconstrucionistas que caminham através do pensamento da tradição filosófica crítica e interpretativa, sem que esteja limitada a ela. Nossa autora segue adiante e defende o pressuposto de que:

El cuerpo de la mujer es uno de los elementos esenciales de la situación que ella ocupa en este mundo. Pero tampoco él basta para definirla; ese cuerpo no tiene realidad vivida, sino en la medida en que es asumido por la conciencia a través de sus acciones y en el seno de una sociedad (Azpeitia, 2001, p.258).

Tal aspeto nos leva a percepção de similaridade e interdependência diante das outras pessoas, fortalecendo também um sentimento corporal de que somos parte de um todo e que nele podemos confiar (Amaro, 2007), num processo mútuo que possibilita ações de

transformação social que são próprias às fronteiras históricas da psicologia comunitária latino-americana (Prado, 2002) numa narrativa de vida que possui o objetivo maior de fortalecer identidades, a partir do simbolismo do corpo e das vivências femininas.

4.3.3. Teoria dos Cyborgs (Donna Haraway)

Demonstramos até aqui que o estruturalismo caracteriza-se como um enfoque metodológico que teve início na década de 40, e auge na década de 50, na Europa, com influência direta da escola francesa de pensamento que reúne estudos que questionam a visão binária e objetivista de análise da realidade, a partir da ciência. Entre as principais autoras, temos Donna Haraway que questiona a visão masculinista dos cientistas desde o ponto de vista dos feminismos, e o faz indiretamente repensando as perspectivas do corpo como instrumento histórico de transformação do sentido feminino.

Posiciona-se também contra o que considera doutrina ideológica presente no método científico que desvia atenção para o conhecimento do mundo de forma objetiva, cerceando as formas de pensamento a reprodução direta de muitos preconceitos sexistas (Haraway, 1988). Em razão disto, busca situar as teorias feministas, aliás, as próprias teorias científicas como práticas pretéritas que resgatam a história da humanidade como um todo. Tendo razão ao insistir na crítica aos objetivismos da ciência, explorando os significados do que considera exaltação da subjetividade relativista (Harding, 1993).

Afirma, ainda, que a história dos feminismos é limitada a história das mulheres brancas ocidentais e que tal constatação de modo algum reflete as necessidades de todas as mulheres, tampouco concorda com a categoria nosológica dita “mulher” que está em oposição à categoria “homem”. Dessas críticas, sugere a criação de estruturas ficcionais, deliberadamente sem “gêneros” ou “categorias”, que Haraway denomina *cyborgs*. De acordo com Fonseca (2000, p.206), os mesmos são “herdeiros criados para insurreição, pois são engendrados na insubordinação ao sentido hegemônico e as oposições binárias. São, logo, anunciadores de um necessário trabalho intelectual e político”.

Em verdade, a autora propõe uma espécie de híbrido entre os seres humanos e as máquinas que concorrem na estruturação de territórios que subsidiam a existência de inscrições corporais. Sobre isto, Haraway (1991, p.292) afirma que:

Our time, we are all chimeras, theorized and fabricated hybrids of machine and organism. In short, we are cyborgs. The cyborg is our ontology; it gives us our politics. The cyborg is a condensed image of both imagination and material reality, the two joined centres structuring any possibility of historical transformation.

Com a forte ideia de que a ciência é um campo de disputa de poderes, Donna Haraway utiliza noções pós-estruturalistas para dizer que redirecionar a visão científica para a realidade não é somente um ato ético, mas, sobretudo, uma ação desesperada de perceber o que é essencial na vida humana cabendo aos cientistas sociais a discussão do potencial e limite dessa situação; mas seus discursos tornam-se vazios se reproduzidos a partir das ideologias sexistas e patriarcais.

Porém, suas ideias não estão limitadas às críticas epistemológicas, vão além e se desdobram em práticas que possuem como critério de validade científica a utilização da realidade para transformar o comportamento humano e não somente as teorias. Fala, então, da realização de projetos de investigação feministas que não estejam limitados somente a reparar nossas próprias vidas, mas de tornar-se eixo importante para ações de construção coletiva em prol da igualdade de direitos e deveres.

Haraway torna-se uma autora estrategicamente importante para nossos estudos também no sentido de realizar uma crítica aos posicionamentos norte-americanos como hegemonia no cenário científico, sempre beneficiando os mais ricos e ocidentais com práticas de subordinação mascaradas e desiguais.

Disto implica perceber os feminismos no centro de discussões políticas que urgem a libertação e a renovação da ideia de ética e da compreensão sobre o papel da ação política e comprometida. Traz, nesse bojo, a evidência da necessidade de uma teoria feminista da diferença, cuja lógica seja diferente dos estudos de gênero, mas que assegure a percepção do todo e o respeito às formas de expressão da sexualidade (Haraway, 2004).

Outro aspecto importante que nos oferece a autora encontra-se em uma análise sofisticada e crítica sobre os conteúdos funcionalista e essencialista presente nas ideias feministas, afirmando-os de forma mascarada. Com isso, realiza uma crítica social que não é somente teórica, mas atua como denúncia de que às feministas também atuam de maneira preconceituosa e estruturada.

Seus escritos refletem críticas também à filosofia tradicionalista no sentido de situá-la

distante das proposições universais, escolhendo construir uma ciência de respeito às diferenças. Para tanto, atribui sentidos próximos à ciência e à política numa pluralidade de práticas discursivas que designa a condição de amor e ódio que garantem a presença constante da autora e suas ideias como temas de interesse nos centros feministas.

Como resultado das críticas à ciência, possui a sagacidade de ir desde a análise dos perigos do desenvolvimento tecnológico e político-econômico que acontece ao lado da expansão capitalista pós-moderna até a visão crítica de que não necessariamente tais conquistas levarão a “todos” de maneira igual ao paraíso na terra. Quer dizer, Haraway reconhece que à ciência cabe sempre um olhar voltado para a realidade quotidiana, sendo na atualidade uma importante ferramenta de mudança social, que deve ter início nos espaços acadêmicos e academicistas (Veiga-Neto, 1998).

É justamente nestes domínios que Haraway propõe repensarmos as produções discursivas acerca da corporeidade, embora não tenha um interesse inicial de explorar os limites ficcionais do corpo e da sexualidade. Apesar disso, podemos afirmar que existe a preocupação com os laços que ligam o corpo ao discurso e as práticas de libertação das mulheres, numa elaboração teórica que busca ultrapassar o limite da linguagem.

Existe em Haraway a ideia constante de subverter a ideologia a lógica corporal que não é estática, nem somente dinâmica, mas vai adaptando-se as necessidades humanas. Traz em suas ideias a base biológica de constituição do corpo, negando-o de certa maneira como algo que possamos analisar através de teorias, somente.

O corpo como objeto de conhecimento e da própria ciência não deveria estar atrelado às linguagens científicas; mas utilizá-los para ultrapassar fronteiras conceituais em direção a novas possibilidades de sobrevivência humana. Neste sentido, em alguns dos seus textos (Haraway, 1999; Haraway, 1991) chega a desenhar um mapa conceitual que seria uma espécie de guia para redescobrirmos a produção corporal como metáfora da existência feminina, sendo possibilidade concreta presente no pensamento da autora a ideia de presumir ligações entre a carne (biologia) e a corporeidade (metáfora) ⁶⁶.

As ênfases nos estudos daqueles temas impulsionam a autora à perspectiva de construção de conhecimentos científicos situados que colaboram para a pluralidade de

⁶⁶ Sendo Haraway considerada importante filósofa desconstrucionista que aprende o sentido performativo das narrativas femininas.

metodologias nas ações feministas; assim como a contextualização das histórias de vida dos indivíduos atores e atrizes responsáveis pelo movimento e sentido corporal em suas facetas ideológicas. Tanto que os autores Oliveira & Amâncio (2006, p.605) reafirmam a importância de Haraway no “entendimento do conhecimento como um projeto partilhado e coletivo criado no contexto e na dinâmica histórica dos símbolos”.

Por fim, o conhecimento proposto por Haraway não está limitado à concordância com as teorias feministas, ao contrário, sente-se ironicamente à vontade para trazer à tona impasses presentes no movimento e na postura das teóricas feministas numa relação que às vezes torna-se problemática, mas que realiza na prática o que na teoria muitas outras pesquisadoras não ousaram mencionar ou fazer.

4.3.4. Feminismos da Diferença (Luce Irigaray e Hélène Cixous)

Se dermos voltas ao redor do pensamento feminista constituído no interior das tradições filosóficas, vamos perceber de forma clara que o conhecimento sobre o corpo foi sendo construído como uma espécie de “outro” numa ausência estranha, como diz Gimeno (2001), que vai contaminando e tornando natural a inadequação do tema ao pensamento universal e essencialista. Como se tratasse mesmo de uma preocupação só direcionada para a biologia.

Tal pensamento não excluiu as ideias feministas e fez com que o movimento caminhasse em direção a concepção cartesiana que dualiza corpo e mente. A separação entre a submissão dos corpos às leis físicas, e depois à natureza, indo em direção a sua compreensão enquanto máquina trouxe impasses importantes à ciência feminista. A nosso ver necessita revisões não somente no sentido de construir certa independência do corpo em relação às teorias, principalmente por nos capacitar a distintos caminhos metodológicos que poderão contribuir com um maior compromisso das ciências sociais e humanas no eixo da transformação social. Por isso, as ideias presentes nos feminismos da diferença devem ser contextualizadas e dedicadas ao desenvolvimento de novos métodos de vivência e análise da corporeidade feminina.

Contudo, começamos registrando que este eixo advoga as insuficiências dos feminismos no tocante a análise corporal que passa a ser vista como elemento central da alteridade humana. O faz, em um primeiro momento, dando continuidade a cena analítica numa releitura crítica diante do dualismo imposto por autores psicanalistas, sem esquecer a crítica

radical ao pensamento binário e as velhas concepções corporais que garantem soberania ao homem e ao falo de modo irretocável. Disso, apresentam o corpo da mulher como um desejo negado, reprimido, passível de compreensão que não está restrita ao plano da linguagem, mas a matéria e ao prazer sexual e da sexualidade em termos de fluidez e ritmos biológicos, hormonais.

Para compreender melhor tais propostas, cremos que precisamos estar no cerne das discussões pós-modernas na sua interface com os feminismos, posto que o corpo é compreendido nesta corrente como multiplicidade e vivência corpórea. O que significa para Menezes (2008, p.31) “falar do feminino não é apenas falar da mulher, assim como o masculino não se relaciona necessariamente com os homens, mas é falar de um tempo em que o humano é feito do masculino e do feminino (...)”.

Quer dizer, em cada ser humano existe a participação do feminino e do masculino como algo vivencial e próprio de todos. Nesse caso, a inscrição dos corpos como forma de expressão de cada indivíduo estaria moldada pela inscrição sociocultural, porém não de forma exclusiva.

O que é importante nessa reflexão é a ênfase na ideia de que a subjetividade não estaria nas especificidades dos sexos biológicos, tampouco nos gêneros categóricos, mas na diferença entre as pessoas por aquilo que são e sentem. Sendo o corpo um contra ponto da própria multiplicidade dos indivíduos. Dessa forma, o outro não é diretamente uma pessoa distinta, mas caracteriza-se como um estado intenso de inter-relações que originam narrativas de vida distintas e expressas de forma diferente para cada momento da vida, quer do ponto de vista pessoal ou social.

Falamos, aqui, de um corpo que para os feminismos da diferença está sempre redescobrimo o prazer de derramar-se pela vida, através de si mesmo e do outro (ou da outra), numa expressão tátil que quando direcionada à consciência de si e do outro leva à mudança social posto que não fique limitada aos efeitos biológicos, ultrapassando-o de forma integrada.

Sobre os corpos das mulheres, especificamente, Luce Irigaray citada por Gimeno (2001, p.284) afirma que “La mujer se toca a si mesma continuamente sin que nadie pueda impedírselo, pues su sexo está formado por dos labios que se besan constantemente (...) su sexualidad, doble al menos, es incluso plural”.

É como se o corpo fosse visto aqui como uma espécie de *operador prático* (Bourdieu, 2002) que possui uma coerência que tampouco é racional, ou compreendida de forma

estrutural, mas está próximo a um domínio prático que somente é vivido pelas pessoas como identidade corporal e transição ontológica que vai além da textualidade das palavras fazem-se sentido e emoção.

Existe nessa concepção a ideia de que o corpo está em movimento e constitui-se representação imaginária daquilo que somos, mas não é trabalhada a estrutura corporal (real ou imaginária).

É nestes termos que se fundamentam as propostas de Luce Irigaray, principal representante dos feminismos da diferença, que situa seus trabalhos no âmbito feminista e da linguística, além da revisão à psicanálise cuja ênfase encontra-se nas propostas de Lacan. Defende a diferença entre os sexos não como algo negativo, mas que deve ser exaltado a partir do fortalecimento do que considera subjetividade feminina. Do mesmo modo é muito marcante no seu pensamento, a crítica à exclusão das mulheres e da visão feminina na construção da ciência, sem que assuma abertamente sua pertença a nenhum grupo específico dentro dos feminismos franceses.

O poético presente nos escritos de Irigaray nos leva a refletir sobre a percepção tátil do sexo e do prazer, fazendo analogias a vulva feminina como referência ao corpo físico. A vagina é vista como “uma capacidade que nós possuímos de nos abrimos ao outro, de nos deixarmos sermos atravessadas pelo outro” (Irigaray citada por Gimeno, 2001, p. 285), sendo o sexo da mulher uma multiplicidade de prazer por serem dois que se tocam e caracterizam um corpo que “pensa” ao ir à busca da corporeidade, e não só um corpo que “sente”.

Em um dos seus primeiros livros, intitulado “*Speculum of the other women*”, Luce Irigaray (1974) faz uma revisão impiedosa da teoria freudiana a quem auto refere como detentora de um total desconhecimento sobre as mulheres. Prossegue afirmando que a psicanálise exalta o modelo bio logicista e anatômico da reprodução humana e ali já existem referências as influências sociais e culturais de moldagem do feminino a que são submetidas parte da humanidade.

Propõe uma revisão da teoria da castração e uma resignificação do falo com sentido de autoerotismo, incluso é irônica ao nomear um dos capítulos como: “the little girl is (only) a little boy”. Nessa altura, denuncia certa passividade nas leis de castração propostas pela psicanálise de forma machista e cômoda, concluindo que até o momento não há uma teoria sobre a subjetividade humana que reconheça de fato a importância das mulheres e do feminino.

Em outro livro de Luce Irigaray, intitulado “*The way of Love*”, a autora Maria José

Bruña (2002) afirma que a mesma não propõe destruir a maneira como o corpo é visto no cenário filosófico pré-existente, mas se não incluir a dimensão do cosmos, da espiritualidade e do sentimento como uma nova forma de fazer filosofia. Havendo uma valorização da vivência corpórea como uma forma de garantir a transgressão dos limites da linguagem e da comunicação humanas.

Outra representante importante dos feminismos da diferença é Hélène Cixous que embora pouco conhecida em termos da publicação das suas obras em língua portuguesa, é uma autora feminista e filósofa francesa que reapresenta a textualidade em forma de conhecimento emotivo, mas também intuitivo.

Com uma visão também desconstrucionista e pós-estruturalista da ciência, Cixous fala de temas tão intrigantes e polêmicos como os de Luce Irigaray, porém, aqui a ênfase reside no estilo literário contundente recheado de narrativas pessoais e luta política. A autora compromete-se com a análise da bissexualidade defendendo-a como diferente ao hermafroditismo que possui bases biológicas quase exclusivas.

A atualidade do seu pensamento é tão marcante que atribui aos livros um ideal de amor erótico e carícia. Participando, ainda, das críticas dos feminismos da diferença que vê a natureza como parceira ao corpo feminino, sendo este posicionamento alvo de severas críticas. Fora isto, sua marca literária está presente na criação de personagens femininos que não possuem rosto ou identidade definida, mas que representam uma crítica aberta aos pensamentos patriarcalistas e machistas.

O corpo feminino é percebido e retratado por Cixous como uma representação simbólica que se distancia da fantasia ou do imaginário puro, mas sedimenta-se na arte poética como palco do quotidiano. Sem que haja uma preocupação clara com o feminino ou o masculino em termos de relações de género, a autora produz uma literatura quase erótica sobre o corpo feminino e reinterpreta os discursos sexuais à luz do liberalismo e da produção de narrativas sexuais permissivas, mas que reserva ao indivíduo um poder de decisão que faz parte da sua própria identidade humana.

Assim como a maioria das feministas da diferença francesas, Cixous fala sobre a bissexualidade como pluralidade que enriquece a natureza humana e que deve ser pensada como possibilidade de narração feminina que ao mesmo tempo provoca a desconstrução de outros conceitos vinculados à sexualidade e ao prazer orgástico.

Aqui tem sentido a busca incessante da autora pela poética textual que objetiva facilitar

aos leitores e leitoras o contato com o próprio corpo (de forma individual ou coletiva). A isto chama de economia libidinal, numa referência aos termos psicanalíticos com inspiração na obra de Jacques Derrida que sugere diretamente a revalorização da cena bissexual feminina contextualizada no âmbito cultural e social.

Em um momento de entrevista com a autora Kathleen O' Grady (1996), Cixous afirma que seus textos são consequências daquilo que sente em determinados momentos da sua vida acadêmica e pessoal, se estão recheados de teoria não é porque esta vem antes do que aquela, mas do que isto é simplesmente por conceber a ciência como uma extensão quotidiana. Afirma, ainda, que a poesia dos seus textos é a própria poesia do conhecimento humano no processo de fazer a si mesmo e assim contribuir com nossas vidas como se fosse a única via de acesso ao que somos verdadeiramente.

Outra influência marcante na vida literária de Cixous é a importância que atribui a obra da brasileira Clarice Lispector como um lugar ideal onde a feminilidade é capaz de expressar o sentido masculino da vida. O que torna claro a perspectiva de que para esta feminista os estudos interdisciplinares são fundamentais para atribuição de sentido a praxis que ao mesmo tempo é literária, mas encontra respaldo na ação política e nos movimentos contemporâneos em busca da valorização da diferença feminina que vai sendo delineada em direção ao infinito em termos de possibilidade e transformação⁶⁷.

Ao apresentarmos de forma sintética as duas principais autoras dos feminismos da diferença, inicialmente desenvolvido na França, temos agora o desafio de articular suas propostas teóricas em estratégias metodológicas de ação política dos feminismos, o que não se constitui tarefa fácil. Já que só a existência de palavras bonitas que justifiquem a relação existente entre poder, intersubjetividade e linguagem não são suficientes para a transformação social dos preconceitos contra as mulheres. Esta será a matriz das nossas próximas discussões.

4.4. A mediação simbólica e a construção dos sentidos corporais femininos

Comentar alguma coisa sobre o tema dos direitos das mulheres é compreender que a herança filosófica do iluminismo e da revolução francesa não foi suficiente para a completa

⁶⁷ Porém, este aspeto é considerado frágil em sua obra, em sua obra, bem como no interior dos feminismos da diferença. Segundo Gimeno (2001, p.286) esta é uma crítica pertinente contudo nenhuma das duas autoras “coloca a natureza feminina como passiva ou inerte, nem o oposto ao simbólico, a cultura ou a razão”.

aquisição de direitos iguais entre homens e mulheres. Tampouco o sofrimento das mulheres no mundo do trabalho à luz das teorias marxistas, além das influências das político-ativistas vinculadas aos feminismos liberais foi forte para a queda da visão de desvalorização das mulheres em diferentes partes do mundo.

Falando disso, os olhares feministas mais atentos denunciam na era globalizada uma falácia de deveres que foram sendo silenciosamente incorporados às mulheres sem que os direitos chegassem na mesma proporção. Direitos iguais, deveres iguais? O que de fato representa essa afirmativa no mundo atual quando a mulher passa a acumular a jornada doméstica com o trabalho profissional? Somente o passar da história trará um pouco de esclarecimentos sobre as necessidades de mais da metade da população que é constituída de mulheres.

Urge a denúncia em caráter global das profundas injustiças a que é submetida, especialmente as mulheres dos países subdesenvolvidos, imersas, além disto, na pobreza material, social e económica. Mesmo que nas últimas décadas tenham ocorrido avanços importantes na aquisição dos direitos das mulheres, o que se verifica atualmente é uma “prisão sem grades”, uma letargia que embora esteja vagarosamente mudando nas leis, ainda se faz perceber no cenário cultural.

São as próprias mulheres as que mais necessitam mudar a si mesmas. Saímos de casas sozinhas à noite, mas preferimos ir acompanhadas de um “homem”; criamos os filhos e filhas sozinhas, mas nos preocupamos em um referencial “masculino” para as crianças; aceitamos que nossas filhas mulheres comecem mais cedo o exercício das suas vidas sexuais do que aconteceu com as nossas gerações, mas preferimos que o fizesse no interior das nossas casas; desejamos em média ter dois filhos, aliás, um “menino” e uma “menina”; ou seja, são tantos desafios e tantas visões estereotipadas alimentadas por nós mesmas que defendemos a vivência corporal como uma possibilidade de tornar bem mais completas nossas ações feministas.

Um caminho possível, já demonstrado no capítulo anterior, é a mediação deste processo de tomada de consciência sobre os direitos das mulheres através da utilização de ferramentas práticas de mediação simbólica presente no desenvolvimento dos níveis de consciência femininos. Aqui estamos lembrando, por assim dizer, os princípios da teoria histórico-cultural, cuja visão materialista e dialética da realidade percebe a fala significativa que

vai moldando as experiências das mulheres no dia-a-dia, colocando-as como potencialmente transformadoras das (suas) formas de opressão.

É o corpo o agente que absolve ideologicamente qualquer enunciação dialógica que possa ocorrer no processo de reivindicação das mulheres na luta pelos seus direitos, não sendo possível a dissociação desta característica da fala verbal e racional de muitas mulheres feministas. A linguagem, como Bakhtin (1995) a compreende, é produto sócio histórico que atua como mediador das relações sociais, sendo também o lócus que faz de cada indivíduo agente ativo das mudanças no cenário político. A rede de ideologias também perpassa os limites corporais que é tanto ou mais sensível do que o papel social feminino que as sociedades exigem do feminino.

Em outras palavras, acreditamos que a construção dos sentidos corporais leva a aquisição de novos comportamentos sociais porque de imediato exterioriza-se a favor da mulher como uma personagem no labirinto das contradições da própria vida. Quebra, de certo modo, com as dicotomias existentes entre o pessoal e o público da mesma maneira que capta e dá suporte ao desenvolvimento da consciência de si e dos outros. É também a diversidade cultural que vai sendo exposta neste processo que atribui ao simbolismo corporal uma característica que não está limitada aos conceitos de auto consciência ou de auto imagem no sentido que a psicologia individual propõe.

O foco principal da vida passa a ser a realidade quotidiana nas suas múltiplas camadas de sentido, a partir da expressão das identidades narrativas femininas como estratégia de compreensão prática do que acontece no mundo vivencial. Como afirma Butler (2009) o que chamamos de “eu” não está na frente, nem atrás desses limites, mas atua como subjetivação dada ao exercício performativo do gênero como matriz corporal que se produz na instabilidade paradigmática do ser feminino. É um (novo) corpo que é capaz de dissimular as próprias contradições, cujo efeito é produzir o próprio sujeito da ação simbólica corporal.

Não é um ato singular porque lambuzado está dos aspetos da coletividade que permite a vivência como um processo atemporal que sobrevoa as convenções sexuais e encontra-se para além do sentido das palavras verbais. É prazer puro, é orgia de peles que se tocam nas fronteiras da vida corporal de cada um. São destas resignificações que nasce a possibilidade de emancipação da mulher que se acha capaz a partir de então de driblar a materialidade biológica do sexo, permitindo, até mesmo, ser alguma espécie de *corpo objeto* da sua emancipação pessoal e política.

Dessa forma também se posiciona Adriana Cavarero (2007) quando afirma que a singularidade feminina não deveria ser pensada separada da incorporação e construção dos sentidos corporais femininos. É através do corpo e das marcas inscritas na história de cada um que aparecemos diante do outro como uma identidade narrativa. É uma cena que conjuga relacionalidade com reciprocidade e que permite através da mediação dos signos culturais a crítica radical das proposições universalistas. Nesta cena interlocutória corporal, Butler (2009) afirma que:

Não há verdade sobre o corpo, somente uma série de discursos estratégicos que produzem corpos de acordo com certos regimes de verdade únicos. O problema está em desfazer esses regimes não com o sentido de 'liberar' ou 'emancipar' o corpo de uma vez por todas, mas de produzir estruturas emancipatórias de inteligibilidade que como tal são suscetíveis à mudanças (pág. 34).

Dito isto, completamos com a ideia de que mesmo com uma quase aparente facilidade de trabalho com o corpo, na prática não é tão fácil assim porque a exposição social das nossas emoções através da espontaneidade corporal é algo há muito reprimida nas sociedades. A relacionalidade original está nas relações infantis como que presas ao que somente nos é permitido viver nessa fase da vida.

Quantas mulheres que estão lendo nosso trabalho nesse momento concordariam em participar de uma sessão de biodança que vai fazê-las entrar em contato com aspetos corporais reprimidos desde a infância? Quantas se sentem à vontade para expressar publicamente seus desejos corporais dentro dos limites éticos permitidos publicamente? Quantas sentiriam vergonha em sair pela rua da sua cidade movimentando-se com a "dança da vida"? Vês nossos obstáculos? Estão aí nos perseguindo muito mais do que as esferas governamentais...

PARTE II
ESTUDOS EMPÍRICOS

Introdução

É nosso desejo compartilhar no início desta parte que o projeto de pesquisa que foi apresentado na seleção do doutoramento da Universidade do Minho (UMINHO), em 2006, já continha o tema do simbolismo corporal como eixo central da nossa pesquisa em campo. Tendo sentido diferente do que trazemos na tese, o que era claro naquele momento era a necessidade de estudos que fossem capazes de desvelar o significado corporal das palavras numa forma inovadora de compreensão da realidade individual que dá sentido a coletividade das reivindicações feministas.

Havia um desejo forte de aprofundarmos as técnicas corporais de trabalho com os grupos comunitários, acreditando ser este um caminho viável para o trabalho com as populações marginalizadas. A carência de tudo é muito forte nas comunidades rurais do sertão brasileiro. Muitas vezes nos reunimos com as mulheres em baixo de árvores que resistem à seca sertaneja, sendo esta vontade de aprendizado de muitas delas um aspeto que contribuiu diretamente para nossa insistência na importância do tema corporal. Por outro lado, o analfabetismo de parcela significativa da população feminina latina é algo absurdo que dificulta ainda mais nossa atuação como cientistas sociais.

O que queremos dizer é que muitas vezes sobra-nos somente o limite corporal que é sentido por essas mulheres como quem sente a fome física, a fome de conhecer as razões da opressão masculina tão forte e cultivada nas nossas regiões. O machismo é tão mesquinho que nas nossas muitas visitas domiciliares tínhamos que pedir autorização aos esposos ou companheiros homens para que “suas” mulheres pudessem participar do grupo em biodança. E como pesquisadora, muitas vezes, perguntava a mim mesma qual era a validade daquela ação. Meus pensamentos eram quase sempre entrecortados com a visão dos aspetos afetivo-corporais das mulheres que ficavam em silêncio aguardando a “resposta” dos homens à minha solicitação.

Em algumas comunidades fui aconselhada por um agente de saúde a fazer esses pedidos em parceria com o médico do Programa de Saúde da Família (PSF) da região porque o “doutor já é conhecido do povo daqui” (sic). E novamente meus pensamentos me faziam viver um conflito ético intenso, aí repetia: qual a razão disso tudo? Conseguir eu também um título de doutora? Entrevistar as mulheres e depois ir embora?

Foi então que decidi adiar as entrevistas da tese e sem essa cobrança interna fui começando a participar de algumas manifestações culturais em diferentes comunidades da zona

rural do sertão, nos municípios de Quixadá, Banabuiu e Choró. A vivência de estar com as pessoas nesse cenário comunitário já foi para mim um grande desafio que minha orientadora acompanhou de perto através dos muitos relatos que a enviava virtualmente e das supervisões presenciais.

Figura 1 - Mapa com destaque para a região nordeste do Brasil



Fonte: [http://library.kiwix.org:4213/A/Região Nordeste do Brasil.html](http://library.kiwix.org:4213/A/Região+Nordeste+do+Brasil.html)

com acesso em 03/07/2011.

As experiências acadêmicas e de militância vividas em Portugal e na Espanha nos últimos cinco anos, fizeram-me perceber quão diferente são os feminismos, cada lugar com seus desafios, a partir de cenários históricos completamente diferentes. Por muito tempo fiquei sem saber como retratar as realidades nordestinas, pois não fazia sentido dar ênfase ao que para mim era desconhecido – a Europa. Tarefa nada fácil essa que nos colocamos enquanto investigadoras da nossa própria vida.

Sou filha de uma classe média burguesa que não cansa de mostrar testemunhos de exaltação do machismo nordestino, sente orgulho disso. E para que conseguisse chegar até aqui tive que desconstruir a mim mesma em um processo de angústia existencial no qual a vergonha de dizer que estava estudando os feminismos demorou bastante para ser extinta. Ao mesmo

tempo, cada leitura, cada vivência ao lado das feministas de Portugal e algumas do Brasil e da Espanha, fazia com que eu sentisse uma nova vida dentro de mim.

Foi o tempo em que decidi parar por um tempo meu contato com as comunidades com objetivo de viver meu lado feminino, ser mulher completamente. Uma mulher que no meio do caminho perdeu fisicamente o pai e que compreendeu a partir de então o que era não ter um “homem” a frente da família.

Foram momentos de dor e silêncio tão bem acolhidos por minha orientadora no doutoramento. Os sentidos dos meus estudos mudaram de rumo, assim como um barco a deriva espera a generosidade dos ventos para saber em qual direção prosseguir. Agora já não tinha mais medo de autodenominar-me feminista. Era uma feminista ainda tímida ao mesmo tempo sem nenhum pudor em viver o novo.

E a novidade era voltar às comunidades rurais para poder perceber o que antes não conseguia enxergar. Foi então que voltei aos municípios do sertão como alguém que vai visitar um lugar pela primeira vez. Procurei os demais municípios da região que não havia pessoas conhecidas.

Passei a viajar sozinha (de carro) e chegando às cidades, como a de Ocara e a de Quixeramobim, descia e conversava com as pessoas. Perguntava a história da cidade, o cotidiano, às tradições culturais, falava sobre política, comércio, novela e outros temas que eram interesse do lugar. Anotava tudo no meu diário de campo e permanecia em cada município o tempo suficiente para corporalmente saber os sentidos daquele lugar ⁶⁸.

Foi dessa forma, e após cinco meses de visitas intercaladas durante as folgas do trabalho de docência na faculdade, que pude ir percebendo algumas coisas comuns à vida das mulheres sertanejas. Nesse momento, fui retornando as teorias para saber de que forma era possível apreender o simbolismo corporal feminino. A literatura de cordel esteve presente em quase todas as feiras populares que participei naqueles meses, assim como as músicas de forró apreciadas no nordeste do Brasil.

A identidade narrativa sempre chegava de maneira espontânea, principalmente quando tinha tempo disponível para sentar com as mulheres na beira do açude lavando roupas para ouvir suas histórias de vida. Faltava somente achar o nexos causal de como essas mulheres

⁶⁸ Registei tudo com muitas fotografias e alguns vídeos que por não ter tido a preocupação de pedir autorização formal e escrita dos participantes, não estão nesta tese.

resignificavam o machismo e o sexismo quando tinham a oportunidade de continuar os estudos ou de ter trabalhos fora dos municípios da região.

Figura 2 - Mapa com destaque para a região do sertão central do Ceará



Fonte: [http://pt.wikipedia.org/wiki/BoaViagem_\(Cear%C3%A1\)](http://pt.wikipedia.org/wiki/BoaViagem_(Cear%C3%A1))

com acesso em 03/07/2011.

A seguir apresentaremos os resultados sabendo que ainda assim se trata de visão parcial de tudo que vivi nesses últimos anos da minha vida pessoal e profissional. Uma certeza eu tenho depois de tudo isso: a de que não sou mais a mesma mulher de ontem. E as mulheres que contribuíram como informantes da pesquisa possivelmente são outras depois das narrativas que compartilhamos juntas porque sempre fica alguma coisa nossa nos lugares que passamos.

B. Tema global

Pretendemos demonstrar como as práticas narrativas da população de mulheres do sertão central do Ceará contribuem para a construção dos sentidos corporais femininos, a partir de diferentes estratégias discursivas valorizadas no contexto das culturas locais. O corpo é parte

dessas estruturas, quando não responsável pela inter-relação entre todas, uma vez que suas raízes estão respaldadas não só nos aspetos bio logicistas, mas, sobretudo nas dimensões sócio históricas e relacionais. Questiona um poder discursivo ideológico que ao longo da história da humanidade colocou a posição masculina como soberana dentro da matriz heterossexual que orienta as ciências sociais e humanas.

É esta aspiração a converter-se em uma psicologia crítica capaz de expressar-se através da transformação social que esperamos atingir nos feminismos. Daí, sabemos da necessidade de desarticularmos o caráter fixo das noções (históricas e atuais) sobre o corpo em nome de uma composição narrativa que o compreenda de forma performática. O ponto de partida encontra-se na resignificação do mundo simbólico da linguagem corporal a partir das metáforas produzidas no cotidiano das populações pesquisadas. E através desse diálogo possibilitar o fortalecimento da psicologia feminista crítica voltada para a realidade latino-americana que seja capaz de construir, em parceria com os sujeitos comunitários, não só espaços terapêuticos, mas que considere a importância do discurso e da vivência como ato político de ação feminista na interface com a psicologia da libertação.

C. Justificativa do tema global

Para a construção crítica do conhecimento científico acreditamos ser necessário certo distanciamento da realidade cotidiana como forma de compreendê-la a partir do mundo de sentidos que são compartilhados socialmente por determinados grupos sociais e populações. A linguagem nos possibilita essa análise intersubjetiva desde o ponto de vista da resignificação das experiências vividas, entre as múltiplas camadas de realidade que as pessoas organizam em um mundo real e coerente, resultado das nossas crenças e opiniões sobre determinados temas e situações expostas na vida em sociedade.

De acordo com Berger e Luckmann (1985) esse é um processo que se realiza na imediatividade do viver e que apresenta elementos conscientes, por vezes encobertos, que atuam no sentido de orientar a ação dos indivíduos no dia-a-dia. O uso dos símbolos que fundamentam nossa existência corporal torna-se, assim, elemento privilegiado para a compreensão da dinamicidade da vida em sociedade.

O mundo passa a ser alimento da forma como cada um percebe as relações sociais de gênero e chega mesmo a confundir a noção de materialidade com corporeidade no encontro do

masculino com o feminino, ao mesmo tempo em que legitima as ações feministas como uma espécie de lente focal necessária ao processo de desconstrução da ciência no cenário da modernidade.

Com efeito, e de forma reflexiva, as epistemologias feministas ao afirmarem o valor da pluralidade metodológica (Oliveira, 2009), na produção de práticas narrativas e atribuição de sentidos corporais, nos permitem o resgate do compromisso da psicologia latino-americana com a transformação das sociedades. Compreender do ponto de vista teórico-metodológico e vivenciar a forma como o simbolismo corporal atribui sentidos à representação do feminino, torna-se necessário para realização de atividades na área da psicologia comunitária com interface nos feminismos. Justificando, desse modo, nosso interesse pelo tema e organização dos estudos empíricos demonstrados a seguir.

D. Construção dos modelos de análise

Na prática, estudos empíricos exigem modelos de análise claramente expostos com objetivo de tornar claro o método utilizado no processo de respostas, que antes de serem definitivas, responsabilizam-se por apresentar caminhos possíveis de explicação diante da problemática inicial. Trata-se de elementos descritivos que articulados entre si possibilitam o enquadramento teórico necessário para levarmos a cabo investigações de caráter científico. Tal proposta vai tendo variações conforme o posicionamento crítico, a visão de homem e de mundo que os investigadores adotam como uma espécie de lente focal nos estudos empíricos, especialmente no campo das ciências humanas e sociais.

Entretanto, nos parece que a decisão em adotar este ou aquele modelo não tem somente um caráter estratégico; vai além, provoca estragos caso não se adequem aos conceitos e formas utilizadas na recolha dos dados, por exemplo. Isso nos parece claro quando somos impulsionados a realização de pré-testes, cujo potencial encontra-se na ideia de maximizar a análise dos dados, transformando-os em informações úteis, não só para o lado acadêmico, mas principalmente para a população alvo da nossa ação investigativa. Com efeito, atendendo ao princípio de contribuir com elementos críticos para o alcance da igualdade e da justiça social entre os menos favorecidos.

Existem, todavia, diferentes visões e diversos autores que percebem a importância dessa etapa (Quivy & Campenhoudt, 2008; Guareschi et. al., 2000; Furtado & Rey, 2002;

Bardin, 2008; Minayo, 1998; Sá, 1998). Contudo, sem que a síntese exaustiva destes posicionamentos seja objetivo a partir de agora, ressaltamos que não se trata de uma discussão superficial, ao contrário, mereceu atenção redobrada na estruturação dos estudos apresentados.

Na realidade, o que deveria ter sido a parte mais simples da elaboração desta tese, foi a mais inquietante. Entre as proposições teóricas e os elementos de análise dos dados encontrados na realidade, tivemos que percorrer um longo caminho. Quanto mais realizávamos leituras sobre proposições metodológicas anteriormente usadas na análise dos fenômenos sociais, mais distantes parecíamos estar daquilo que marcava a identidade dos nossos estudos.

Tratar-se-ia da organização de um campo de informações que não estavam restritas ao nível da linguagem, mas na apreensão afetiva das suas diferenças culturais no cenário da atividade comunitária, envolvendo diretamente a compreensão do modo como as pessoas significam suas práticas sociais. E através disto presenciar o momento íntimo em que de forma recíproca se apropriam das suas identidades de vida, que são forjadas como metáforas no cotidiano intersubjetivo dos homens e mulheres em ação. Disso, tínhamos certeza, não sabíamos era definir a melhor maneira de socializar e organizar tais conhecimentos produzidos ao longo da nossa jornada.

Ressaltamos, aqui, que o sucesso, completo ou parcial, dos resultados, teve como alicerce nossos trabalhos anteriores nas comunidades do nordeste do Brasil. Tais experiências nos fizeram trilhar novamente os caminhos da análise de conteúdo proposta por Laurence Bardin (2008), nos levando, ainda, a compreensão da hermenêutica de base compreensiva, desenvolvida por Paul Ricoeur (2004). Do mesmo modo foi determinante a compreensão dos mapas afetivos, propostos por Bomfim (2000), que nos possibilitaram ousar no caminho das metáforas e dos sentidos textuais. Integrando, de certa forma, as vivências das pessoas entrevistadas.

Ancorada nesses eixos teórico-metodológicos, foi possível dar continuidade ao projeto da tese que incluiu desde o início a proposta de investigação sobre o simbolismo do corpo feminino, através da cultura e dos espaços de apropriação da subjetividade no cenário comunitário. Foram realizados vários momentos de investigação em campo com o sentido de conhecer as formas como o conhecimento era partilhado nas comunidades do sertão central.

Não sabíamos ao certo quais instrumentos utilizar para recolha dos dados e nesse momento de incertezas, a proposta da **observação-participante** e de modo mais direto, o uso do **diário de campo**, foram elementos decisivos para a delimitação do modelo de análise dos

estudos. Na prática, o registro dessas observações durante a facilitação dos encontros com mulheres sertanejas ocorreu ao longo de três sucessivos anos ⁶⁹, vinculando os feminismos à psicologia comunitária de maneira direta.

⁶⁹ Período compreendido entre Março de 2007 a Fevereiro de 2010, durante ações com mulheres vítimas de violência (Quixadá e Banabuiu), mulheres-mães de crianças e adolescente deficientes e/ou doentes mentais (Banabuiu, Choró e Quixadá), mulheres líderes comunitárias (Quixadá e Ibicuitinga), mulheres agentes de saúde (Milhã), entre outros.

CAPÍTULO 5

NARRATIVAS FEMININAS NA LITERATURA DE CORDEL: CONTRIBUIÇÕES DA
POESIA POPULAR NORDESTINA PARA OS FEMINISMOS LATINOAMERICANOS.

5.1. Delimitação do Tema

Nosso primeiro estudo intitula-se ***“Narrativas femininas na literatura de cordel: contribuições da poesia popular nordestina para os feminismos latino-americanos”***.

Do ponto de vista da cultura no nordeste do Brasil, a literatura de cordel é um tipo de poesia que versa sobre temas cotidianos, garantindo a transmissão dos valores e crenças de determinadas populações, principalmente moradoras das zonas rurais dos municípios de pequeno porte.

Tradicionalmente dava-se de maneira oral, e só depois foi impresso em folhetos de papel rústico⁷⁰ como forma de baratear os custos do produto final para a venda. Esta se realizava colocando o pequeno informativo nas ruas das comunidades pendurados em cordas ou cordéis, daí a origem do nome que nasce em Portugal e é trazido ao Brasil com a difusão das tradições portuguesas.

O que chama atenção nos cordéis é sua escrita rimada e certo caráter irônico característico do “cordelista” ou “artista do povo”. A forma como recita versos utiliza ritmo cadenciado que ao serem acompanhados por instrumentos musicais (rabeça, viola ou violão) resultam em vendas para admiradores da “arte do sertão”. Como uma forma preciosa de representação da cultura sertaneja, é utilizada em muitas escolas do interior do Estado, como forma de motivar as crianças ao aprendizado e/ou reprodução de novos cordéis.

Os temas trabalhados são àqueles que despertam interesse e até curiosidade nas populações: representações femininas, sexualidades, relacionamentos afetivos, questões econômicas, eleições, desigualdades sociais, fases do desenvolvimento humano, crenças religiosas e relatos sobre o aspeto corporal feminino, além do cotidiano local.

5.2. Objetivo

- Mapear as principais narrativas femininas presentes na literatura de cordel como espaço discursivo e difusor das representações sobre a mulher nordestina.

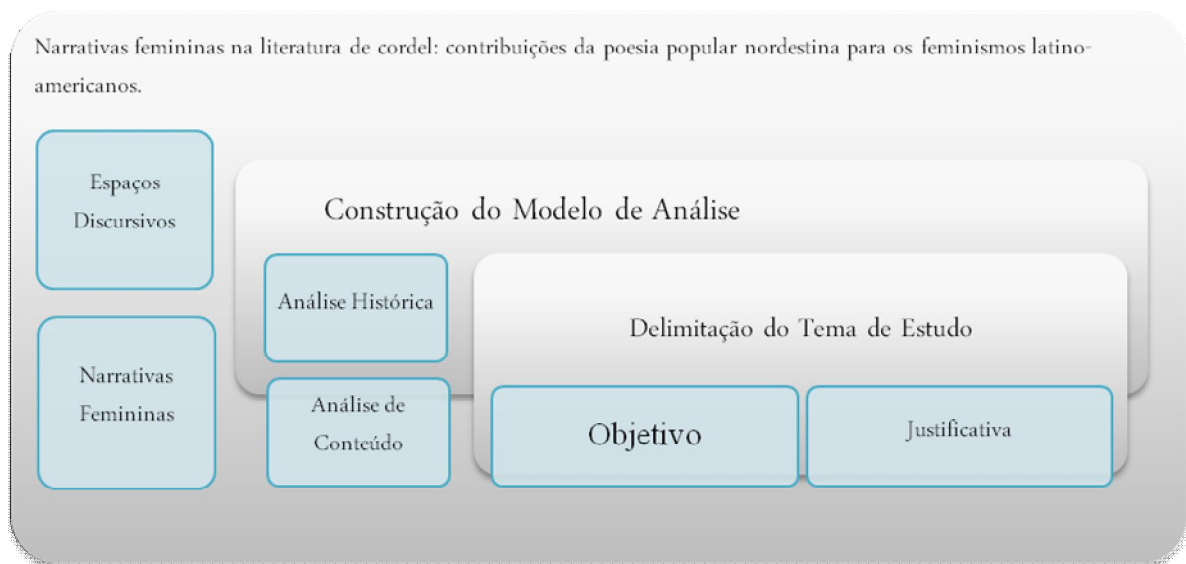
5.3. Justificativa

⁷⁰ Nota da autora: no nordeste do Brasil conhecemos este tipo como “papel jornal”.

À luz da teoria histórico-cultural, nos pronunciamos no sentido de valorizar a importância da linguagem como forma de expressão da cultura (Tonelli & Nuremberg, 2000), através do estabelecimento de códigos linguísticos e as influências dos grupos sociais. O que resulta, bem além da ampliação das possibilidades de existência dos seres humanos, numa forma eficaz de acúmulo e transmissão de conhecimentos, expandindo a vida real ao nível simbólico de acordo com a teia de relações adjacentes à formação da subjetividade feminina. Possibilita, ainda, o planejamento de ações, o desenvolvimento das emoções e dos pensamentos abstratos, sendo via régia para a identidade narrativa.

Uma arena de disputas e negociações onde a materialidade das pessoas interage com suas trajetórias de vida. A interiorização das formas de linguagem humana ajuda na compreensão da dimensão histórica das comunidades, sendo instrumento formador do nível de consciência na constituição do diálogo cotidiano. Porém, a linguagem requer um trabalho interpretativo acerca do uso das metáforas que compõem o texto, escrito ou oral, fazendo com que as crenças e valores possam ser compartilhados com a coletividade.

Figura 3 - Visão global da organização metodológica do estudo empírico 01



Fonte: Organização da Autora

Ao privilegiarmos as epistemologias feministas que valorizam as experiências do cotidiano em interface com os conhecimentos científicos e sendo o cordel próprio à região

nordestina, justifica-se a importância e originalidade do estudo empírico. Sendo o mesmo responsável pela contextualização metodológica dos outros dois estudos (capítulos 06 e 07) no cenário da hermenêutica e nos feminismos.

5.4. Desenho Metodológico

O **tipo de estudo** que propomos caracteriza-se como um método qualitativo que resulta no estudo das produções culturais e artísticas, denominadas cordéis, que são elaborados por homens e/ou mulheres no sertão do Ceará com objetivo de refletir sobre temas cotidianos.

A construção do modelo teórico de análise está relacionada com as epistemologias feministas⁷¹ que foram utilizadas como subsídio para o mapeamento dos espaços discursivos de preconceções sobre as mulheres nordestinas. Atribui-se aqui um destaque importante no sentido de alertar aos leitores sobre como as representações que são repassadas pelo cordel possuem variados elementos ideológicos que legitimam, de forma direta e/ou indireta, as discriminações presentes nas relações sociais de gênero.

Daí, afirmamos que os cordéis, assim como outras formas de expressão cultural e/ou artística, trabalham “silenciosamente, na manipulação de formas simbólicas que servem para criar, ou reproduzir, relações assimétricas” (Guareschi et. al., 2000, p.173). Como os produtos analisados são considerados de domínio público, há sempre uma vivência cotidiana das populações sobre os temas abordados nos cordéis, favorecendo a ancoragem das opiniões emitidas, transformando-as no cenário do senso comum.

A opção para o trabalho com a poesia cordelista também se deve a **importância da comunicação escrita** como objeto de estudo útil para a transmissão de conhecimento posto sabermos que existem muitas formas de registro dos acontecimentos cotidianos que expressam determinados modos de percepção da realidade.

Os documentos escritos, em relação à análise temática exclusiva de entrevistas orais, são importantes porque versam maiores dificuldades para alteração das informações registradas, embora possam refletir posições ideológicas, ou mesmo partidárias, porém mantém as cenas originais dos fatos cotidianos.

As **variáveis que orientaram a recolha dos dados** tiveram como característica a

⁷¹ Que foram apresentadas e discutidas no capítulo 04 deste trabalho acadêmico.

frequência de temas ligados ao cotidiano da mulher sertaneja presente no material analisado. Este foi definido a partir da aquisição de 173 *exemplares* adquiridos em 09 lojas⁷² localizadas nas cidades: Quixadá, Banabuiu, Chorozinho, Ocara e Quixeramobim⁷³, além de 01 feira de cultura popular realizada em Fortaleza⁷⁴.

Soma-se a doação de 95 *exemplares* de alunos/as de uma Faculdade particular situada no sertão central (cidade de Quixadá), após solicitação direta da pesquisadora através de aviso oral nas salas de aula dos cursos noturnos⁷⁵. Tal solicitação atendeu a delimitação da segunda variável considerada na recolha dos dados, quer dizer, realizar a análise de cordéis de leitura frequente e conhecidos pelas populações locais.

É importante deixarmos claro que no caso primeiro, a aquisição foi realizada de forma direta, contando com a participação da pesquisadora, que ao chegar às feiras dos municípios citados, buscava informações sobre onde poderia ter acesso à literatura de cordel. Após isto, dirigia-se para as bancas (ou mesmo as lojas indicadas) e solicitava aos vendedores temas que eram mais vendidos e lidos pela população local.

Somente após a aquisição, a pesquisadora revelava o interesse na compra, sem adquirir nenhum cordel após este fato; haja vista não interferir diretamente na atribuição das variáveis da pesquisa. Sobre o segundo tipo de recolha de dados: sendo a Faculdade localizada no sertão de Quixadá, recebendo alunos de 19 (dezenove) cidades que compõem a região pesquisada, acreditamos na representatividade da coleta, tendo sido solicitado que cada exemplar estivesse com identificação do município de origem, ou seja, de circulação ou venda. Salientamos que não houve identificação dos nomes dos doadores.

Sobre a definição da amostra, a partir da população que compôs o universo da pesquisa anteriormente apresentado, concordamos com Minayo (1998) ao afirmar que o critério para a definição na abordagem qualitativa não é só numérico, sendo considerada ideal no momento em que é capaz de refletir a totalidade nas suas múltiplas dimensões. Prosseguimos, afirmando, que a questão da “validade da amostragem está na capacidade de objetivar o objeto

⁷² Conhecidas como “camelôs”, instalados nos meios das ruas e das praças das cidades do interior.

⁷³ Cidades localizadas na região conhecida como sertão central do nordeste do Brasil que compõem o cenário de realização do estudo empírico 01.

⁷⁴ Mostra dos “Pontos de Cultura”, realizada de 15 a 21/05/2010, no Centro Dragão do Mar, organizada pelas Secretarias Estadual e Municipal de Fortaleza, com apoio do Ministério da Cultura, congregando grupos de inclusão social através da valorização da cultura em diversos estados do país.

⁷⁵ Psicologia, Direito, Ciências Contábeis, Educação Física, Ciências da Computação, Biomedicina.

empírico considerado em todas as suas dimensões” (p.53). Não estando relacionada a critérios de objetividade como consideram a ciência positivista que relativiza os estudos empíricos.

Diferente disto, nosso trabalho somou no final 268 cordéis que compuseram o universo de exploração deste primeiro estudo empírico, entretanto, só foram utilizados na composição da amostra 204 unidades, devido à presença de temas femininos que foram definidos, por sua vez, através da leitura exaustiva do material trabalhado.

Há concordância nesta seleção, a partir da definição de *quatro critérios*: cordéis elaborados por autores nordestinos (que garantiu a exclusão de histórias narradas em outras regiões do país); a presença, direta ou indireta, de temas sobre as mulheres, quer na esfera doméstica, cotidiana, quer a partir da discussão de leis e/ou preconceitos. O terceiro critério foi à consideração da métrica⁷⁶ e das rimas dos versos, ou seja, palavras soltas ou frases que somente aludiam as mulheres não foram consideradas; e, por fim, a presença de xilogravuras na capa ou no interior dos livretos⁷⁷.

Salientamos que todos os cordéis foram adquiridos em forma de folheto com material de impressão rústico conhecido no sertão como “papel jornal”, sem que tenham sido retirados a partir de nenhum tipo de formato eletrônico (internet, por exemplo), numa compreensão sobre a importância do respeito à cultura local.

Outra informação importante refere-se ao fato de termos excluído da análise os cordéis repetidos de forma literal escritos pelos mesmos autores; porém, mantivemos àqueles com o mesmo tema, entretanto, com pontos de vista diferentes. Cada cordel foi numerado sequencialmente com objetivo de facilitar a identificação dos mesmos. O critério para numeração seguiu a ordem simples de aquisição ou doação dos exemplares.

Sabemos que existem muitas formas de registro dos acontecimentos cotidianos que expressam determinados modos de percepção da realidade. Os documentos escritos em relação aos depoimentos orais são considerados particularmente importantes, devido o caráter duradouro de registro da realidade, não disponível nas conversações que de acordo com o caráter ideológico das pesquisas científicas pode ser deturpado ou modificado quase integralmente no tocante aos seus conteúdos.

Além disto, a vivência com o cenário de composição e venda dos cordéis nos

⁷⁶ Caracteriza-se como uma forma de contagem utilizada pelos cordelistas para a contagem das sílabas de um verso. Esta é realizada a partir de uma quantidade pré-fixada de palavras, sendo as mais comuns no nordeste: as sextilhas, as sextilhas e as oitavas.

⁷⁷ Processo que utiliza o papel para receber o carimbo de imagens que são talhadas na madeira.

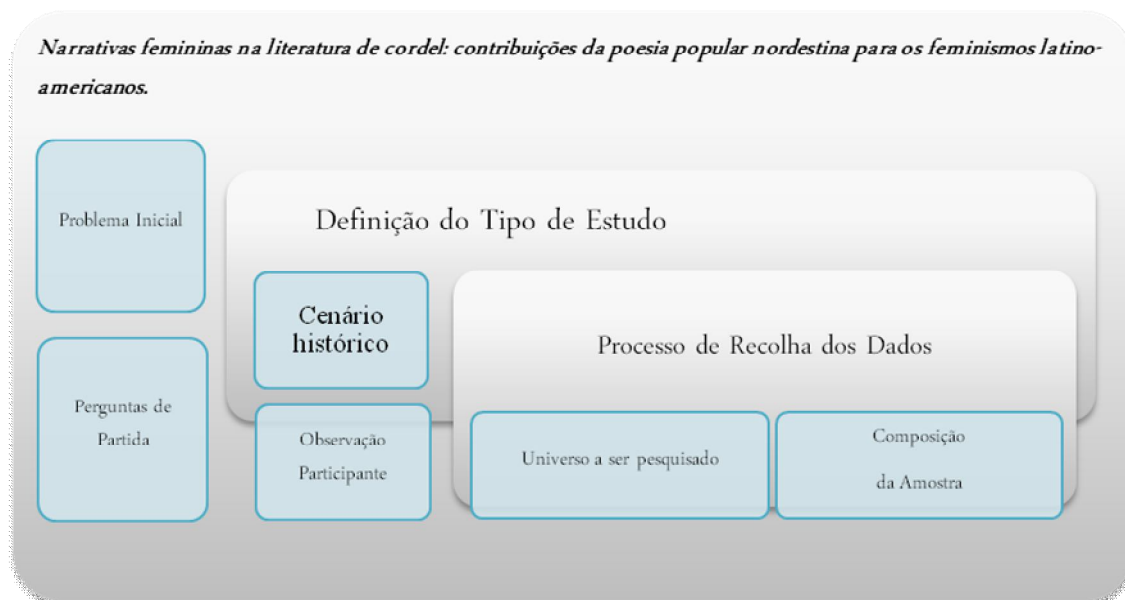
possibilitou o exame das lógicas narrativas de transmissão das informações, tendo sido realizadas não só visitas aos municípios com objetivo de aquisição dos exemplares, mas no momento das compras, aproveitamos para conversar com as pessoas presentes nos mercados, nas lojas e nas feiras populares.

A escolha do dia também foi fundamental, pois buscávamos antes informações sobre o dia-a-dia dos municípios citados para que estivéssemos em dias e horários que as populações se dirigem aos centros urbanos.

Este momento de compreensão dos processos de difusão do conhecimento no eixo da cultura popular cordelista obedeceu à lógica da **observação-participante** que de acordo com Maritza Montero (2006) realiza-se com objetivo de investigação de pessoas ou grupos a partir da experiência cotidiana, interagindo com as mesmas para a detecção de mudanças nos cenários observados, descobrindo metáforas e sentidos, assim como valores.

Tal perspectiva metodológica (ver figura abaixo) contribuiu para que a análise dos cordéis estivesse não somente no eixo descritivo, também interpretativo, no sentido amplo de atribuição da dimensão sociocultural presente na transmissão do conhecimento.

Figura 4 - Grelha sequencial com as etapas do estudo empírico 01



Fonte: Organização da Autora

Esta ação foi muito importante para contextualizar nosso estudo do ponto de vista da composição dos espaços discursivos de produção dos preconceitos e da formação das

identidades narrativas femininas existentes nos cordéis. Possibilitou-nos, ainda, a formação de uma grelha metodológica (figura acima) que orientou as demais fases de organização do material e análise dos seus conteúdos.

5.4.1. Organização do material para análise

Após a definição das variáveis que nos orientaram na recolha dos dados, assim como a realização dos procedimentos para composição da amostra, a partir do universo de cordéis adquiridos, além da apresentação do cenário e tipologia do estudo em campo; passamos para a etapa seguinte, intitulada pré-análise. Estando connosco 204 unidades que deram origem a um **corpus da pesquisa** com objetivo de ser submetido à técnica de análise de conteúdo propriamente dita.

Esta etapa é formada não só pela decisão sobre variáveis e lócus de aquisição dos documentos a serem analisados, mas, sobretudo pela organização destes para a recepção de procedimentos analíticos. Por sua vez, existe a necessidade de reorientação do pesquisador em relação aos objetivos do estudo, bem como o desenvolvimento de operações sucessivas que possam conduzi-lo a definição de um plano de análise destes materiais de forma clara e objetiva, sem tropeços.

Nesta abordagem não se trata de realizar interconexões entre as ideias expostas, ao contrário, é iniciada uma ordenação fatorial capaz de mediar às ações subsequentes e detetar elementos de significação que sejam representativos da amostra antes definida. Uma estratégia importante para o alcance desta finalidade encontra-se na estratégia que conhecemos como **leitura flutuante**. Tal procedimento consiste em leituras repetidas do texto, sem a projeção de hipóteses ou preconceções correspondentes as narrativas.

Tal como um diálogo sensível impregnado por certa postura de acolhida do/a pesquisador/a, permitimos que nossa mente percorresse livremente os espaços textuais de maneira a torná-los próximos às características socioculturais a que foram expostos e que resultam numa diversidade e pluralidade presente com mais vigor nos estudos com caráter antropológico.

Chega-se a uma clareza metodológica que emerge como recorte da realidade pesquisada. Nesse caso, ao dispor dessa forma de exploração do material, certificamo-nos que a construção do modelo de análise foi bem elaborada, considerou as reflexões que motivaram o

desenho metodológico ora considerado.

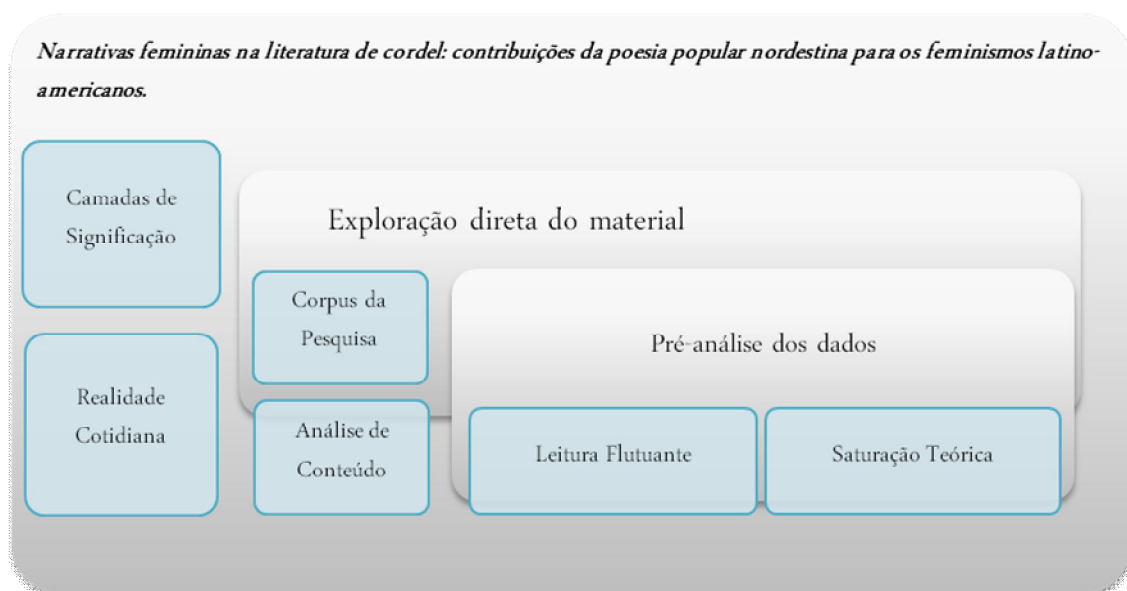
Não restam dúvidas de que esta é uma etapa exaustiva, posto que se trate do desvelar das camadas de significação e dos sentidos da realidade cotidiana que originam as bases das narrativas pessoais que são transformadas no seio da coletividade.

Muitos pesquisadores até negligenciam a importância da leitura flutuante como uma técnica de lapidação e consequente ajuste do que consideramos os pilares da análise de conteúdo. Porém, insistimos na importância dessa atitude, verificando que contribui diretamente para a qualidade final dos resultados apresentados.

Para levar este trabalho adiante, afirmamos que ocorre de maneira simultânea a esta etapa, outra, conhecida como exploração direta do material que compõe a amostra, sob a forma de identificação de trechos, ideias, frases, metáforas e/ou outras formas de reflexão voltadas para a atribuição de respostas as perguntas iniciais que o estudo busca responder.

Durante nosso estudo realizamos esta parte com auxílio de canetas coloridas que nos auxiliaram na identificação dos elementos textuais semelhantes (ver na figura abaixo). É preciso ter certeza de que não se trata de lugares fixos, mas temporários, que nos ajudam sempre na seleção das principais simbologias contidas nas poesias populares nordestinas.

Figura 5 - Organização do material para análise dos dados do estudo empírico 01



Fonte: Organização da Autora

Cada cor com que foi marcada esta composição de elementos, já realiza a cada

instante o que identificamos como a etapa seguinte de organização dos dados. Uma vez escolhidos tais recortes, tem-se como rigor metodológico o fato de que esta modalidade de codificação irá possibilitar a categorização destes dados nos momentos seguintes.

De acordo com a realidade da análise, esta etapa foi cumprida nos espaços laterais de cada folheto, sem que houvesse, ainda, a transcrição literal de cada trecho. Esta fase, igualmente longa e exaustiva, devido em parte a composição da amostra, foi vista em momentos posteriores, ou seja, após a identificação por categorias de cores até o ponto de termos alcançado o que denominamos de saturação teórica.

Sá (1998) afirma que tal critério é muito utilizado nas abordagens com ênfase qualitativa, indicando que o/a pesquisador/a pode parar a organização dos dados quando os temas ou argumentos começam a se repetir, prosseguindo um pouco além para ter a certeza de que os resultados da ação conseguiram captar o conteúdo das representações por hora buscadas. Tudo na condição de nos orientar na definição dos dados brutos que foram nas próximas etapas trabalhados em forma de **codificação** e **categorização**, como será exposto no item a seguir.

5.4.2. Tratamento e apresentação dos dados

Esta etapa compreende uma série de operações que dependem, pelo menos em parte, da preparação do material realizada até o momento. Diz-se que a agregação, bem como a passagem dos dados para o status de informação, depende mesmo da análise de tais situações. Devemos, portanto, levar isso em consideração retomando algumas vezes a compreensão do modelo de análise inicial para garantir a confirmação (ou refutação) resultante da correlação entre as variáveis de inferência demonstradas na pré-análise.

No nosso caso, também utilizamos com muito gosto os depoimentos registrados durante o uso do diário de campo que constitui um ponto de referência para descrição do corpus da pesquisa, no momento que permite a organização de ideias e até mesmo de afetos que se desvelam nas camadas de significação da realidade cotidiana. O cenário histórico de definição do universo a ser pesquisado, e posteriormente à própria amostra, interage da mesma maneira com as perguntas iniciais, cujo objetivo principal faz-se na contextualização da problemática elegida para o estudo em questão.

Nada disso teria sentido se não chegássemos a utilizá-los nesta etapa atual, haja vista

que o tratamento das informações implica numa nova análise do material que já foi submetido a uma primeira organização. A interação que acabamos de descrever associa os resultados observados até o momento com estratégias que priorizam o estudo da produção cultural dos cordelistas, a partir de um sistema de codificação que por sua vez utiliza regras de enumeração para transformação dos dados em informações como já citado.

É preciso esclarecer que neste momento se trata de uma espécie de organização interna do discurso para que seja possível um trabalho posterior de análise do conteúdo selecionado. O que fica implícito é justamente a ideia de que este tratamento irá permitir os usos coletivos que as práticas sociais utilizam para que seja possível a vida cotidiana. Tal estratégia discursiva, como já citamos, é de fato nosso objeto de estudo implicado com os olhares feministas latino-americanos.

No que diz respeito à feitura em si desta etapa, as formas textuais já agrupadas em cores foram então transcritas dos cordéis para outros papéis que deram origem ao PRIMEIRO relatório de produção e registro das formas de significação identificadas até o momento⁷⁸.

Efetuamos de forma cuidadosa um agregado sistemático de dados brutos que nos permitiu a seleção das partes características dos textos. Este reagrupamento foi conduzido no sentido de facilitar o trabalho de análise, dando-nos melhor suporte para a etapa seguinte de codificação. De acordo com Bardin (2008):

A codificação corresponde a uma transformação – efetuada segundo regras precisas – dos dados em texto bruto, transformação esta que, por recorte (...) permite atingir uma representação do conteúdo, ou da sua expressão; suscetível de esclarecer o analista acerca das características do texto, que podem servir de índices (p. 129).

Apresentamos com auxílio da figura abaixo uma síntese preliminar das estratégias metodológicas presentes nesta etapa do processo de análise de conteúdo com objetivo de facilitar didaticamente a compreensão dos leitores (VER FIGURA 06).

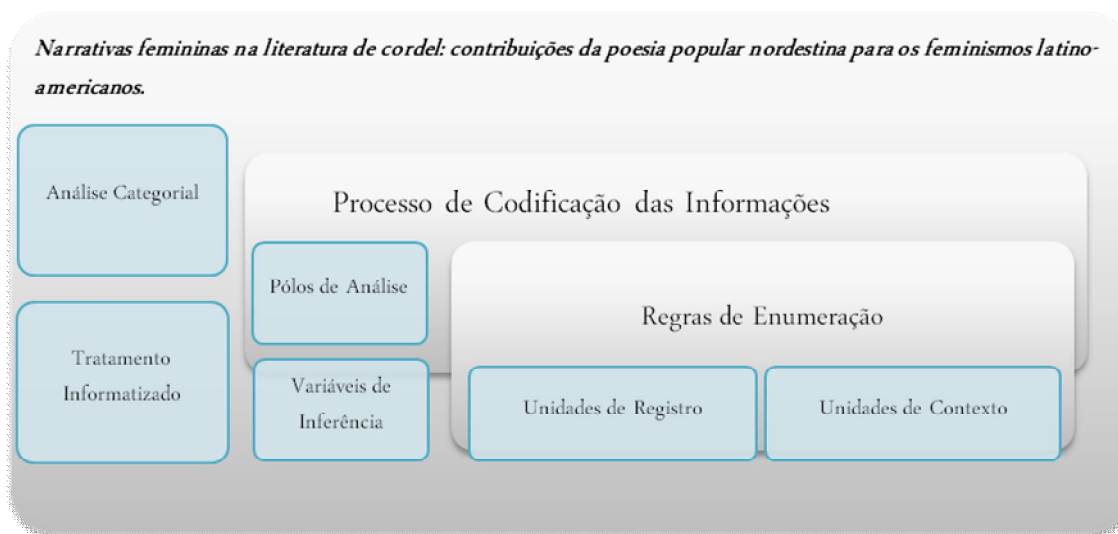
Disto procedemos que os resultados brutos, agora já melhor organizados, nos permitiram a construção dos índices com múltiplas referências. Partimos da certeza de que os índices retidos foram àqueles cuja frequência de aparição ultrapassou a média de *duas*

⁷⁸ O segundo relatório de produção e registro foi esboçado na fase de categorização, demonstrada no item (1.2.7.) sobre tratamento e discussão dos resultados.

citações por unidade de cordel trabalhada.

Não obedecendo a este critério, restaram 02 (dois) caminhos: o primeiro, na fusão das ideias a outros índices que metaforicamente correlacionam-se; o segundo, de exclusão da lista de organização dos indicadores. Verificamos como resultado desse procedimento a diminuição dos dados a ser avaliado posteriormente, o que vai motivando o pesquisador na continuidade do método de análise de conteúdo proposto.

Figura 6 - Tratamento das informações produzidas no estudo empírico 01



Fonte: Organização da Autora

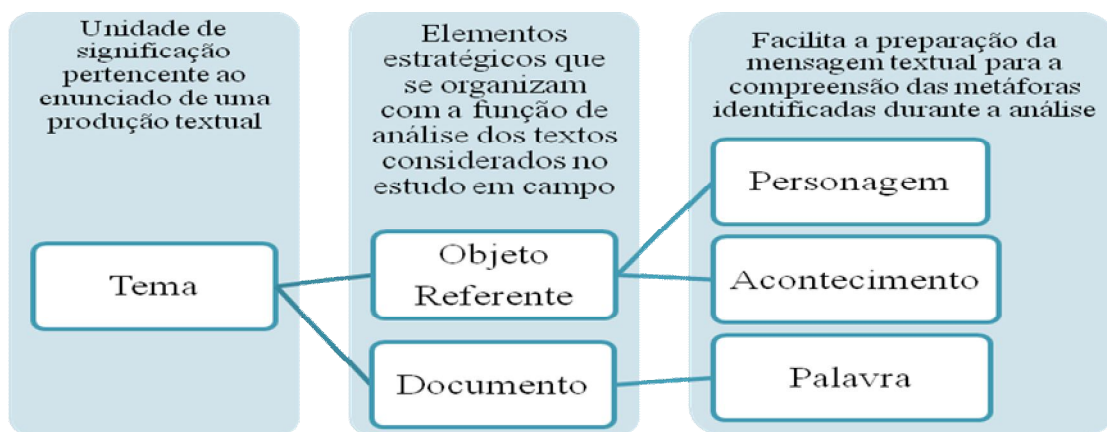
Uma vez definidos tais índices, seguimos para a reconstrução das informações utilizando esses recortes de textos e suas frequências absolutas para a organização das unidades de registro propriamente ditas. Aqui é imprescindível a compreensão de que o critério de definição destas unidades é sempre de ordem semântica, sendo esta uma pré-condição do método, embora a mesma possa ter dimensões variadas se considerarmos o segmento do conteúdo e suas bases frequências.

Modifica-se a lógica de definição das unidades, se considerarmos as frequências relativas ou modais, por exemplo, ao invés dos níveis absolutos especificados no nosso trabalho. Exige-se, assim, cautela daqueles que empreendem o estudo analítico posto que a definição das unidades de registro seja central para correspondência das características do material quando dialogamos com os objetivos iniciais e tipologia da pesquisa em campo. Ainda com relação a estas unidades, a pesquisadora Bardin (ibidem) nos esclarece que as mais utilizadas dividem-se

da seguinte maneira exposta na figura 07.

De todas as unidades de registro, consideramos no nosso estudo a proposição temática, cuja natureza estava diretamente ligada às representações simbólicas sobre as mulheres sertanejas mediadas pelas narrativas cordelistas. Não tivemos, portanto, uma preocupação exacerbada com as demais fontes possíveis que estruturam de certo modo estudos detalhados do ponto de vista linguístico. Tal característica em momento algum esteve presente no nosso estudo que se encontra diretamente alicerçado na análise das opiniões, crenças, estereótipos e representações culturais.

Figura 7 - Unidades de registro utilizadas na análise de conteúdo



Fonte: Adaptada das informações contidas em Bardin (2008, p.130-32).

Depois disto feito, outro item necessário logo após a organização do material foi à definição das unidades de contexto que corresponde ao tratamento daquelas partes codificadas anteriormente como unidade de registro. Não é difícil compreendermos esta parte se tivermos claro que a primeira refere-se à unidade de compreensão da segunda, ou seja, que a unidade de registro é o caractere cuja dimensão maior acomoda os vários segmentos da mensagem que por sua vez é denominada de unidade de contexto. Fácil também, se compreendermos que é através das unidades de contexto que as unidades de registro adquirem significação exata.

Na realidade, as unidades de contexto encontram-se sempre em correlação com as unidades de registro e percebemos no nosso estudo que maiores quantidades de temas identificados no mesmo segmento, não necessariamente indicam maior quantidade de unidades de contexto. O que se percebe, pelo contrário, é uma expressão bem maior de significações variando de acordo com o nível metafórico e/ou de repetição das ideias. Facilitam nossa

compreensão se olharmos os dados da figura 08, representada a seguir, que implica a evidência de determinadas regras de enumeração como parâmetro para análise da coocorrência frequencial ou fatorial. Esta última usada diretamente no nosso estudo, como será demonstrada no item de apresentação dos resultados.

Figura 8 – Compreensão das unidades de análise utilizadas no estudo empírico



Fonte: Adaptada das informações contidas em Bardin (2008, p.134-40).

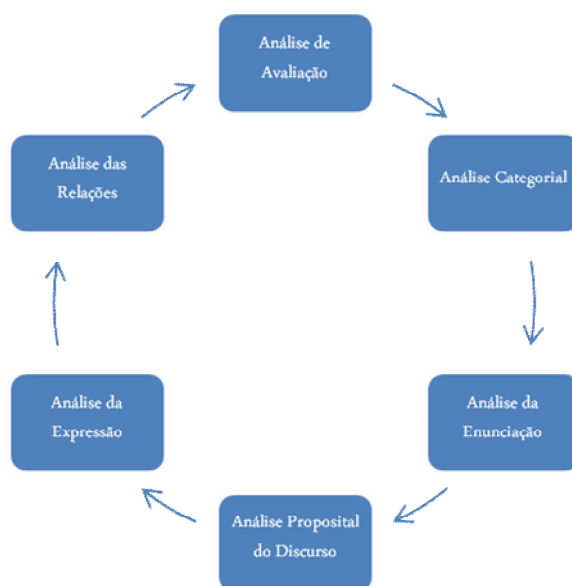
Por fim, chegamos neste ponto da análise com dois polos bem definidos que foram estruturados como unidades de registro e unidades de contexto possibilitando as inferências categoriais propriamente ditas. Sinalizamos que por três vezes durante este trajeto foi necessário recorrermos a evidências quantitativas para nos certificarmos da presença (ou ausência) de índices similares em discursos diferentes; não considerando só o nível semântico e/ou gramatical das expressões analisadas, mas voltando nossa atenção ao eixo metafórico passível de análise. Em todos esses casos, o critério frequencial simples foi determinante para a permanência ou retirada dos temas do processo de análise de conteúdo.

5.5. Discussão das informações obtidas

É necessário, situarmos os leitores sobre a forma de categorização utilizada no estudo para o processamento dos dados, cuja importância não está no processo analítico em si, mas numa etapa estratégica que auxilia o pesquisador no momento da classificação (e divulgação) dos resultados, tendo a missão de subsidiar o inventário de elementos que compõem o arcabouço teórico-metodológico proposto no desenho. Foi útil o trabalho com temas e subtemas considerados ao longo das categorias, podemos vislumbrar a perspectiva de que a análise de conteúdo de Bardin (2008) apresenta seis técnicas (ver figura 09).

Cabe a identificação de quais proposições são semelhantes às outras, entre itens classificados como unidades de registro e unidades de contexto, para somente depois as organizarmos em categorias destacando o que o conjunto possui em comum. Tal forma de categorizar a partir do uso do que denominamos *inventário*, é simultaneamente uma forma de classificação que entre outras coisas realiza a mediação entre a codificação do material e o sistema de categorias posteriormente apresentadas.

Figura 9 - Técnicas provenientes do método de análise de conteúdo



Fonte: Adaptada das informações contidas em Bardin (2008, p.197-274).

Aqui alertamos para o fato de que não se trata de simplesmente “criar” algumas categorias de análise a partir da necessidade de conclusão dos estudos. Vai além e parte de uma adequação das características expostas nas narrativas como correspondentes (ou não) dos objetivos contidos no desenho metodológico da pesquisa em campo. Havendo, dessa forma, a necessidade de montagem de grelhas categoriais que sejam capazes de reorientar a ação dos muitos níveis de análise.

Nesta nova etapa do trabalho de análise, constituímos o SEGUNDO relatório de produção e registro das formas de significação levantadas até o momento. Efetuamos de forma cuidadosa, não mais um agregado de dados brutos como àqueles presentes no primeiro relatório, mas uma inferência categorial a partir das informações produzidas como resultado da

análise das narrativas femininas cordelistas.

A propósito disto nos detivemos mais detalhadamente nos preceitos inseridos na proposta de análise das relações que compreendem o sentido do texto não somente a partir da frequência simples ou fatorial, mas na forma como os elementos textuais se relacionam mutuamente, afastando-nos da perspectiva classificatória positivista. Nesta via interessa os detalhes mínimos, e não só as ideias expressas em quantidade.

O método volta-se para a compreensão de sentidos delimitados pelas variáveis do estudo. Os procedimentos adotados passam a adquirir sentido não só pela análise das partes que o compõem, mas aos vínculos semânticos e metafóricos que adquirem forma no seio das redes culturais, ideológicas e simbólicas, que agem regulando a vida cotidiana dos próprios indivíduos.

Tendo em mãos os resultados do segundo relatório de produção das significações, já tendo passado pelas etapas da codificação e categorização, partimos para a constituição de uma matriz de contingência⁷⁹, cuja função é de correlação.

Com tudo preparado, passamos a utilizar o recurso computacional para organizar a apresentação das informações, tendo como aspecto crucial a articulação teórica específica e necessária à efetivação da proposta do estudo empírico. Assim, iniciamos a inclusão dos dados no programa **ATLAS. Ti** que merece breve descrição sobre sua proposta e conteúdo.

5.5.1. Uso do recurso computacional

Cada vez mais observamos que o uso de softwares de pesquisa tem contribuído para um desenvolvimento inovador da organização e análise dos dados qualitativos no eixo das investigações em ciências sociais. O grande volume de informações adequado ao uso correto desse instrumento permite aos pesquisadores maior agilidade no processamento das informações. Contudo, como sabemos, torna-se componente útil desde que haja um nível de planeamento anterior em que o profissional Dara instruções para que o programa as realize. Se por um lado é um processo inovador, por outro pode trazer lentidão para o final da análise e apresentação dos resultados.

Chacón (2004) concorda que o programa **ATLAS. Ti** encontra-se neste cenário e

⁷⁹ Podendo haver a estruturação de mais de uma matriz de acordo com as especificidades do estudo, bem como o estilo de produção de análise conduzido pela equipe de pesquisadores.

prossegue afirmando que a primeira parte de utilização resulta no treinamento adequado do profissional que irá manejá-lo para que com um profundo conhecimento da ferramenta e do tema de estudo possa desenvolver a capacidade heurística presente na análise qualitativa e que é demonstrada de forma indireta através da destreza do manejador com as instruções que levará a cabo em parceria com o software.

Muñoz (2005) afirma que o programa é uma ferramenta informática cujo objetivo é facilitar a análise qualitativa de grandes volumes de dados textuais, ajudando o intérprete humano a agilizar muitas das atividades analíticas que de outra forma faríamos de maneira textual com o auxílio de canetas coloridas, papéis, tabelas. Assim, o recurso computacional ajuda no manuseio dos dados textuais, ofertando didaticamente uma estratégia de acesso as informações necessárias ao trabalho de pesquisa.

Para Gómez e Domínguez (2009) o programa **ATLAS. Ti** é um instrumento ágil que permite o trabalho do pesquisador não somente com dados textuais, mas com áudio e vídeo, oferecendo uma variedade grande de estratégias para a organização sistemática dos itens incluídos no desenho metodológico das pesquisas qualitativas. Ajuda, ainda, na cena dos fenômenos complexos que se encontram ocultos nos dados coletados em campo, sendo clara a possibilidade de um ambiente informático criativo, embora complexo.

Diretamente no nosso trabalho de pesquisa o programa foi valioso no sentido de facilitar as buscas das unidades temáticas comuns aos cordéis, já que trabalhamos com um grande volume de informações que às vezes se repetiam. As unidades hermenêuticas que foram construídas permitiram a codificação de muitos segmentos significativos textuais ao mesmo em que no proporcionou uma compreensão geral das categorias finais.

Houve a possibilidade do cruzamento dos dados de tal maneira que foi possível articular conceitos teóricos demonstrados na parte I da tese com as imagens narrativas dos cordéis. A opção *memo*⁸⁰ enriqueceu a etapa de discussão dos resultados que por sua vez contou com recursos de ordem gráfica que didaticamente trazem nossas considerações aos leitores. Os significados textuais apresentados a seguir permitiram a exploração dos nexos causais entre cada cordel formando uma rede de textura que seguiu de forma paralela ao processo intelectual de fundamentação teórica dos resultados.

Abella (2011) concorda que o software em questão favorece a aplicação desde o ponto

⁸⁰ Como espaço de anotações complementares à análise.

de vista da análise de conteúdo porque a mesma está embasada na leitura (textual ou visual) de dados de pesquisa para a compreensão de uma determinada realidade social. Sendo útil a combinação intrínseca entre a observação, produção e interpretação daqueles a partir de um planejamento metodológico que vai sendo moldado ao longo do processo de análise da investigação social.

Apesar da apresentação inicial do que consideramos facilidades no uso do recurso computacional, não podemos deixar de concordar com Larraín & Moretti (2011) quando chamam a atenção para o fato de que uma investigação qualitativa neste cenário não pode prescindir de uma visão que possa ir além da atitude artesanal do pesquisador, mas deve ir em direção ao trabalho interpretativo próprio às investigações científicas, incluindo o rigor metodológico que presente na prática de uma atitude reflexiva concernente com o sentido global pretendido pela análise.

Por fim, é importante dizer que antes de optarmos pelo uso do programa **ATLAS. Ti** nesta primeira incursão em campo, tivemos o cuidado de fazer uma leitura atenta sobre como os feminismos nas questões de gênero utilizam as investigações qualitativas como estratégia comunicacional. Encontramos muitas bibliografias que trouxeram contribuições valiosas aos olhares acadêmicos (Martínez-Guzmán & Íñiguez-Rueda, 2010; Gallo, 2009; Fernández-Dávila, 2009; Tellería, 2009; Gregorio-Godeo, 2008).

5.5.2. Visualização, leitura e estabelecimento de nexos causais

Inicialmente, apresentamos no quadro abaixo a lista de documentos primários que foram inseridos no programa **ATLAS. Ti** após a transcrição e preparação dos textos do ponto de vista da escrita. Como bem esclarece Chacón (2004), esta fase caracteriza-se pela digitalização e organização dos dados principais coletados em campo. No nosso caso, os cordéis que foram exaustivamente digitados para inclusão no programa em um total de 204 unidades que em seguida foram agrupadas em 07 documentos primários⁸¹ apresentados a seguir de acordo com a numeração que foi dada anteriormente aos mesmos.

Quadro 2 - Documentos primários do Estudo Empírico 01

Report PD - Filter: All

⁸¹ Na versão em inglês do software de pesquisa, documentos primários são *Primary Document* e aparecem na tela como P-DOC

HU: Estudo Empírico 01 – Cordéis

File: [C:\Users\fnac\TeseDez2010\DadosfeitosUSAL\ScientificSoftware\Estudo Empírico 01 - Cordéis.hpr5]

Edited by: Super

Date/Time: 04-07-11 15:22:34

P 01: Cordéis1-00 a 30.txt [C:\Users\Domício\Desktop\Cordéis1-00.30.txt]

P 02: Cordéis2-31 a 60.txt [C:\Users\Domício\Desktop\Cordéis2-31.60.txt]

P 03: Cordéis3-61 a 90.txt [C:\Users\Domício\Desktop\Cordéis3-61.90.txt]

P 04: Cordéis4-91 a 120.txt [C:\Users\Domício\Desktop\Cordéis4-91.120.txt]

P 05: Cordéis5-121 a 150.txt [C:\Users\Domício\Desktop\Cordéis5-121.150.txt]

P 06: Cordéis6-151 a 180.txt [C:\Users\Domício\Desktop\Cordéis6-151.180.txt]

P 07: Cordéis7-181 a 204.txt [C:\Users\Domício\Desktop\Cordéis7-181.204.txt]

Fonte: ATLAS. TI

A partir desta primeira organização, partimos para o trabalho com as categorias de análise⁸² que foram agrupadas a partir do sentido textual do ponto de vista semântico. Ao todo, formamos 22 categorias que foram nomeadas através do conteúdo representativo de cada grupo formado.

É importante salientar que desta parte em diante, ocorreu a primeira e a segunda **redução metodológica**, respetivamente, que implicou na aplicação de níveis diferentes de redução textual a partir da aplicação de operações de codificação e categorização próprias ao objetivo da análise qualitativa de relacionar conceitos e comprovar nossas hipóteses de estudo (Muñoz, 2005; Martínez-Guzmán & Íñiguez-Rueda, 2010).

Quadro 3 - Categorias de análise do Estudo Empírico 01

Report PD – Code Filter: All

HU: Estudo Empírico 01 – Cordéis

File: [C:\Users\fnac\TeseDez2010\DadosfeitosUSAL\ScientificSoftware\Estudo Empírico 01 - Cordéis.hpr5]

Edited by: Super

Date/Time: 04-07-11 15:56:18

Cat01 Representações sociais da mulher casada

Cat02 Narrativas femininas

Cat03 Representações sociais do homem traído

Cat04 Qualidades femininas

Cat05 Representações sociais da mulher solteira

Cat06 Representações sociais do homem solteiro

Cat07 Mulher virgem

Cat07.Sub.01 metáforas

Cat07.Sub.02 olhares masculinos

⁸² Conhecidas na versão em inglês como *Codes*.

Cat08 Simbolismo do corpo da mulher feia
 Cat09 Simbolismo do corpo da mulher bonita
 Cat10 Formas de agressão
 Cat11 Resultados da violência
 Cat12 Objetivos da lei
 Cat13 Representações sociais das formas de proteção
 Cat14 Prostituição
 Cat15 Representações sociais da mulher traidora
 Cat16 Vestimentas
 Cat17 Tipos de violência
 Cat18 Representações sociais das garantias
 Cat19 Dificuldades de operacionalização
 Cat20 Perfil do homem agressor
 Cat21 Simbolismo do corpo do homem solteiro
 Cat22 Perfil da mulher vitimada

Fonte: ATLAS. TI

A cada categoria de análise fomos agrupando as **unidades de sentido**⁸³ que por sua vez possuem **unidades de registro** demonstradas no quadro a seguir⁸⁴. É importante compreender que as primeiras referem-se a cada citação textual que destacamos após a análise do discurso e as segundas dizem respeito à quantidade de vezes que o sentido de cada citação aparece de maneiras textuais diferentes.

Quadro 4 - Unidades de sentido do Estudo Empírico 01

Report PD – Code Filter: All								
HU: Estudo Empírico 01 – Cordéis								
File: [C:\Users\fnac\TeseDez2010\DadosfeitosUSAL\ScientificSoftware\Estudo Empírico 01 - Cordéis.hpr5]								
Edited by: Super								
Date/Time: 04-07-11 16:23:20								
Codes-Primary-Documents-Table								
PRIMARY DOCS								
CODES	01	02	03	04	05	06	07	Total
Cat01 RepSociaisMulh	21	08	14	14	03	04	15	79
Cat02 Narrativas Fem	41	05	06	03	02	03	06	66
Cat03 RepSociaisHome	13	10	07	02	06	05	04	47
Cat04 QualidadesFemi	25	04	07	25	14	07	05	87
Cat05 RepSociaisMulh	19	15	13	18	05	24	10	104
Cat06 RepSociaisHome	01	03	17	01	03	11	02	38
Cat07 Mulher Virgem	38	19	15	08	29	04	12	125
Cat07.Sub.01 Metáfor	04	00	07	01	06	02	04	24
Cat07.Sub.02 Olhares	11	01	00	00	04	00	01	17

⁸³ Conhecidas na versão em inglês como *Quotations*

⁸⁴ De forma proposital apresentamos no quadro a seguir as categorias de análise da forma abreviada de acordo com o modo como o programa ATLAS. TI demonstra na tela.

Cat08 SimbCorpoMulhe	13	20	06	08	02	00	01	50
Cat09 SimbCorpoMulhe	18	38	01	18	18	01	06	100
Cat10 Formas de Agre	00	12	11	00	01	00	02	26
Cat11 Resultados da	18	04	10	02	00	00	04	38
Cat12 Objetivos da L	03	23	02	29	00	00	08	65
Cat13 RepSociais Pro	09	11	12	00	00	00	00	32
Cat14 Prostituição	13	15	02	18	12	26	06	92
Cat15 RepSociaisMulh	00	13	12	16	20	06	28	95
Cat16 Vestimentas	00	04	00	02	00	00	00	06
Cat17 Tipos de Violê	00	02	41	07	02	02	05	59
Cat18 RepSociais Gar	00	36	05	04	00	00	01	46
Cat19 Dificuldades d	00	00	15	02	00	00	02	19
Cat20 Perfil do Home	00	00	15	05	22	14	07	63
Cat21 SimbCorpoHomem	00	00	16	02	00	02	01	21
Cat22 Perfil da Mulh	00	00	00	01	19	60	00	80
Totais	247	243	234	186	168	171	130	1379

Fonte: ATLAS. TI

Por exemplo: a mulher que vive da prostituição pode ser denominada de várias maneiras, ou seja, prostituta, meretriz, quenga, puta, etc. O sentido é o mesmo: “viver da prostituição” - unidade de sentido. A quantidade de vezes que o mesmo sentido aparece, nesse caso, 04 (quatro) vezes, que é o que chamamos de unidade de registro.

A **unidade de contexto**⁸⁵ é formada pelo cenário psicossocial de desenvolvimento da prostituição, no caso, o sertão do nordeste – podendo ter um ou mais cenários de acordo com os objetivos e hipóteses do estudo considerado.

Após a organização dos dados dessa maneira, iniciamos a apresentação destes de forma conceitual, ou melhor, utilizamos estratégias metodológicas⁸⁶ que permitiram uma visão global que facilitou a posterior verificação das hipóteses do estudo. A este sistema de categorias emergentes recheadas com o resultado das categorias iniciais, resultou no que conhecemos como triangulação dos dados que serão apresentados no próximo item a partir de gráficos e redes de comunicação.

Assim, o programa ATLAS. TI nomeia **code families** a combinação das unidades de contexto que apresentam, nesse ponto da análise de conteúdo, a síntese da comprovação (ou não) das hipóteses testadas e com representações fatoriais. Vejamos o quadro abaixo com as 03 (três) famílias, na tradução portuguesa, consideradas a partir de agora. Note que ao lado de

⁸⁵ Conhecidas na versão em inglês como *Hermeneutic Unit* – HU.

⁸⁶ Explicadas no item sobre a análise de conteúdo (Bardin, 1977).

cada uma aparece uma numeração, esta indica a quantidade de categorias (code) que foram agrupadas em cada família – podendo haver repetições ou exclusões.

Quadro 5 - Codificação das Famílias do Estudo Empírico 01

Report PD - Filter: All
HU: Estudo Empírico 01 – Cordéis File: [C:\Users\fnac\TeseDez2010\DadosfeitosUSAL\ScientificSoftware\Estudo Empírico 01 - Cordéis.hpr5] Edited by: Super Date/Time: 04-07-11 19:25:02
CODE FAMILIES
Família 01 - Representações Sociais (5) Família 02 - Lei Maria da Penha (9) Família 03 - Identidade Narrativa e Simbolismo do Corpo (8)

Fonte: ATLAS. TI

A determinação prévia dos aportes de cada **code families** permite, finalmente, a visualização, leitura dos nexos causais e estabelecimento de conclusões a partir da análise fatorial dos resultados individuais de cada categoria de análise, sendo estas um contraste das hipóteses iniciais. Isto é possível através de uma rede de comunicações que o programa ATLAS. TI denomina **network**. A interpretação e verificação qualitativa dos dados passam a ser comprovadas (ou não) após a linearidade analítica que marca todo o percurso. Nesse caso, encontramos as redes abaixo demonstradas.

Quadro 6 - Codificação das Networks do Estudo Empírico 01

Report PD - Filter: All
HU: Estudo Empírico 01 – Cordéis File: [C:\Users\fnac\TeseDez2010\DadosfeitosUSAL\ScientificSoftware\Estudo Empírico 01 - Cordéis.hpr5] Edited by: Super Date/Time: 04-07-11 19:38:16
NETWORK VIEWS
Network01 - Lei Maria da Penha (24) Network02 - Panorama da Violência contra as Mulheres (21) Network03 - Características da Vitimização (25) Network04 - Relações Sociais de Gênero (28) Network05 - Identidade Narrativa (25) Network06 - Simbolismo do Corpo Feminino: Beleza Física (27)

Network07 - Simbolismo do Corpo Feminino: Virgindade (20)

Fonte: ATLAS. TI

É importante perceber que no quadro anterior a numeração que aparece ao lado do nome de cada família corresponde à quantidade de categorias (code) que foram agrupadas, como mencionamos anteriormente. No caso agora das networks tal numeração corresponde à quantidade de quotations, ou seja, unidades de sentido que juntas demonstram o conteúdo representacional de cada network – podendo haver repetição ou exclusão.

Por fim, resta-nos esclarecer que para facilitar a conceitualização dos dados em um nível de generalização própria aos conhecimentos científicos situados, como no nosso estudo, utilizamos conectores (chamados **Hyper-Links**)⁸⁷ que representam a conexão entre orações que se inter-relacionam para predizer os fenômenos sociais analisados. Transferem maior significação as networks que por sua vez dão sentido aos marcos conceituais usados ao longo de todo o processo de análise de conteúdo.

Quadro 7 - Codificação dos Hyper-Links do Estudo Empírico 01

Report PD - Filter: All	
HU: Estudo Empírico 01 – Cordéis File: [C:\Users\fnac\TeseDez2010\DadosfeitosUSAL\ScientificSoftware\Estudo Empírico 01 - Cordéis.hpr5] Edited by: Super Date/Time: 04-07-11 20:04:51	
HYPER-LINKS	
Representação	Descrição do conector
< justifica >	Representa um pensamento que é explicado por uma ou mais ações anteriores.
< é continuação de >	Duas ou mais ideias que estão conectadas e que fazem parte de uma mesma unidade de sentido.
< explica >	Demonstra duas ideias, sendo a primeira a principal e a outra secundária que esclarece os motivos da primeira.

⁸⁷ Trata-se, na verdade, de conectores que sintetizam as inter-relações existentes entre os itens analisados. São representados por expressões e/ou frases curtas, entre "<" ou ">", que no nosso estudo foram considerados da maneira apresentada no quadro a seguir.

< contradiz >	Apresenta dois conectores que contêm posições contrárias para um mesmo tema debatido.
< dá suporte a >	Temos aqui uma ideia principal que é reforçada pela presença de exemplos ou outras situações que explicam a primeira.
< discute >	Corresponde a uma função argumentativa causal que torna visível as variáveis que explicam um determinado pensamento.

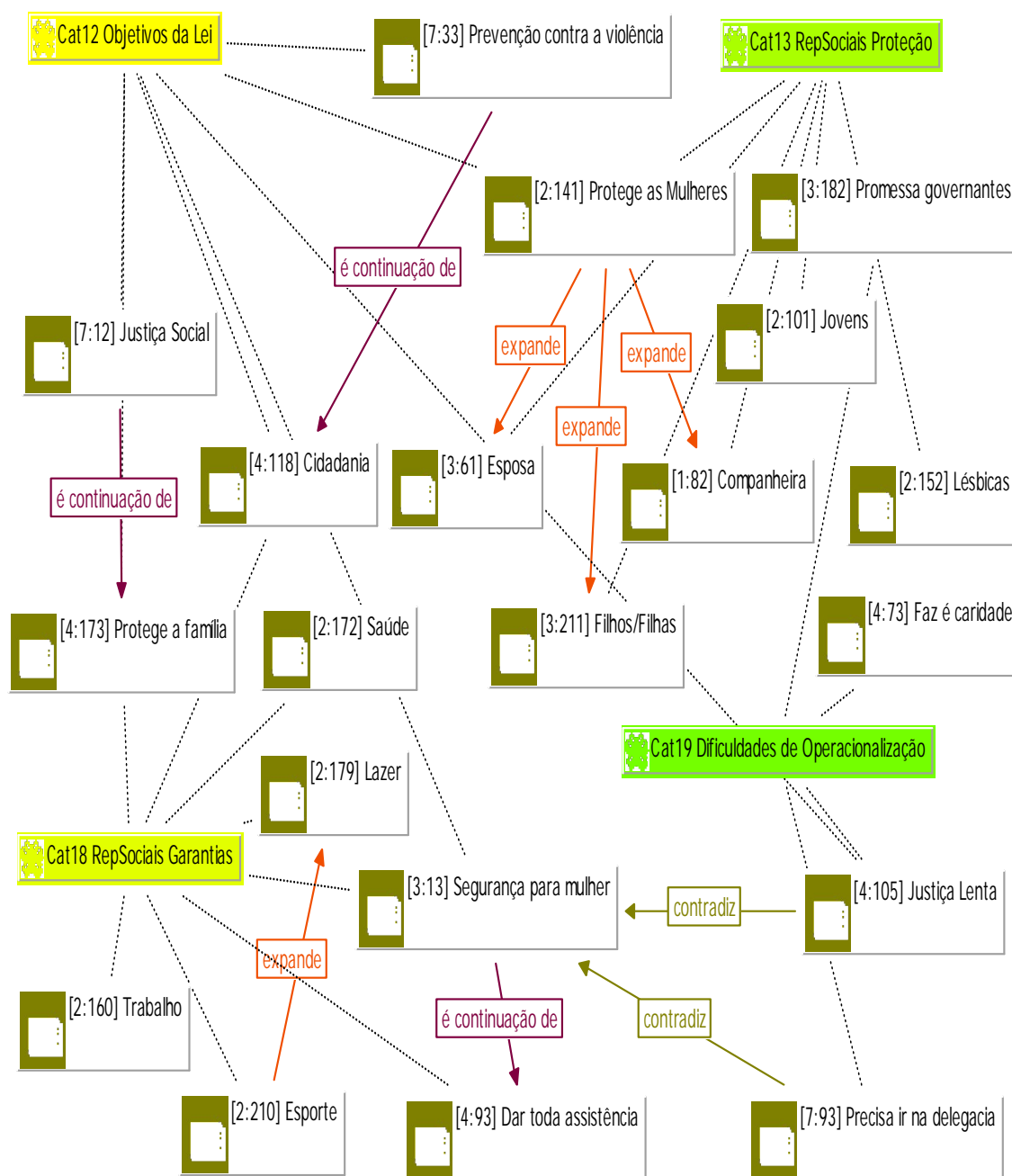
Fonte: ATLAS. TI

5.6. Interpretação e comprovação das hipóteses iniciais

A interpretação do resultado do nosso estudo começa pela análise da **network 01** que foi intitulada “Lei Maria da Penha”, agrupa as ideias que os cordéis retratam sobre a lei número 11.340 sancionada pelo Congresso Nacional Brasileiro no dia 07 de Agosto de 2006 que aumenta consideravelmente o rigor das punições para agressões contra a mulher no ambiente doméstico e/ou familiar. Aprovada no governo do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, entrou em vigor no dia 22 de Setembro de 2006, com base no artigo 226 da constituição federal que convenciona o combate a todas as formas de discriminação contra as mulheres em território nacional.

Formada pelas categorias: nº 12 objetivos da lei possui citações voltadas para a proteção às mulheres e a minimização da violência doméstica, sendo um “não” à crueldade do homem e um apelo à paz, busca nas representações cordelistas fazer com que a mulher tenha seus direitos garantidos a partir da prevenção da violência intrafamiliar com vistas a uma vida digna e segura. Este item também refere-se ao alcance de um nível de proteção à mulher que estende-se aos seus filhos, sendo interpretado como proteção social nos termos da promoção da cidadania.

Network 1 - Lei Maria da Penha



Fonte de dados: arquivo ATLAS. Ti

Nestes termos, a categoria nº 13 representações sociais sobre a proteção vincula a primeira a tutela do Estado que deve dar toda assistência às mulheres vitimadas e que ao terem seus companheiros enquadrados na lei têm cidadania. Quando temos um olhar mais detalhado nesses argumentos é possível achar tópicos como garantia do lazer, do acesso ao desporto, à saúde e ao trabalho como itens que agrupamos na categoria nº 18 representações sociais sobre as garantias. Percebe-se que há uma espécie de redenção da mulher que após aguentar a

violência do homem terá a partir de então o exercício da cidadania como “prêmio”. Vejamos abaixo a correlação entre esses fatores que dão sentido a network 01.

Ainda aqui encontramos a categoria nº 19 dificuldades de operacionalização da lei Maria da Penha no sertão nordestino, embora na categoria anterior haja o reconhecimento dos ganhos para a proteção à mulher. Tais empecilhos explicam de certa forma o primeiro item de que cabe ao governo garantir direitos.

Cordel 1 - A Lei Maria da Penha em cordel (A)

*“Se o poder judiciário
Já não funciona bem
Com novas atribuições
E as limitações que tem
Pode fazer desta Lei
Nova vítima também”*

Fonte de dados: consulta direta, página20.

Temos a menção de que a justiça brasileira é lenta e que, como a lei resulta em promessas políticas, a mulher continua em situação de vitimização doméstica. Além disso, para que as mulheres consigam qualquer forma de punição para os homens, elas devem ir presencialmente à uma delegacia, numa clara alusão da situação constrangedora que deverá passar para fazer a denúncia do abuso.

Cordel 2 – Entre marido e mulher a Lei Maria da Penha mete a colher

*“Ela vê essa miséria
Mas não pode dizer nada
Para o povo não saber
Que a coisa está apertada
Sofre mil humilhações
Mas tem que ficar calada”*

Fonte de dados: consulta direta, página 03.

Sendo atendida nos seus direitos, esses são vistos pelas ideias cordelistas como uma espécie de favor que as autoridades fazem para a mulher, ou melhor, uma caridade. É contudo interessante perceber que existe a compreensão nos cordéis de que a proteção à mulher preconizada na lei deve ser realizada não somente para a esposa legítima, mas deve ser

estendida para a mulher que é companheira dos homens. Também englobando lésbicas e gays que sofrem o mesmo tipo de violência.

Cordel 3 - A Lei Maria da Penha em literatura de cordel

*“Agora, num caso lésbico
E no qual a companheira
Oferecer qualquer risco
À vida de sua parceira
A agressora é punida;
Pois a Lei não dá bobeira”*

Fonte de dados: consulta direta, página 10.

A **network 02** que foi intitulada “panorama da violência contra as mulheres” traz a categoria nº 17 tipos de violência, agrupando a violência: patrimonial, física, psicológica, moral, sexual, como principais tipos de agressões. Relaciona-se à categoria nº 10 formas de agressão que inclui: socos, hematomas, arranhões, machucar o corpo da mulher com armas e facas, além da agressão física corpo a corpo.

Cordel 4 - A Lei Maria da Penha em cordel (B)

*“Define-se a violência
Aquilo que causar mal
Toda forma de agressão
Ao físico, ao corporal
Também não fica de fora
O que lhe agrida a moral”*

Fonte de dados: consulta direta, página 09.

Segue apresentando a categoria nº 11 resultados da violência que aponta desde os danos psicológicos causados na mãe, filhos e filhas, até a justificativa do abandono destes nas ruas, assim como a alusão a história real da Maria da Penha que motivou a mobilização do país nas principais instâncias internacionais em defesa dos direitos humanos para punir seu ex-esposo que a transformou em uma pessoa paraplégica.

Cordel 5 - A Lei Maria da Penha em cordel (C)

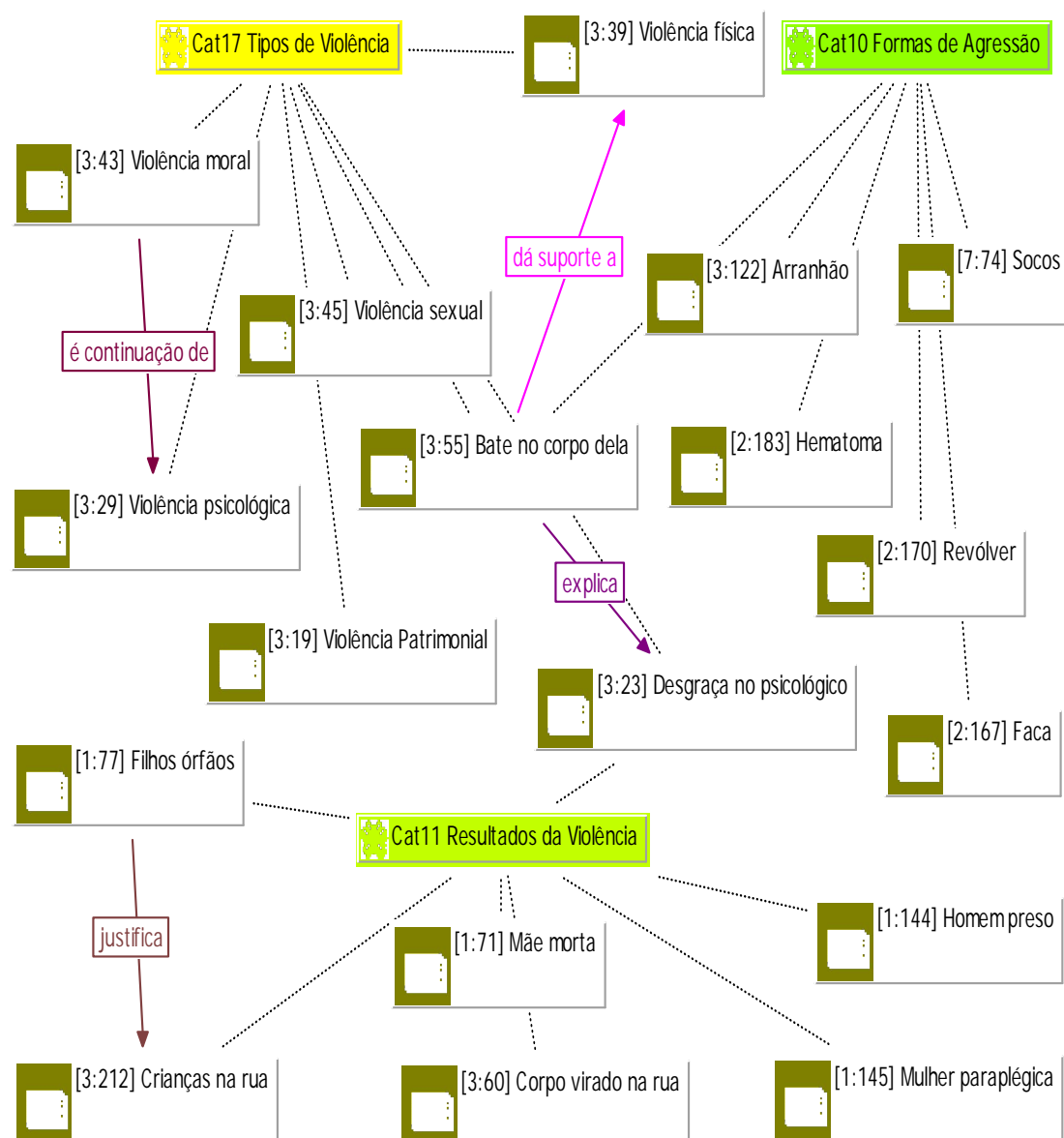
“Seu marido quis matá-la

*Por briga, questão de casa
Em vão buscou a justiça
Que não tem perna, nem asa
Só encontrou desamparo
Que a qualquer pessoa arrasa”*

Fonte de dados: consulta direta, página 06.

Vejam como essas categorias se articulam para formar a network 02, tendo a visão crítica de que esta e a anterior formam uma família com unidade de sentido semelhante.

Network 2 - Panorama da violência contra as mulheres

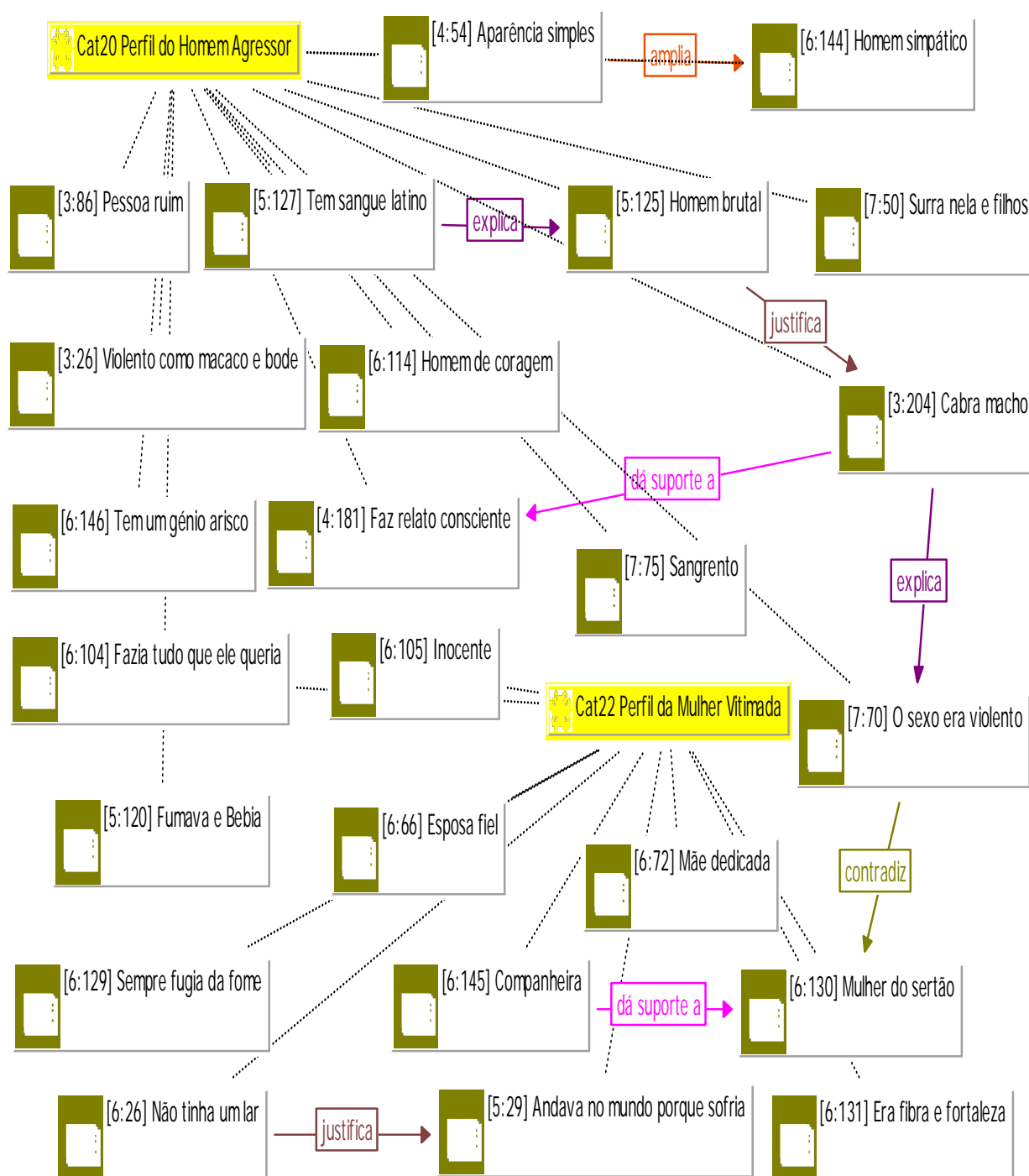


Fonte de dados: arquivo ATLAS. Ti

A **network 03**, denominada “características do processo de vitimização”, traz uma complexidade interessante na medida em que trabalha com um perfil de homem agressor e de

mulher vitimada que é constante nos cordéis analisados e que expressa um pouco da visão sexista cultivada no nordeste do Brasil. Antes de algum comentário pedimos que os leitores pudessem analisá-la.

Network 3 - Características do processo de vitimização



Fonte de dados: arquivo ATLAS. Ti

Vamos começar analisando a categoria nº 20 o perfil do homem agressor que o caracteriza como um homem que possui aparência simples, mas é um homem de coragem porque fuma e bebe, além de ter um gênio arisco e por isso faz o que quer com sua mulher. Essa representação está presente na passagem que selecionamos no cordel abaixo:

Cordel 6 - O romance da quenga que matou o delegado

*“Depois bateu novamente
E tornou a espancar
Batia com tanta força
Até o braço cansar
Deixou-a ali estendida
E a pobre quenga ferida
Teimava em desacordar”*

Fonte de dados: consulta direta, página 08.

Nesse trecho também é exaltada a força brutal do homem que é assim, segundo as representações cordelistas, porque tem o “sangue latino”. Aqui temos alguma contradição, pois encontramos alguns cordéis que em situações semelhantes assinalam a covardia dos homens que batem sem compaixão em “mulheres indefesas”. Mesmo com esta outra visão, o teor é sempre o de um homem “simpático”, porém violento quando a mulher ou os filhos fazem algo que lhe desagradem.

Essa espécie de “relato consciente” do homem que é considerado “cabra macho” e que vinga sua própria “honra” agredindo fisicamente as mulheres, é também apresentada como um fator explicativo do sexo masculino em termos de virilidade, embora contradiga a noção feminina sertaneja de que esta é sempre detentora de amabilidade, comparada aos atributos da natureza criada por Deus para servir ao homem. Diz o trecho do cordel abaixo:

Cordel 7 - O significado da moda e a sabedoria da mulher através dos tempos

*“A mulher é a flor do mundo
Tão pouco vá se iludir
Guarda a caixa da vida
Do voltar como do seguir
A mulher é alegria
Para o homem pressentir”*

Fonte de dados: consulta direta, página 01.

A **network 03** prossegue apresentando a categoria nº 22 sobre o perfil da mulher vitimada que segundo as representações cordelistas possui um conjunto de atributos morais que podem ser enumerados como: mulher inocente que fazia tudo o que o homem pedia a esposa fiel e companheira que não tinha um lar para viver, uma mãe dedicada que sempre fugia fome e andava pelo mundo porque sofria ao mesmo tempo em que expressava por tudo isso através da fibra e da garra, pois era a típica “mulher do sertão”, honesta e forte.

Cordel 8 - O cantor e a meretriz ou a puta que comia fotos do ídolo

*“Minha finada mãe deu-me
O nome de Elvira Maria
Meu pai era um alcoólatra
Na embriaguez noite e dia...
Minha mãe, mulher honesta,
Hoje apenas dela resta
O retrato e a laje fria...”*

Fonte de dados: consulta direta, página 03.

Outra visão que é importante destacar e que em outra network vamos apresentar de forma mais direta, é o fato da mulher vitimada, inicialmente pura e ingênua, ter sido de certa forma levada pela vida aos caminhos da prostituição, havendo uma clara insinuação de que não existem outras perspectivas para essa mulher, diferente da violência do homem. Fazemos questão de apresentar o trecho abaixo que torna mais concreta esta visão.

Cordel 9 – Meia-noite no cabaré

*“Sou como a escarradeira onde todos vão cuspir
É profundo o meu carpir minha sina é agoureira
Eu sou uma aventureira da dor e da perdição
Entreguei meu coração no lado da terra impura
Sou a mais vil criatura emblema da corrupção”*

Fonte de dados: consulta direta, página 11.

Esse perfil feminino, mas também masculino, vai sendo mais bem percebido na análise da **network 04**, chamada, “relações sociais de gênero” que organiza as principais representações sociais sobre a mulher e o homem. Formada a partir das categorias: nº 01 - representações sociais da mulher casada, nº 15 - representações sociais da mulher traidora e nº 03 - representações sociais do homem traído; é interessante perceber como este é fruto de uma

Os atributos corporais vinculados ao sexo e também à sexualidade é o que mais caracteriza a representação masculina sobre a mulher que é “quente como o calor do dia”, “põe roupa indecente”, “tem cabelos espiga de milho” e “nunca perdeu um forró ou baile funk”. Nesse sentido, infelizmente, podemos ancorar tal conhecimento com as concepções que os estrangeiros fazem sobre o comportamento da mulher brasileira. Há uma desvalia que começa na nossa própria cultura e que é amplamente divulgada nos outros continentes. Daí, a existência de rimas como esta:

Cordel 11 - O poder que a bunda tem (A)

*“A bunda a que me refiro
É da mulher, com razão
Com o eu poder oculto
De magia e de educação
Que faz a visão direta
deixando a mulher completa
De beleza e perfeição”*

Fonte de dados: consulta direta, página 03.

A análise desta network também demonstrou que a mulher que possui esse “poder feminino” tem certa consciência do encanto que provoca nos homens e aproveita-se disso para trair os maridos abertamente; nascendo a partir daí a representação do homem traído que é “homem fraco” que vai “olhar no portão da casa” se a mulher “já chegou da festa”. Aqui uma curiosidade: não encontramos nenhuma representação do homem que trai e da mulher que é traída, coincidência ou não, 100% dos autores dos cordéis são homens.

Cordel 12 - O divórcio da cachorra

*“Sua mulher, meu compadre
Já foi de tudo informada
Entretanto não se mostra
Nem um pouco preocupada
Cada dia mais faceira
Parece até uma rameira
Com a cara toda pintada”*

Fonte de dados: consulta direta, página 07.

A representação masculina segue em defesa do homem que é um “santo”, cuja devoção pela mulher era de “comovente e sincera devoção”, apesar de ter a ação simbólica de “vestir roupa de mulher”, ou seja, uma expressão que na cultura brasileira significa que é “homem-mulher”, delicado, que faz as tarefas do dia-a-dia com muita ternura numa ideia clara que insinua uma possível feminilidade desse homem que “pela falta do que fazer”, ou melhor, na falta de outras mulheres para ter relações sexuais, assiste as traições da mulher de forma passiva. Lembrando que aqui a mulher sempre vai trair o companheiro.

Cordel 13 - A princesa Rosamunda e a morte do gigante

*“E o príncipe ali ficou
Como infeliz degredado
Suportando humilhações
Como um humilde criado”*

Fonte de dados: consulta direta, página 19.

Por fim, ainda nesta network, o outro lado da mulher é a santidade total, momento em que é comparada a “virgem Maria” ou a uma “pedra preciosa que é linda e carinhosa como o dia” e que nasceu preparada para ser mãe. É uma “donzela” que apesar da pureza guarda para o esposo seu poder de sedução, através de alguns comportamentos como o uso de camisola transparente, beijos e agrados ligados a casa e ao cuidado com o marido e com os filhos.

Representação semelhante aparece na visualização da **network 05** que mostra as principais simbologias da mulher numa dicotomia que ora exalta o lado puro da mesma, ora a coloca como forte e cabocla com destaque para a sua inteligência e valentia.

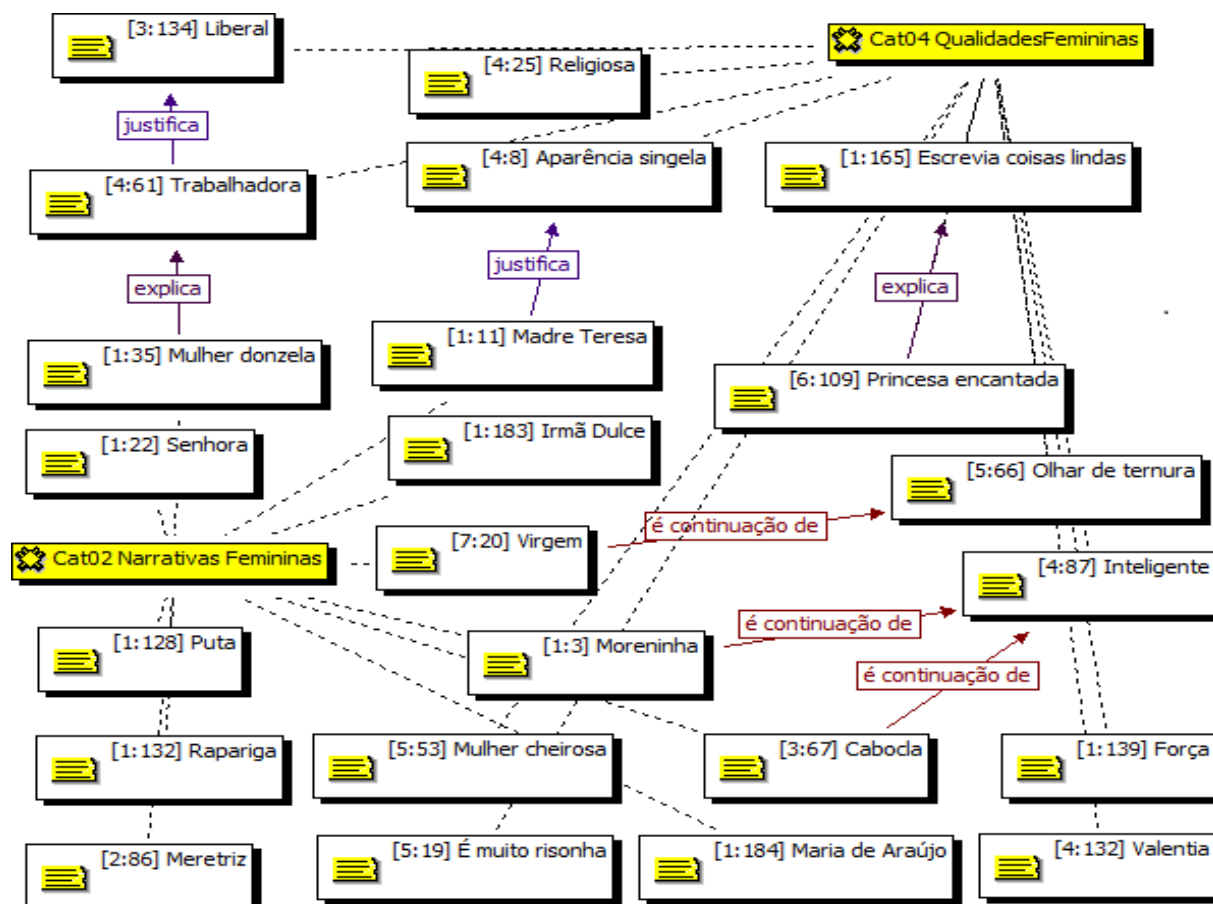
O primeiro eixo desta análise traz a identidade da mulher a partir da sua narrativa de vida sofrida, porém recatada à espera do marido digno, trabalhador e fiel. Mulher hoje conhecida como “mulher de família”, “donzela virgem e casta”, que apesar de ter às vezes a idade avançada conserva os valores familiares e “foi educada para ter filhos”.

Essa tal mulher pura possui a fantasia de ver chegar um “príncipe encantado” que não raras vezes deve aparecer a sua princesa nordestina “montado em um cavalo branco como nos filmes de fadas encantadas”. O trecho do cordel 14 também ilustra muito bem essa representação.

As comparações expressivas chegam ao ponto de comparar o comportamento das mulheres que se enquadram nessa representação com a narrativa de vida de mulheres como

Madre Tereza de Calcutá, Irmã Dulce, a Moreninha (da famosa obra literária de José de Alencar), Cabocla e Maria Araújo (líderes revolucionárias), Maria Bonita (companheira do cangaceiro lampião), além de outras mulheres que a história nordestina consagrou.

Network 4 - Identidade narrativa



Fonte de dados: arquivo ATLAS. Ti

Cordel 14 - O fazendeiro mendigo e a cabocla encalhada (A)

*“Generosa para Alfredo
Tinha carinho e beleza
Ele era o príncipe dela
E ela sua princesa
Continuou sempre aquela
Destemida camponesa”*

Fonte de dados: consulta direta, página 32.

O que se destaca, nesse caso, é que apesar da suposta autonomia, essas mulheres, ao se verem “casadas”, o fazem de maneira tradicional, sendo comum no nordeste rural a interferência mediadora da família que vincula o casamento das filhas mais velhas a posse da

terra pelo futuro marido como uma forma de compensação por as mesmas não terem atributos físicos da juventude que as filhas mais novas supostamente possuem e que por isso contraíram matrimônios mais cedo. É uma visão exasperadamente machista e sexista, mas que como podemos ver fundamenta a literatura popular dos cordéis. Vejamos a seguir:

Cordel 15 - O fazendeiro mendigo e a cabocla encalhada (B)

*“Alfredo olhou para a velha
Meiga, doce e carinhosa
Depois olhou para a moça
Destemida e corajosa
Viu sua futura esposa
Na face de Generosa”*

Fonte de dados: consulta direta, página 23.

Outro eixo comparativo atribui à mulher um caráter de santidade, no sentido do “respeito” que impõe diante da sociedade. É mulher casada que possui “olhar de ternura”, sendo uma senhora “muito risonha e cheirosa”, cuja aparência singela é de religiosidade e conduta moral impecável. Podendo, às vezes, também acumular seu espírito trabalhador na esfera doméstica a alguns pensamentos tidos como “liberais”, como por exemplo, a escrita de poesias ou a leitura de livros científicos que ainda hoje são considerados no nordeste rural como artifícios próprios, e quiçá permitidos, ao masculino.

Essa visão pouco mais “redentora” do papel desempenhado pela mulher na família faz diferença forte, verificamos a quantidade alta de citações que exaltam o corpo e a beleza física da mulher em suas narrativas de vida. É o que demonstra a **network 06**.

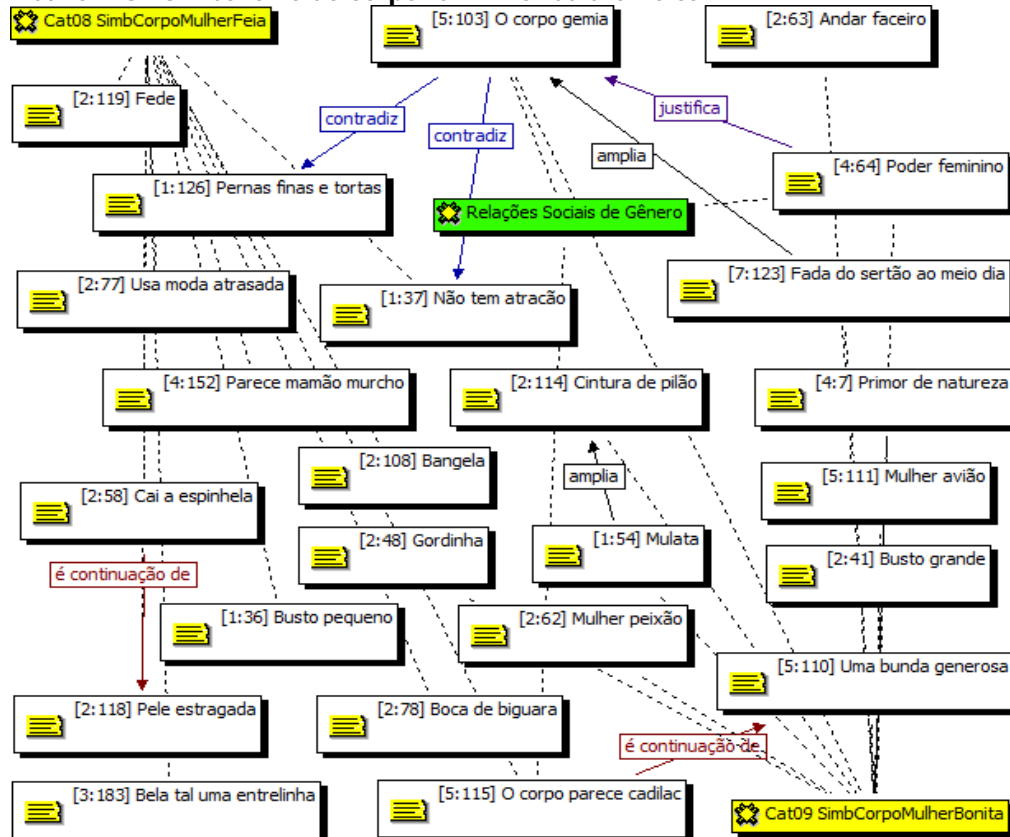
Nesta parte da análise não faltaram atributos corporais, como: mulher com “bunda generosa” que tem o “andar faceiro como um primor da natureza” que tem por causa disso o poder feminino de seduzir os homens. É geralmente uma mulata “boa de cama” que por ser “fogosa” é comparada a uma “fada do sertão ao calor do meio dia” porque o seu “corpo geme” em busca do prazer sexual, no caso, masculino. É sem dúvida o tamanho avantajado das nádegas (bunda) da mulher e as cenas vulgares com que são retratadas que chama mais atenção nessa parte da análise. Leia a seguir um trecho que compara o valor da mulher ao “valor” desse atributo corporal:

Cordel 16 - Bundas e caras

*“O valor hoje é na bunda
Pois bunda é um progresso
Esconda a cara e mostre a bunda
Para ver se tem mais sucesso
Com isso vá para as alturas
E quem sabe ao Congresso”*

Fonte de dados: consulta direta, página 04.

Network 5 - Simbolismo do corpo feminino: beleza física



Fonte de dados: arquivo ATLAS. Ti

Nesta network, também encontramos muitas comparações sobre a beleza física da mulher sertaneja comparando-a com expressões do tipo: “mulher peixão”, “mulher avião”, “o corpo parece um cadilac”, “mulher com cintura de pilão”. Cada narrativa com uma expressão definida no cenário sociocultural do lugar e legitimada pela população.

Mais uma vez é descrito em alguns cordéis a comparação do corpo feminino da mulher brasileira como algo rico que deve ser “vendido” em outros países, sendo esperta a mulher que sabe viver a partir dessa “moeda de troca”, havendo uma naturalização do uso

dessa característica que vai sendo legitimada, talvez ocultamente, pelas próprias sociedades nordestinas. O cordel abaixo deixa claro esse pensamento:

Cordel 17 - A bunda da Chica Boa

*“O maior jornal da terra
Toda semana pública
Um artigo especial
Sobre o sucesso da Chica
Mulher que tem bunda grande
Na América do Norte enrica”*

Fonte de dados: consulta direta, página.

Por outro lado, identificamos nos cordéis um simbolismo corporal feminino que atribui às mulheres características de ausência das qualidades anteriormente descritas. Aqui foi reunido atributos que comparam a mulher a “boca de biguara e banguela” que parece com um “mamão murcho” com pernas “finas e tortas”, “busto pequeno” e “corpo fedido”, além de ser “gordinha” e ter a “pele estragada”.

Cordel 18 - O poder que a bunda tem (B)

*“Mulher Magrela é difícil
De arranjar um marido
Ma se casar, ele diz
Eu estou arrependido
Com esta cruz que carrego
Eu estava doido e cego
Casar com um pau vestido”*

Fonte de dados: consulta direta, página 04.

Não possui atração porque usa uma “moda atrasada” que a faz ter a “espinhela caída”, é “bela tal uma entrelinha”, quer dizer, é muito magra para o “gosto” do homem nordestino. Esta somente “arranja” casamento se houver um “engano” por parte do esposo que sofrerá muito. (Vejam como estas representações aparecem na network 07).

Esta **network 07** foi a que chamou atenção pelo fato da grande quantidade de citações que as categorias de análise agruparam. O resultado fatorial foi incrível no sentido de esboçar um pensamento, talvez utópico, mas no mínimo irreal, acerca da virgindade das mulheres nordestinas. A mulher virgem, segundo a simbologia corporal masculina é aquela que

“suspira todos os dias lamentando a castidade”, “aceita todos os tipos de capricho” dos homens porque “sonha em ser amada”, mas tem “na cabeça a tentação”.

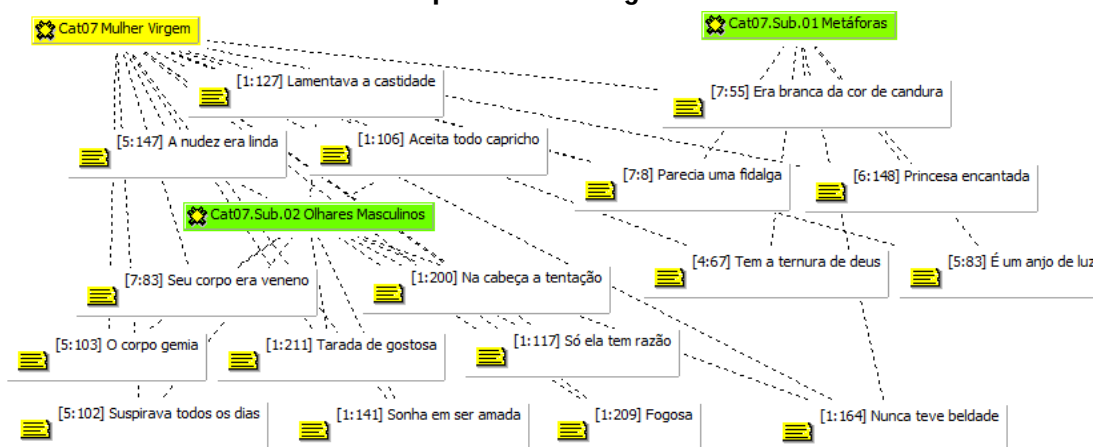
Os olhares masculinos nomeiam esse tipo de mulher virgem como uma “tarada de gostosa” que “nunca teve uma beldade”. Assemelham-na as metáforas do tipo: “princesa encantada”, um “anjo de luz feito por deus”, uma “fidalga branca da cor da candura” que tem em estado latente, possivelmente, um corpo “fogado capaz de gemer de prazer”, uma “nudez linda”, “forte como veneno”, cuja nudez é desejada pelos homens que a cortejam.

Cordel 19 - O Ricardão se foi e deu-se

*“Acorda e se debruça
E na cabeça a tentação!
Toma banho e café
Depois vai olhar o portão
E volta já com o pensamento
De arranjar um garotão.”*

Fonte de dados: consulta direta, página 04.

Network 6 – Simbolismo do corpo feminino: virgindade



Fonte de dados: arquivo ATLAS. Ti

O mais interessante é perceber o fato de que as mulheres retratadas nos cordéis aparentam, supostamente, ter consciência do fato de que devem “guardar” sua virgindade para o momento mais oportuno, lamentando se as perdem por algum motivo sem estarem casadas. O casamento aqui é sinônimo de um “bom negócio” com vantagens financeiras.

Cordel 20 - A moça que deu o bicho e depois se arrependeu

*“Estou sem meu bode agora
Que a mãe me deu na estação
O meu bichinho tão querido
Ninguém nunca triscou não
Embaixo da saia ele ficava
Escondido eu alisava
E dei de graça que perdição”*

Fonte de dados: consulta direta, página 08.

Sabemos que a riqueza de um estudo como este é indescritível, embora com o uso de um desenho metodológico qualitativo extremamente cansativo que requer acima de tudo atenção e rigor científico apurado. Como descrevemos no início do capítulo, os cordéis surgiram ao longo da pesquisa a partir da realidade em campo e nos fez delinear o objetivo de *mapear as narrativas femininas presentes na literatura de cordel como espaço discursivo e difusor das representações sobre a mulher nordestina*.

Contudo, por fazer uma ciência comprometida com os fatos sociais e de forma alguma neutra, posicionando-se na medida em que as contradições vão surgindo, muitas representações femininas foram cheias de surpresas porque para os nordestinos a poesia cordelista é tida como fruto da expressão popular genuinamente inocente do ponto de vista da contação de histórias, embora com certa característica maliciosa que somente nos dias atuais ganha reforço mais pesado, bem como as músicas de forró, por exemplo.

Houve surpresa da nossa parte quando encontramos cordéis explicando a Lei Maria da Penha, mas ao fazermos a comparação direta entre eles compreendemos que enquanto uns a defendem, outros ridicularizam. Os meios da mídia foram citados como espaços difusores das representações sobre a mulher nordestina e não somente a escrita do cordel. O mapeamento das narrativas femininas foi realizado a partir de três imagens representativas das mulheres:

Quadro 8 - Significações e unidades de sentidos presentes nas narrativas femininas

Narrativas Femininas	
HU: Estudo Empírico 01 – Cordéis File: [C:\Users\fnac\TeseDez2010\DadosfeitosUSAL\ScientificSoftware\Estudo Empírico 01 - Cordéis.hpr5] Date/Time: 05-07-11 14:19:01	
Representação	Significação x Unidades de Sentido
<Mulher virgem>	Caracteriza-se por ter um corpo angelical, desconhecer o ato sexual em si, ser sonhadora, verdadeira e recatada.

<Mulher quenga>	É aquela que é fogosa e possui corpo escultural. Incentiva os homens à sexualidade, são experientes e levam a perdição.
<Mulher donzela>	É a mulher com idade avançada que foi educada para ser dona de casa e mãe. Aparece como sendo muito religiosa, sem atributos corporais para o homem, às vezes, inteligentes e sábias.

Fonte: ATLAS. TI

As composições dos espaços discursivos da mulher sertaneja estão imbricadas na alternância metamorfoseante dessas três principais representações, fazendo com toda forma de comportamento feminino possa ser enquadrada a partir destes modelos. Busca a análise da subjetividade como uma ação singular ontológica reinterpretativa, ou seja, as meninas e meninos sertanejos que ouvem as histórias cordelistas irão assimilar uma forma de expressão da individualidade da mulher no sertão que age como um sentido coletivo que vai orientando o comportamentos cotidianos – masculinos e femininos.

O corpo, tal como foi mencionado no capítulo que apresenta as ideias sobre as identidades narrativas, vai confirmando que é preponderante sobre os valores e atitudes da própria mulher. Em outras palavras, o corpo vale mais do que o que a mulher é em si mesma, contudo, ao pensar em matrimônio, “o corpo excluído é sempre o da mulher” (Cavarero citada por Guaraldo, 2007, p.665) que foi “usada” por vários homens, ainda persistindo a análise dos sexos sob o ponto de vista patriarcal.

Em tais narrativas não é cogitada a possibilidade da mulher querer achar-se no prazer corporal da mesma forma que o homem, numa relação de pluralidade que deveria existir entre as pessoas, seja quais forem suas escolhas em termos sexuais. Recordemos das visões dos feminismos da diferença que situa a vivência da corporeidade feminina a partir de uma nova multiplicidade que atribui ao corpo inscrições de ordem material, mas principalmente cultural e biológica. Como operador prático identitário, esta teoria defende a concepção de que o corpo está em movimento contínuo e não dissociado das representações culturais do lugar que vivemos.

Não há, na visão cordelista, a possibilidade de combinação entre as principais representações, posto que as mesmas sejam auto excludentes. Uma mulher não pode dar e receber prazer corporal a outro, sendo esposa, mãe, profissional e dona de casa. Tendo conhecimento de que os cordéis aos escritos no sertão quase 100% por homens sentiram a necessidade e curiosidade de entender o que as mulheres sertanejas pensam sobre tais

afirmações. Foi nesse momento que começamos a pensar no estudo empírico 02 que vai ser descrito no capítulo seguinte. Ao final da tese, uma percepção global intermediada pela fundamentação teórica revisitada nos primeiros capítulos a guisa de conclusões.

CAPÍTULO 6

MULHERES SERTANEJAS E A CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES NARRATIVAS: CONTAR HISTÓRIAS DA VIDA ATRAVÉS DA AFETIVIDADE E DO SIMBOLISMO DO CORPO

6.1. Delimitação do Tema

É importante começar este capítulo observando que o interesse pelo tema nasceu após o final do estudo empírico 01, a partir dos motivos apresentados no final do capítulo anterior. A idéia principal era construir o desenho metodológico do estudo empírico 02 de forma a garantir que a voz das mulheres tivesse espaços garantidos durante o registro e a análise das narrativas de vida.

Outras diferenças existiram entre os dois estudos, enquanto o primeiro teve ponto central à percepção da população genuinamente rural dos municípios do sertão central, o nosso olhar passou de forma proposital para outro cenário recente da região. Quais sejam as instituições de ensino superior que nos últimos dez anos estão contribuindo muito com as mudanças estruturais e econômicas produzidas pela população flutuante que nos meses de aulas garantem renda extra para os moradores e comerciantes do município de Quixadá e Quixeramobim (sedes administrativas da região central).

Voltando ao campo de atuação, agora esses dois municípios com objetivo de nova observação-participante junto às instituições de ensino superior foram sendo definida cada parte do estudo empírico 02 que tem como tema: ***mulheres sertanejas e a construção de identidades narrativas: contar histórias da vida através do simbolismo do corpo.***

Foi projetado um estudo que fosse capaz de demonstrar se há correlações entre o cenário psicossocial e cultural de uma região castigada pela seca e com inúmeras questões socioeconômicas desfavoráveis a partir do olhar cotidiano da população e de indivíduos que nasceram no mesmo local, mas que tiveram a oportunidade de avançar nos estudos e com isso desenvolver outro tipo de conhecimento da realidade a partir do eixo científico. Ou seja, nosso esforço foi de perceber algum tipo de intersecção entre o saber *popular* e o saber *técnico* como base cultural em que o simbolismo do corpo e as representações sobre a identidade da mulher sertaneja acham-se imbricadas.

6.2. Objetivo

- Demonstrar correlações existentes entre o simbolismo do corpo e a percepção da realidade nordestina em termos de conhecimento acadêmico durante a construção das

identidades narrativas das mulheres sertanejas.

6.3. Justificativa

Vários são os estudos que demonstram o êxito no desenvolvimento econômico da região do sertão central do cearense (Girão, 1989; Xavier, 1999; Barro, 2009; Girão, Neto & Silva, 2002; Campos, 2004; Pontes e Machado, 2010), sendo visto que tal aspecto está sendo fortalecido pela instalação de instituições de ensino públicas e privadas na região. É algo salutar compreender que devido às distâncias rodoviárias, os estudantes necessitam fazer diariamente deslocamentos geográficos entre seus locais de moradia e os municípios que são sede destas universidades – em média percorrem de 100 a 150 quilômetros diários contando com os ônibus das prefeituras municipais que ofertam o serviço gratuitamente.

Aqueles que possuem condições sócio financeiras melhores e acham-se distantes num raio geográfico (que geralmente é maior do que o mencionado) buscam organizar uma estrutura de moradia e sobrevivência temporária enquanto concluem seus estudos de nível superior. Outro fato importante é o surgimento de muitos programas ⁸⁹ do governo federal que estão realizando a oferta de bolsas de estudo para as populações menos favorecidas para custeio do ensino superior ⁹⁰. Fora isto, o aumento da oferta de serviços terceirizados devido o desenvolvimento do turismo rural e de aventura no sertão têm garantido mais oferta de empregos para cidadãos da localidade.

Diante deste cenário, justifica-se a realização de um estudo empírico voltado para a visão feminista crítica que seja capaz de mapear como a aquisição de conhecimentos acadêmicos e científicos interfere nas representações sociais sobre o simbolismo do corpo e a identidade narrativa das mulheres sertanejas do ponto de vista destas e dos homens que compõem a amostra da pesquisa em campo.

A hipótese de trabalho está na ideia de que não existem mudanças significativas na visão machista e sexista sobre o papel da mulher sertaneja na região, embora haja certo

⁸⁹ O maior e mais conhecido é o PROUNI – Programa Universidade para Todos. Tem o objetivo de conceder bolsas de estudo em cursos de graduação e também cursos sequenciais de formação específica em instituições privadas que ofertam ensino superior no Brasil. Para maiores informações, por favor, aceder <http://www.prouniportal.mec.gov.br>

⁹⁰ Mediante um exame nacional de avaliação do ensino no qual o candidato pode submeter-se a cada seis meses – recebendo o benefício se demonstrar estudo relativo ao ensino fundamental e/ou médio em escolas públicas e obtiver nota superior aos demais numa média nacional fixada pelo governo.

refinamento de conceitos que foram ancorados na aquisição de novos comportamentos no cenário universitário que possibilita ao longo de alguns anos, pelo menos, o contato com atores sociais diferentes do cenário cotidiano doméstico, familiar e municipal.

6.4. Fundamentação teórica

O **tipo de estudo** encontra-se no eixo das investigações qualitativas nas ciências humanas que objetivam a compreensão analítica dos fatos psicossociais a partir de uma abordagem metodológica que prioriza a vivência da realidade cotidiana, mais do que as elucubrações teóricas que preconiza a ciência.

Com rigor ético que garante a coleta e análise dos dados para observações que trarão nova abordagem aos fenômenos anteriormente estudados, concordamos com a visão de Castro & Blanco (2007) ao afirmarem que no **desenho da pesquisa qualitativa** o elemento central é a postura do investigador que objetiva conhecer o fenômeno no seu entorno natural com o qual interatua bem como a forma como este conhecimento pode influenciar na concepção dos indivíduos acerca de determinada concepção da realidade que é alvo da investigação. Trata-se de um processo reflexivo crítico que vai delineando as principais estratégias e instrumentos para a coleta de dados e etapas seguintes.

Como mencionamos anteriormente, nosso interesse pela estruturação do estudo 02 partiu de considerações provenientes da análise do estudo 01. Voltamos a campo e ao observar a realidade acadêmica percebemos a possibilidade de continuarmos usando o modelo teórico das epistemologias feministas para a compreensão do simbolismo do corpo feminino de forma mais aprofundada e com diferentes matizes. Daí, o situamos no **cenário das representações sociais** para que os aspectos significantes dessa forma de elaboração do pensamento acadêmico fossem desvelados. Tais opções metodológicas e teóricas nos permitiram aprofundar alguns estudos empíricos anteriores nesta mesma linha de pesquisa, com mulheres nordestinas, tendo a sua importância pela facilidade e uso do método a partir das características dos informantes.

Muito já foi estudado no campo das representações, desde o célebre estudo de Moscovici sobre “A representação social da psicanálise”, realizado na Europa, durante a década de 60. Segundo Farr (1995), Moscovici estava interessado em observar o que acontecia quando um “novo corpo de conhecimento, como a psicanálise, se espalhava dentro de uma população

humana” (pág.34). É certo que embora o objeto de estudo da pesquisa empírica tenha sido a teoria da psicanálise, Sèrge Moscovici estava interessado em realizar críticas severas ao modo individualizante do desenvolvimento da psicologia social norte-americana da época que se caracterizava, logo após a II guerra mundial, no estudo das opiniões e atitudes dos indivíduos.

Nesse contexto histórico, o que interessava para os pesquisadores era o modo como as características sociais influenciavam na organização psicológica dos indivíduos e a maneira como estes respondiam a determinados “estímulos” do meio. Dessa gênese nasceriam as explicações para as formas de comportamentos nas sociedades.

Há, nitidamente nesta concepção, uma valorização demasiada e perniciosa de acreditar em certo caráter de dominação do *social* sobre o *individual*; o que empobrece a análise crítica da real influência dos estados e processos internos na construção das realidades sociais da vida humana. Para fazer frente a estas argumentações, Sá (1995) afirma que “é sempre importante considerar os comportamentos como os fatos sociais (instituições e práticas, por exemplo) em sua singularidade histórica e não abstraídos com a genérica presença de outros” (pág.20).

Neste sentido, seria um erro pensarmos que os estudos de Moscovici partiram de observações únicas e suposições individuais do pesquisador. Como já foi dito, havia uma crítica a constante ênfase no caráter individual da psicologia vigente na década de 50 e 60. O autor buscou bases conceituais em estudos paralelos para a fundamentação das suas indagações, desafiando-as e complementando-as de maneira rica.

Daí, algumas das questões que fomentaram a compreensão da realidade social no período pós-guerra mundial, proporcionaram a estruturação de várias teorias que em maior ou menor grau fortaleciam a tradição individual da psicologia social em voga no período. Esta opção analisada por Wagner (2000) nos remonta a percepção de que:

Ainda que o funcionamento psicológico de indivíduos seja pré-requisito para a existência de grupos e sociedades, o funcionamento psicológico individual não ‘explica’ os níveis mais ‘superiores’ de fenômenos de maneira direta. (pág.147)

Paralelo ao desenvolvimento da teoria de Moscovici destaca-se os estudos de Durkheim relacionados com as categorias de conhecimento que resultariam na análise dos fatos sociais por eles mesmos, embora sem a influência direta dos indivíduos, o autor inaugura, por assim dizer, o diálogo entre o individual e o social.

Émile Durkheim ⁹¹ parecia avançar na percepção de que os fenômenos sociais estruturavam-se como campos de interação entre experiências de diversos indivíduos, no entanto, ainda demonstrava estar atrelado ao reducionismo psicológico vigente, talvez pela possibilidade de estudo dos fatos sociais tal como ocorrem nas sociedades primitivas. Esquecendo-se da existência de grandes agitações sociais que emergiam na sociedade contemporânea que poderiam lhes servir como parâmetro de estudos observacionais. Nas palavras de Sá (1995), durante o desenvolvimento do conceito de representações coletivas, Durkheim acreditava que

Os indivíduos que compõem a sociedade seriam portadores e usuários das representações coletivas, mas estas não podiam ser legitimamente reduzidas a algo como o conjunto das representações individuais das quais diferiam essencialmente (pág.37).

Em síntese, o conceito de *representações coletivas* absorvia de maneira estática os fenômenos sociais, com amplitude demasiadamente excessiva para possibilitar um estudo mais detalhado da interação entre o social e o psicológico, além de supostamente aparecer como explicação única da circulação de conhecimentos, como se eles próprios não tivessem a influência psicossocial historicamente definida ⁹².

A sociedade teria o poder coercitivo de agir sobre os fatos da realidade sem passar pelo crivo da percepção individual; porém, categorias como as representações sobre a religião e/ou a moral possuem propriedades específicas que adquirem características de observação e de interpretação. Eis que Moscovici necessitava ir adiante à tarefa de fundar uma espécie mesmo de psicossociologia do conhecimento sensível à emergência das formas de produção, mobilidade e transformação da realidade dos indivíduos e o modo como estes a significam, expressando-as em formas diferentes de pensamentos e ação, quer sejam, atitudes, comportamentos, crenças e afetos. Assim, nascem as representações sociais.

Com entusiasmo que acompanhou toda a trajetória do pesquisador Moscovici, o mesmo definiu as representações sociais como sendo “um conjunto de conceitos e explicações que formam uma teoria comum inserida no cotidiano” (Moscovici, 1978, p.53) das pessoas, a

⁹¹ Que fundamentou o conceito de *representações coletivas* – inaugurando um novo campo na sociologia.

⁹² Para um estudo mais detalhado sobre a categoria “representações coletivas” ver DURKHEIM, E. (1970) *Sociologia e filosofia*. Rio de Janeiro: Forense Universitária.

partir da transformação dos conceitos obtidos no desenvolvimento do saber científico sobre determinado assunto

É à luz da perspectiva de que as representações sociais representam o resultado de imagens sobre a realidade social, em constante dinamicidade histórica, que se torna imprescindível considerar seu estudo a partir dos comportamentos sociais expressos, em última instância, através das atitudes e dos gestos dos indivíduos na vida em sociedade. Podemos afirmar que se trata de um cenário de organização das ideias que orientam o pensamento prático das populações para ações de compreensão e domínio do ambiente social representado. Por outro lado, tal processo ocorre numa espécie de tentativa de compreender o que primeiramente apresenta-se como inacessível ao senso comum dos (grupos de) indivíduos.

Spink (1995) assinala em suas considerações sobre as representações sociais que existe uma espécie de diálogo ao mesmo tempo interno e externo entre os homens que possibilitam, na interação com o meio historicamente estabelecido, a construção das múltiplas formas de representações sociais tais como as conheceram; sem, contudo se constituírem verdades absolutas.

As representações sociais podem também significarem ⁹² a reprodução de uma percepção retida na lembrança ou conteúdo do pensamento; sendo tal teoria um mecanismo para o conhecimento das ideias sobre determinados objetos da realidade. Em outras palavras, as representações sociais constituem um meio valioso para a compreensão do modo como as realidades sociais são construídas e significadas, bem como compartilhadas por um ou mais grupos de indivíduos. Priorizam a abordagem do cotidiano, desvelando os sentidos implícitos às práticas sociais.

Como ponto de partida, os indivíduos percebem fatos da realidade e a partir de um conjunto de interpretações e de significados pessoais, posto que se encontre organizado no seio das interações coletivas, ocorre à organização mental sobre tais fatos que passam a orientar as ações dos indivíduos na vida cotidiana. Espera-se assim que ao se debater com a complexidade dos saberes elaborados cientificamente sobre determinados temas constantes na realidade, os indivíduos sejam capazes de ativarem imediatamente um sistema mental de reconhecimento de tais ideias tomando como base seu próprio nível de compreensão do cotidiano. No particular

⁹² Daí, a importância do uso de técnicas específicas que possibilitem ao pesquisador a apreensão destas representações de forma a captarem a expressão das crenças e opiniões - fundamentos implícitos nas atitudes dos atores em determinados espaços sociais.

destes elementos discursivos encontraríamos mesmo emoções, desgostos, julgamentos, enfim, opiniões dos seres humanos.

Cabendo destacar que tal processo desvela a realidade dos homens no sentido de transformá-la na concretude dos fatos, onde o conhecimento da cultura é entendido basicamente como o modo pelo qual as pessoas se comunicam consigo mesmas, com os outros e com o mundo. Já que é possível pensar baseado em tais modelos, nos facilita a compreensão das palavras de Machado (2001) ao afirmar que:

O estudo das representações sociais tem a finalidade de descrever e compreender as práticas acerca de determinado objeto, valendo-se da fala dos sujeitos, tentando desvendar o sistema de valores e significados destes sujeitos (pág. 35).

É interessante observar que diante das perspectivas no pensamento dos autores até aqui expostos (Spink, 1995; Machado 2001), bem como o próprio Moscovici (1978), os homens são sujeitos coletivos responsáveis pelas condições objetivas e subjetivas de coexistência com a realidade; tirando-o da mera figura de expectador dos fatos. Como diria Monteiro (1995):

O homem quando historicamente considerado está, nesta perspectiva, mergulhado em uma realidade existencial de dupla face: por um lado, a condição humana, os limites circunstanciais e históricos dados ao homem traduzem a objetividade; por outro lado, tais escolhas, assim como perceber e interpretar o mundo, os outros, o tempo, traduzem sempre a responsabilidade individual e subjetiva do homem frente à subjetividade (pág.37).

Isto tornou claro o fato da realidade cotidiana em que vivemos se nos apresentar como um fato, ou melhor, como um mundo construído intersubjetivamente de maneira ordenada a partir da lógica do contexto social, além de ser historicamente definido, no qual nos encontramos inseridos. Antes, porém, detemos a percepção de que

O mundo da vida cotidiana não somente é tomado por uma realidade certa pelos membros ordinários da sociedade na conduta subjetivamente dotada de sentido que imprimem as nossas vidas, mas é um mundo que se origina no pensamento e na ação dos homens comuns, sendo afirmado como real por eles (Berger & Luckmann, 1985, pág.63).

Difícilmente poderemos apreender o sentido real desta reflexão, mas seria absurdo admitirmos que o individual ocorra de maneira paralela ou separada do social. Do ponto de vista metodológico, torna-se compreensível a formulação didática deste aspeto, mas correto seria se nos dispuséssemos a pensar as representações sociais de maneira holográfica. Reafirmando, com isto, a vocação ontológica do homem de construir a realidade ao mesmo tempo em que constrói a si mesmo e aos outros.

Chegar a esta compreensão modifica de certo modo a forma como percebemos as representações sociais diante do nosso objeto de estudo. O próprio Moscovici (1978) marcou a trajetória do seu tempo acadêmico-científico expressando que indivíduos, grupos e a própria sociedade são unidades indissolúveis, cada uma influenciando outros elementos de maneira recíproca e continuamente.

Se a realidade cotidiana, enquanto sentida pelos indivíduos, é compreendida desta maneira, ou seja, após a inclusão mental dos resultados práticos, as representações sociais passam a serem realizadas no movimento de construção da conduta dos seres humanos no mundo que os abriga. Nele, o sentido das palavras, ou melhor, a *linguagem* adquire um significado especial e é considerado eixo central no desvelamento das representações sociais. Para que fique claro, utilizaremos as afirmações de Rêgo (1995) sobre a função mediadora da linguagem como postulado original mente elaborado por Vygotsky:

São os instrumentos técnicos e os sistemas de signos, construídos historicamente, que fazem a mediação dos seres humanos entre si e deles com o mundo. A linguagem é um signo mediador por excelência, pois ela carrega em si os conceitos generalizados e elaborados pela cultura humana. Entende-se assim que a relação do homem com o mundo não é uma relação direta, pois é mediada por meios, que se constituem nas ferramentas auxiliares da atividade humana. A capacidade de criar essas ferramentas é exclusiva da espécie humana (pág.42).

Coerente com a proposta moscoviciana, a maioria dos pesquisadores na área das representações sociais valorizam as formulações contidas no discurso dos sujeitos sociais do estudo para evidenciar o modo como o social transforma-se em individual e vice-versa. Outras formas de expressões são consideradas, mas é a linguagem o elo mediador e evidenciador das

complexas interações existentes nas representações sociais. Aos poucos vamos fornecendo argumentos para sedimentar constatação.

Antes, porém, de melhor discutirmos os aspetos constituintes desta realidade, torna-se necessário registrarmos que ao ocorrer a transformação dos elementos contidos no social em representações, Moscovici evidenciou em seu estudo que é necessário a existência de dois processos básicos: “o objeto precisa ser : *objetivado* - tornar concreto o que é abstrato, materializar a palavra; e *ancorado* - inserção orgânica num pensamento constituído” Machado (2001, pág.37).

Percebe-se que neste sentido a objetivação possui um caráter de intercâmbio entre o modo como os indivíduos percebem determinados elementos contidos na realidade do dia-a-dia e a formulação de conceitos que os fazem agir desta ou daquela maneira, sempre incluindo o aspeto social e as ideias compartilhadas coletivamente.

Enquanto, que a ancoragem consolida este processo garantindo que haja uma integração cognitiva entre o objeto em si e a elaboração mental do mesmo. Através desta etapa e de maneira integrada o indivíduo passa por um processo de familiarização do novo, tornando-o algo familiar e passível de compreensão real e racional (Veloso, 1996). Cabe ressaltar que há uma conformação nestes aspetos, transformando-os em familiaridade, posto que não se trate de uma mera reprodução passiva de uma realidade exterior para outra interiormente existente. Assim nos esclarece melhor:

O indivíduo é considerado como sujeito social, capaz de manipular com fins de expressão, o simbolismo social que lhe é imposto. Neste sentido, compreendo que as representações não expressam meramente uma conformação à realidade, uma vez que os indivíduos também reagem às imposições do sistema social. Essa reação constitui-se uma imposição ou mesmo numa defesa à mudança ou à permanência das condições concretas de vida (idem, ibidem).

Sabemos que algumas das questões que envolvem a relação indivíduo *versus* social e/ou sociedade, nos auxiliam na construção do pensamento de incluir na gerência do real as formas práticas de abstração que significam as representações sociais em essência. Aliás, como dito anteriormente, é justamente a linguagem que perpassa toda esta teia de significações. Por isso mesmo é importante a compreensão de que ao serem representados pelos indivíduos,

determinados aspetos da realidade seu carácter concreto para se envolverem nos universos simbólicos da construção subjetiva dos homens.

A linguagem resguarda assim a possibilidade dos indivíduos se inserirem no mundo humano, tornando-se parte dele através da interiorização da realidade social da qual pertence. É salutar esta ideia já que metodologicamente trabalhamos com unidades de significação a partir da análise de conteúdo de Bardin. Ora, o que queremos mesmo afirmar é que as representações sociais possibilitam ao indivíduo querer a continuidade daquilo que chega ao seu interior. Como foi esclarecido pela autora Dantas (1996):

Assim, falamos que todo um universo ou mesmo conjunto de universos simbólicos *representam* a realidade social concreta e como abstrações são apropriadas pelos indivíduos que partilham aquele mundo social. Mas, ao se particularizarem na vivência subjetiva singular, permitem ao indivíduo as suas vivências objetivas (pág. 366).

Podemos concluir que dessa forma que a fala, ou melhor, a linguagem em si, torna-se elemento organizador das ações do indivíduo no mundo. Antes de expressar comportamentos é importante que o homem compreenda a si próprio nas suas relações interpessoais e com o mundo. A teoria das representações sociais é veículo privilegiado e comum para a compreensão dos postulados da psicossociologia das relações humanas.

6.4.1. Perspetivas práticas decorrentes do estudo das representações sociais

Em geral, a ciência não se reduz a determinadas formas de conhecimento da realidade, mas trata-se de um processo dinâmico e histórico de exploração dos polos de entre elementos reais (Minayo, 1994). Essa ideia representa a diversidade, pluralidade e potencialidade da *investigação científica*. Também existe fragilidade no processo de investigação: como observar o cotidiano sem ser influenciado pela subjetividade? Como desvincular o olhar pessoal na busca da comprovação das hipóteses?

Obviamente existem critérios de cientificidade que nos auxilia nesta necessária distinção de pensamento dando ao pesquisador responsabilidades diante da escolha do seu objeto de estudo e dos caminhos usados para a produção do conhecimento.

Diante do exposto, é certo afirmar que o campo de pesquisa em representação social está além de tudo comprometido com as mudanças sociais sob o ponto de vista natural da construção do real (Spink, 1995) sem, entretanto, esquecer a necessidade de partir em direção ao alcance da objetividade e fidedignidade na captação e análise das informações colhidas a fim de consolidação no campo das pesquisas.

Daí resulta na preferência de muitos estudiosos na utilização de várias técnicas para facilitar a apreensão das múltiplas facetas de uma dada realidade. Desde este ponto de vista, temos a possibilidade de utilização de **técnicas verbais e não-verbais** para a realização da coleta de informações em estudos sobre as representações sociais.

Entretanto, as técnicas verbais ainda possuem a predileção entre as mais usadas no campo das representações, no caso, citamos algumas experiências no uso de **entrevistas abertas ou semiestruturadas** (Bock, 1995; Guareschi, 1995; Joffe, 1995), bem como a aplicação de **questionários** (Bomfim, 1998; Domício, 2000) a grupos de indivíduos que são foco de interesse do pesquisador. Ainda sobre este tema, lembramos que se encontra em fase de expansão e franca aplicação os chamados **grupos focais** que segundo estudos de Guareschi e colaboradores (2000) “são modalidades de entrevistas que se fundamentam na interação processada dentro do grupo” (pág. 265).

É certo que os processos que envolvem a linguagem dos indivíduos requerem certo grau de cientificidade para o aumento da compreensão dos seres humanos. A experiência contida na *fala* revela aos homens a possibilidade de se construírem de forma inaugural, assim como procede à existência de um circuito de experimentação do real (Derdyk, 2001).

A necessidade de apropriação do homem dos objetos dos quais ele “fala” e “representa” mentalmente revela a riqueza das representações sociais apreendidas pelas técnicas verbais que traz à tona a tradução de um campo de experiências compartilhadas socialmente e transformadas pelos indivíduos.

Por fim, queremos registrar que esse jeito metodológico de compreensão da palavra falada reflete a importância desta como uma intermediária da expressão dos acontecimentos. Como diz a autora Cavalcante (2001) “uma palavra diz muito, traduz uma mensagem sistêmica, a interligação de fatos, emoções. A palavra é dita, percebida, há um longo tempo, contudo, o que fazer com ela? (pág.154)”.

É justamente a resposta a esse questionamento que talvez motive a uma parcela grandiosa de pesquisadores a utilizar técnicas verbais nas representações sociais. Claro que

utilizam aspetos complementares que devem ser valorizados e compreendidos a partir do confronto entre resultados.

Já entre as técnicas consideradas não verbais, podemos ter a opção de trabalho com **desenhos** (Bomfim, 1998) ⁹³, cujo objetivo maior é a utilização das diversas formas individuais de representações gráficas como meio de captação das representações destes sujeitos diante do objeto de estudo considerado.

Mesmo situações vividas no cotidiano com intensidade podem ser difíceis de serem expressas de maneira verbal, estando à disposição dos indivíduos algo novo que estimula a criatividade de registrar o contato pessoal com os fatos ocorridos sem tantas perdas de sentido ou de significações. Como diria Conte (2001) “o ato criativo implica produção de um conteúdo que rompe com um continente. Ou seja, toda obra criativa significa uma rutura com o estabelecido (pág.123).

Daí, diante do desenho escrito o pesquisador passa a produzir o sentido que a grafia expressa, isto é, a conceção que o pesquisando quis atribuir ou lhe foi possível atribuir em determinado momento histórico diante de fatos cotidianos. Sem contar com a imensurável riqueza do crescimento pessoal proporcionado pela tarefa conduzida pelo pesquisador.

Por fim, queremos dizer que existem muitos estudos sobre as metodologias em representações sociais que vão se aperfeiçoando diariamente com a mesma rapidez com que tratamos de nos atualizar no decorrer desse estudo. Como o próprio Moscovici apud SÁ (1998) aponta ao admitir que a Teoria das Representações Sociais (ou simplesmente TRS) caracteriza-se como uma teoria inacabada, portanto, passível de modificações.

Claro que deve estar aos leitores que a própria TRS pertence a um campo inter e multidisciplinar de construção do conhecimento, não sendo exclusividade desta ou daquela matéria da ciência. A sua luta é incorporar os diversos aprendizados e pontos de vista daqueles que se aventuram a conhecê-la melhor para assim emergir coerentemente no meio de maneiras de ser humanas quase incompreensíveis para os menos atentos ao que se encontra detrás das diversas formas de representação.

O certo é concordarmos que avanços estão sendo obtidos no aperfeiçoado e constante desenvolvimento metodológico da TRS, mas necessitamos em última estância do bom-senso e

⁹³ O interesse na leitura deste tema pode ser aprimorado com as considerações da autora Zulmira Bomfim que realizou durante os anos de 1997 e 1998, importante pesquisa sobre as representações sociais da cidade de Fortaleza

grau de desafio do pesquisador para seleção de elementos de verdadeira contribuição para a construção sólida do campo de conhecimento pretendido. Sá (idem, ibidem) afirma que “o que se exige é uma seriedade no engajamento do pesquisador e sua própria aventura metodológica”.

Pode parecer óbvio, mas existe um questionamento fundante no estudo da TRS que consiste basicamente nos seguintes pontos: como podemos assegurar que um dado fenômeno da realidade é passível de constituir-se em objeto de estudo no âmbito das representações sociais? De que modo podemos assegurar que estes elementos podem ser estudados do jeito em que nos são revelados pelas práticas sociais?

A rigor, iniciamos uma discussão que parece ser acolhida com simplicidade, mas na verdade, indicamos aqui a importância da indissolubilidade entre o sujeito e o objeto na pesquisa das representações, dado o caráter de um saber crítico *praticado* nas possibilidades existentes no cotidiano dos indivíduos ou grupos sociais.

Compreender tal questão indica o entendimento crítico do valor inovador que a TRS representa no campo das pesquisas em ciências sociais e da saúde. É justamente o caráter de importância que a teoria confere à racionalidade do senso comum, bem como a interface entre diferentes disciplinas (especialmente a antropologia e a psicossociologia do conhecimento) que conduz um novo olhar sob o estado atual da teoria.

A constante preocupação diante do empírico abre espaços para uma crítica à teoria enquanto práxis de absorção e reflexão sobre aspectos da realidade. Não que a TRS vá instaurar-se no caminho da soberania metodológica com diferentes técnicas de trabalho do real, mas, sobretudo as diferentes formas de comportamentos humanos nos possibilitam a riqueza da teoria exposta, transformando-a historicamente.

Como toda proposta que inicialmente se contrapõe ao que parece óbvio e lógico, a TRS supera a intenção de cair em reducionismos linguísticos para concentrar-se no eixo dos discursos proferidos em função de determinadas condutas dos indivíduos construídas na esfera social e simbolicamente definidas na mentalidade psíquica dos mesmos. Neste sentido, Spink (2000) tão bem nos coloca que:

As principais ideias com as quais convivemos, as categorias que usamos para expressá-las e os conceitos que buscamos formalizar são constituintes de domínios diversos (religião, arte, filosofia, ciência), de grupos que nos são mais próximos (família, escola, comunidade, meio profissional) e da media em geral (Pág.65)

Compreender as representações sociais como proposta teórica e metodológica em um estudo feminista é antes de tudo realizar a utilização de mecanismos capazes de elucidar a complexidade das práticas discursivas sobre as mulheres. É certo que os indivíduos agem de acordo com certas crenças sobre determinados objetos da realidade, compreendê-los no nascedouro, significa ao mesmo tempo vislumbrar possibilidades de transformação dos preconceitos cotidianos à luz das epistemologias feministas críticas. Eis a maior importância do uso da TRS durante o nosso estudo empírico.

6.5. Desenho metodológico

A opção para o trabalho com a TRS também ocorreu pela possibilidade de ser usada a **técnica do desenho** em intersecção com as opiniões dos informantes que foram colhidas diretamente através do uso de **entrevistas semiestruturadas** realizadas a partir de um roteiro de perguntas que foram organizadas a partir da **observação-participante** (Malinowski, 1922; Geertz, 1989) no dia-a-dia das duas principais instituições de ensino (uma pública, outra privada), ambas localizadas na cidade de Quixadá.

É importante registrar que as situações vividas no cotidiano dessas instituições foram realizadas no período de Fevereiro a Abril do ano de 2010, em dias alternados, no qual a pesquisadora observava a população de universitários e características dos seus modos de vida através da participação em eventos acadêmicos que eram divulgados no site das referidas universidades. Não importava qual o tema ou área abordada no evento, mas o fato de que o mesmo deveria estar sendo realizado por algum curso de graduação (ou pós-graduação) vinculado à instituição.

Ao final, ou antes, do início das atividades, tendo sempre estado nos locais dos eventos antes do horário previsto, conversava aleatoriamente com os participantes que já estavam aguardando o início do evento com objetivo de ir sondando quais as opiniões dos mesmos sobre as mulheres sertanejas e seus comportamentos. Em seguida, ficava um tempo de trinta a quarenta minutos ouvindo a programação e logo após buscava um espaço mais reservado, porém, ainda presente no cenário universitário, para registro das ideias compartilhadas ⁹⁴. A seguir apresentamos uma síntese dessa etapa exploratória do segundo estudo empírico:

⁹⁴ Aqui utilizamos um diário de campo que subsidiou a estruturação das perguntas após os meses de Observação-participante.

Quadro 9 - Demonstrativo das observações-participantes

Período das observações	Eventos		Abordagens com informantes	
	Instituição pública	Instituição privada	Instituição pública	Instituição privada
Fevereiro	03	-	10	-
Março	02	05	03	19
Abril	07	03	07	05
TOTAL	11	08	20	24

Fonte: Coleta direta de dados.

Após a leitura flutuante e exaustiva das anotações do diário de campo, que foi realizada no mês de Maio de 2010, elaboramos a primeira versão do nosso ***instrumento para coleta de dados*** que teve inicialmente a orientação da proposta dos mapas afetivos. Estes são um tipo de abordagem qualitativa que tal como orienta Bomfim (2005) tem o objetivo de relacionar afetividade e ambiente urbano, ou melhor, consiste na apreensão dos afetos como agregador da percepção que o indivíduo possui do seu entorno.

Resultado da prática inerente à psicologia ambiental com foco na teoria sócio histórica adianta-se na concepção de que é necessário romper com dicotomias dualistas presentes nos estudos sobre os fatos sociais. A categoria afetividade representa a síntese do resultado da interação das pessoas com seus locais de moradia, numa racionalidade ética que é bastante estudada, no Brasil, por autores como Bader Sawaia (1995).

Nosso interesse na utilização desta técnica foi inicialmente motivado pela ideia de trabalho com as metáforas femininas, tendo a proposta do uso dos desenhos como instrumentos geradores dos afetos masculinos. Já que na realidade do sertão o uso das palavras escritas nem sempre são possíveis devido à cultura do lugar. Porém, houve dois motivos importantes para que durante o desenvolvimento do estudo 02 optássemos pela readequação desta proposta, são eles:

- A escassez de estudos sobre os feminismos com a utilização dos mapas afetivos, o que exigiria da nossa parte um esforço extra na validação do instrumento de coleta dos dados;
- O tempo exímio para apresentação da tese junto a Escola de Psicologia (UMINHO) que

ao lado da necessidade de conclusão do estágio doutoral na Espanha (USAL) fez com que repensássemos a proposta metodológica do estudo 02.

Antes disso, chegamos a formatar o instrumento de coleta de dados nos moldes dos mapas afetivos de acordo com a descrição apresentada no próximo item.

6.5.1. Instrumento para coleta de dados

Vamos apresentar a composição do instrumento de pesquisa (ANEXO 01) que de forma planejada não trouxe nenhum tipo de identificação institucional durante o uso em campo com objetivo de influenciar o mínimo possível as repostas dos participantes. A primeira folha contém uma frase inicial que agradece a colaboração do informante no estudo e em seguida contém a seguinte instrução: ***abaixo você deverá fazer um desenho que retrate a sua forma de ver a identidade da mulher sertaneja.***

Após a identificação da pesquisadora e relato sobre o objetivo da pesquisa em campo, a estratégia seguinte era buscar sentar ao lado do informante em local tranquilo e próximo ao cenário da abordagem. Com uma prancheta rígida de silicone (com abas fixadoras ao lado) apresentávamos a primeira parte do instrumento com a abordagem do modo como expomos no parágrafo anterior, colocando à disposição os seguintes itens: 03 lápis grafite com escrita na cor preta nº 02, 01 borracha pequena branca, 02 canetas esferográficas (uma na cor azul e outra na cor preta), 12 lápis de cores, 01 papel ofício de tamanho A4 e cor branca⁹⁵. Fazíamos a leitura verbal da solicitação desta parte e caso o informante não compreendesse o objeto solicitado, repetíamos uma única vez a leitura da frase. O tempo médio de elaboração dos desenhos foi 8 minutos e 23 segundos.

A segunda folha contém a segunda parte da entrevista semiestruturada e inicia com a orientação em letras maiúsculas que diz: ***as perguntas abaixo fazem referências aos desenhos feitos por você. Lembre-se que não existem respostas certas ou erradas, mas sua opinião.*** Nisso seguem as seguintes perguntas:

- 1) Explique o significado que o desenho tem para você.
- 2) Descreva os sentimentos que o desenho desperta em você.

⁹⁵ Caso o informante não quisesse desenhar diretamente na folha de rosto do instrumento de pesquisa.

3) Cite palavras que resumam os seus sentimentos em relação ao desenho.

Esta parte do instrumento, objetiva criar situações de mobilização das opiniões no *sentido simbólico e não verbal* sendo uma proposta mobilizadora de afetos, crenças e opiniões do informante sobre o tema principal que foi apresentado na primeira folha, no nosso caso, a identidade da mulher sertaneja.

Aqui a utilização do desenho também está vinculada à possibilidade de trabalho com as metáforas, ancorando as *representações* sobre o feminino nos significados atribuídos para além da esfera cognitiva. Percebam que são 03 os eixos abordados: o significado do desenho, os sentimentos que desperta e a atribuição de palavras que resumam a percepção da realidade feminina. Esta parte o pesquisador vai fazendo as perguntas ao informante e o desenho é colocado a frente da dupla.

Em seguida é explicada a segunda parte ⁹⁶: a identidade narrativa é investigada com as perguntas 01 e 02, fazendo referência entre passado e presente. A expressão da afetividade está presente nas perguntas 03 e 04, do ponto de vista individual e social. A pergunta 05 e 06 é relativa à valoração do comportamento das mulheres, enquanto a 07 e 08 indagam sobre a simbologia corporal com o sentido do auto cuidado e comparação, respetivamente. A última pergunta questiona sobre a opinião dos homens em relação à mulher sertaneja.

- 1) Em sua opinião qual é a Identidade da mulher sertaneja?
- 2) Se você tivesse que fazer uma comparação entre a identidade da mulher sertaneja hoje e a mulher sertaneja ontem, o que você diria?
- 3) Como você percebe a expressão da emoção na mulher sertaneja?
- 4) Como a mulher sertaneja expressa sua emoção na comunidade?
- 5) O que você acha que as pessoas gostam na mulher sertaneja?
- 6) O que você acha que as pessoas não gostam na mulher sertaneja?
- 7) Caso alguém lhe perguntasse como a mulher sertaneja cuida do seu próprio corpo, o que você diria?
- 8) Você compara o corpo da mulher sertaneja com o quê?
- 9) O que você acha que os homens pensam sobre a mulher sertaneja?

⁹⁶ Composta por 09 perguntas sobre a mulher sertaneja, divididas em 05 partes.

A última parte do roteiro garante sigilo dos dados dos informantes pedindo que sejam ditas informações socioeconômicas, tais como: iniciais do nome, idade, local de moradia, há quanto tempo residem no sertão, sexo, escolaridade, estado civil, ocupação. E no final da coleta de dados, apresentamos um documento escrito que é lido em voz alta e mostrado para o informante, no qual é garantido novamente sigilo total ao informante, assim como a utilização das opiniões para fins acadêmicos e de publicação.

Por fim, é importante dizer que o roteiro da entrevista foi levado em papel para cada entrevista, porém era pedido aos informantes que autorizassem a gravação da fala de modo a tornar mais rápido a coleta de dado e garantir maior confiabilidade da mesma. Depois de transcritas, o material registrado foi apagado do gravador digital em um prazo não superior a 01 (um) mês ⁹⁷.

6.5.2. Caracterização dos participantes do estudo

Com o instrumento para coleta de dados pronto, fomos a campo, desta vez sem a participação em eventos acadêmicos, mas para abordar as pessoas com objetivo de fazer o que conhecemos como **pré-teste**. Esta etapa tem a característica principal de possibilitar ao pesquisador fazer o reconhecimento da viabilidade do instrumento, importa saber se estão bem elaboradas as perguntas e com fácil entendimento para os informantes.

Tivemos o cuidado de perceber se a solicitação para a construção do desenho era clara, assim como a receptividade das pessoas ao serem apresentadas à ideia. O tempo que era necessário para esta parte do instrumento também foi calculado de forma mediana. Não foi preciso, na nossa concepção, fazer ajustes nas perguntas, mas modificamos a ordem de apresentação das mesmas, fazendo com que a primeira entrevista fosse invalidada, pois as mudanças ocorreram em 93% das perguntas apresentadas.

Outra característica que foi definida após a análise do pré-teste referiu-se aos itens que iriam compor um kit que foi ofertado aos informantes como apoio ao desenho. Durante o pré-teste não levamos a prancheta e sim um caderno universitário, mas que não foi aceito pelo informante; também não houve a oferta de lápis de cores, tampouco borracha, itens que foram solicitados pelo mesmo. Nas outras entrevistas em campo adaptamos todas estas questões.

⁹⁷ Esse prazo foi importante para dirimir eventuais dúvidas durante a análise.

Quanto ao pedido de gravação das falas, não tivemos nenhuma resistência, pelo contrário, embora tenhamos levado em 100% das entrevistas a *versão do roteiro em papel*, caso fosse pedido ou negada autorização para gravação, nenhum informante a pediu. Para assinatura do termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE) a única dificuldade foi o fato de algumas informantes não estarem com a carteira de identidade e Cadastro de Pessoa Física (CPF) em mãos, o que rapidamente registramos o número de outro documento que a pessoa portava no final da entrevista. Neste momento, também esclarecíamos os objetivos do estudo e fazíamos a identificação institucional (UMINHO) e acadêmica.

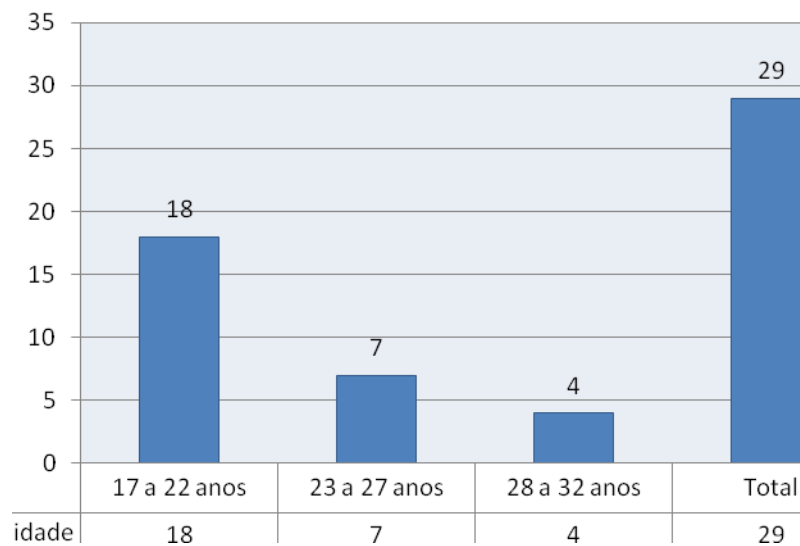
Dessa forma, iniciamos a coleta de dados que ocorreu no período de Agosto até a primeira quinzena do mês de Dezembro de 2010, posto que nos meses de Maio a Julho do mesmo ano estávamos realizando estágio doutoral na Universidade de Salamanca (USAL), Espanha. A possível demora na coleta dos dados deveu-se ao fato de que após duas ou três entrevistas realizadas e transcritas, fazíamos o processo de análise de conteúdo para buscar a ***saturação teórica*** – que indicaria o momento de parar com as entrevistas.

Esta técnica é bastante utilizada nas pesquisas (SÁ, 1998) com ênfase qualitativa no momento em que “os temas ou argumentos começam a se repetir isto significa que entrevistar uma maior quantidade de outros sujeitos pouco acrescentaria de significativo ao conteúdo da representação; podem-se realizar mais algumas entrevistas e parar (pág.92)”.

Segundo Minayo (1998) o critério para a *definição de uma amostra na abordagem qualitativa* não é numérico, sendo considerada ideal no momento em que é capaz de refletir a totalidade das suas várias dimensões. Prossegue, afirmando, que a “questão da validade dessa amostragem está na sua capacidade de objetivar o objeto empiricamente em todas as suas dimensões” (pág.53). Assim, foram entrevistados **29 informantes**.

Em relação as suas idades, a maioria está na faixa etária de 17 a 22 anos (18) e de 23 a 27 anos (07) como já era esperado devido às características do estudo apresentadas no início do capítulo. Uma observação importante é que percebemos que a maioria da recusa em contribuir com o estudo veio a partir de pessoas mais maduras e que alegaram ou não ter tempo para responder as perguntas ou não se sentiam à vontade para falar sobre o tema das mulheres. Ver o gráfico abaixo:

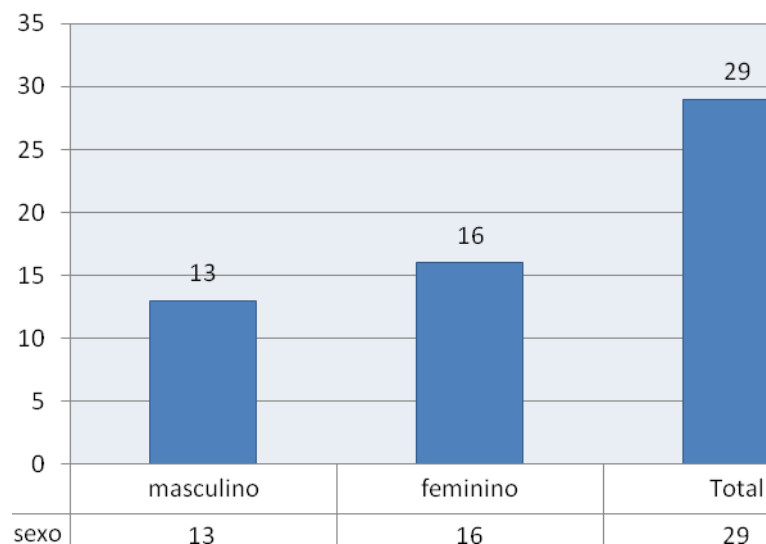
Gráfico 1 - Idade dos informantes do estudo empírico 02



Fonte: Coleta direta de dados.

Sobre o sexo biológico dos informantes, a maioria (16) foram mulheres e a outra parte (13) homens; destes, a maior parte dos informantes foram encontrados no cenário da instituição pública e as mulheres na universidade privada. Não fizemos uma pesquisa para fundamentar essa afirmativa, mas registramos algo curioso que está ilustrado no gráfico 02.

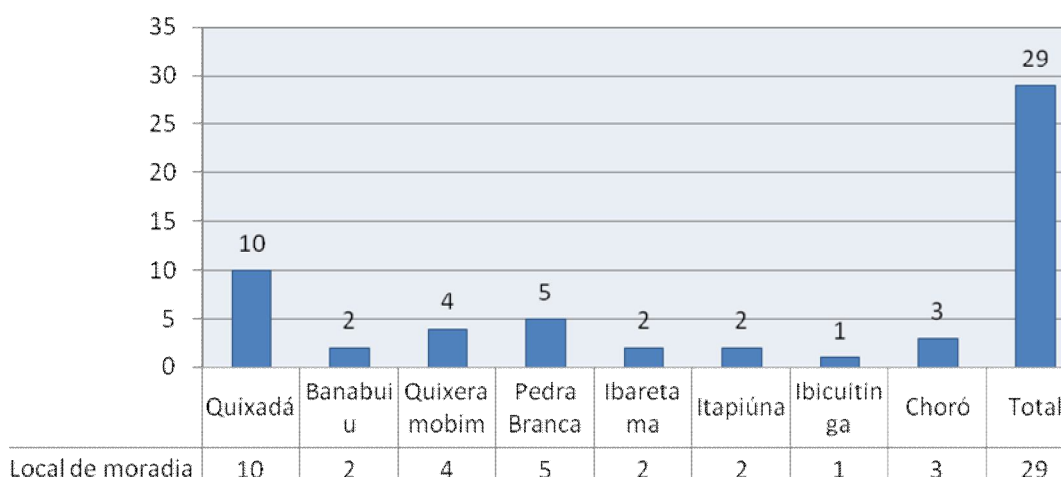
Gráfico 2 - Sexo dos informantes do estudo empírico 02



Fonte: Coleta direta de dados.

Como o estudo foi ambientado no sertão do Ceará tivemos uma preocupação de perguntar quais os locais de moradia dos informantes: a maioria respondeu Quixadá (10), depois Pedra Branca (05) e Quixeramobim (04). Os demais municípios aparecem de forma equiparada e alguns não tiveram representantes.

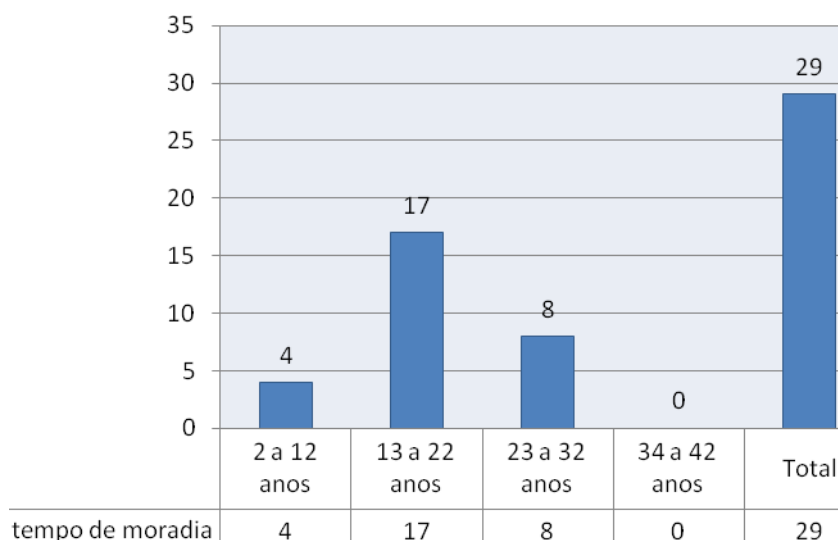
Gráfico 3 - Locais de moradia dos informantes do estudo empírico 02



Fonte: Coleta direta de dados.

Também foi importante compreender quantos anos o informante vivia no sertão, já que acontecem muitas migrações intercidades após a fundação das instituições de ensino superior na região.

Gráfico 4 - Tempo de moradia dos informantes no sertão central do estudo empírico 02

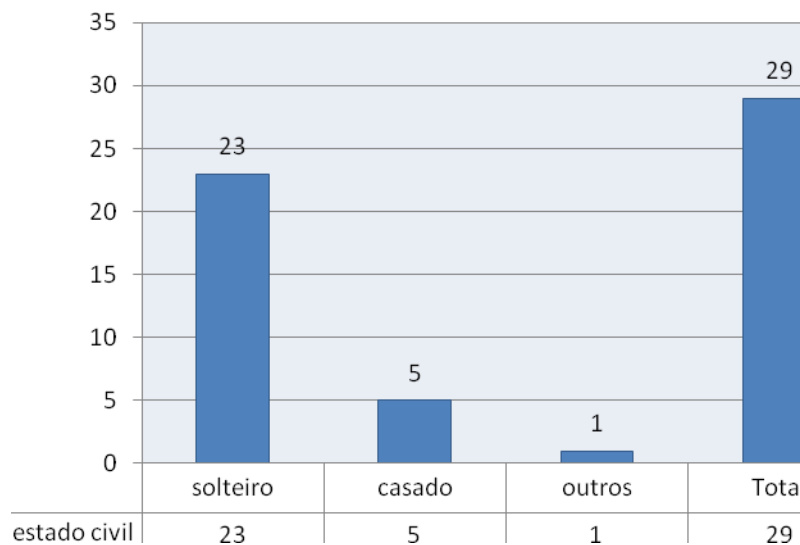


Fonte: Coleta direta de dados.

Sobre o estado civil, a maioria afirmou estar solteira (23) contra um percentual menor de casado (05) com a afirmação de 01 informante sobre o fato de ser “enrolado”⁹⁸.

⁹⁸ Gíria utilizada no nordeste do Brasil para expressar um relacionamento de namoro há muitos anos sem evoluir para casamento.

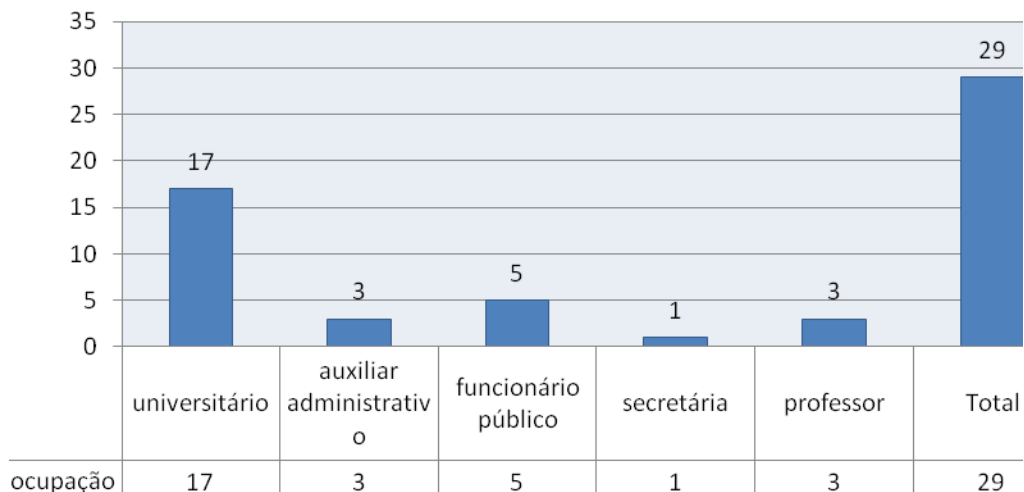
Gráfico 5 - Estado civil dos informantes do estudo empírico 02



Fonte: Coleta direta de dados.

Sobre a ocupação dos informantes foi interessante perceber que muito consideram o estudo como ocupação principal (17). Aqueles que trabalhavam foram indicados tanto na instituição de ensino privada, como na pública de modo equilibrado.

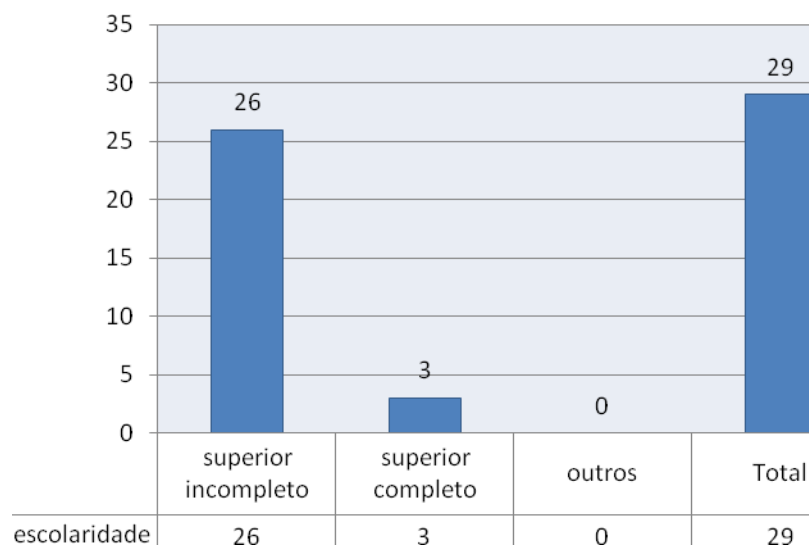
Gráfico 6 - Ocupação dos informantes do estudo empírico 02



Fonte: Coleta direta de dados.

Sobre a escolaridade dos informantes, houve 03 (três) que estavam cursando a segunda graduação, mas já possuíam nível superior completo; os demais, incompletos.

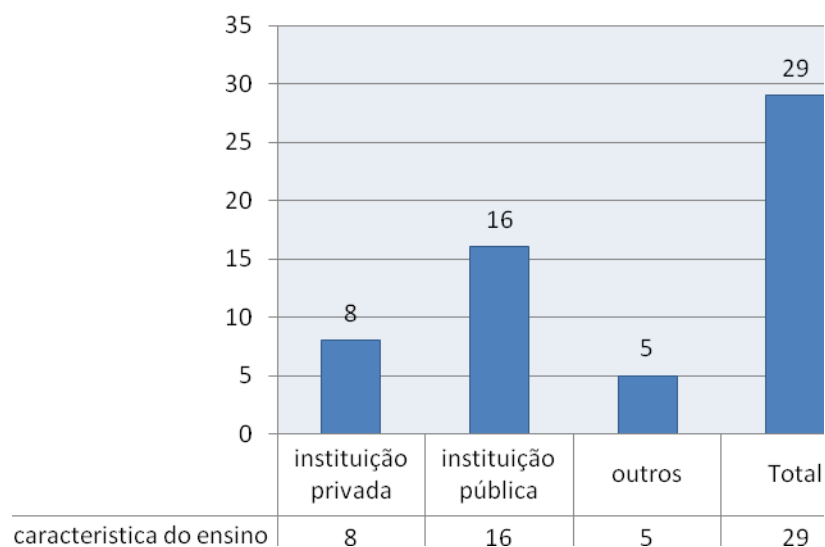
Gráfico 7 - Escolaridade dos informantes do estudo empírico 02



Fonte: Coleta direta de dados.

Abaixo demonstramos no gráfico o tipo de ensino superior que cada informante possui a partir da instituição de ensino que estava vinculado. Veja com atenção o resultado, haja vista depois realizarmos comentários sobre esta característica.

Gráfico 8 - Característica do ensino por tipo de instituição do estudo empírico 02



Fonte: Coleta direta de dados.

Conhecendo as características do conjunto dos nossos informantes, vamos a partir de agora nos deter nos dados coletados para logo em seguida demonstrar os resultados e fazer considerações sobre as representações sociais da simbologia corporal das mulheres sertanejas.

6.5.3. Preparação e redução dos dados coletados

A primeira providência da etapa de preparação do material coletado foi fazer a numeração das folhas das entrevistas e codificá-las para que nenhuma fosse identificada posteriormente. Guardamos os termos de consentimento em pasta a parte, assim como os arquivos digitais com as falas e nos detivemos a **ANÁLISE DOS DESENHOS** (Derdyck, 2011) como uma produção poética que expressa à identidade de quem narra fatos da vida e com isso vai contando as históricas da coletividade da qual faz parte culturalmente.

Antes, porém, é interessante observar que alguns autores colocam a utilização de desenhos em estudos prático-teóricos como um espaço privilegiado de percepção no qual nos ocupamos através da percepção de elementos oníricos que são introjetados a partir das ações concretas do nosso cotidiano. Esta é uma compreensão que parte não somente de um ato mental e/ou sensorial (Frayze-Pereira; 2001), mas, sobretudo abrange momentos de formulações de concepções sociais representativas das nossas opiniões e impulsionadoras das atitudes dos seres humanos.

É como se permanentemente os homens adquirissem com o passar dos tempos a necessidade de conquistar novas formas de elaboração mental que traduzissem eixos incompreensíveis diante das ações mais cotidianas. Inexpressivas até se comparadas com a manifestação das emoções e instintos simplesmente através da fala. É pouco, e por vezes, muito pouco tal mecanismo para a diversidade de elaborações humanas.

Este fato está ligado às *significações* e aos *sentidos* que os elementos gráficos adquirem no mundo interno de cada indivíduo, sobretudo, as características contidas no cotidiano que se expressam de tal forma. Por consequência direta, não podemos achar que por ser uma expressão individual o desenho não reflita as dimensões contidas no coletivo. O autor Leontiev (1959) nos explica que:

A diferença não é simplesmente entre o lógico e o psicológico, mas entre o geral e o particular, o individual. Um conceito não deixa de ser conceito quando se torna o conceito de um indivíduo. (...) O principal problema psicológico que a significação põe é o do lugar e do papel reais que ela tem na vida psíquica do homem (pág. 101).

A arte da expressão gráfica das emoções contidas no pensamento humano sublima a capacidade de elaboração ou significação puramente mental que se concretiza nas partes periféricas do que denominamos mente. Trata-se de uma dupla determinação que origina uma forma singular de interação do homem consigo mesmo no mundo pertencente aos outros, tanto quanto a si próprio.

Além disto, consideramos também a riqueza do uso de vários desenhos como uma expressão da linguagem popular tal como ocorre no cotidiano dos atores participantes da pesquisa. Isso, em parte, favorece o estudo das representações sociais por nos evidenciar certas formas de conhecimento diante da expressão da realidade, posto que o que buscamos é o caráter específico presente em cada situação psicossocial diante da loucura e do doente mental e possibilidades de entendimento do mesmo.

A compreensão de tais elementos nos permitiria compreender as colocações do autor Frayze-Pereira (ibidem) e trazê-las para uso fruto da nossa trajetória e realidade pesquisada. Assim, salvo considerações, temos historicamente que compreender:

Que ficaria descrita e garantida a relação (inconsciente) entre criador e fluidor da obra, de tal modo que a obra evocaria de uma maneira ou de outra a história passada do espectador. E a percepção estética seria uma percepção do tipo mágica, encontrável na criança, no primitivo e no louco, percepção que estabeleceria uma comunicação direta, de natureza ritual e participativa, tendo como implicação uma perda de identidade pessoal (pág. 44).

Nestes termos, durante as entrevistas afirmamos com alguns informantes sobre o potencial criador contido nos homens, esclarecendo-os que não se tratava somente de “dom” para a arte através da elaboração de desenhos. Argumentávamos o que Freud *apud* Giora (1999) ajudou a compreender, ou seja, que “não existe nada na imaginação do artista que também não esteja presente na imaginação do homem comum” (pág.23).

Com esta lucidez acerca dos desenhos, realizamos anotações no verso de cada um sobre resumindo o que cada informante havia dito nas três perguntas seguintes com o objetivo de que ao organizar os resultados finais pudéssemos fazê-la a partir da técnica de triangulação dos dados para a comprovação das hipóteses do estudo empírico. Deve estar claro para os leitores que não houve nenhuma ação interpretativa dos desenhos, mas somente de correlação

entre os sentidos imagéticos das representações, a partir dos significados verbais atribuídos pelos informantes aos mesmos.

A etapa seguinte foi à transcrição exaustiva e literal das gravações submetendo seu conteúdo à técnica da análise de conteúdo – pormenorizada no capítulo anterior. Da mesma forma foi utilizado o recurso computacional com uso do programa ATLAS. TI como software de pesquisa, mas diferentemente do estudo empírico 01 neste estudo 02 houve uma diferença importante, pois trabalhamos com a análise inferencial dos dados que permite a apresentação dos resultados de forma estatística com base em percentis. **A ANÁLISE DAS ENTREVISTAS** (Gómez, M. C. S.; Dominguez, F. I. R.; Izard, J. F. M.; 2009) ocorreu desta maneira.

Isto implica *a priori* que à análise dos dados realizamos a contagem numérica que resultou na quantidade de vezes que a mesma ideia (ou fragmento do discurso) foi enunciada. As unidades de sentido e as unidades de contexto são as mesmas descritas no capítulo 05 da tese, mas trazem maior visibilidade de informações a partir da ênfase que os informantes dão as suas representações.

Tal são as possibilidades de visualização do discurso e de suas representações que desse modo poderemos visualizar várias imagens e sentidos ao considerarmos uma ou várias dimensões do estudo. Os principais temas emergentes da produção textual dos informantes deram origem a mapas representacionais, sendo respeitada a ordem lógica dos tópicos apresentados sob a forma de categorias de análise.

Dito de outra maneira, a apresentação das informações representa a possibilidade de desvelarmos as razões e as intenções que fazem com que os sujeitos tornem reais seus discursos. Assim, “emergem, nesta esfera, questões complexas referentes às bases de sustentação das nossas ações comunicativa entre diferentes indivíduos em uma coletividade” (Spink, 2000, p.133).

Por último, após a análise dos desenhos e das entrevistas, retornamos a leitura flutuante (2ª vez) do nosso **DIÁRIO DE CAMPO** para que o mesmo cumprisse a meta de nos auxiliar na fundamentação prático-teórica dos feminismos que foi registrada na vivência em campo durante o período do pré-teste e da realização das entrevistas. Sobre a importância do diário de campo, compreendemos que é um instrumento utilizado na coleta de dados etnográficos, tendo o antropólogo Bronislaw Malinowski (1921) como o teórico que desenvolveu a fundamentação teórica para fins de pesquisa. O autor acreditava que:

Um trabalho etnográfico só terá valor científico irrefutável se nos permitir distinguir, de um lado, os resultados da observação direta e das declarações e interpretações nativas e, de outro, as inferências do autor (pág.19).

As fontes provenientes do cotidiano e do senso comum “são bastante acessíveis ao mesmo tempo em que podem ser bastante enganosas” (idem, ibidem) e sem nenhum valor científico, caso não estejam incorporadas a documentos materiais concretos e aos diversos tipos de comportamento dos indivíduos observados diretamente no local de sua origem (Geertz, 1989; Touraine, 2002). Assim, é preciso que o psicólogo encontre meios lícitos para participar da vida cotidiana e compreenda como a realidade é decodificada na mente dos informantes orientando-o nas ações concretas do dia-a-dia.

Acreditamos que o diário de campo somente pode ser um instrumento valioso, caso seja utilizado de forma sistemática, a partir do uso paciente de algumas regras, bem como princípios científicos de observação e descrição dos fatos observados. Requer do pesquisador um treino para desenvolver a capacidade de formular problemas para que a partir daí possa ir descobrindo quais os fatos mais significativos para o seu trabalho de pesquisa. Na medida do possível deve buscar coletar dados concretos sobre os diversos fenômenos observados e não só àqueles que lhe causaram maior admiração.

É importante que nenhum fato observado seja menosprezado, pois alguns deles somente serão considerados importantes após um tempo, quando já conhecemos bem a realidade do local estudado e do modo como tal fato está em íntima relação com o todo. No caso da nossa pesquisa, o diário esteve presente em todos os estudos empíricos.

Por fim, após a redução dos dados coletados estivemos atentos a validação dos resultados através da **triangulação das informações** que é conhecida por Denzing *apud* Spink (2000, p.18) como uma “combinação de técnicas de forma a fortalecer a confiança nas interpretações”. O uso da triangulação como estratégia metodológica amplia-se na medida em que possibilita o reconhecimento das múltiplas facetas da realidade, atuando como um enriquecedor da compreensão dos fenômenos estudados.

6.6. Organização e apresentação das informações

Depois que foi realizado o tratamento dos dados com as estratégias relatadas no item anterior, lembrando que a análise de conteúdo utilizada neste estudo empírico tem a ênfase fatorial, reorganizamos as primeiras categorias de análise formadas com auxílio do programa ATLAS. TI através dos recursos computacionais de outro programa, nesse caso, o Excel for Windows.

Note que os percentuais de cada item formador das categorias foram calculados anteriormente, no momento de organização dos dados para inclusão no primeiro programa. Este último nos auxiliou na correlação das análises fatoriais de cada eixo, assim como na apresentação das informações a partir da organização de mapas representacionais. Neste momento, passaremos a descrever as categorias e os significados atribuídos a cada uma com auxílio dos mapas ⁹⁹.

Categoria de Análise 1 - Representações sociais da mulher

Agrupamos nesta categoria as ideias e crenças que os informantes possuem sobre as mulheres de um modo geral. Interessa compreender de que forma o constructo feminino é decodificado desde o ponto de vista do senso comum. As metáforas que surgiram durante a análise dizem respeito ao ambiente doméstico, profissional, identidade feminina e papéis sociais que a mulher deve desempenhar para ser aceita em determinada sociedade.

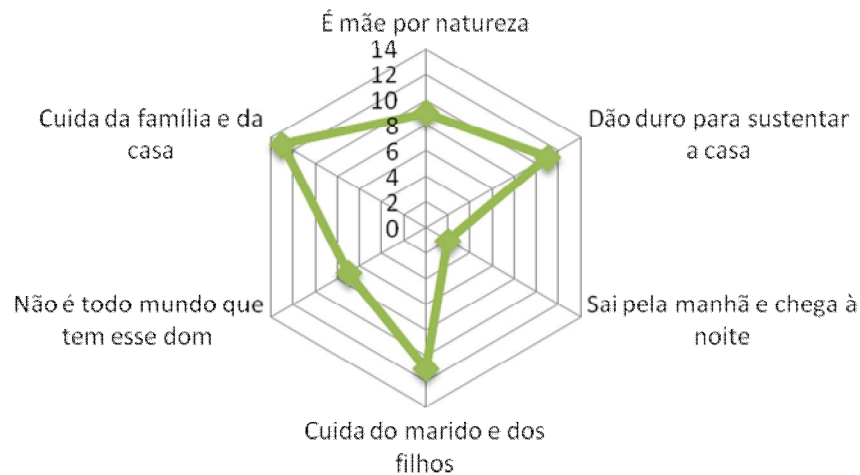
O mapa representacional 01 mostra uma mulher que cuida da casa, do marido e do filho como uma naturalização do papel da mulher que tem um “dom” para exercer funções domésticas e que por tal crença não podem ser divididas com os homens. Percebemos que esta mesma mulher já inicia a conquista de espaços profissionais, mas que deve acumular os mesmos com a organização do espaço doméstico. Temos uma mulher que deve estar disponível aos maridos e mesmo contribuindo com as despesas da casa deve resignar-se com a vida dupla, saindo de casa pela manhã e voltando à noite. (VER MAPA 01).

O mapa seguinte apresenta um panorama mais amplo inserindo a mulher na cena do mundo profissional, dotada de certa autonomia, mas ainda vinculada às carreiras com representações femininas no mundo do trabalho, como a educação e a escola. Note que há

⁹⁹ Preservamos a denominação dada pelos informantes nos itens.

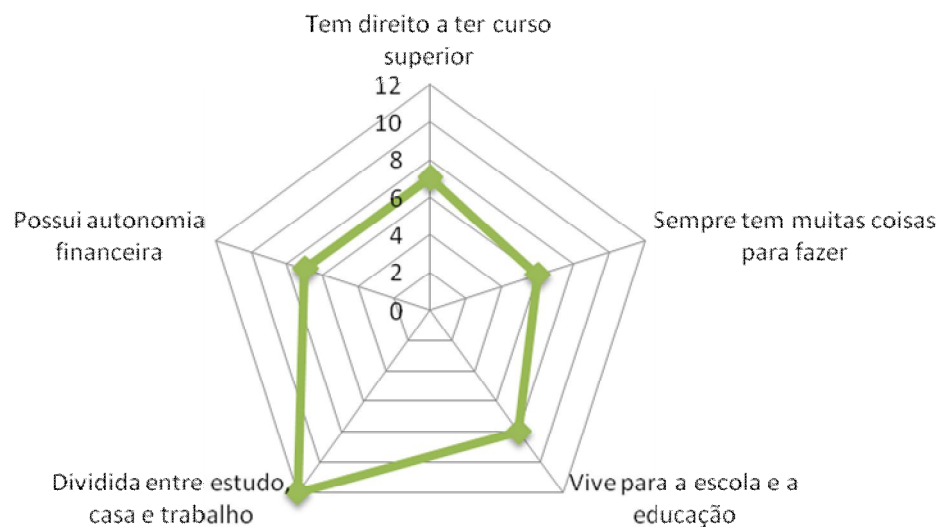
acúmulo de funções com a casa e o cuidado com a família. O dia-a-dia reflete um mundo de compromissos da mulher que tem sempre muitas coisas para fazer (VER MAPA 02).

Mapa Representacional 1 - Cat01. Sub01 Casa e Família



Fonte: coleta direta dos dados.

Mapa Representacional 2 - Cat01. Sub02 Estudo e Trabalho

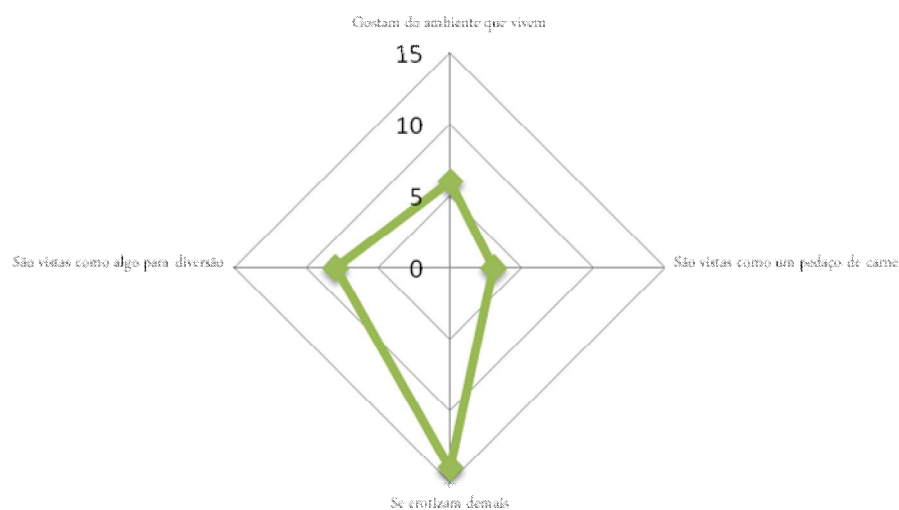


Fonte: coleta direta dos dados.

O terceiro mapa da mesma categoria expressa uma visão de mulher que se sente bem no ambiente que vive, mas já acrescenta uma nova perspectiva identitária que utiliza expressões

cotidianas e pejorativas para definir a postura da mulher que se auto erotiza e é representado socialmente como um meio de diversão. É importante demarcar que até aqui encontramos duas visões femininas que muito bem descrevemos no capítulo 01 com ajuda de alguns importantes autores (Gebara, 2000; Alves & Pitanguy, 2003; Cantera, 2007; Safiotti, 2004; Saranyana, 1997), quer dizer, a da mulher santificada pelas suas posturas no lar e na família e a figura mitológica de Eva que leva os homens à perdição. A referência ao erotismo é concretizada a partir dos desejos femininos e não o inverso, como a sociedade espera.

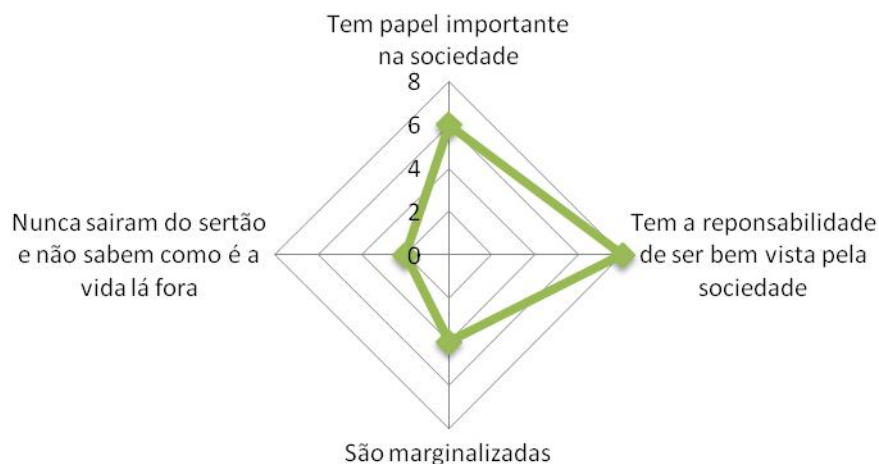
Mapa Representacional 3 - Cat01. Sub03 Identidade Feminina



Fonte: coleta direta dos dados.

O mapa 04 traz uma representação social voltada para a ideia de marginalização da mulher, embora também demonstre suas contribuições nesta mesma esfera. Devem fazer um esforço para serem “bem” vistas pelas outras pessoas, mesmo desconhecendo as demais realidades sociais. Carvalho & Vieira (2003) fazem comparações a esta mitificação da mulher como “super herói” que é capaz de atender aos anseios da sociedade, aceitando de forma passiva as funções reservadas para si. Algo que os feminismos contestam desde a vida privada à pública (VER MAPA 04)

Mapa Representacional 4 - Cat01. Sub04 Papel na sociedade



Fonte: coleta direta dos dados.

Categoria de Análise 2 - O que as pessoas valorizam na identidade feminina

Esta categoria agrupa posicionamentos que desejam relacionar atributo morais ao comportamento feminino. É imagética porque pressupõe uma realidade utópica para as mulheres na atualidade. Parte de aquisições sempre instigadas daquilo que a sociedade de forma hipócrita, inclusive, considera moralmente correto. Tendo a mulher que atender a pelo menos parte desses itens para achar-se no cenário do que é esperado para ela de um modo geral.

Iniciamos os comentários do subitem das metáforas que correlacionam aspetos positivos e nobres ao comportamento feminino. A mulher deve ser guerreira, companheira, inteligente, determinada, ainda, por cima deve sempre saber o que fazer nas horas difíceis porque é uma pessoa independente e madura. Batisda (2006) faz uma análise semelhante a esta situação quando compara o comportamento das mulheres do século XVI e XVII com as exigências das sociedades contemporâneas. Tal postura nos ajuda a refletir que a mulher é idealizada como a esperança para a resolução dos conflitos sociais. Nesse caso, é como se houvesse uma permissão para que a mesma deixe por instantes o ambiente doméstico com objetivo de distribuir “sabedoria”.

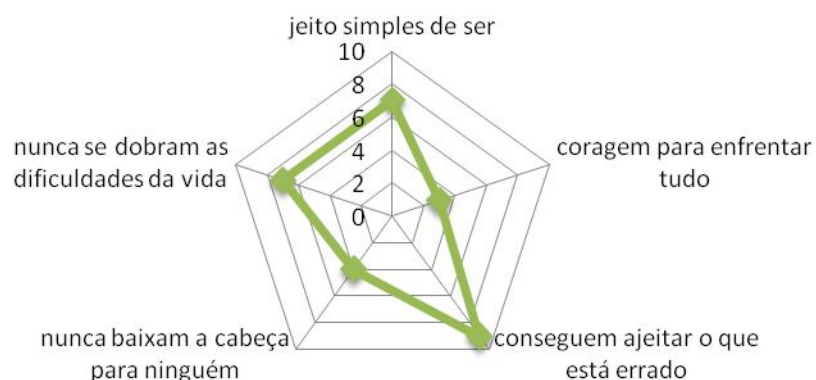
Mapa Representacional 5 - Cat02. Sub01 Metáforas



Fonte: coleta direta dos dados.

O mapa seguinte demonstra duas faces ambíguas sobre as representações ligadas ao comportamento feminino. A primeira menciona o jeito de ser “simples” como atributo desejável, que traz certa flexibilidade para a resolução dos problemas; a segunda já mostra características da mulher de coragem e enfrentamento dos problemas.

Mapa Representacional 6 - Cat02. Sub02 Comportamentos



Fonte: coleta direta dos dados.

Os vários itens apresentados no mapa anterior corroboram com as ideias do mapa seguinte afunila as expectativas para o eixo dos atributos físicos. Aqui é lícito recordarmos nossas reflexões no capítulo sobre o simbolismo do corpo e o traçado histórico daquelas linhas

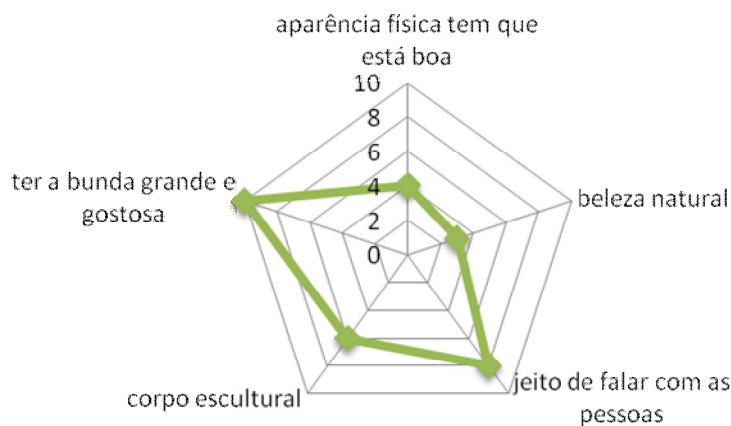
que nos ajudam a pensar que não somente as mulheres voltam suas expectativas para o corporal, como assinalou os primeiros mapas, mas que a própria sociedade a encarrega de pensar e agir simbolicamente a partir desta postura.

Cavarero (2007) expõe com total fidedignidade uma visão crítica sobre esse tipo de postura, dizendo que a vulnerabilidade da mulher acha-se não somente nela própria, mas é exposta na violência silenciosa do outro que funciona como espelho de motivações e moldagem de atitudes sociais. (VER MAPA 07)

Categoria de Análise 3 - O que as pessoas não valorizam na identidade feminina

Aqui temos um conjunto de ideias que de certa forma contrastam com a categoria 02 demonstrada há pouco. Temos que ter certa cautela, pois não se trata de uma valoração positiva ou negativa, as representações sociais buscam estar longe da concepção dualista ou positivista da ciência (Guareschi, 2006; Domicio & Nogueira, 2009).

Mapa Representacional 7 - Cat02. Sub03 Atributos Físicos



Fonte: coleta direta dos dados.

O primeiro mapa representacional gerado para esta categoria de análise demonstra os atributos corporais no sentido inverso do mapa 07, pois afirma que o uso exagerado das cores nas roupas e maquiagem, a massiva exibição corporal e principalmente as linguagens cotidianas da mulher são sinônimo de vulgaridade. O corpo afirma a identidade narrativa da mulher da mesma forma como o comportamento molda a expressão dos seus afetos. Já aparece nesse

mapa certa grosseria das mulheres em relação aos homens – item que será mais bem explorado adiante.

Mapa Representacional 8 - Cat03. Sub01 Atributos Físicos



Fonte: coleta direta dos dados.

O mapa a seguir vai fortalecendo o anterior quando menciona que a atitude social da mulher é diferente da dos homens porque elas estão no processo de busca da liberdade e por isso costumam ser sinceras no âmbito profissional.

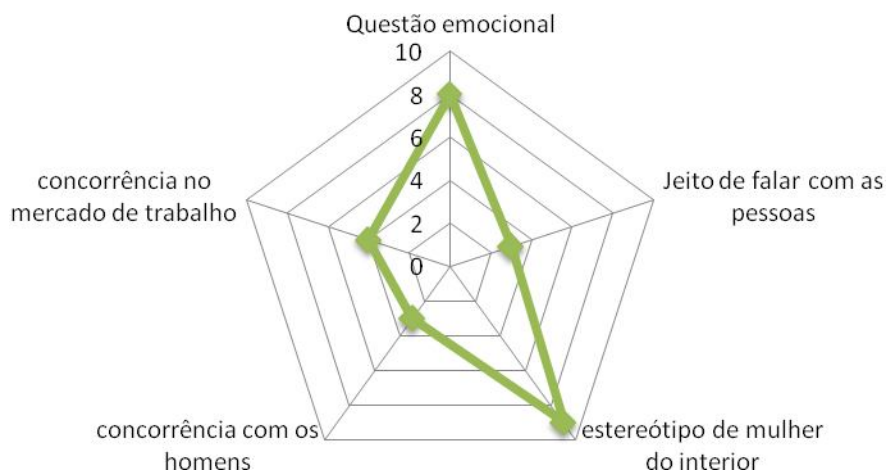
Mapa Representacional 9 - Cat03. Sub02 Atitudes Sociais



Fonte: coleta direta dos dados.

A vinculação imediata da mulher com o mundo do trabalho nas relações sociais de gênero é apresentada por Martínez & Muñoz (1995) como um mundo criado pela mulher, mantido e transformado por ela, exigindo uma mudança de escala que vai desde o privado até o regional e o global. Esta ideia representa muito bem os estereótipos que encontramos no mapa 10, cujo eu “jeito de interior” é contrastado com a força no mundo profissional.

Mapa Representacional 10 - Cat03. Sub03 Estereótipos



Fonte: coleta direta dos dados.

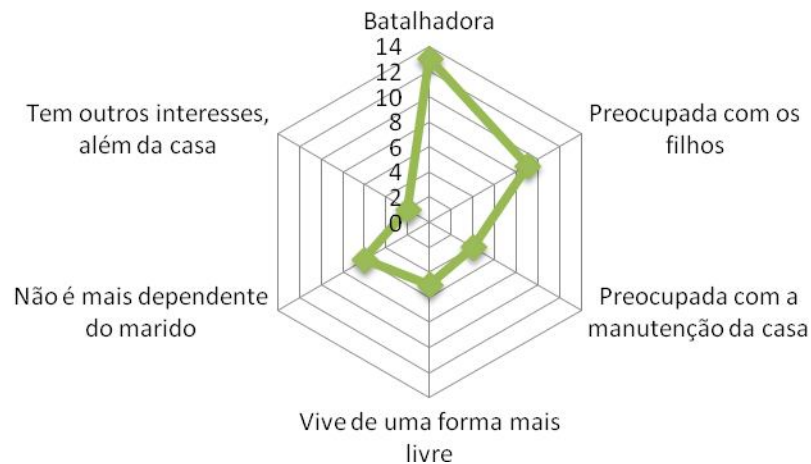
Categoria de Análise 4 - Identidades Narrativas

Esta categoria é peculiar porque origina o tema central do nosso estudo e por isso agrupa as ideias que representam a análise de um contexto corporal que situa a atividade da ciência nos espaços sociais e simbólicos da contação de histórias que resultam em uma ou mais representações femininas. Aqui vamos encontrar sistemas simbólicos da linguagem corporal que agem como instrumentos de conhecimento do cotidiano feminino e também de transformação dos estereótipos masculinos sob o feminino (Bourdieu, 1999).

A primeira cena é demonstrada através do mapa seguinte que enfatiza novamente as qualidades da mulher nos espaços privados: mãe preocupada com os filhos e marido com uma forma mais livre, digamos assim, de viver os afazeres domésticos, posto que já conheça e

domina as tecnologias, mas que não é mais dependente financeiramente daquele. É batalhadora, mas ainda aceita o acúmulo de papéis sociais, sofre quando não os alcança.

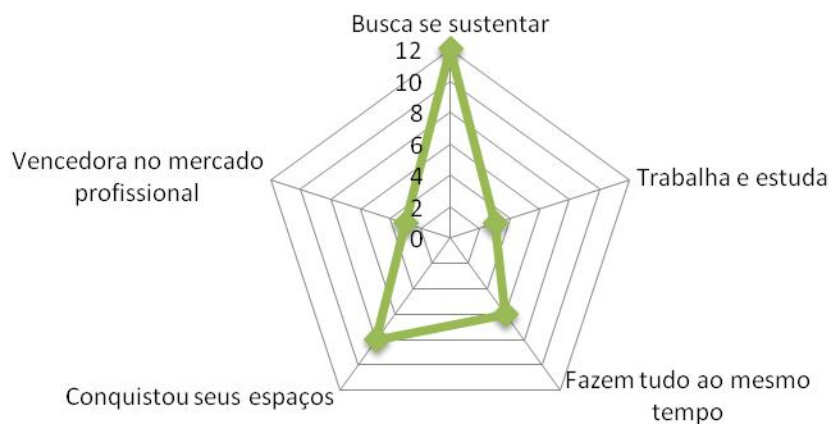
Mapa Representacional 11 - Cat04. Sub01 Espaços Privados



Fonte: coleta direta dos dados.

O mapa a seguir egue transferindo a visão anterior aos espaços públicos, diz que é possível o acúmulo de papéis, que a mulher não pode prescindir das tarefas domésticas e ainda tem energia para trabalhar e estudar. Essa tripla jornada de trabalho é tida falsamente como uma “conquista de espaços femininos”.

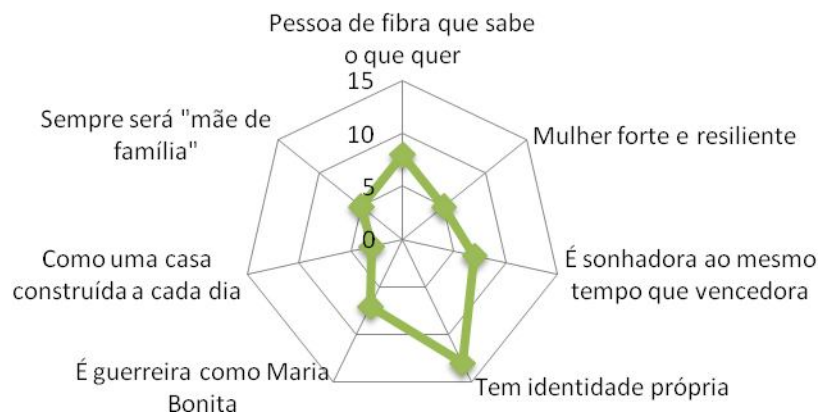
Mapa Representacional 12 - Cat04. Sub02 Espaços Públicos



Fonte: coleta direta dos dados.

É interessante perceber no mapa 13 a seguir que novamente temos a representação dupla da mulher: “mãe protetora” no mundo doméstico e “guerreira sonhadora” no mundo profissional. É inadmissível não comparar essa dualidade com a análise foucaulteana (1973) sobre as relações de poder e a alteridade feminina.

Mapa Representacional 13 - Cat04. Sub03 Metáforas



Fonte: coleta direta dos dados.

Categoria de Análise 5 - Representações masculinas sobre as identidades narrativas

São as práticas narrativas que criam condições para compreendermos os nexos existentes na vivência cotidiana feminina com objetivo de facilitar o nosso contato com as estruturas intersubjetivas que caracterizam nossa existência.

Para Cavarero (2007) tal duplo efeito, achar-se através de mim mesma e ao mesmo tempo nos olhares do outro, postula a reciprocidade e dependência que temos em relação às outras pessoas, numa teia infindável que nos possibilita dimensionar os atos políticos como cenários comuns à nossa existência no mundo da vida. Também pressupõe que nossa identidade narrativa está em contato com as representações e performances eleitas no cotidiano. É o que o mapa 14 mostra a partir da visão masculina da mulher.

Houve a conquista de espaços públicos, mas uma dificuldade repetida pela maior parte dos informantes do homem aceitar as mudanças na esfera doméstica. Nela, a mulher ainda tem que satisfazer sexualmente os desejos masculinos, sem dar importância aos seus,

deve preparar o alimento, as roupas e demais itens domésticos para que o homem descanse do dia de trabalho, não sendo permitidos às mulheres outros interesses como não atender ao papel de ser mãe, por exemplo. Caso isso aconteça, é considerada “anomalia feminina”.

Mapa Representacional 14 - Cat05. Sub01 Comportamento



Fonte: coleta direta dos dados.

O mais interessante dessa categoria é a aparente admiração expressa de maneira clara na visão masculina de que quando a mulher consegue levar adiante tanto as tarefas do lar, como as profissionais, há certo caráter de admiração que é ilustrado com sinônimos do tipo: “ela dá a cara a tapa”, “não tem medo de nada”, “quando quer sempre obtém sucesso” e outras expressões retiradas do depoimento dos informantes. Novas contradições com os dados que seguem.

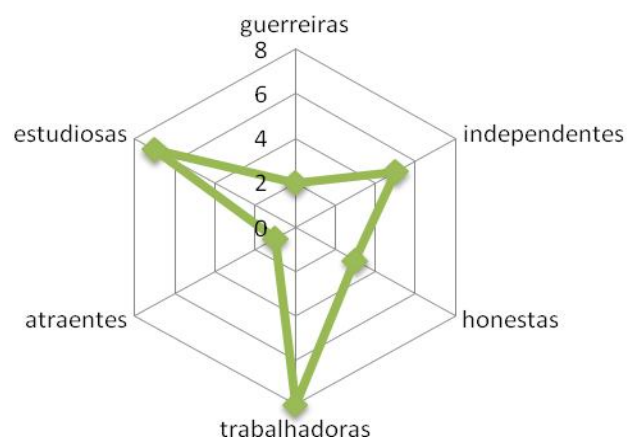
Mapa Representacional 15 - Cat05. Sub02 Espaços Públicos



Fonte: coleta direta dos dados.

As metáforas que aparecem no plano discursivo mais uma vez exaltam a postura da mulher como algo extraordinário, forte, pomposo. Fomos, então, levadas a refletir ao lado da idéia de que as representações sobre o feminino acham-se imbricadas no eixo corporal e na forma como este vai sendo manifesto no dia-a-dia (Certeau, 2003; Carballo, 1999; Nye, 1993; Garaudy, 1981). Traz também a ideia de como trabalhar na prática a mudança destas posturas e qual a contribuição que a psicologia da libertação pode fornecer. Por hora, por favor, veja analiticamente o mapa abaixo para ajudar nas nossas reflexões:

Mapa Representacional 16 - Cat05. Sub03 Metáforas



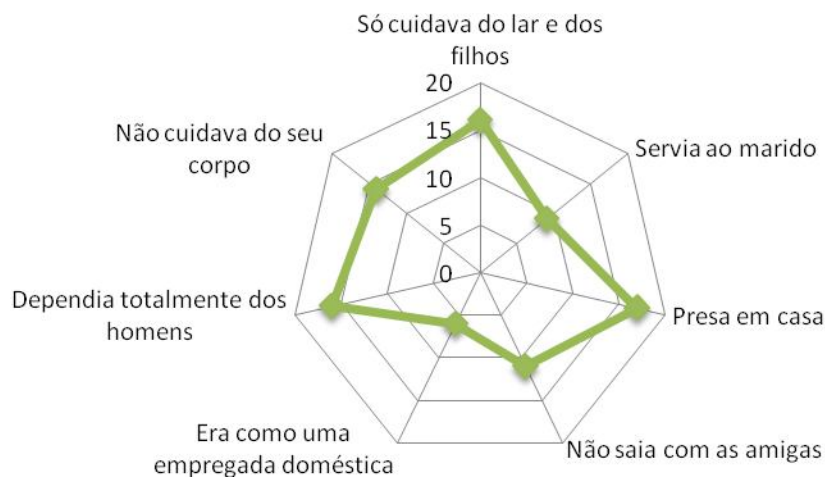
Fonte: coleta direta dos dados.

Categoria de Análise 6 - Comportamento anterior

Nessa parte da exposição das categorias temos que pontuar que se trata da análise da segunda e terceira parte do instrumento de coleta de dados, cujo foco deixa os limites da representação da mulher de modo geral e começa a particularizar para a mulher sertaneja. Assim que essa categoria de análise apresenta um conjunto de concepções sobre o modo de vida dessas mulheres há pelo menos cinco décadas atrás – como foi esclarecido oralmente aos informantes durante a realização das entrevistas.

O mapa 17 volta a fortalecer a visão de uma mulher voltada 100% para o lar e os filhos, que servia ao marido do ponto de vista sexual e afetivo, vivendo “presa” no limites da casa. Uma mulher sem vontade própria e sem oportunidades de estudo ou trabalho, mas também conformada por realizar seus sonhos através do futuro dos filhos e das filhas.

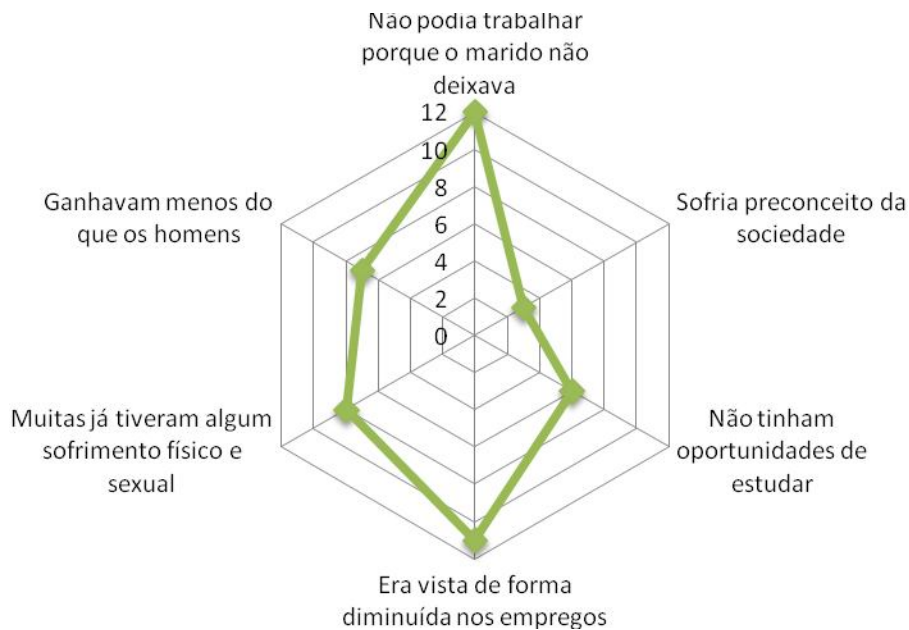
Mapa Representacional 17 - Cat06. Sub01 Espaços Privados



Fonte: coleta direta dos dados.

Nesse outro mapa também é claro as afirmações anteriores indo além nas ideias para representar bem, através do discurso dos informantes, o preconceito que as mulheres sofriam quando deixavam esse ciclo moldado para elas. Aspeto que também é denunciado com depoimento sobre preconceitos no trabalho (Assunção, 2008, Cascante, 2001).

Mapa Representacional 18 - Cat06. Sub02 Espaços Públicos



Fonte: coleta direta dos dados.

Categoria de Análise 7 - Comportamento Atual

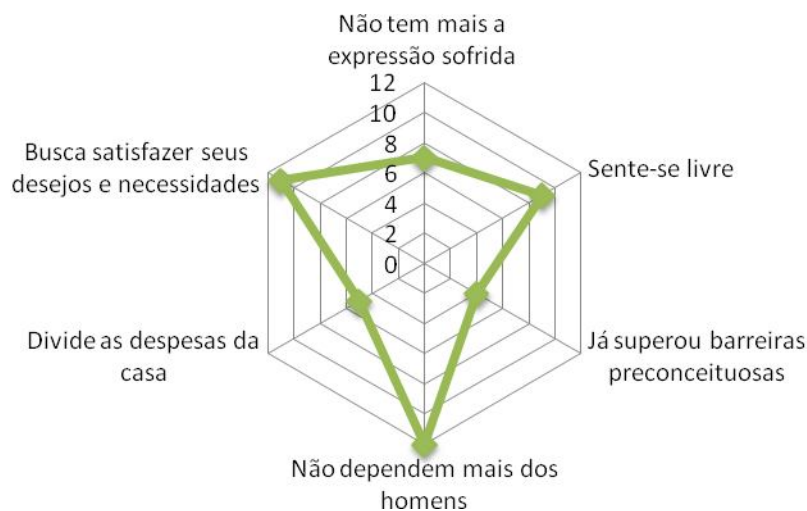
Varela (2008) faz uma espetacular análise sobre como os comportamentos antigos das mulheres foram sendo adaptados pela sociedade e absolvidos por elas a partir da visão pós-moderna com a ajuda dos meios de comunicação em massa. Bard (2000) complementa o contexto denunciado por aquela e acrescenta que as posturas corporais foram novamente responsáveis pela expressão do cenário de sofrimento e incompreensão do mundo atual em relação às mulheres.

É estratégica e intencional a forma como acrescentamos no instrumento de coleta de dados algumas perguntas que fossem capazes de levantar as representações sociais deste processo no contexto sertanejo. Aguiluz (2008) completa esta abordagem dizendo que no dia-a-dia (pós) moderno, a mulher tenta mascarar as lutas que ainda não foram ganhas nas demais esferas da vida cotidiana. Assim, os mapas a seguir vão nesta direção.

É surpreendente perceber que boa parte dos mapas anteriores demonstrou certa visão dicotômica entre a vida das mulheres na esfera privada e na esfera pública, afirmam com clareza incontestável que houve um acúmulo de atividades, mas que as conquistas no eixo doméstico foram alcançadas ou no nível financeiro, ou na apropriação da tecnologia que

“facilita” o desenvolvimento das tarefas domésticas. Não foi isso mesmo? Daí, que a partir desse mapa que aprofunda as camadas de sentido da realidade pesquisada, tal como teoriza Bergman & Luckmann (1985), aparece outro olhar.

Mapa Representacional 19 - Cat07. Sub01 Espaços Privados



Fonte: coleta direta dos dados.

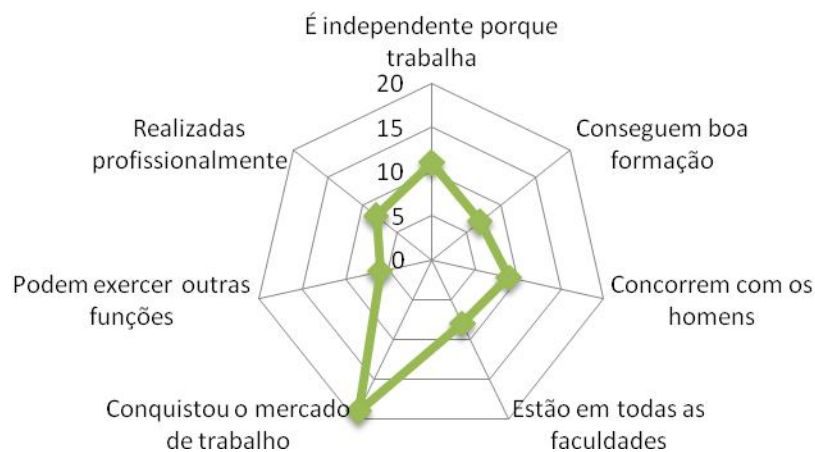
A mulher passa, como resultado de um toque de mágica (?) a ser aquela que tem liberdade sexual e ação profissional, tendo superado barreiras preconceituosas, dividindo as despesas da casa com os homens de “igual para igual”, bem como satisfazendo desejos sexuais e necessidades.

Existe, nesse ponto, uma inflexão de pensamentos que vai fundamentando o que as filósofas desconstrucionistas apontam como uma inversão de valores, ou melhor, de estratégia de internalização da submissão masculina sobre a mulher. Leva-se à crença de que tudo mudou, mas na verdade a opressão somente mudou a forma como é produzida e reproduzida pela sociedade, a partir das representações das pessoas.

Para nós é como se fosse uma exploração “consentida” que é tão cruel quanto o sofrimento das mulheres na época da guerra fria. Um disfarce com raízes epistêmicas que afeta lentamente toda postura da ciência. Dizer que se a mulher desempenhar bem o “seu” acúmulo de funções privadas e públicas ela conseguirá uma “boa formação” profissional é no mínimo mascarar o que está visível (VER MAPA 20).

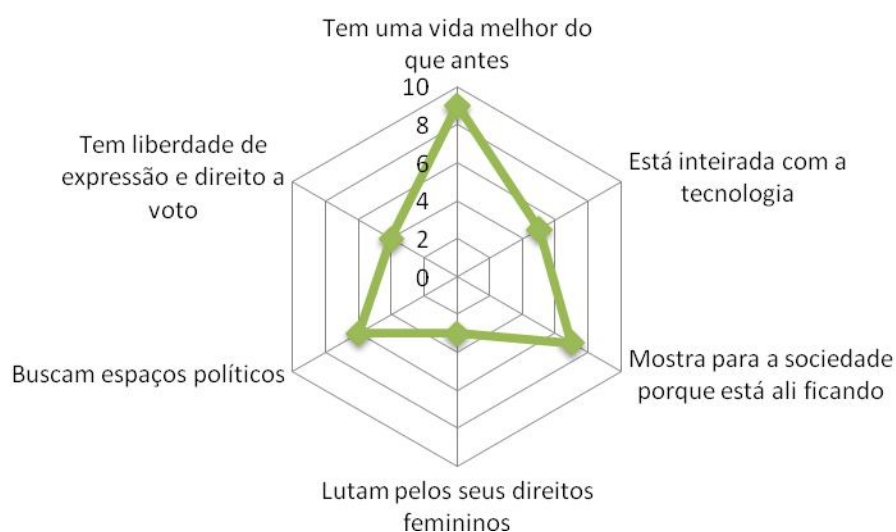
As atitudes sociais também refletem matrizes ideológicas semelhantes ao que diz o mapa anterior, reforçam a reescrita das performances de gênero citadas por Butler (2006) e que serão mais bem analisadas nos mapas da categoria de análise seguinte. Mas deixando perceber que as atitudes sociais são aportes “necessários” para a formatação do preconceito contra as mulheres (VER MAPA 21).

Mapa Representacional 20 - Cat07. Sub02 Espaços Públicos



Fonte: coleta direta dos dados.

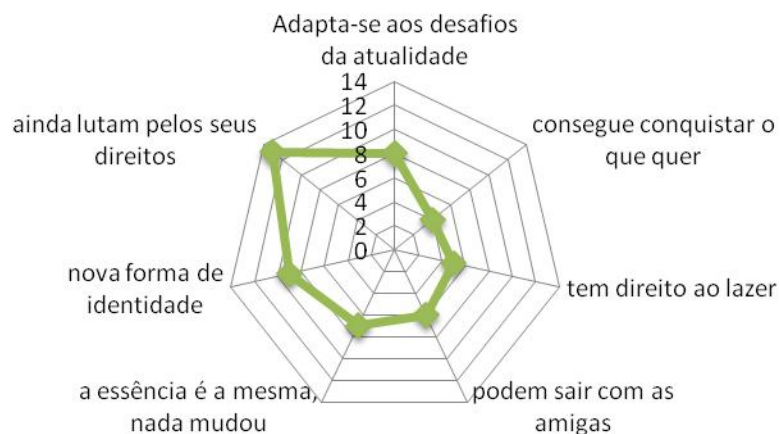
Mapa Representacional 21 - Cat07. Sub03 Atitudes Sociais



Fonte: coleta direta dos dados.

É neste mapa que fica mais claro o que queremos com o conceito de identidade narrativa porque demonstra bem as representações que vão ancorando as marcas do gênero como inscrição psicossocial. Uma alusão clara de que há a formação de uma nova matriz identitária, mesmo confusa, contraditória, mas que já é perceptível à sociedade. Entretanto os próprios informantes afirmam que a “essência” da mulher “dona de casa” e “mãe” ainda é a mesma, desta vez com nova roupagem.

Mapa Representacional 22 - Cat07. Sub04 Identidade Narrativa



Fonte: coleta direta dos dados.

Categoria de Análise 8 - Expressões da afetividade feminina na esfera privada

É preciso dizer que esta categoria não tem a pretensão de compreender a maneira como a mulher expressa uma **afetividade**, partindo de uma análise epistêmica da mesma, inclusive pensamos se de fato essa seria uma denominação mais apropriada; porém, como optamos por preservar os termos e gírias utilizados pelos informantes para descrever o que fora solicitado nas entrevistas, preferimos manter o nome com a ressalva de que equivalem as emoções cotidianas. Dito isto, compartilho o fato de que algumas pessoas ao ouvirem a pergunta sobre a “afetividade da mulher” ficaram um tempo pensando nas suas respostas o que não aconteceu demasiado nas outras respostas.

Continuamos apresentando os mapas, desta vez o vinte e três, com o olhar voltado para os comportamentos que a mulher sertaneja emite nos dias atuais. As narrativas falam que as mesmas já não possuem face sofrida como antes, que já superou barreiras e por isso se sentem livres porque se acham no cenário da modernidade ao mesmo tempo em que afirma que há oscilações na forma de agir, pois sentem desejo de chorar e de gritar diante dos problemas do dia-a-dia. Alguns depoimentos afirmam que devido ao temperamento da mulher ser assim, a presença de um “homem” ao lado dela passa a ser essencial.

Mapa Representacional 23 - Cat08. Sub01 Comportamentos



Fonte: coleta direta dos dados.

O mapa seguinte, parte da mesma categoria, começa reforçando a crença de que a mulher somente adquiriu o direito de explorar a esfera pública e ter conquistas no trabalho porque têm os amigos, a família e o esposo como base moral.

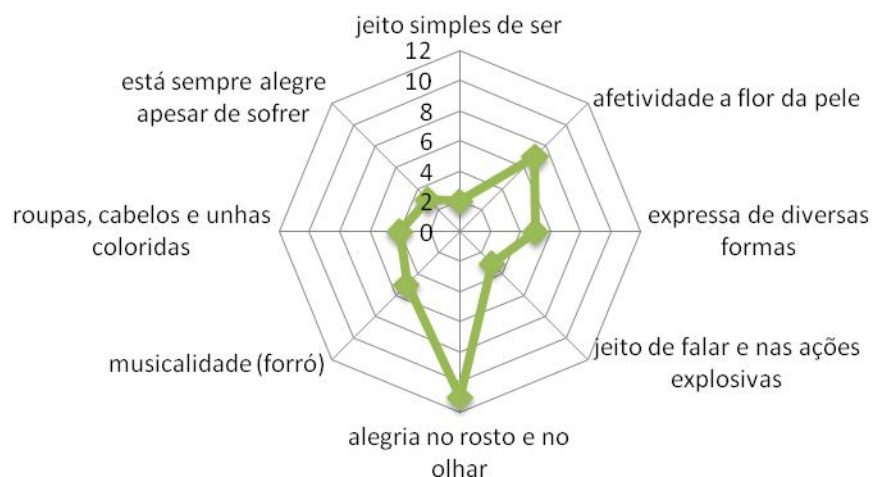
Segue reforçando a postura de que a mulher tem o comportamento “explosivo” porque sua emoção afetiva está sempre à flor da pele e que isso é perceptível na maneira de falar e de sorrir. Mesmo assim, está sendo superando desafios e surpreende na criatividade com que expressa àquilo que é no cotidiano. O mapa seguinte apresenta essa característica no sentido da identidade narrativa (VER MAPA 24).

Por fim, esta categoria traz o mapa abaixo que vai demonstrando dificuldades para a expressão da nova identidade da mulher na atualidade (VER MAPA 25).

Categoria de Análise 9 - Expressão da afetividade feminina na esfera pública

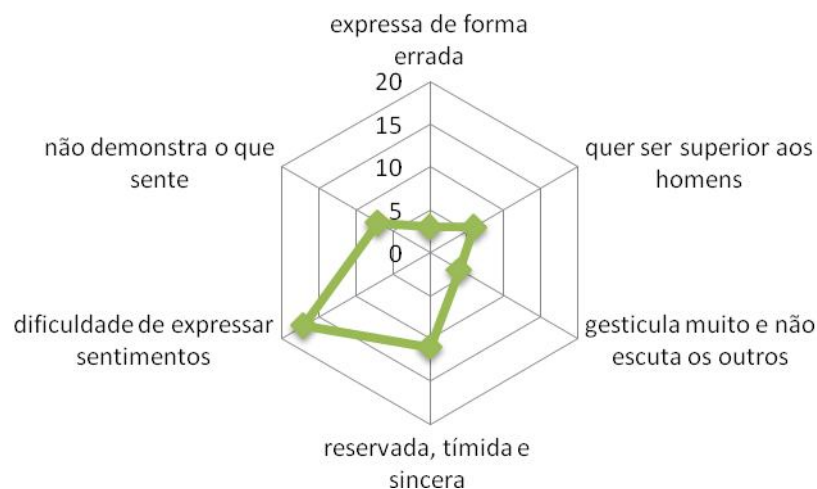
É nessa parte do estudo que fizemos o entrelaçamento das representações sobre o feminino com o que Menezes (2008) nomeia como o *nascimento do sujeito feminino*, numa apologia ao pensamento de Lévinas que afirma que “a obrigação de fazer algo para poder existir no conduz ao cansaço de não fazer” (pág.16). Ou seja, a imagem da mulher que vive no sertão do Brasil é daquela pessoa que tem que estar disponível para a coletividade no sentido de ajudar e orientar os demais com sua experiência de vida.

Mapa Representacional 24 - Cat08. Sub02 Identidade Narrativa



Fonte: coleta direta dos dados.

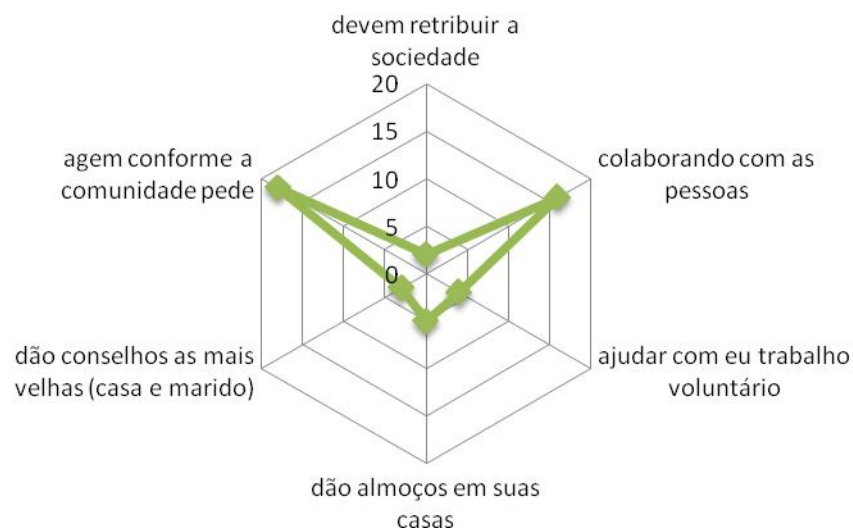
Mapa Representacional 25 - Cat08. Sub03 Dificuldades



Fonte: coleta direta dos dados.

Nesse caso, a análise abaixo apresentada ocorreu a partir do conceito de atividade comunitária que foi exposto no capítulo 03. Menciona, ainda, que o mundo da comunidade é o lócus elegido pelas mulheres para afirmação da sua identidade feminina, sendo quase uma obrigação estar nesse universo (VER MAPA 26).

Mapa Representacional 26 - Cat09. Sub01 Atividade Comunitária

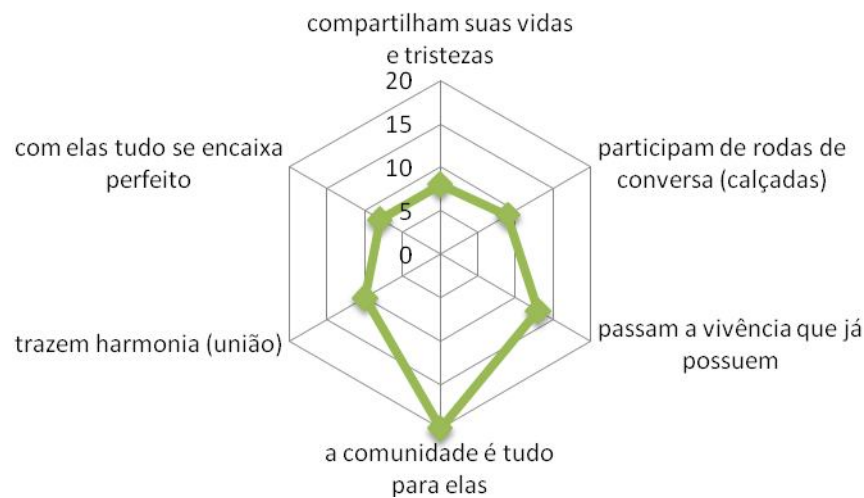


Fonte: coleta direta dos dados.

É também nesse cenário comunitário saudosista que suas atitudes sociais devem ser fortalecidas para que “tudo encaixe com perfeição” resultando sempre na “felicidade de todos”, mas e a felicidade pessoal da mulher? Aqui já aproveitamos para dar continuidade ao tema apresentando itens dos mapas 27 e 28 que e complementam.

Percebam que existe referência a um tempo saudosista, não linear, do significado romântico do que as pessoas idealizam como “comunidade” que deixa o sentido impessoal para tornar-se conhecido coletivamente (Vidal, 1996).

Mapa Representacional 27 - Cat09. Sub02 Atitudes Sociais



Fonte: coleta direta dos dados.

É de Bourdieu (2002) a famosa afirmação de que “o corpo humano funciona como um operador prático da emoção”, nisto concordamos quando foi realizada a análise dos discursos que iriam compor o mapa a seguir. Novamente a imagem de mulher simpática que fala com quem não conhece que traz alegria, preocupa-se com a saúde, entre outros.

Mapa Representacional 28 - Cat09. Sub03 Emoções



Fonte: coleta direta dos dados.

Categoria de Análise 10 - Simbolismo do corpo feminino

Esta foi o momento da análise categorial mais bem trabalhada com objetivo de que os trechos escolhidos para construção dos mapas expressassem clareza aos leitores do que consideramos simbolismo corporal.

Recordamos de imediato, todo o apanhado histórico dos capítulos anteriores para que possamos situar a vivência corporal no patamar da cena erótica e afetiva no sentido exposto pelos feminismos da diferença.

O simbolismo que reflete nossa fala considera o corpo como algo vivo que é tocado materialmente pelos outros e que vai afetando sua estrutura enquanto influência o sentido corporal atribuído pelo outro ao mesmo e cuja prática vai e inscrevendo como ato político de existência do feminino. O produto desta reciprocidade é a consciência de si que encontra forças no sentido histórico que se atualiza na subjetividade humana e vai deixando marcas que aparecem no corpo social que habita a mulher sertaneja.

Os mapas seguintes vão demonstrando como a teia de multiplicidade corporal é inspiração cotidiana, mas também disputa de poder resultado do que os indivíduos são em realidade. As palavras dos informantes trouxeram materialidade ao corpo feminino da mesma forma como possibilitaram um cenário maior de significações narrativas. Expõe, primeiramente, dificuldades para a atualização plena corporal. Já que a mulher “real” tem que estar mais preocupada com a higiene íntima, a roupa, a aparência, entre outros.

Mapa Representacional 29 - Cat10. Sub01 Dificuldades

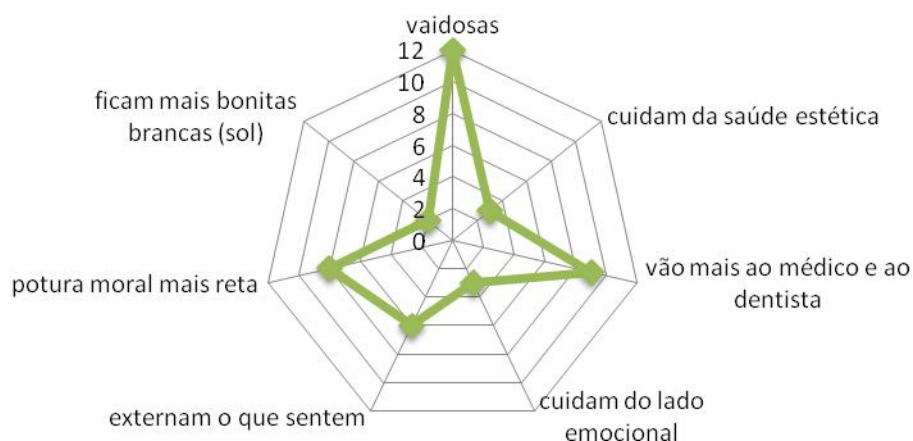


Fonte: coleta direta dos dados.

O mapa seguinte já especifica tipos de comportamentos próprios às mulheres do sertão, mas indiretamente vai fazendo uma referência sobre a influência da mídia nesse processo, por exemplo, quando aponta o uso de protetor solar e guarda-chuva para proteger a pele do sol escaldante da região (VER MAPA 30).

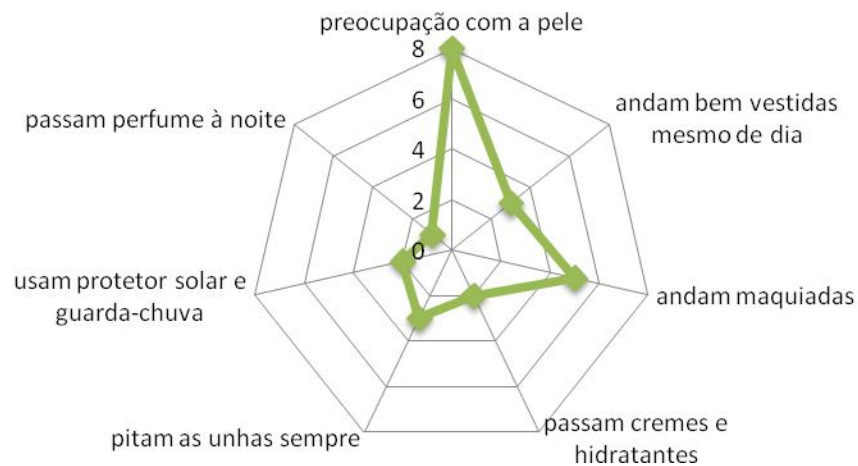
A representação corporal da mulher sertaneja no sentido da aparência física segue a mesma lógica anterior quando vai valorizando, por assim dizer, a aquisição de novos comportamentos a partir da influência da mídia e do contato mais comum com as mulheres da “capital”. Perceba, aqui, que esse “homem” que elogia a nova maneira de ser da mulher também se identifica com o “homem da capital” por ter ao seu lado alguém que usa “creme e hidratante” na pele como as mulheres “chiques”. O opressor acha-se no oprimido (VER MAPA 31).

Mapa Representacional 30 - Cat10. Sub02 Comportamentos



Fonte: coleta direta dos dados

Mapa Representacional 31 - Cat10. Sub03 Aparência Física

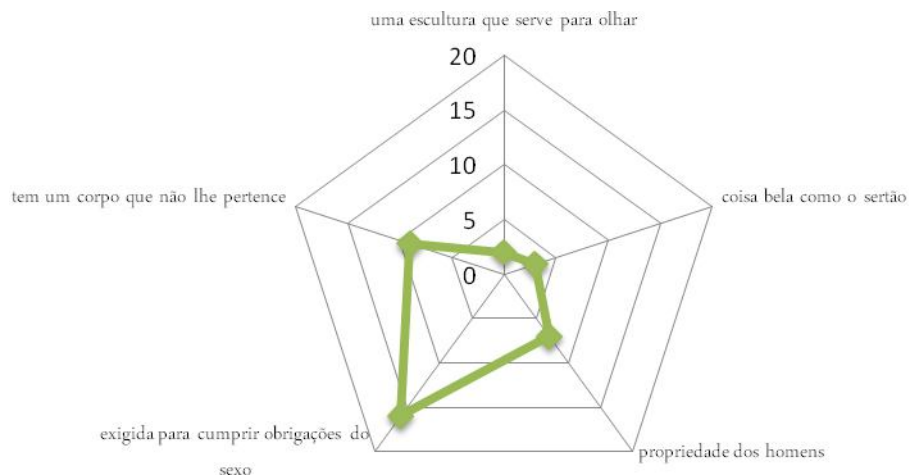


Fonte: coleta direta dos dados.

Categoria de Análise 11 - Comparação

Por último e de grande importância, nosso estudo indagou aos informantes com o que eles comparavam a mulher sertaneja. Dividimos as narrativas em três eixos: àquelas vinculadas aos espaços privados, outras vinculadas aos espaços públicos e o último relativo à metáfora em si. Nosso interesse foi propiciar um momento de síntese representacional acerca das imagens que ancoram a mulher sertaneja em relação ao saber cotidiano. Os trechos escolhidos para representar cada ideia falam muito bem sobre as crenças do sertão. Preste atenção nos mapas a seguir:

Mapa Representacional 32 - Cat11. Sub01 Espaços Privados



Fonte: coleta direta dos dados.

Mapa Representacional 33 - Cat01. Sub02 Espaços Públicos

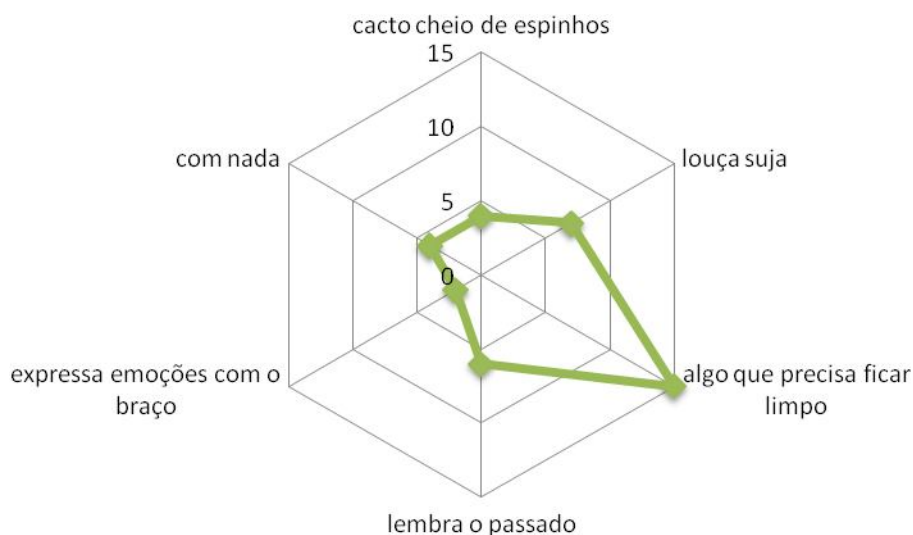


Fonte: coleta direta dos dados.

Neste último mapa gostaríamos de lembrar que não há um sentido positivo ou negativo na análise de conteúdo a partir das representações sociais; porém, chama atenção o fato de surgirem posturas alusivas a necessidade de “limpeza” da mulher nordestina que nos leva a

refletir se esta representação poderia estar vinculada a ideia de materialidade e de moralidade. Uma relação novamente ambígua como muitas representações evidenciadas ao longo do nosso estudo sobre a mulher sertaneja.

Mapa Representacional 34 - Cat11. Sub03 Metáforas



Fonte: coleta direta dos dados.

6.6.1. Interpretação e comprovação das hipóteses através dos desenhos

Para finalizar a triangulação dos dados do estudo empírico 02, vamos fortalecer as mesmas representações através dos desenhos construídos pelos informantes, além dos seus discursos sobre a mulher. É importante dizer que esses dados estão presentes na parte 01 e 02 do instrumento de coleta de dados (ANEXO 01) e não possuem sentido interpretativo, mas **ilustrativo** a partir do grafismo das crenças coletivas que orientam o posicionamento dos indivíduos diante da representação da mulher no contexto do sertão.

Cada desenho foi correlacionado com as categorias de análise expostas (principal e secundária), após esta distribuição houve a indicação dos elementos gráficos principais e a significação do desenho, finalizando com o sentido metafórico do mesmo que dará origem ao título de cada desenho. Cada item será demonstrado a seguir e foi organizado a partir do discurso dos informantes.

CATEGORIA 01 – REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DA MULHER

O primeiro desenho deste grupo encontra-se na categoria secundária denominada “casa e família”, apresenta uma mulher entre três prédios (denominados de universidade, casa e trabalho), cujo sentido metafórico atende a vida atual das mulheres, pelo menos em parte. Depois apresentamos o desenho 02 na mesma categoria principal, mas com o tema da secundária voltado para “estudo e trabalho”. Ao lado de cada desenho estão trechos do depoimento dos informantes que consideramos relevantes para contextualizar os mesmos.

Desenho 1 - Mulher dividida entre a casa, a universidade e o trabalho

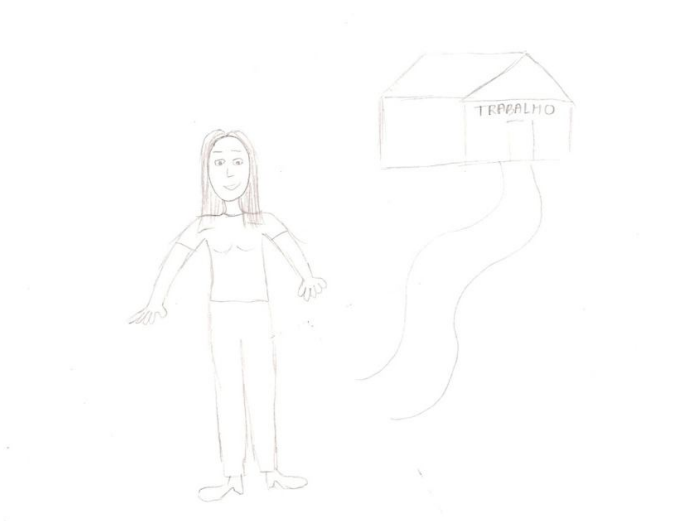


“O desenho tem o significado aos meus olhos de ver a mulher tanto cuidando do lar, quanto da casa, quanto também dividida entre o estudo, a casa e o trabalho, a mulher hoje se encontra dessa forma”.

INFORMANTE 01

Fonte: estudo empírico 02

Desenho 2 - Mulher guerreira que consegue seus objetivos



“Eu retratei a mulher sertaneja com uma mulher guerreira, uma mulher que consegue conquistar o que ela quer, através do seu trabalho, através dos seus objetivos”.

INFORMANTE 02

Fonte: estudo empírico 02

Este desenho demonstra a mesma categoria, mas apresenta uma visão diferente do desenho 01. Aqui já aparece uma visão da dicotomia da mulher entre a esfera privada e a pública com alusão ao dia-a-dia das mulheres que residem nas zonas rurais dos municípios do sertão, apesar disto a realidade retratada apresenta certo saudosismo, pois muitas casas já são de alvenaria e os comércios locais ao lado dos empregos públicos são alternativos à vida dessas famílias.

Desenho 3 - Mulher da roça que mora em casa de barro e trabalha na agricultura



“Bom esse desenho que eu fiz retratou assim eu quis retratar bem o sertanejo assim uma casinha de barro a mulher na frente da casa e ate, coloquei ate uma enxada do lado porque a mulher também ela sai pro roçado pra trabalhar como antigamente ainda”.

INFORMANTE 22

Fonte: estudo empírico 02

CATEGORIA 02 – O QUE AS PESSOAS VALORIZAM NA IDENTIDADE FEMININA

A categoria 02 é o resultado da correlação entre três desenhos. O primeiro mostra um homem e uma mulher com a blusa da faculdade e o tema secundário está vinculado às formas de comportamento dos estudantes, principalmente mulheres, que necessitam fazer o deslocamento do município onde moram para o município onde estudam para poder cursar uma graduação. Destaca, de certo modo, uma resignação já que o sucesso virá no futuro com o crescimento pessoal e profissional.

O desenho seguinte, da mesma categoria, tem o tema secundário do atributo físico das mulheres que é valorizado pela sociedade; por último um desenho que está na esfera das

metáforas e que compara a mulher com a “luz do sol incandescente, forte” (sic). Que sejam vistas as representações gráficas a seguir.

Desenho 4 - Mulher estudante que tenta ser alguém na vida



“Ele retrata o meu dia a dia (...), a vida de um estudante como ela é cansativa nesse sol escaldante que a gente vive aqui no nosso Sertão”.

“O sentimento é de esperança diante das dificuldades que a gente enfrenta que os estudantes enfrentam, eles estão assim, tentando ser alguém na vida, sentimento de felicidade porque ele vai ser uma pessoa, ele vai crescer, vai ser alguém na vida, no futuro ele vai crescer”.

INFORMANTE 04

Fonte: estudo empírico 02

Desenho 5 - Mulher bonita que mais caracteriza o sertão

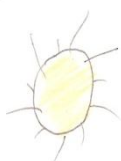


“A intenção do desenho era de uma mulher bonita, pois encontramos muitas mulheres bonitas na região do sertão central”

INFORMANTE 20

Fonte: estudo empírico 02

Desenho 6 - Mulher forte parecida com o sol



“Eu botei o sol por que eu acho que a mulher sertaneja é forte, eu considero forte o sol é forte. Luz. Incandescente”.

INFORMANTE 17

Fonte: estudo empírico 02

CATEGORIA 03 – O QUE AS PESSOAS NÃO VALORIZAM NA IDENTIDADE FEMININA

Esta categoria é bem semelhante à anterior, entretanto expressa as insatisfações da sociedade com determinados tipos de comportamento feminino que desvalorizam a mulher sertaneja. O primeiro desenho usa os sentidos, metafórico e comparativo, para poder fazer uma crítica a forma como as mulheres buscam masculinizar-se no ambiente de estudo e de trabalho através das vestimentas consideradas próprias aos homens, como os chapéus que são utilizados no sertão por homens (vaqueiros) que trabalham com animais na agricultura.

Desenho 7 - Mulher trabalho que se adapta ao ambiente masculino



“Assim, que a mulher sertaneja ela é caracterizada pela sua vestimenta né, assim por dizer no modo rural (...), como se fosse o trabalho rígido, com se fosse o ambiente né, isso”.

INFORMANTE 19

Fonte: estudo empírico 02

O desenho seguinte também utiliza o sentido metafórico e critica fortemente o fato da mulher, às vezes, reforçar a postura de “fome e miséria” que encontramos ainda nos dias atuais nas representações sociais do lugar, mas desta vez com a intenção de conseguir benefícios de outras pessoas (ou governamentais). Acrescenta no seu discurso o fato de que a realidade do sertão mudou e agora possui mais oportunidades de desenvolvimento. Por fim, emprega muito bem a ideia da “vitimização” como um desvio do comportamento típico da mulher sertaneja que é despojada e corajosa.

Desenho 8 - Mulher estereotipada com a imagem da fome



“O sentimento que ele desperta em mim é que muitas vezes a gente, a gente vê a mulher do sertão com esse estereótipo que eu intencionalmente agora quis repassar pra você. A mulher sofrida, a mulher que passa fome muitas vezes não é nê, muitas vezes quem não é desse meio é que sofre mais”.

INFORMANTE 14

Fonte: estudo empírico 02

CATEGORIA 04 – IDENTIDADES NARRATIVAS

A sensibilidade dos próximos informantes ilustra por si só toda a revisão teórica das nossas discussões acerca do feminino e da identidade narrativa. Os depoimentos falam através da contação de histórias definindo a representação metamorfose da mulher. Vejam:

Desenho 9 - Mulher consciente que quer futuro melhor para os filhos



“Uma mulher que cuida da casa, cuida dos filhos, que tenta dá uma educação que muitos não tem, não teve, tenda dar uma educação diferente pros filhos levar pra escola pra ter um futuro diferente do dela não que seja um problema ser mulher sertaneja, mas é isso que quis mostrar no desenho”.

INFORMANTE 10

Fonte: estudo empírico 02

Desenho 10 - Mulher nordestina com poucas esperanças de uma vida melhor



Fonte: estudo empírico 02

“O desenho representa pra mim o dia a dia da mulher nordestina como buscar água pra fazer os seus afazeres de casa, os filhos ajudando, ela sempre na luta do dia a dia”.

“A maior parte do desenho representa o sofrimento porem assim com poucas esperanças de que um dia aquilo possa mudar porque todo mundo v a mesma coisa eu acho todo mundo vê e tem essa mesma opinião”. INFORMANTE 23

Desenho 11 - Mulher brasileira que trabalha e gosta de viver



“O significado que o desenho tem para mim é como transpassar para o papel a forma que eu deveria ter e de pensar de como é a mulher sertaneja de como ela é trabalhadora do jeito como ela é vista pela sociedade, pelo mundo, que ela é feliz que trabalha que gosta de sair de se divertir de resolver os problemas que ela tem”

“O sentimento que desperta em mim é felicidade de poder fazer um desenho sobre a mulher sertaneja que é uma mulher sofredora batalhadora não pensando que é aquela mulher do sertão, mas sim que vive e convive no dia-a-dia que ver por ai nas cidades que é aquela mulher despojada que tenta ser arrojada que tenta ser o que ela mais quer ser uma mulher bonita mais um dia ela que ser mulher interessante que sai que resolve os problemas dela que tem atitude de ser o que não é”

INFORMANTE 29

Fonte: estudo empírico 02

Aqui gostaríamos de chamar atenção do leitor para a revisão sobre os feminismos no contexto da globalização e da pós-modernidade, citando os posicionamentos críticos de autoras vinculadas às epistemologias feministas que denunciam que mesmo as feministas demonstram “vitalidade e enorme força de propagação de ideias libertárias e igualitárias no momento em que o poder social das mulheres não tem resultado exclusivamente (...) nos estudos acadêmicos” (Costa, 2004).

Neste panorama, é criada uma falsa ideologia “patriota” que enaltece a mulher brasileira como detentora de características que são contrárias à miséria e à pobreza com que grande parcela da população vive atualmente. Um estudo como este não pode deixar de apontar tais fatores e os desenhos representam também o discurso mascarado assinalado no parágrafo anterior.

CATEGORIA 05 – REPRESENTAÇÕES MASCULINAS SOBRE AS IDENTIDADES NARRATIVAS

Outra categoria bem polêmica, mas muito versátil e que traz certa curiosidade pela sua apresentação é justamente esta sobre as representações masculinas, embora as mesmas tenham sido expressas por informantes tanto homens como mulheres.

Desenho 12 - Mulher apressada que tem muitas coisas para fazer



“Aqui a mulher do Sertão sempre tem muitas coisas pra fazer, tem que cuidar do filho, tem que cuidar da casa, tem que trabalhar, tem uma agenda preenchida, aí quando eu fui fazer o desenho tentei colocar um pouquinho disso”. “Desenhei uma casa que representa o lar que ela tem que cuidar, quer trabalhe fora, mas sempre tem que voltar pra casa porque é o lar dela, é onde mora o marido e os filhos, não aquela questão machista, mas é porque realmente tem a casa pra cuidar”.

INFORMANTE 03

Fonte: estudo empírico 02

Desenho 13 - Mulher independente que tem o seu próprio carro e dinheiro



Fonte: estudo empírico 02

“É o que eu vejo a mulher sertaneja por eu ser também uma mulher independente que hoje a mulher tem, a mulher tem seu próprio dinheiro, a mulher tem seu carro, a mulher tem sua roupa, a mulher sendo mais vaidosas também, mulheres sertanejas de hoje eu vejo que a mulher ela consegue fazer sempre fazer sempre duas coisas ela consegue se formar e consegue também trabalhar fazer as duas coisas e por isso desenhei também uma faculdade e o trabalho que ela consegue fazer duas coisas é isso que vejo na mulher sertaneja, é isso que eu me vejo porque eu sou uma mulher sertaneja”.
INFORMANTE 26

Desenho 14 - Mulher globalizada que busca mais informação



“Eu acho que a mulher sertaneja, a identidade dela tá voltada também pra um contexto maior de mundo, né, hoje as informações circulam mais. Então vejo que ela vem buscando autonomia”.

“Eu acho que o sentimento de coragem, de alegria porque se nós pegarmos a forma de pensar da minha avó, da minha mãe e a minha forma de pensar hoje, eu acho que passou por uma transformação grande, então é por isso que eu coloco a questão da identidade, ela muito contextualizada nas mudanças que o mundo vem passando, da independência, é um sentimento de mudança”.

INFORMANTE 07

Fonte: estudo empírico 02

Estes desenhos acima demonstram uma síntese da identidade da mulher através da resignificação da história de vida dos informantes que trazem ao sentido pessoal a unidade de contexto presente na narrativa familiar. É um parente próximo, um amigo, a vizinhança, enfim, são pessoas concretas que através do resultado das suas ações funcionam como uma síntese ontológica da gênese das representações sociais femininas.

Importante ressaltar que os trechos de cada discurso não refletem necessariamente toda a história narrada por cada informante, mas parte dela, com objetivo de subsidiar as reflexões dos leitores e propiciar articulações teóricas apontadas nos capítulos anteriores.

CATEGORIA 06 – COMPORTAMENTO ANTERIOR

A atual categoria traz um conjunto de desenhos que ilustram o modo de vida das mulheres no passado, sendo este tempo aquele da memória dos informantes, não tendo sido pré-estabelecido pelo nosso estudo. Vamos observar para depois tecer algumas reflexões, articulando o conhecimento do senso comum com o acadêmico.

Desenho 15 - Mulher sofredora que vive as carências do sertão



“De certa forma representa que a mulher sofre muito de certa forma ela é uma sofredora por ter tanto trabalho, as vezes ela é assim pela necessidade dela pela carência que o sertão impõe né não tem tantos recursos como em outros locais”.

INFORMANTE 24

Fonte: estudo empírico 02

Desenho 16 - Mulher cuidadora da família e da casa

“Bom, é porque eu fiz esse desenho retratando que a mulher sertaneja daqui do Quixadá ela não só tá voltada pra si mesma do jeito de cuidar de si própria, ela tá voltada a cuidar dos seus familiares, de tudo da casa, por isso que eu fiz esse desenho a mulher cuidando Lá da panela do fogão, tendo um bocado de menino pra cuidar, entendeu que a mulher do sertão central tem muita responsabilidade pra ela e as vezes ela é nova, não chegou nem a maioridade”.



INFORMANTE 18

Fonte: estudo empírico 02

Desenho 17 - Mulher sem direitos que não tem acesso aos estudos nem nada



Fonte: estudo empírico 02

“O desenho significa assim pra mim, porque na maioria das vezes o povo do Sertão não tem direito a estudo não tem direito a nada, é só o Sertão, é só trabalhar na enxada, naquilo que o Sertão representa. Mas o desenho significa pra mim a mulher sertaneja pode, deve não só a mulher, mas como o todo sertanejo tem direito a ter nível de curso superior para ser alguém na vida”. INFORMANTE 05

Chega a poético o modo como os informantes contribuem com a organização da categoria. Falamos de representações sociais da forma como as mulheres sertanejas faziam seus afazeres cotidianos. Percebiam que ao fazermos comparações entre os três desenhos o que encontramos contradições entre as ideias apresentadas. Os direitos que são negados, a mulher que é guerreira e que busca nível superior.

Lembramos a afirmação de Garaudy (1981), empreendendo uma análise crítica do movimento de mulheres do seu tempo, afirma que “a mutação fundamental do movimento feminino é a mudança nas relações sociais próximas a cada mulher” (pág.09). Isso implica que os informantes, como universitários, ainda mantém laços com o passado de valorar as mulheres com estereótipos que a mídia brasileira, quiçá internacional, as coloca. Havendo nesse mesmo público contradições que são chaves para a mudança social.

CATEGORIA 07 – COMPORTAMENTO ATUAL

O mesmo objetivo da categoria anterior, mas com voz no presente, na sociedade atual onde vivem os informantes. O primeiro demonstra o uso das tecnologias pela mulher que a habilita, digamos assim, ao mundo do trabalho.

Desenho 18 - Mulher tecnologia que está atuante no mercado profissional



“Pra mim o desenho significa que a mulher hoje sertaneja, ela está mais atuante no mercado de trabalho assim, mais em frente às tecnologias, assim ela atua mais no mercado de trabalho que antes aqui em Quixadá, era mais homem e tal, pra mim era mais homem que tralhava, mais hoje a mulher tá mais atuante frente às novas tecnologias”.

INFORMANTE 28

Fonte: estudo empírico 02

O segundo desenho atribui à universidade uma espécie de “tábua de salvação” ou “passaporte” para a libertação das mulheres, mascara, entretanto, a discriminação sofrida por elas no mundo do trabalho (salários mais baixos do que os homens, por exemplo). É preciso refletir se não estamos “mudando” somente o pretexto para a mulher libertar-se, é preciso mesmo um meio que torne legítima essa liberdade? Qual seria este?

Desenho 19 - Mulher universidade que traz liberdade, força e autonomia



“Bem, esse desenho pra mim significa liberdade, autonomia e força”.

INFORMANTE 13

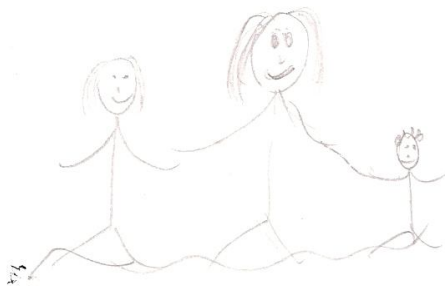
Fonte: estudo empírico 02

CATEGORIA 08 – EXPRESSÃO DA AFETIVIDADE FEMININA NA ESFERA PRIVADA

Como já foi sinalizado neste capítulo, utilizamos o máximo possível as palavras e expressões utilizadas pelos informantes para organizar os temas principais das categorias de análise, utilizando àqueles que mais aparecem (seja em quantidade de vezes citado ou na ênfase das opiniões) para nomear as mesmas. Assim, que não há pretensão de fazer uma

análise da afetividade enquanto categoria da psicologia social, mas compreender como as emoções afetivas estão sendo expressas na vida privada e pública das mulheres.

Desenho 20 - Mulher mãe de muitos filhos



“Eu vejo a mulher sertaneja com um monte de criança, então eu vejo ela assim, com um monte de crianças. É um sentimento de lembrança, assim de certa forma eu lembro a minha avó, sabe um sentimento assim, é eu comparo assim esse desenho com minha avó porque ela teve muitos filhos, eu me lembro dela”.

INFORMANTE 11

Fonte: estudo empírico 02

Desenho 21 - Mulher saudosista que revive aspetos da infância



Fonte: estudo empírico 02

“O desenho representa a visão que eu tenho da minha infância, da vida do campo, a casinha simples, né, de pau-a-pique, um lago, que eu representei com um lago mas é um açude, os peixes, e é como eu vejo a mulher sertaneja, eu estou inserida, estava inserida e ainda estou, estou nesse meio e a minha família também”.

“Então representa isso, o ambiente em que a gente vivia as plantas, a parte da agricultura que a gente, todo mundo que vive no Sertão tem né, tem que fazer plantio, todos os anos, então representa isso pra mim. É a nossa vivência mesmo, nosso dia-a-dia”.

INFORMANTE 12

O que fica claro como resultado das nossas leituras teóricas é o episódio de que buscamos encontrar pontos de convergência positiva no meio do sofrimento e das inúmeras discriminações sofridas pela mulher no dia-a-dia. Como se houve um retorno saudosista do tempo de sofrimento. Essa análise é bem real quando recordamos nossas reflexões sobre o os feminismos, mais especificamente Falcón (2001), Cruz (2001) e Varela (2008) no eixo das epistemologias feministas pós-modernas.

CATEGORIA 09 – EXPRESSÃO DA AFETIVIDADE FEMININA NA ESFERA PÚBLICA

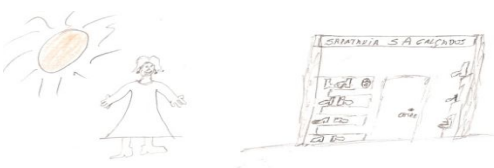
Seguimos na análise da expressão afetiva da mulher no cotidiano, mas desta vez na esfera pública. Perceba que o primeiro desenho retrata como a mulher “ganhou” direitos sociais com o passar do tempo e o segundo apresenta outra situação. Para refletir:

Desenho 22 - Mulher de direitos que produz e participa da vida em sociedade



Fonte: estudo empírico 02

“A mulher não é mais aquela mulher que fica só em casa cuidando dos filhos e do marido, ela também participa, produz na sociedade. A gente vê como a mulher conseguiu conquistar o espaço dela na sociedade, embora que tenha sido muito difícil, mas ela já conseguiu muito. Se você olhar assim antigamente como era a mulher, encarada a figura da mulher pra atual, acho que conseguiu muitos direitos”. INFORMANTE 16



Desenho 23 - Mulher solidão que se sente sozinha no trabalho



“O desenho retrata o que a mulher faz no interior do Sertão Central que é o contexto, quando pela manhã ela sai pra ir ao trabalho, e que muitas somente a noite é que retorna para sua casa, para o convívio familiar”

“Aliás, o desenho ele pode despertar tanto sentimento de solidão quando essa mulher sertaneja vai para o trabalho e lá (...) dependendo de onde elas estejam trabalhando ela pode ficar muito só, sem contato com outras pessoas pode também criar uma questão de afilto no trabalho e a afetividade ao retornar pra casa, pra segurança do lar”.

INFORMANTE 06

Fonte: estudo empírico 02

Este segundo desenho é bastante interessante porque mostra uma dicotomia muito clara entre o mundo do trabalho e o mundo doméstico; no primeiro a mulher vive situações que a tornam mais vulneráveis ao estresse e à solidão, no segundo, a possibilidade de ser autêntica, expressando suas emoções.

CATEGORIA 10 – SIMBOLISMO DO CORPO FEMININO

O simbolismo do corpo vai narrando as representações que possuímos diante do nosso poder identitário. É justamente a cena corporal que vai dando forma e exterioriza de forma holística as dimensões femininas ou masculinas que participam da formação do eu no sentido de um modo de ser enquanto vivente na tessitura biológica e humana. É como se fosse um contorno com cores próprias que as conhecemos até determinado limite, mas depois é o que deve ser potencialmente para atualizar o que somos em essência. Não se trata de um processo de rupturas, mas de continuidade metamorfose.

Para a organização desta categoria pensamos no pensamento de Donna Haraway (1999) sobre os limites ficcionais do corpo humano que ligam identidade narrativa ao discurso corporal numa apreensão do real que necessita ultrapassar o limite da linguagem e partir em busca do cenário metafórico para ter sentido diante das questões dos feminismos críticos. Não é tampouco uma lógica estática que apresenta desenhos também estáticos, já que podemos falar sobre o corpo sexuado sem estar desenhando materialmente alguma forma corporal. Como no desenho abaixo apresentado.

Desenho 24 - Mulher profissão que está progredindo no campo profissional



Fonte: estudo empírico 02

“Eu acho que as mulheres elas estão progredindo muito porque existem mulheres que sei lá, estou ingressado no trabalho, então eu fiz esse desenho demonstrando que a mulher ela também pode exercer uma boa profissão, se formar e exercer tanta importância no campo profissional como os homens por isso que eu fiz esse desenho da mulher com a beca e tudo”. INFORMANTE 25

É também uma forma de ultrapassar barreiras conceituais e compreender que o constructo “corpo” não é somente biologia, mas principalmente metáfora. Pensamento real dessa assertiva encontrou no pensamento de Judith Butler ressonância direta e nos ajuda a relacionar os próximos desenhos com o discurso dos informantes.

Desenho 25 - Uma nova mulher que vive na cidade e tem direitos sociais



“O que eu desenhei, a mulher sertaneja bem diferente das que a gente é acostumado pensar, das que a gente é acostumado a pensar da mesma forma que você falou a mulher sertaneja todo mundo já pensa logo, bota a cabeça no sertão, é só da zona rural, mas não é isso. Nós, eu também sou mulher sertaneja apesar né. de morar aqui na cidade, mas o que, aqui é o sertão central, então pra mim ele significa, me desperta uma ansiedade dessa nova mulher”. INFORMANTE 27

Fonte: estudo empírico 02

Desenho 26 - Mulher metamorfose que sofre violência física e sexual



Fonte: estudo empírico 02

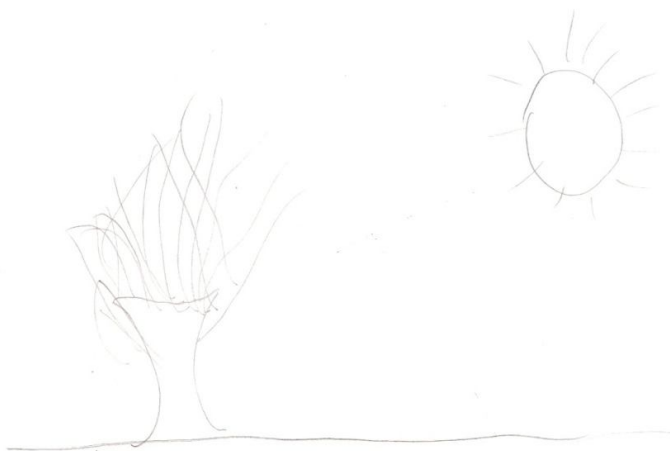
“A construção do desenho foram várias mulheres, várias formas como eu consigo perceber a realidade feminina do Sertão Central que são mulheres preocupadas com estudo, isso se deve a grande quantidade feminina nas universidades, seja nas particulares ou públicas, aí sempre se vê mulheres estudando (...)”. Essa questão do afeto também foi contemplada e também a questão da violência, muitas vezes a mulher, ela é marginalizada, né, porque, se ela se erotiza demais, ela acaba sendo vista, encarada como um pedaço de carne, algo para diversão.

INFORMANTE 08

CATEGORIA 11 – COMPARAÇÃO

Esta última categoria encerra a apresentação do nosso estudo empírico 02 e nos dá uma dimensão importante do que acrescentou as reflexões feministas. Olhem a riqueza dos desenhos agrupados:

Desenho 27 - Mulher fortaleza que vence o ambiente da seca



Fonte: estudo empírico 02

“O que eu tentei desenhar não foi esse contexto do mundo todo; foi um contexto de seca, que é até essa (...) idéia de Graciliano Ramos de que o sertanejo antes de tudo é um forte, então a mulher sertaneja se enquadra num lugar, num ambiente que não é nem um pouco auspicioso, nem um ambiente maravilhoso, ambiente realmente seco que é preciso luta pra você sobreviver, e esse é a sertaneja e na minha opinião, uma pessoa assim de fortaleza”. INFORMANTE 15

Desenho 28 - Mulher batalhadora que vê a mudança do mundo doméstico ao trabalho



Fonte: estudo empírico 02

“Eu sinto muito orgulho assim desse desenho ser tratado assim como uma forma de guerreira, de batalhadora, e mais orgulho ainda de notar que esse retrato está se modificando ao longo tempo ele está mudando, não é só mais esse retrato agora a gente vê toda uma mudança de uma vida doméstica pra uma vida com trabalho, é, estudo, filhos, poder levar uma vida paralela, mais sem perder jamais o seu espírito guerreiro”. INFORMANTE 21

Desenho 29 - Mulher do interior versus mulher da cidade

Fonte: estudo empírico 02

“Então, eu fiz dois desenhos representando a mulher sertaneja tanto da cidade, como do interior, que a mulher sertaneja do interior é quase, 70%, dela, a vida dela é cuidar da família e da casa enquanto que os homens é que trabalham e não é trabalho fora, é na agricultura, nesse tipo de coisa. Eu também fiz a mulher que mora na cidade que além dela cuidar da casa dela também trabalha fora, em comércio,

restaurante, na rua, na cidade, e também vivem para a escola, a faculdade, algumas estudam ainda”.

INFORMANTE 05

Concluimos afirmando que o objetivo inicial do estudo foi concluído na medida em que trouxe, através dos mapas representacionais e da análise dos desenhos, a percepção da realidade sertaneja a partir do simbolismo do corpo ancorado no cenário da identidade narrativa das mulheres. Ilustramos o final com uma frase reflexiva que a primeira pessoa que foi entrevistada, ainda na fase do pré-teste, expressou verbalmente após a conclusão da entrevista para coleta de dados:

“Minha família é criada assim, minha mãe é assim, ela é do sítio, mas ela sempre trabalhou meus pais sempre trabalharam. Eu descrevi praticamente a minha vida toda, eu quis descrever, eu quis descrever o que a minha vida ainda vai representar porque hoje eu estou na faculdade mais eu sei que futuramente vai ser assim, eu estudando e trabalhando de acordo com o desenho que eu fiz. Como é importante esse estudo”. INFORMANTE 01

CAPÍTULO 7

ESPAÇOS DE REPRESENTAÇÃO DAS MULHERES E METÁFORAS CORPORAIS:
CONHECENDO A VISÃO FEMINISTA DOS PSICÓLOGOS NO SERTÃO.

7.1. Delimitação do tema

Chegamos até aqui observando que o interesse central desse trabalho acadêmico foi compreender de maneira aprofundada as questões voltadas ao simbolismo do corpo e as identidades narrativas das mulheres, com vistas ao estabelecimento de contribuições para a intervenção psicossocial nas comunidades latino-americanas, tendo como ponto de partida as experiências no nordeste do Brasil.

Na medida em que a revisão teórica foi sendo elaborada, alguns questionamentos foram surgindo e o registro com posterior análise dos seus conteúdos foi tornando concreto o interesse pelas pesquisas em campo. Assim, nosso primeiro estudo objetivou mapear as narrativas femininas, tendo como facilitador a produção dos cordéis como locus discursivo e difusor do simbolismo do corpo da mulher sertaneja. O alvo da análise foi o contato com as feiras populares e a compreensão da vida cotidiana na esfera do senso comum.

Faltava a outra parte, ou seja, como entrelaçar esse conhecimento com o cenário acadêmico-científico que legitima (ou não) tais representações sociais. Com isto, nasceram os elementos práticos que compuseram o desenho metodológico do nosso estudo empírico 02, cuja percepção da realidade nordestina foi estruturada sob a ótica dos informantes que são estudantes universitários.

Para um trabalho acadêmico consistente e sério, restava-nos somente compreender como a própria ciência psicológica posiciona-se a partir da interação entre os nossos temas principais. Tarefa aparentemente fácil do ponto de vista teórico, mas difícilimo em termos práticos, haja vista o exercício profissional do psicólogo no sertão do Ceará somente estar se desenvolvendo há bem pouco tempo, com o início da graduação descentralizada do eixo da capital. Outra característica é a grande rotatividade de profissionais nos municípios do sertão devido ter como meta a atuação em clínicas nos grandes centros urbanos.

Ademais, não há uma tradição da população em saber a importância do psicólogo no sertão, haja vista ser considerada uma profissão das elites socioeconômicas. Após esta breve contextualização, apresentamos o tema: ***“espaços de representação das mulheres e metáforas corporais: conhecendo a visão feminista dos psicólogos no sertão”***.

7.2. Objetivos

- Conhecer as representações que os psicólogos com atuação no sertão central possuem sobre os femininos e a psicologia feminista crítica;
- Mapear as metáforas corporais femininas que a psicologia utiliza para compreender as representações identitárias da mulher sertaneja do ponto de vista narrativo e reflexivo.

7.3. Justificativa

A realização desse estudo justifica-se pela necessidade do trabalho com mulheres sertanejas a partir da simbologia corporal e das identidades narrativas como proposta nova de atuação da psicologia comunitária latino-americana. Para efeito, existe a necessidade de reflexão acerca da forma como os psicólogos que atuam com este público-alvo entendem os feminismos. É possível a construção de uma psicologia feminista crítica no nordeste do Brasil? Essa é a pergunta que o estudo objetiva responder e o faz através da narrativa dos profissionais que estão atuando no dia-a-dia sertanejo.

Desde a afirmação de que os feminismos são conhecimentos situados localmente, é de suma importância a realização de estudos que tornem claras as especificidades de cada forma de opressão contra as mulheres. Será que a própria ciência encontra-se no momento de possibilitar a atuação feminista em um cenário de muito machismo e políticas sexistas? Ou, existem possibilidades de atuação na contradição? Tudo isso justifica a importância do estudo que trará importantes contribuições não só para os profissionais que atuam com as mulheres, mas indiretamente para as populações locais que são assistidas pelos mesmos.

7.4. Metodologia para organização e análise dos dados

E agora, para onde vamos? Essa foi a pergunta que esteve presente nos primeiros meses do ano 2010. A resposta veio quando os estudantes, bolsistas de pesquisa, vinculados ao Núcleo de Extensão e Pesquisa em Psicologia Comunitária (NEPUC) de uma faculdade no interior do Ceará, propuseram um estudo em campo para compreender qual a ideia que os psicólogos têm da psicologia comunitária. Ao coordenar esse estudo como profissional veio à

perspetiva de adaptar o instrumento do estudo empírico 02 e convertê-lo em outro estudo, nesse caso o terceiro, objetivando realizar um pré-teste e verificar a viabilidade do mesmo em campo.

Foram necessários quatro importantes ajustes no instrumento para coleta de dados de forma que todos os entrevistados compreendessem a abordagem ao tema que estávamos requisitando. Nisso as primeiras entrevistas foram invalidadas. Surge outra preocupação, o acesso aos psicólogos nos muitos municípios do sertão. Quanto a isto, a principal estratégia utilizada foi o contato com os ex-alunos dessa instituição de nível superior, única na região central que oferece a graduação em psicologia.

Para nosso espanto, muitos se mostravam abertos para colaborar com a pesquisa doutoral, mas ao saberem do tema feminista recusaram-se a fazer parte da **amostra que teve como critérios**: ter a graduação em psicologia e atuação profissional em municípios do sertão, não importando o tempo de graduação ou a área de atuação. Uma das nossas informantes participou das entrevistas e dias depois entrou em contato com nossa equipe de pesquisa para solicitar que sua entrevista não entrasse no estudo – o que atendemos dentro dos preceitos éticos do termo de consentimento assinado anteriormente.

7.4.1. Caracterização da amostra

A abordagem aos informantes aconteceu nos meses de Junho e Julho de 2010 com a colaboração de uma estagiária bolsista de pesquisa, vinculada ao NEPUC-FCRS, além da nossa participação e supervisão. Ao contato telefônico inicial em que eram apresentados os objetivos do estudo e as condições de participação no mesmo, sendo o contato eletrônico (emails) usado para acordar com o profissional o dia e o horário para realizar as entrevistas nas dependências de uma instituição privada situada em Quixadá.

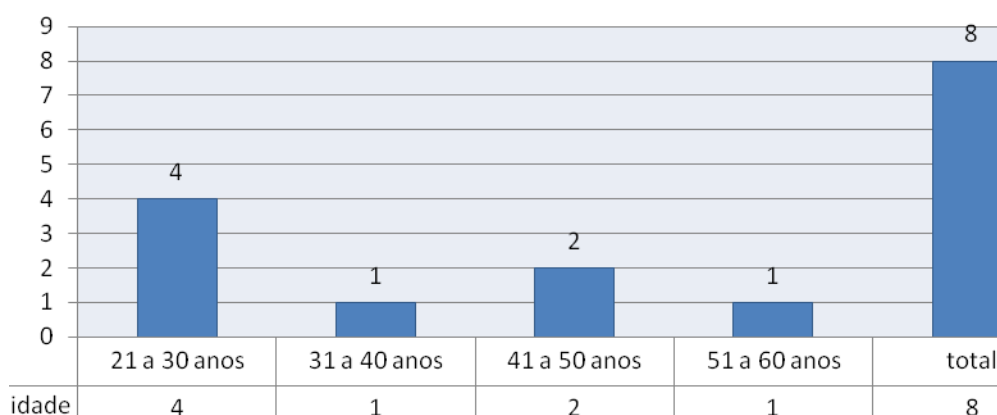
As entrevistas duraram cerca de 40 minutos contando com a assinatura do TCLE e agradecimentos. Todos os entrevistados autorizaram a gravação das falas (no formato. ave) que foram transcritas (no formato.doc) e após um mês de realização das mesmas, tiveram seus conteúdos apagados para garantir sigilo e ética na apuração dos dados. Cada uma foi numerada de acordo com a ordem de realização, estando reservada a numeração daquelas que posteriormente foram inutilizadas.

Na medida em que as entrevistas foram sendo transcritas o processo de análise foi também iniciando para que pudessemos atuar com o critério de **saturação teórica**, salvo as

limitações apresentadas nos itens anteriores deste capítulo. Ao final, foram realizadas 09 entrevistas em campo, porém somente 08 entrevistas foram utilizadas.

A partir de agora descrevemos as principais características da amostra que no item idade apresentou 50% de informantes entre 21 e 30 anos, sendo 25% na faixa etária de 41 a 50 anos, 12,5% entre 31 e 40 anos e outro 12,5% na faixa de 51 a 60 anos ¹⁰⁰. O sexo dos informantes possui maioria feminina (com 75%) e depois masculina (com 25%) do total – conforme demonstram os gráficos 09 e 10 abaixo apresentados:

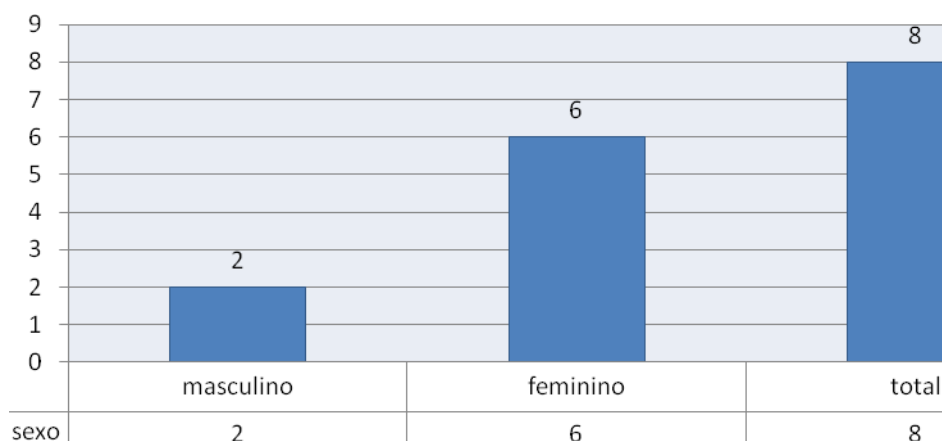
Gráfico 9 - Idade dos informantes do estudo empírico 03



Fonte: coleta direta dos dados.

Gráfico 10 - Sexo dos informantes do estudo empírico 03

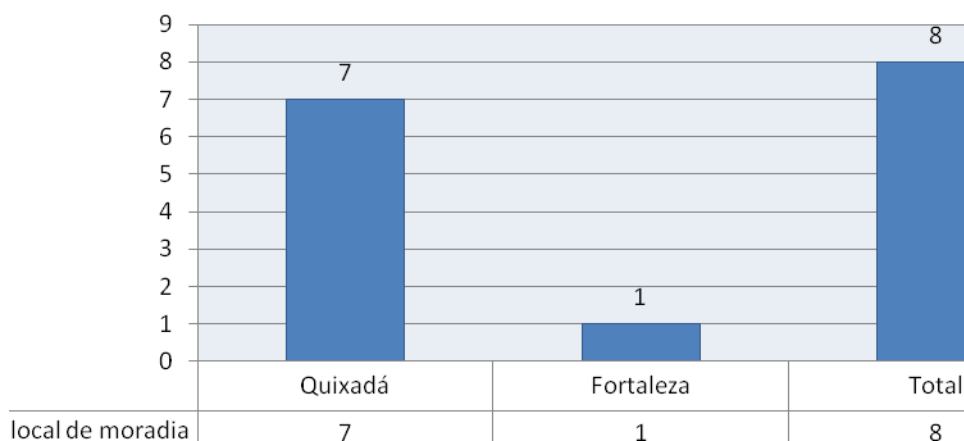
¹⁰⁰ É interessante observar o que já comentamos nos parágrafos anteriores, a formação em psicologia é bem recente na região, então, os psicólogos que atuam geralmente vêm de outras cidades ou estados do país. As duas primeiras turmas de formandos tiveram cerca de 70 % dos alunos pessoas que já possuíam outras graduações e que somente agora tiveram oportunidade de seguir a carreira de psicólogo, pois a mesma implicava deslocamento à capital.



Fonte: coleta direta dos dados.

O local de moradia preponderante foi Quixadá (com 87,5%) das respostas contra 12,5% indicações para moradia em Fortaleza, entretanto, aqui temos uma especificidade, esse município Quixadá é o centro comercial e administrativo, digamos assim, do sertão e que oferece melhores condições de vida, alimentação, lazer, educação. Daí que é comum os profissionais morarem neste sítio geográfico e se deslocarem aos outros municípios para trabalharem. Veja gráfico número 11 abaixo:

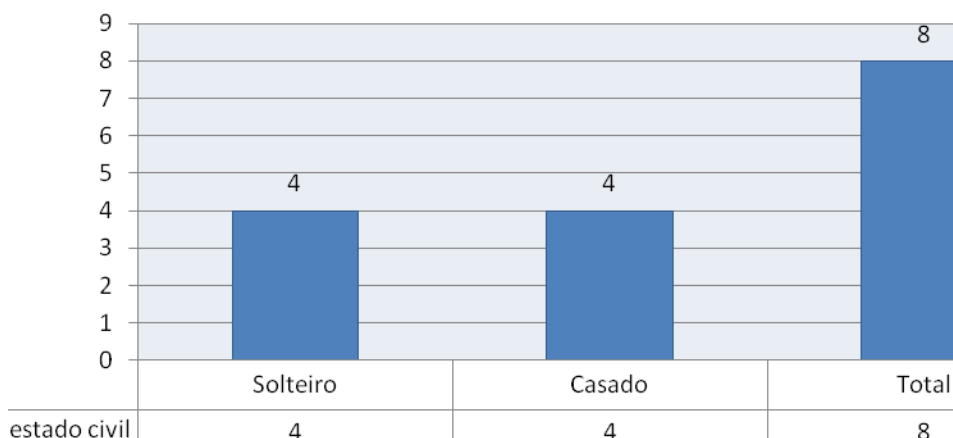
Gráfico 11 - Local de moradia dos informantes do estudo empírico 03



Fonte: coleta direta dos dados.

Obre o estado civil tivemos 50% de citações para “casado” e a mesma quantidade percentil para “solteiro”, demonstrando certo equilíbrio e estabilidade entre as experiências maritais dos informantes. De certo modo, atribuímos este panorama ao cenário da idade já que os formandos em psicologia têm perfil mais maduro. Veja no gráfico abaixo:

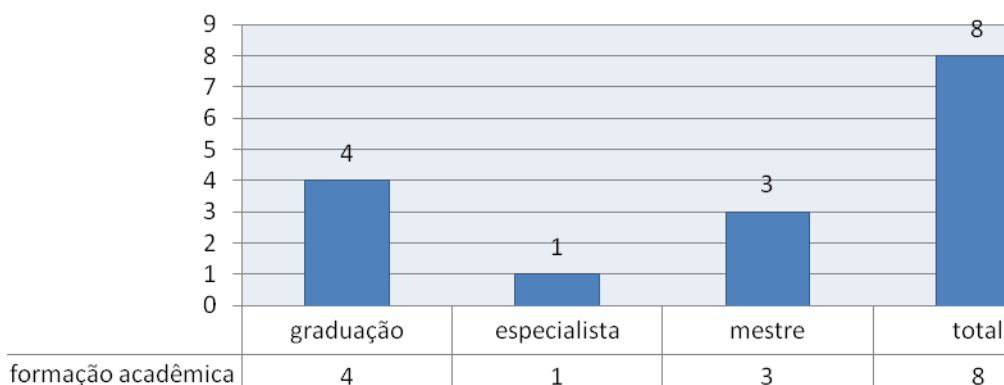
Gráfico 12 - Estado civil dos informantes do estudo empírico 03



Fonte: coleta direta dos dados.

Perguntamos aos informantes, além da formação graduada, que outra formação acadêmica havia concluído no momento de realização das entrevistas: 12,5% responderam que são especialistas, enquanto 25% afirmaram ter titulação de mestre e os demais somente à graduação em psicologia, embora tenham citado que estão cursando formações na área que iniciaram nos dois últimos semestres da graduação. O gráfico número 13 demonstra:

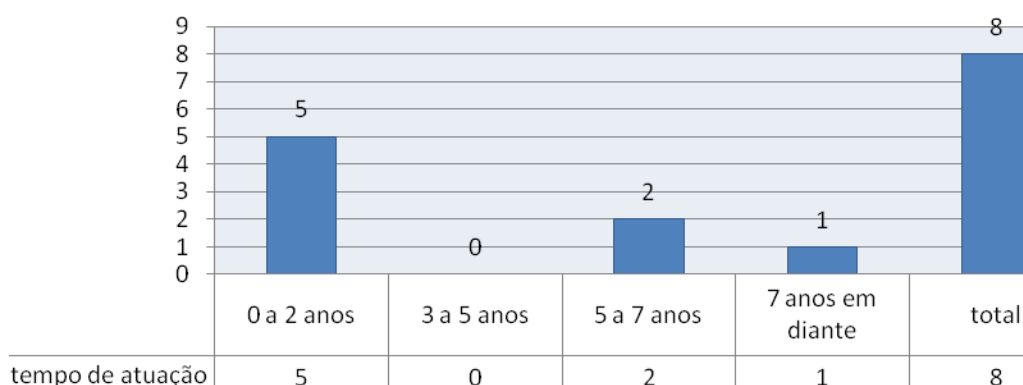
Gráfico 13 - Formação acadêmica dos informantes do estudo empírico 03



Fonte: coleta direta dos dados.

O tempo de atuação como psicólogo em algum município da região, quer seja em instituições públicas ou privadas, teve como resposta: 62,5% com média de zero a 02 anos, enquanto 25% atuam entre 05 e 07 anos e somente 12,5% mais de 07 anos.

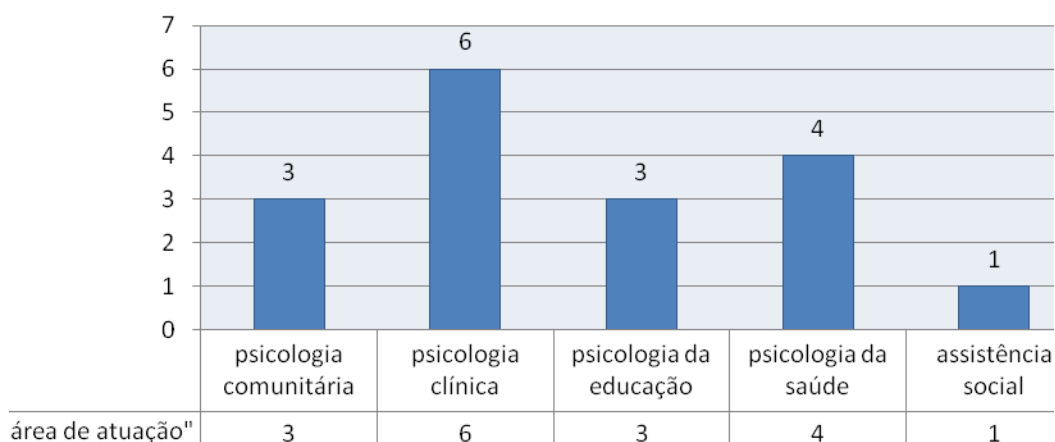
Gráfico 14 - Tempo de atuação como psicólogo dos informantes do estudo empírico 03



Fonte: coleta direta dos dados.

Ao perguntarmos aos informantes sobre a área de atuação como psicólogos, tendo sido esta uma pergunta aberta, os mesmos informaram espontaneamente mais de uma. Por isso o próximo gráfico será apresentado somente como caracterização da amostra, sem os percentis correspondentes.

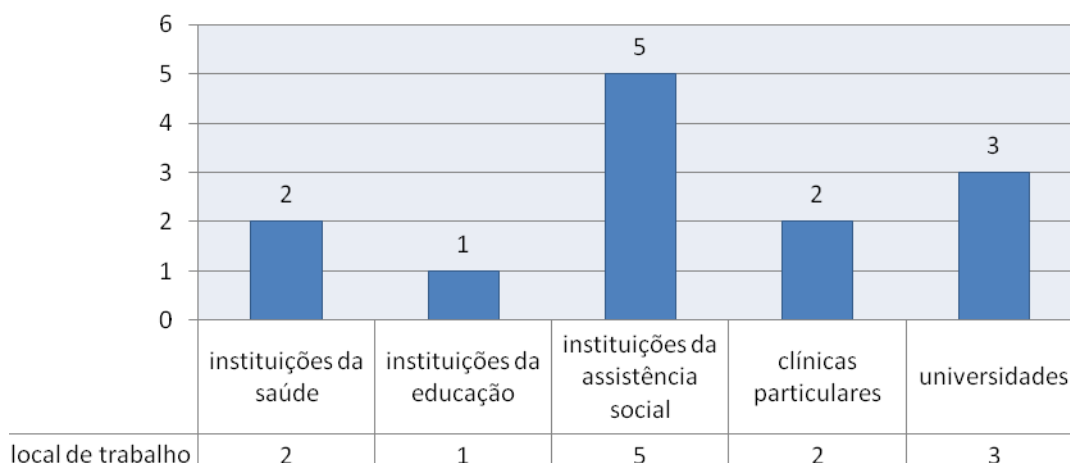
Gráfico 15 - Área de atuação em psicologia dos informantes do estudo empírico 03



Fonte: coleta direta dos dados.

Por último, perguntamos sobre o local de trabalho de cada informante. Alguns indicaram mais de um local, por isso também temos este gráfico 16 só como caracterização da amostra.

Gráfico 16 - Locais de trabalho dos informantes do estudo empírico 03



Fonte: coleta direta dos dados.

7.5. Apresentação dos resultados

Após esta caracterização da amostra, que foi resultado da apuração dos dados da parte III do instrumento de coleta de dados (VER ANEXO 03), separamos a parte II do mesmo instrumento, que corresponde ao discurso dos informantes, da parte I que é relativa aos desenhos. Apesar de saber que nos estudos qualitativos o tamanho da amostra não é o mais importante, consideramos que os elementos gráficos serviram para sensibilizar os informantes sobre o tema, bem como estabelecer um vínculo necessário entre estes e a equipe de pesquisadores para o desenvolvimento das demais perguntas do roteiro.

Assim, diferente do estudo empírico 02 apresentado no capítulo 06, optamos por iniciar a apresentação dos resultados fazendo comentário sobre os DESENHOS de modo a preparar os leitores para as discussões posteriores e valorizar o sentido metafórico tão bem usado pelos informantes. Aqui o que está importando, no momento, são as representações sociais sobre o tema das metáforas corporais femininas, por isso não os correlacionamos com as categorias de análise que ainda serão apresentadas como resultado do estudo 03.

7.5.1. Desenhos interpretativos

O primeiro desenho que ilustra nossos resultados do estudo atual traz a imagem da mulher guerreira, já representada no estudo anterior, mas desta vez com especificidades, pois é guerreira não porque está consciente não das formas de opressão a que é submetida, mas porque se conforma com as situações de vida e desdobra-se para dar conta de todas as tarefas

que está responsável, tanto na vida privada como na pública. É um posicionamento a nosso ver irreal porque mascara novamente a necessidade das lutas feministas.

Desenho 30 - Mulher guerreira



Fonte: estudo empírico 03

Bem, o significado que o desenho tem para mim é de uma mulher sertaneja moderna, colorida, divertida, é uma mulher guerreira né, batalhadora mais que ao mesmo tempo ela não tira, não deturpa, não tira aquela imagem de mulher dona de casa como nos outros estados, às vezes em São Paulo, Rio de Janeiro, a mulher vive só para o trabalho, esquece um pouco da casa, dos filhos, e eu vejo a mulher sertaneja como um todo, apesar dela ter os compromissos, seu lado profissional, ela não deixa de ser mãe, de ser dona de casa, de olhar, de ter essa outra visão. INFORMANTE 01

Neste desenho, com numeração 30, chama atenção a semelhança do que acontece com as discussões sobre a necessidade dos feminismos na era pós-moderna – que foram apresentadas em capítulo específico. A mesma idéia é compartilhada no desenho seguinte que apesar do teor saudosista imparte a visão contrária, ou seja, a mulher não é mais o “super herói” retratada no primeiro desenho, não enfrenta as adversidades com a força que era peculiar, por isso necessita repensar sua condição de mulher na sociedade.

Desenho 31 - Objeto forte que foi quebrado



Fonte: estudo empírico 03

Ai foi o desenho de um objeto forte que se quebrou. É como eu tenho visto no longo desses 15 anos, que é essa mulher sertaneja, era a mulher muito forte e que hoje não está superando as dificuldades do jeito que superava antigamente. Na verdade não é só a mulher, seria a população de forma geral, mais especificamente a mulher que é essa sertaneja que era muito forte, enfrentava seca, muita chuva, aqui agora tá fraquejando. INFORMANTE 02

Igualmente forte é a condição de submissão da mulher que é retratada com riqueza de detalhes pelo desenho a seguir que traz ao mesmo tempo uma contradição fundamental entre homens e mulheres, o sol que ilumina o primeiro, aprisiona o segundo. A imagem é de uma mortalha que cala a voz das mulheres e supõe resignada, sofredora. Imaginar como esse profissional psicólogo trabalha com as mulheres sertanejas é algo complexo e difícil. Mas, percebiam melhor o desenho correspondente:

Desenho 32 - Olhar da sociedade sobre a mulher



Fonte: estudo empírico 03

O desenho representa (...) essa pressão muito forte desse olhar da sociedade por ser uma cidade pequena. (...) a mulher fica meio obscurecida pela imagem do homem, o sol ele lança luz sobre o homem numa cultura machista própria do interior do Ceará, uma cultura nordestina onde a figura do homem é central a ponto de obscurecer a imagem dessa mulher, essa mulher não tem voz ela fica calada a imagem dela é com as mãos na boca sem poder se expressar, sem mostrar seus desejos, suas vontades.

"Elas são mulheres que estão amordaçadas, a imagem da mulher que tampa a boca porque não há espaço para expressar o seu desejo, sua vontade, sua independência, tem sempre uma compreensão ainda muito em submissão ao marido ao que os outros vão falar, uma figura muito reprimida"

INFORMANTE03.

O desenho 33 representa dimensão que já foi demonstrada no estudo anterior e que reforça a multiplicidade do papel da mulher que busca conciliar vida privada com o trabalho e os papéis que a sociedade espera que ela desenvolva com máxima habilidade. A explicação do informante diz:

Bem eu tentei mostrar, no desenho, de como eu vejo a mulher no meu território, né, por exemplo, eu vejo a mulher como uma mulher dinâmica, que ela se subdivide nas funções, né ao mesmo tempo em que ela procura estar em casa, estar na escola com os filhos, estar resolvendo as atividades domésticas, ela também procura uma atividade econômica no caso do trabalho, né, então o desenho pra mim tem todo sentido de luta e de enfrentar atividades e funções e diversas funções na verdade. INFORMANTE 04

Desenho 33 - Mulher dinâmica



Fonte: estudo empírico 03

O próximo desenho 34 mostra a mulher em fase de transição entre a submissão e a libertação com conquista efetiva de direitos sociais. Vejamos as explicações do informante.

Desenho 34 - Mulher sertaneja em processo de transição



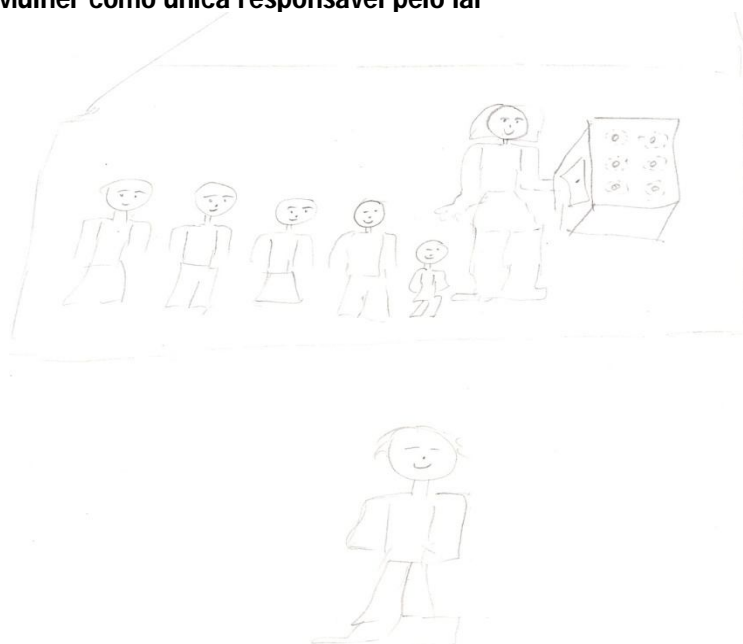
Eu vejo a mulher sertaneja ainda num processo de transição, é tanto que eu desenhei a mulher e o campo, lá em baixo eu desenhei o que pra mim fosse a mulher sertaneja e a cidade, indústria, carro, movimento e elas inseridas nesse ser sertanejo de hoje, eu não vejo mais ela dona de casa, mãe de família que trabalha no lar, acho que hoje mudou, acho que ela é da rua mesmo, ela é da indústria, nessa transição.

Eu acho essa mulher de hoje mais segura, ela é dependente, não, eu acho que ela hoje é independente, ela tem mais vontade, ela tem mais liberdade, a de antes eu achava mais submissa. Eu vejo a mulher sertaneja dessa outra forma. INFORMANTE 05

Fonte: estudo empírico 03

Abaixo temos a representação social que mais teve destaque no estudo anterior e que também para o psicólogo encontra-se internalizada: a da mulher sertaneja como única provedora do lar, responsável pela unidade da família, pelos “bons” costumes e moral.

Desenho 35 - Mulher como única responsável pelo lar



Fonte: estudo empírico 03

Como eu trabalho com mulheres, assim a percepção que eu vejo é que nosso sertão a mulher nordestina é a mulher dona de casa, é de cuidadora do lar é de mãe, muitas vezes é de empregada doméstica, tem que tá de prontidão pra quando o marido chega do trabalho cansado, ela é responsável pela criação dos filhos, quando a educação dos filhos desanda ela é a culpada de tudo, então assim é como se ela fosse a única responsável pelo lar. O marido é responsável provador e a mulher responsável pela educação pela, pelo equilíbrio de cozinhar, de cuidar, de responsabilizar o outro pela educação. INFORMANTE 06

No desenho 35 também observamos que o informante menciona o processo de culpabilização diante do que não dá certo no dia-a-dia familiar, essa força subseciva é apontada Giddens (1993) e por Gebara (2000) como elementos utilizados principalmente pelos governos e pela igreja ortodoxa como um meio ideológico de pressionar a mulher, colocando-a culpa diante do que muitas vezes é produzido coletivamente. Exime de forma descarada toda e qualquer responsabilidade masculina, por exemplo, na manutenção e educação dos filhos. O sentimento de liberdade, por sua vez, está direcionado ao mundo exterior ao lar como se houvesse um “preço a pagar” pela opção dessa liberdade. É o que a primeira vista nos parece o desenho a seguir:

Desenho 36 - Mulher com sentimento de liberdade



Fonte: estudo empírico 03

Quis representar, despertar mais esse sentimento de liberdade, de conquista, desenhei a mulher saindo de casa pra procurar outros caminhos outros rumos isso que é visão mesmo não só de psicólogos, mas enquanto mulher também é isso que eu imagino pra mim de ter família e tudo mas muitas vezes de crescer na vida estou falando aqui como mulher e também como profissional. INFORMANTE 07

Com estas percepções, passamos a trabalhar com os discursos, propriamente ditos, dos informantes. Fazemos isto com a mesma técnica de análise de conteúdo apresentada no item 5.4.1 do estudo empírico 01, capítulo 05; e com a base teórica das representações sociais que se acha no item 6.4.1 do estudo empírico 02, capítulo 06; além de utilizarmos o mesmo recurso computacional descrito no item 5.5.1 deste trabalho acadêmico.

Neste sentido, não julgamos necessário a repetição destas técnicas que os leitores podem consultar - caso necessitem. Passaremos para a apresentação das networks e depois fechamos o capítulo com o item que versa de maneira resumida sobre a interpretação e a comprovação (ou não) das hipóteses iniciais inerentes ao estudo 03.

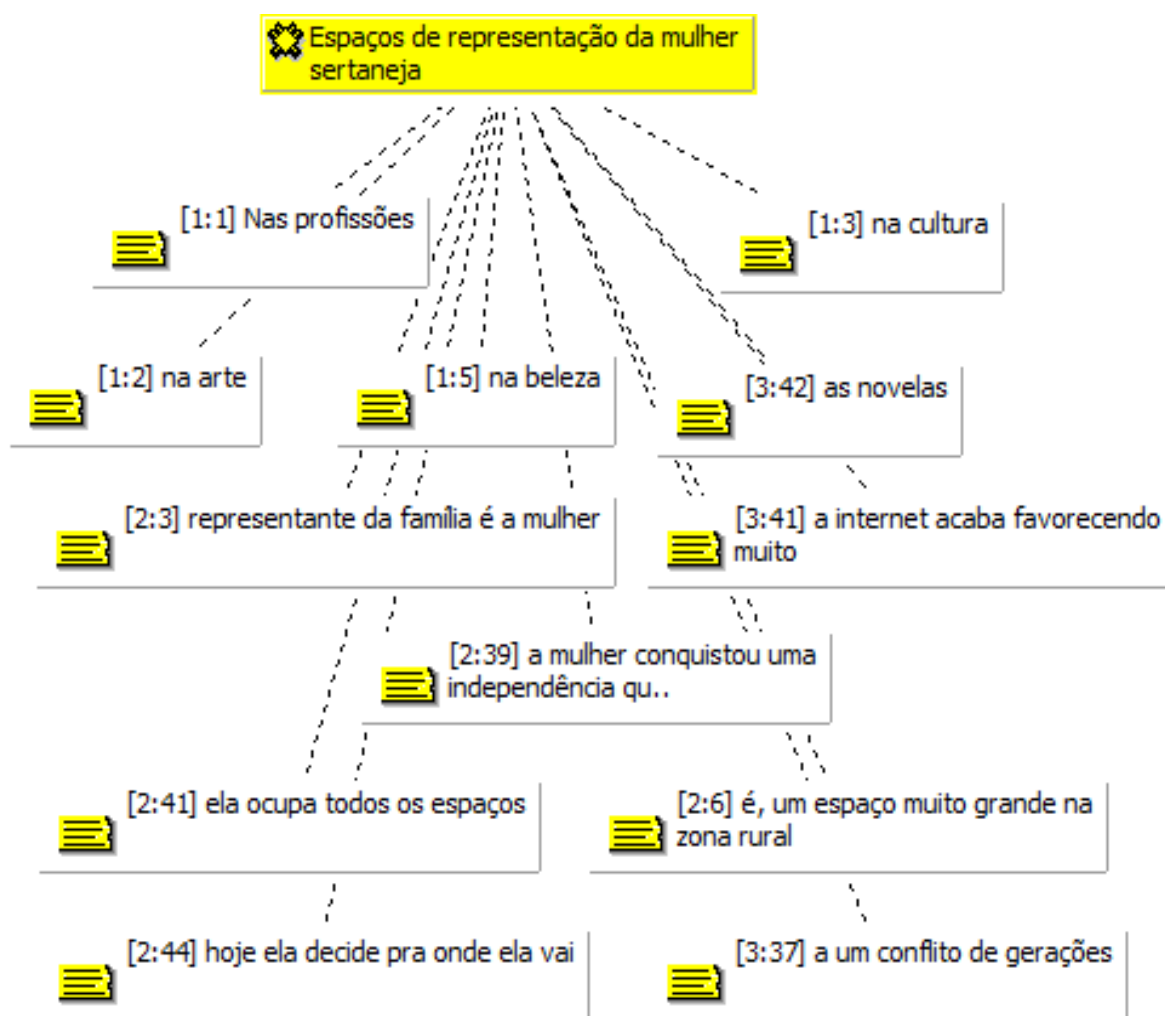
7.5.2. Networks

A partir desse item apresentamos o que o programa ATLAS. TI chama “network” que representa uma rede de informações que vão sendo agrupadas a partir de um conjunto de

representações que vão sendo transformadas em categorias de análise para atender as hipóteses do estudo total ou parcialmente.

A primeira network apresenta os espaços de representação das mulheres para os profissionais informantes, estes consideram que a força da mulher está nas artes, na cultura nas profissões, na beleza feminina que é influenciada pelas novelas e a internet, valorizam a conquista dos espaços femininos, inclusive na zona rural e os legitimam.

Network 7 - Espaços de representação da mulher sertaneja

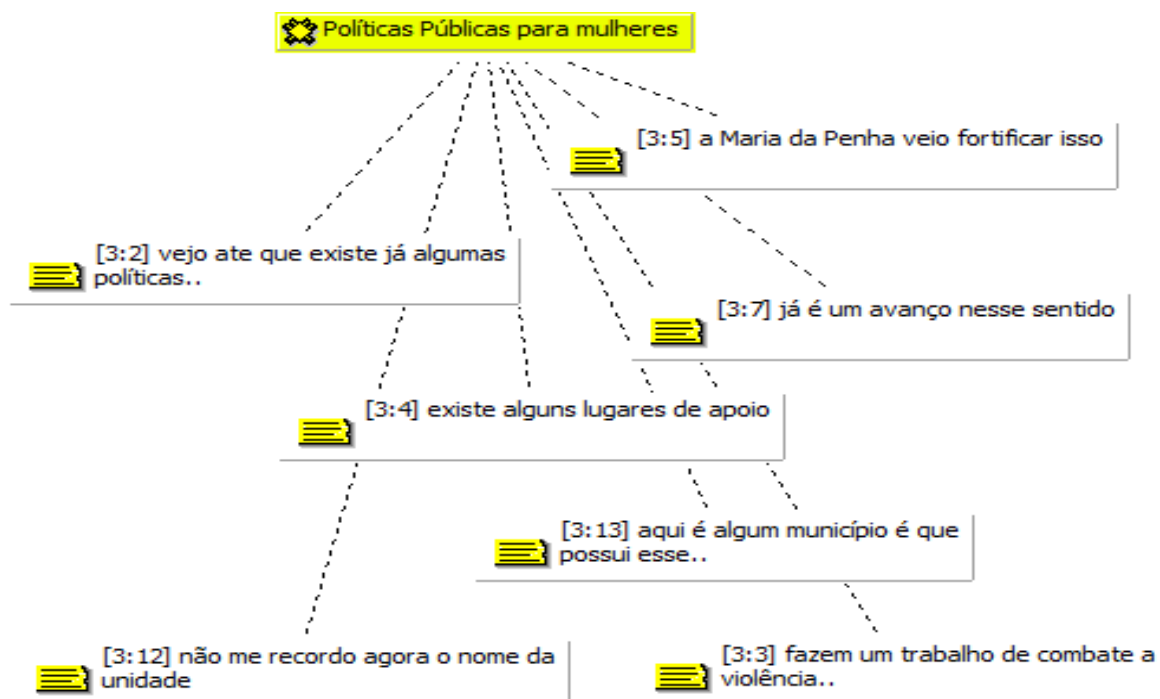


Fonte: Estudo empírico 03

Ao mesmo tempo em que os informantes dão depoimentos que atestam inúmeros avanços na aquisição dos direitos da mulher, vão vinculando essa conquista a criação das políticas públicas em defesa das mulheres. Afirmam a importância da lei Maria da Penha,

apontam a existência dos postos de atendimento, porém admitem que não sabem como sobre o funcionamento dos mesmos.

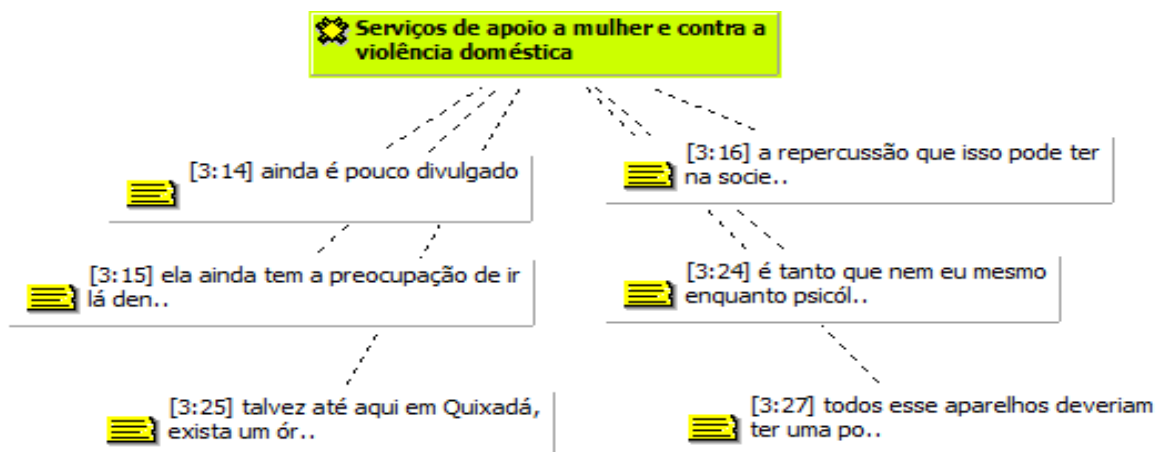
Network 8 - Existência de políticas públicas para as mulheres sertanejas



Fonte: Estudo empírico 03

Mesmo admitindo não conhecer os serviços especializados, fazem críticas severas as atividades que são ofertadas pelos postos de atendimento. Veja a seguir:

Network 9 - Serviços de apoio à mulher e contra a violência doméstica

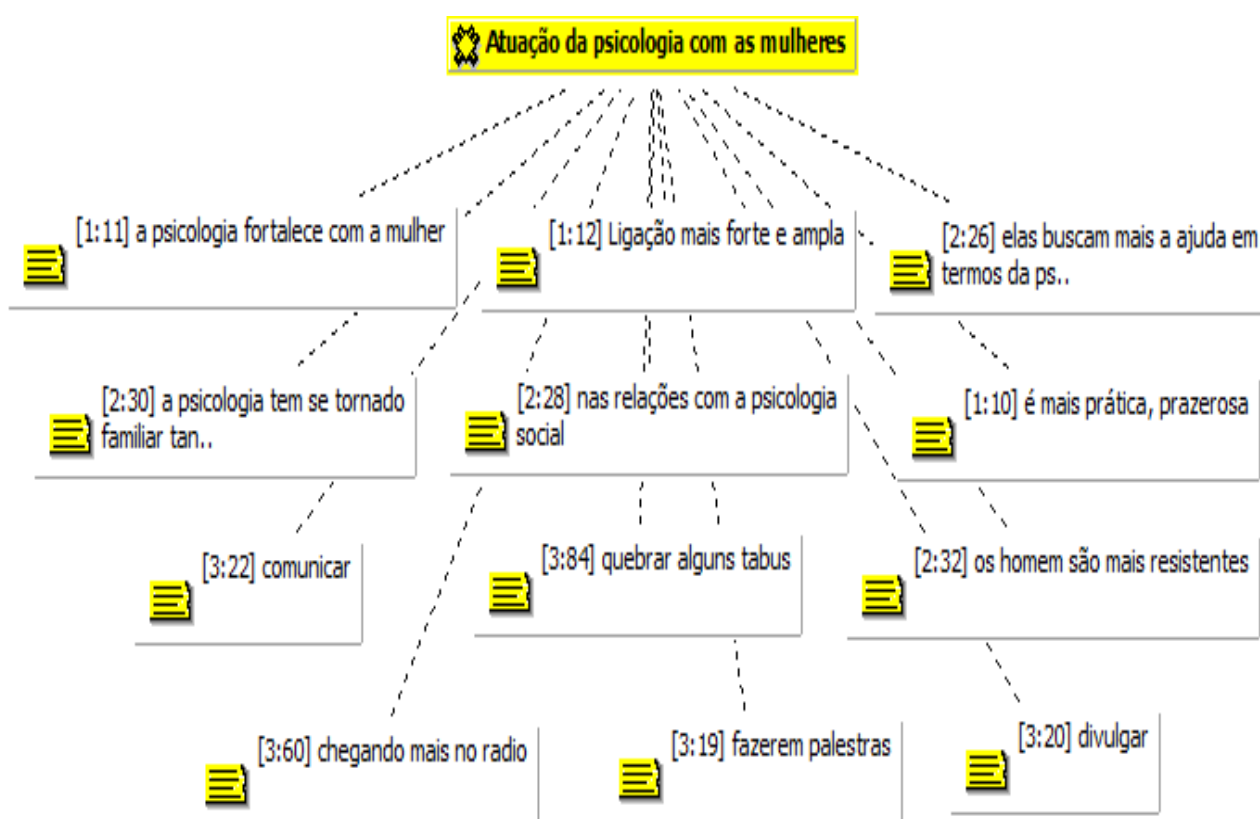


Fonte: Estudo empírico 03

Essa network apresenta uma visão bastante definida da forma como a psicologia deve atuar com a população feminina. Primeiro os depoimentos referem os serviços a meta de

atender “as pessoas carentes da sociedade” (sic), além dos grupos que são definidos como “minorias que precisam dos cuidados do governo e da sociedade” (sic), entre eles, as mulheres. Segundo, situam a psicologia feminista no rol das estratégias que contribuem para fortalecer “o lado sensível e feminino das mulheres” (sic) contrário “ao poder viril do homem” (sic). Observe na network abaixo:

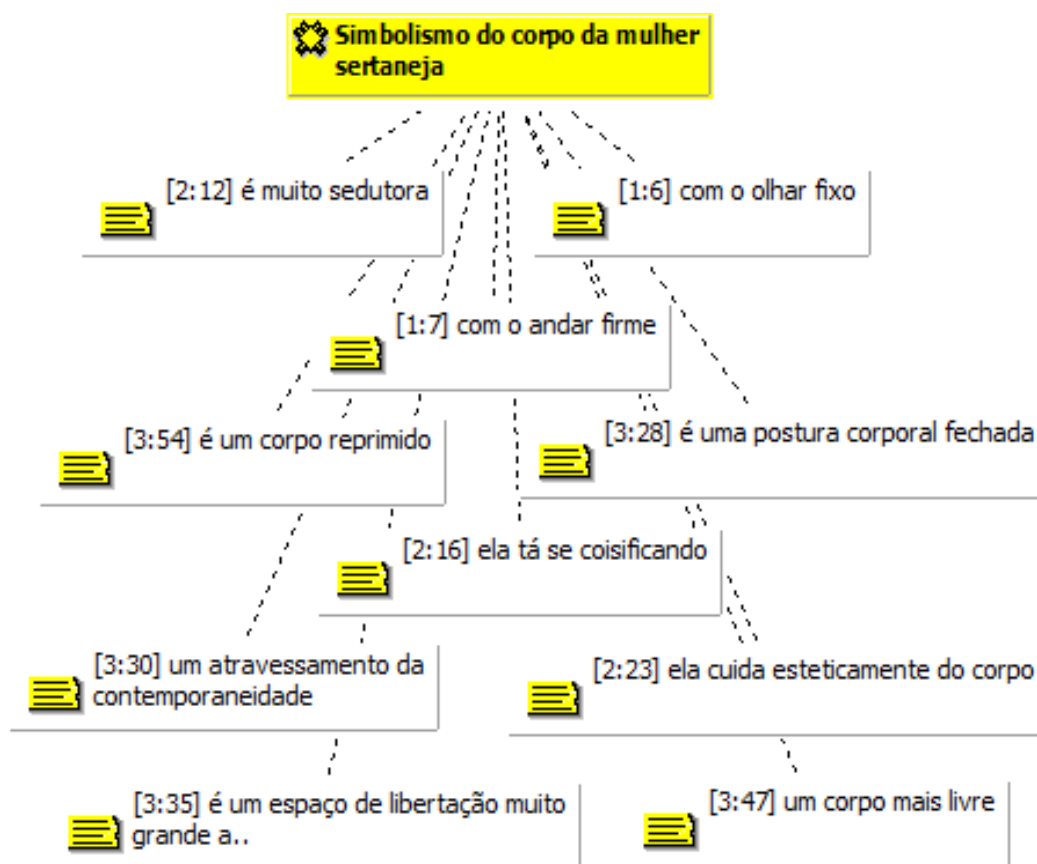
Network 10 - Atuação da psicologia com mulheres sertanejas



Fonte: Estudo empírico 03

Sobre as representações corporais, os informantes expressam um conhecimento de certa forma parcial da realidade da mulher sertaneja, talvez também estereotipado, mas que concorda com a simbologia corporal verificada nos estudos empíricos 01 e 02. Aqui a cena não é muito diferente, pois vincula o corpo da mulher a uma exposição exagerada capaz de dar um sentido sexual aos movimentos (tais como andar, olhar, sentir) ao mesmo tempo em que a situa nas discussões da contemporaneidade afirmando que o corpo da mulher é livre e tem grande potencial de libertação.

Network 11 - Simbolismo do corpo da mulher para os psicólogos sertanejos

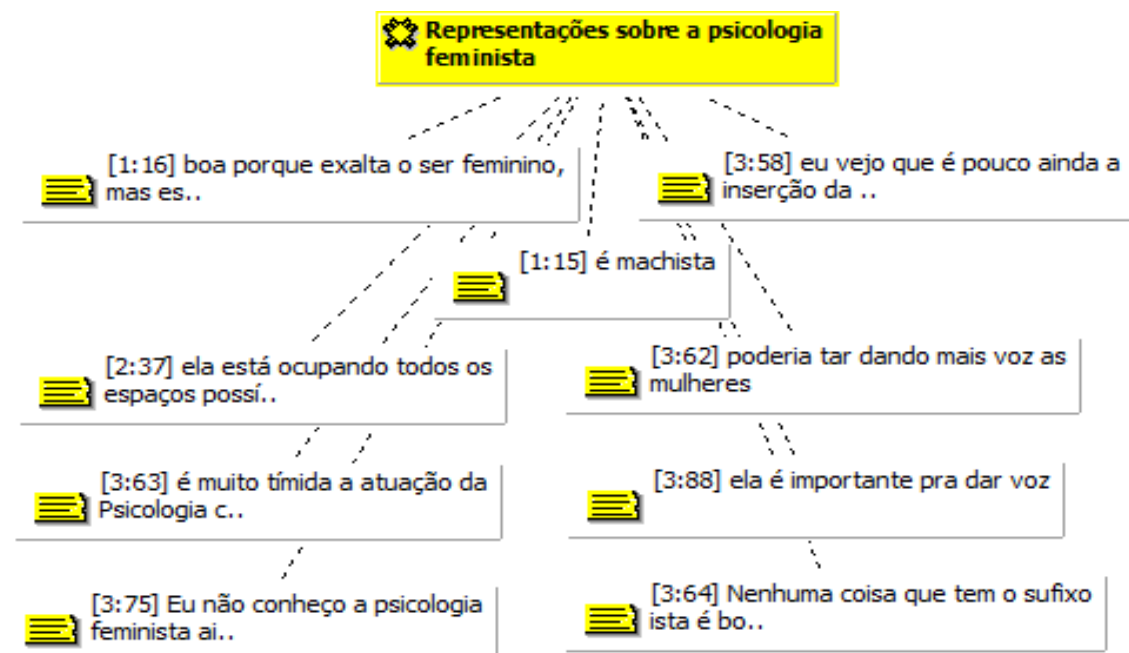


Fonte: Estudo empírico 03

Sobre a psicologia feminista os resultados também foram interessantes, mas com ambiguidades importantes. A network 13 mostra que uma parte dos informantes afirma que é muito importante porque é uma área que ajuda as mulheres a compreender seus problemas e a exigir seus direitos, também é porta voz dos sofrimentos. Um segundo grupo de informantes prefere não posicionar-se em relação à psicologia feminista alegando não conhecê-la. O terceiro grupo a vê de forma pejorativa quando afirma que é “machista” (sic), que “nenhuma coisa que tenha o sufixo ismo é boa” (sic), além de dizer que é uma psicologia que está “muito parada” (sic) diante das mulheres.

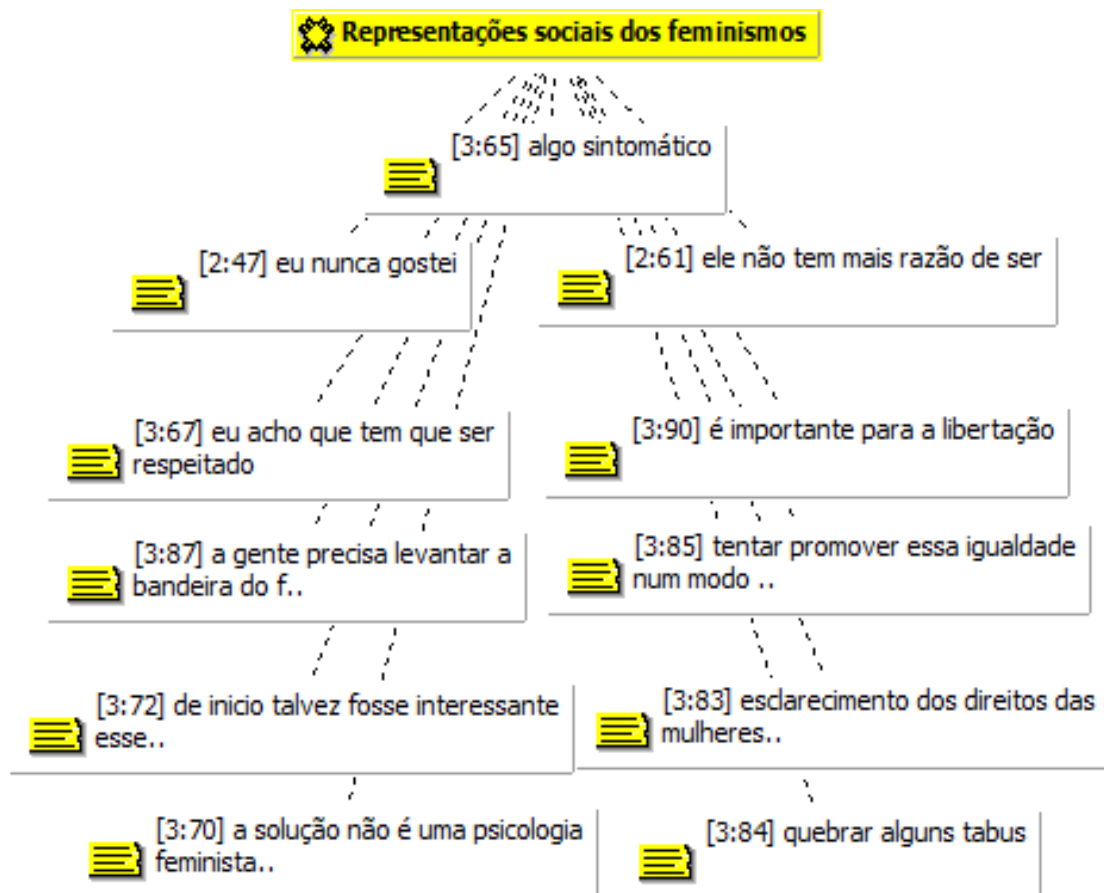
Da mesma maneira rica é a network 14 que aprofunda essas representações sociais sobre a psicologia feminista para os feminismos em si. As ambiguidades permanecem em um sentido mais radical porque apresenta somente duas visões: uma que concorda com a existência dos mesmos e a outra que o condena veementemente. Tais eixos serão mais bem explorados no último item deste capítulo. Por hora, observem atentamente:

Network 12 - Representações dos psicólogos sertanejos sobre a psicologia feminista



Fonte: Estudo empírico 03

Network 13 - Representações sociais dos psicólogos sertanejos sobre os feminismos



Fonte: Estudo empírico 03

7.6. Interpretação e comprovação dos objetivos

Mesmo não estando no planejamento inicial do capítulo sentimos a necessidade de acrescentar esse item no sentido de compartilhar com as leitoras certas nuances que nos marcaram durante todo o processo de análise dos dados coletados. Certas visões dos profissionais que refletem uma psicologia machista e preconceituosa em uma região já muito castigada do ponto de vista geográfico para também “sofrer” com pré-concepções de pessoas que deveriam ajudá-las, posto que tenha acesso as mais diversas informações do chamado mundo globalizado.

Apesar da indignação, o valor mesmo dessa parte é compartilhar posturas e daí quem sabe conseguimos perceber se os objetivos do estudo foram alcançados e se é certo o desenvolvimento de uma psicologia feminista no nordeste do Brasil – lugar marcado pela desigualdade socioeconômica, cultural e de gênero. Os depoimentos são voltados principalmente para os dois últimos temas do estudo 03.

O primeiro legado diz: “a pouca compreensão que eu tenho sobre o feminismo é muito isso é a questão da mulher se colocar num patamar superior. Eu posso tá enganada mais a impressão que me passa é essa daí de procurar um lugar de destaque para a mulher e eu acho que a gente tem que procurar a igualdade né respeitando as diferenças que existam entre os gêneros, mas procurar a igualdade dos direitos, certo não a supervalorização dos direitos só de um gênero que no caso aí seria só o da mulher (INFORMANTE 09)”. Este depoimento traz a visão clara de que o feminismo ainda é mal compreendido nos seus objetivos centrais, na ideia de querer a igualdade através do resgate do que a história negou as mulheres (Gebara, 2000; Alves, 2003; Sarti, 2006; Carmo & Amâncio, 2004).

Outro informante, ao ser perguntado obre sua compreensão dos feminismos afirma que “Acho a mesma coisa que o machismo se bem que o feminismo, ele já surgiu em resposta ao machismo, mas eu não concordo com atos extremistas” (INFORMANTE 06). Essa é outra visão errônea da proposta dos feminismos que é repassada principalmente pela media norte americano que influenciou o mundo todo nesse quesito e que interessa como forma de cultuar a imagem de que “ser feminista é queimar soutiens nas ruas”. Haraway (1991) reflete bastante sobre as consequências desse tipo de pensamento para o desenvolvimento das epistemologias feministas críticas. É também uma reflexão sobre a existência dos feminismos na modernidade e que é legitimada por autores como Bauman (2005), Hall (2006) e Connor (1993). A mesma

ideia tem respaldo no trecho: “O feminismo pra mim é esse movimento das mulheres pra conseguir como é que eu posso dizer... ocupar os espaços masculinos” (INFORMANTE 06).

A visão deturpada dos objetivos feministas segue, agora com o discurso de que “pra chegar a um equilíbrio é preciso ir ao outro extremo de uma psicologia feminista pra depois conseguir chegar numa cultura mais equilibrada, numa sociedade mais justa, mais igualitária, então de início talvez fosse interessante esse movimento pra romper, pra se contrapor precisa chocar apoiando o movimento gay por que essa é a bandeira do feminismo, é a roupa que ele veste” (INFORMANTE 03).

Lembramos dos cyborgs propostos por Haraway (1991), além das discussões sobre os feminismos da diferença ao ler outro depoimento que diz literalmente que: “a psicologia feminista pra mim é machista. Eu acho que ela é boa porque exalta o ser feminino, mas essa exaltação traz dentro dela o machismo” (INFORMANTE 01). As feministas: Ana Gabriela Macedo (2006) e certamente Ivone Gebara (2000) teriam mais e melhores condições de posicionarem-se a este respeito à altura necessária à afirmativa não nos interessa antecipar o que o leitor já sabe até o momento.

Outro informante esquivava-se da mesma pergunta feita aos demais e responde: “Eu não conheço nada da psicologia feminista até porque essas manifestações ortodoxas eu procuro não participar, sou pluralista” (INFORMANTE 02). Caminhando na mesma linha de pensamento, outro informante afirma que: “Na verdade eu não conheço a psicologia feminista. Já ouvi palestras, encontros, mas lê mesmo nunca, foi uma coisa que me chamou atenção tá entendendo, mas, eu admiro por conhecer de cima uma visão aérea, admiro quem tem essa garra toda, eu acho que essas mulheres petistas¹⁰¹, digamos assim, essas que tão na política do lado feminino são elas que tão dando esse ‘pontapé’ na política da mulher pra que aconteça, sem elas não tinha como” (INFORMANTE 05). Há confusões claras sobre a participação da mulher na política partidária e a militância das feministas.

Por último, não poderíamos deixar de mencionar a visão de um informante que se identifica como psicanalista¹⁰² quando diz que “Feminismo? pois é o ‘ismo’ me remete a algo patológico, esses sufixos, eles remetem a algo patológico. Nenhuma coisa que tem o sufixo ‘ista’

¹⁰¹ Mulher “petista” refere-se no Brasil a mulher que é filiada ao Partido dos Trabalhadores (PT).

¹⁰² Não estamos fazendo nenhuma crítica direta ao pensamento psicanalítico em si, mas refletindo sobre a visão do colega informante que limita o trabalho feminista a uma forma de raciocínio que é utopicamente irreal, tendendo a uma suposta neutralidade científica, além de posicionar-se como forma única de compreensão da realidade. Contudo, sabemos que tal postura pode estar em qualquer outra abordagem, daí deixarmos claro que não se trata de uma crítica à psicanálise.

é bom, né, algo sintomático. Então eu acho que são como se fosse uma psicologia que defende a questão dos homossexuais e dos grupos minoritários como os negros, as mulheres, pergunto: quem defende os brancos e os heterossexuais?" (INFORMANTE 03).

Bom, após este breve momento de narrativa interpretativa sobre alguns trechos que nos sensibilizaram no estudo empírico 03, é momento de afirmar que de acordo com nosso entendimento os objetivos principais foram atingidos, quais sejam: conhecer as representações que os psicólogos com atuação no sertão central possuem sobre os femininos e a psicologia feminista crítica; e, mapear as metáforas corporais femininas que a psicologia utiliza para compreender as representações da mulher do ponto de vista narrativo e reflexivo. Há uma visão **feminista** ou **feminina** dos psicólogos do sertão do Ceará a respeito dos feminismos?

PARTE III

DISCUSSÃO DOS RESULTADOS DOS ESTUDOS EMPÍRICOS

Contribuições feministas para a construção da psicologia comunitária latino-americana

A ***práxis libertadora*** que tanto falamos ao longo do trabalho dissertativo é com certeza o elemento central da psicologia comunitária latino-americana. A intervenção em campo é fortalecida com as estratégias que priorizam a vivência corporal como meio de autoconhecimento e conscientização dos limites da opressão. A valorização da história de vida das pessoas e das comunidades é outra estratégia eficaz no combate ao círculo vicioso da miséria que não implica somente pobreza socioeconômica.

Os feminismos inter-relacionam a falta de igualdade e de oportunidades para as mulheres da mesma maneira como historicamente a psicologia comunitária propõe, mas carece de uma metodologia prática que seja capaz de mobilizar os grupos populacionais para a ação. Acreditamos que o simbolismo corporal possa atuar como mediador crítico desse processo de apropriação vivencial, cujo matiz está no fortalecimento das políticas públicas latino-americanas que diferente das realidades europeia e norte-americanas é a vertente que traz mudanças na condução dos nossos países.

São as populações que sabem o que de fato necessitam e acreditamos que o entrelaçamento entre o saber científico e o senso comum é capaz de potencializá-las nas lutas contra as opressões. Apesar de saber que oprimidos somos todos nós que não nos distanciamos da realidade para contemplá-la como ***pastores da vida***, apresentamos uma forma didática de compartilhar nossas conclusões:

- **O ESTUDO EMPÍRICO 01** – demonstrou que a ideologia de submissão e resignação é mantida através das manifestações culturais que embora sejam base para a ação da psicologia comunitária, devem ser vistas de modo crítico, sem deixarmos de usá-las como ferramentas de leitura do mundo e da vida, seguindo a proposta da pedagogia da libertação e do ponto de vista histórico-cultural;
- Para a utilização destes meios culturais, como a literatura de cordel, podemos utilizar técnicas de trabalho individual e grupal propostas pela abordagem centrada na pessoa (ACP). O trabalho em grupo também é fortalecido pela leitura da teoria do vínculo e também da biodança;

- A intervenção comunitária geralmente está orientada para as estratégias de inserção e ação comunitária descritas no capítulo 03, estando às mesmas atentas para a criação de espaços terapêuticos femininos nas comunidades;
- **O ESTUDO EMPÍRICO 02** – caracterizou a importância do trabalho com a identidade narrativa das mulheres como ato político da ação feminista e levou as reflexões sobre o corpo à luz dos feminismos da diferença;
- A teoria dos gêneros paródicos foi exaltada como possibilidade prática de trabalho com o simbolismo do corpo no sentido de afirmar que não se trata de uma qualidade inata (ou interior) que somos capazes de dominar; mas uma prática relacional que não é dada pelos outros sob a forma de uma biografia, uma contação de histórias.
- A identidade narrativa comprova que nossas vidas são constituintes narráveis de um discurso político que revela nossa atuação protagonista factível e transcendente.
- **O ESTUDO EMPÍRICO 03** – comprovou que ainda não estamos preparados enquanto psicólogos para a emergência desse novo tipo de “ciência” que se mostrar no agir da fala das pessoas.
- Vai além e analisa a metáfora do corpo no exercício profissional acadêmico, expressa o desejo de repensar a política feminista de forma plural, contextualizada do ponto de vista sócio histórico, antropológico-espiritual, além de sedimentada na reciprocidade e vulnerabilidade da identidade feminina que postula a necessidade intersubjetiva, ao mesmo tempo simbólica e corporal, do *outro*, da *outra* ou dos *outros* que se acham desgovernados no interior do próprio indivíduo.

Assim concluímos dizendo que tanto a psicologia comunitária latino-americana como os feminismos contribuem diretamente para a construção de uma filosofia política sobre as mulheres que instaura uma nova ordem simbólica feminina capaz de alcançar a justiça social e a felicidade que tanto precisamos e muitas vezes afirmamos não existir mais. Depois de tudo que pesquisei e escrevi, eu continuo acreditando... e você?

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não é fácil escrever uma síntese sobre as contribuições de um estudo prático e teórico de questões que tocam a minha vida há quase 16 anos. Foi em um dia do mês de Fevereiro do ano de 2004 que sem conhecer a **psicologia comunitária** ou os **feminismos** fui impregnada por ambos. Era estudante do primeiro semestre de psicologia da UFC, já bolsista de pesquisa, quando estando no “Jangurussu”, na periferia de Fortaleza (Ceará, Brasil), vi uma criança faminta disputar um resto de carne apodrecida com dois urubus. Foi o meu primeiro contato direto com a miséria e a fome, aos 20 anos de idade.

Nasci em um país latino-americano, filha da classe média brasileira, olhando para as ruas sem “ver” a pobreza e o que ela fazia a todos. Uma ideologia que foi desconstruída de maneira impactante em cima de uma das montanhas fedidas do lixão. Estava ali para aplicar um questionário com três ex-moradoras de rua de uma instituição social que custeava nossas despesas, naquele momento eram mulheres oprimidas sofrendo com seus filhos no colo e na barriga.

Lembro que foram mais de cinco horas de choro ininterruptas e o acolhimento de uma amiga que ouviu muitas vezes naquela noite o meu testemunho de que eu seria uma “psicóloga diferente” (sic). Tudo isso está em mim hoje porque a diferença é justamente a de ajudar a construir uma **psicologia comprometida com a libertação**, uma profusão de narrativas de vida do meu povo latino-americano com as técnicas psicológicas possíveis que o conhecimento científico pudesse desenvolver.

Mas, eu precisava primeiro saber o significado de tudo isso dentro de mim e os medos foram muitos: desde ir morar nos municípios do interior do Ceará até começar a estudar o doutorado na Europa. Hoje sei que é um caminho solitário, mas que é capaz de semear o fruto coletivo da transformação. Também sei que já não tenho mais vergonha de dizer: “sou feminista, psicóloga comunitária, mulher, nordestina e amo a biodança!” foram às alegrias e os desencontros em cada uma dessas estradas que me fizeram chegar até aqui. **Dói somente compreender que talvez aquela criança do lixão ainda esteja com fome** lembrando as contradições que ainda existem no mundo da vida. Não consigo esquecer e continuo lutando para que a mudança seja possível em um futuro breve.

ANEXOS

ANEXO 01 – Instrumento de coleta de dados do estudo empírico 02

PRIMEIRAMENTE, OBRIGADO POR SUA COLABORAÇÃO.

ABAIXO VOCÊ DEVERÁ FAZER UM DESENHO QUE RETRATE A SUA FORMA DE VER A IDENTIDADE DA MULHER SERTANEJA.

**AS PERGUNTAS ABAIXO FAZEM REFERÊNCIAS AO DESENHO FEITO POR VOCÊ.
LEMBRE-SE: NÃO EXISTEM RESPOSTAS CERTAS OU ERRADAS, MAS SUA OPINIÃO.**

Parte 01

4) Explique o significado que o desenho tem para você.

5) Descreva os sentimentos que o desenho desperta em você.

Cite palavras que resumam os seus sentimentos em relação ao desenho.

Parte 02**ABAIXO VOCÊ ENCONTRA ALGUMAS PERGUNTAS SOBRE A MULHER SERTANEJA.**

10) Em sua opinião qual é a Identidade da mulher sertaneja?

11) Se você tivesse que fazer uma comparação entre a identidade da mulher sertaneja hoje e a mulher sertaneja ontem, o que você diria?

12) Como você percebe a expressão da emoção na mulher sertaneja?

13) Como a mulher sertaneja expressa sua emoção na comunidade?

14) O que você acha que as pessoas gostam na mulher sertaneja?

15) O que você acha que as pessoas não gostam na mulher sertaneja?

16) Caso alguém lhe perguntasse como a mulher sertaneja cuida do seu próprio corpo, o que você diria?

17) Você compara o corpo da mulher sertaneja com o quê?

18) O que você acha que os homens pensam sobre a mulher sertaneja?

POR FAVOR, INFORME SEUS DADOS PARA NOSSO REGISTRO.

GARANTIMOS QUE SERÃO UTILIZADOS SOMENTE PARA TRAÇAR O PERFIL DA PESQUISA. NÃO HAVENDO A DIVULGAÇÃO DA SUA IDENTIFICAÇÃO PARA OUTRAS PESSOAS OU FINALIDADE.

PARTE 03

Nome: _____

Idade: _____ anos

Local de Moradia: _____

Há quanto tempo reside no sertão central? _____

Sexo: _____

Escolaridade: _____

Estado civil: _____

Ocupação: _____

ANEXO 02 – Termo de consentimento livre e esclarecido



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu _____
 Documento de Identidade nº _____ residente no município
 _____, estado _____ venho, através
 deste documento, atestar a minha participação voluntária no estudo sobre ***“Mulheres sertanejas e a construção de identidades narrativas: contar histórias da vida através da afetividade e do simbolismo do corpo”*** de autoria da Profa MS Aline Maria Barbosa Domício, Documento de Identidade 95001002747 SSP/CE, CPF 531873853-20, domiciliada à rua Rosa Tavares, nº 430 – apartamento 102, Bairro Baviera, Município Quixadá – Ceará/Brasil, como parte da sua tese de doutorado em psicologia social crítica e feminismos junto ao Instituto de Educação e Psicologia da Universidade do Minho, autorizando também, e sem qualquer ônus direto ou indireto, a publicação das minhas opiniões, dados e/ou imagens gráfico no corpo da sua tese de doutorado, bem como apresentações em eventos acadêmico-científicos e publicação em revistas especializadas e/ou concorrência de prêmios científicos, desde que preservado sigilo ético profissional regido pelo código de ética em pesquisa para seres humanos.

Assinatura do Informante: _____

Data: ____/____/____ Local da Entrevista: _____

Assinatura da Bolsista de Iniciação à Pesquisa: _____

Data: ____/____/____ Local da Entrevista: _____

Assinatura da Doutoranda: _____

Data: ____/____/____ Local da Entrevista: _____

ANEXO 03 – Instrumento de coleta de dados do estudo empírico 03

PRIMEIRAMENTE, OBRIGADO POR SUA COLABORAÇÃO.

ABAIXO VOCÊ DEVERÁ FAZER UM DESENHO QUE RETRATE A FORMA COMO A PSICOLOGIA COMPREENDE A IDENTIDADE DA MULHER SERTANEJA.

**AS PERGUNTAS ABAIXO FAZEM REFERÊNCIAS AO DESENHO FEITO POR VOCÊ.
LEMBRE-SE: NÃO EXISTEM RESPOSTAS CERTAS OU ERRADAS, MAS SUA OPINIÃO.**

Parte 01

1) Explique o significado que o desenho tem para você.

2) Descreva os sentimentos que o desenho desperta em você.

3) Cite palavras que resumam os seus sentimentos em relação ao desenho.

Parte 02**ABAIXO VOCÊ ENCONTRA PERGUNTAS SOBRE OS ESPAÇOS DE REPRESENTAÇÃO DAS MULHERES NO SERTÃO E AS METÁFORAS CORPORAIS.**

4) Em sua opinião quais são os espaços de representação da mulher sertaneja?

5) Como você percebe a expressão corporal da mulher sertaneja?

6) Se você tivesse que fazer uma comparação entre a expressão corporal da mulher sertaneja e a forma como a psicologia compreende o corpo feminino, o que você diria?

7) Em sua opinião, de que forma acontece a atuação da psicologia com mulheres?

8) O que você acha da psicologia feminista?

_____ Caso alguém lhe perguntasse como a psicologia feminista compreende os espaços de representação da mulher sertaneja, o que você diria?

9) Para você o que significa feminismo?

POR FAVOR, INFORME SEUS DADOS PARA NOSSO REGISTO.

GARANTIMOS QUE OS MESMOS SERÃO UTILIZADOS SOMENTE PARA TRAÇARMOS O PERFIL DA NOSSA PESQUISA. NÃO HAVENDO A DIVULGAÇÃO DA SUA IDENTIFICAÇÃO PARA OUTRAS PESSOAS OU FINALIDADE.

PARTE 03

Iniciais do Nome: _____

Idade: _____ anos Local de Moradia: _____

Sexo: _____ Escolaridade: _____

Estado civil: _____

Há quanto tempo atua como psicólogo/a no/a sertão central? _____

Área de atuação como psicólogo/a: _____

Local de atuação como psicólogo/a: _____

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Aguiluz, M. (2008). Matricidad Corporal: pasajes a través de la fenomenología de Maurice Merleau-Ponty. In R. Cassigoli (Ed.), *Pensar lo femenino: un itinerario filosófico hacia la alteridad* (pp. 157-178). Barcelona: Programa Universitario de Estudios de Género de la Universidad Autónoma de México; Anthropos.
- Abela, J. A. (2011). Las técnicas de Análisis de Contenido: Una revisión actualizada. In I. S. F. C. E. Andaluces. (Ed.). Granada: Departamento Sociología Universidad de Granada.
- Almeida, C. L. S. (1998). A fenomenologia existencial: o círculo da vida descoberto na corporeidade vivida. Unpublished manuscript, Fortaleza.
- Almeida, C. L. S. (1999). O mito como modelo originário da vivência em Biodança. (mimeo) texto produzido como subsídio teórico para a Maratona Método Vivencial. Escola de Biodança do Ceará. 22 p.
- Almeida, M. (1996). *Corpo presente: treze reflexões antropológicas sobre o corpo*. Oeiras: Edições Celta.
- Álvares, C. (2005). Feminino e representação discursiva do feminino: a presença do outro na teoria e na prática. Paper presented at the 4º Congresso da Associação Portuguesa de Comunicação, Universidade de Aveiro, Portugal.
- Alvarez, S. E., Friedman, E. J., Beckman, E., Blackwell, M., Chinchilla, N. S., Lebon, N., et al. (2003). Encontrando os feminismos latino-americanos e caribenhos. *Revista Estudos Feministas*, 11 (2).
- Álvaro, J. L., & Garrido, A. (2006). *Psicologia social: perspectivas psicológicas e sociológicas*. São Paulo: McGraw-Hill.
- Alves, B., & Pitanguy, J. (2003a). *O que é o feminismo* (8a ed.). São Paulo: Brasiliense.
- Alves, M. P. (2003b). A primeira feminista das Américas: as marcas da ousadia e da repressão nas cartas de Sor Filotea de la Cruz e de Sor Juana Inês de la Cruz. In M. I. Ghilardi-Lucena (Ed.), *Representações do feminino*. Campinas: Átomo.
- Amâncio, L. (1987). *Masculino e feminino: a construção social da diferença* (2a ed.). Porto: Afrontamento.
- Amâncio, L., Nogueira, C., & Paúl, C. (1995). Women in management in Portugal: a demographic overview. In C. Nogueira & L. Amâncio (Eds.), *Gender management and science* (pp. 207-218).

Braga: Universidade do Minho.

Amaro, J. P. (2007). Sentimento psicológico de comunidade: uma revisão. *Revista Análise Psicológica*, 01 (25), 25-33.

Angeli, D. (2004). Uma breve história das representações do corpo feminino na sociedade. *Revista Estudos Feministas*, 12 (2), 243-245.

Araújo, R. C. B. (2003). O voto de saias: a constituinte de 1934 e a participação das mulheres na política. *Revista Estudos Avançados*, 17 (49).

Assunção, C. (2007). As metamorfoses do corpo na obra de José de Guimarães: contributos para uma filosofia do imaginário educacional. Universidade do Minho, Braga.

Azerêdo, S. (2007). Preconceito contra a mulher: diferenças, poemas e corpos. São Paulo: Cortez.

Azpeitia, M., Barral, M. J., Díaz, L. E., Cortés, T. G., Moreno, E., & Yago, T. (2001). *Piel que habla: viaje a través de los cuerpos femeninos*. Barcelona: Icaria.

Bakhtin, M. (1995) *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: HUCITEC.

Barbosa, C. A. V. B. (2007). *Dos corpos nascidos aos sexos construídos: identidade e representações de gênero num jardim de infância*. Universidade do Minho, Braga.

Bard, C. (2000). *Un siglo de antifeminismo (Vol. 2)*. Madrid: Biblioteca Nueva.

Bardin, L. (1977). *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70.

Barracho, C. (2001). *Psicologia social: ambiente e espaço*. Lisboa: Instituto Piaget.

Barral, J. (1996). Dança sobre rodas: o trabalho corporal como meio de resgate da autoestima e inserção social. *Revista Estudos de Psicologia (Natal)*, 1 (1).

Barriga, S. (1989, 7-8 Abril). Psicólogos: si o no? Del socialismo y capitalismo de la psicología o de los modelos implícitos en el ejercicio de la intervención psicológica. Paper presented at the IV Encuentro Nacional de Psicología Comunitaria de la Sociedad Valenciana del Psicología Social, Valencia.

Barros, F. S. d. O. (2009). Ecoturismo: uma alternativa de desenvolvimento sustentável para pequenas comunidades do sertão central Cearense. *Revista Turismo - Visão e Ação*, 6(2), 151-168.

Batisda, P. (2006). Las mujeres en el espacio público. In E. Bosch, V. A. F. Pérez & C. N. Guzmán (Eds.), *Los feminismos como herramientas de cambio social (I): mujeres tejiendo redes históricas, desarrollos en el espacio publico y estudios de las mujeres (Vol. 5, pp. 143-145)*. Palma: Universitat de Les Illes Balears.

Bauman, Z. (2005). *Identidade* (C. A. Medeiros, Trans.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.

Beauvoir, S. (2008a). *O segundo sexo*. Lisboa: Bertrand.

- Beauvoir, S. (2008b). O existencialismo e a sabedoria das nações. Lisboa: Esfera do Caos.
- Bensadon, N. (Ed.). (1988). Los derechos de la mujer. México: FCE.
- Berger, P., & Luckmann, T. (1991). A construção social da realidade. Petrópolis: Vozes.
- Berlo, D. K. (1999) O processo da comunicação: introdução à teoria e à prática. Tradução Jorge Arnaldo Pontes. 9 ed., São Paulo: Martins Fontes. 330 p.
- Bertini, F. (2007). Centro de Fortaleza: entre afetos e sentidos. Fortaleza: FATECI.
- Bock, A. M. B. (1995) Eu caçador de mim : pensando a profissão de psicólogo. In : Spink, M. J. (Org). O conhecimento no cotidiano: as representações sociais na perspectiva da psicologia social. São Paulo: Brasiliense.
- Bock, A. M. M. (2002) Psicologias: uma introdução ao estudo da psicologia. 13 ed., reformada e ampliada. São Paulo: Saraiva. 368 p.
- Bohigas, A. C. (2001). Cibercultura: el cuerpo esfumado. In M. Azpeitia, M. J. Barral, L. E. Díaz, T. G. Cortés, E. Moreno & T. Yago (Eds.), Piel que habla: viaje a través de los cuerpos femeninos. Barcelona: Icaria.
- Bomfim, Z. A. C. (2003). Cidade e afetividade: estima e construção dos mapas afetivos de Barcelona e São Paulo. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.
- Bomfim, Z. A. C. (2005). Vulnerabilidade urbana e rural: a participação como instrumento de intervenção. Paper presented at the I Congresso Latino-Americano da Psicologia.
- Bomfim, Z. A. C. (2006). Afetividade e ambiente urbano: uma proposta metodológica pelos mapas afetivos. Paper presented at the XI Simpósio de Pesquisa e Intercâmbio Científico da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Psicologia, Florianópolis.
- Bomfim, Z. A. C. (2010). Cidade e Afetividade: Estima e Construção dos Mapas Afetivos de Barcelona e de São Paulo. (1 ed. Vol. 1). Fortaleza: Edições UFC.
- Bomfim, Z. A. C., & Brandão, I. R. (1999). Jardins da Psicologia Comunitária. (Vol. 1). Fortaleza: .
- Bomfim, Z. A. C., & Ribeiro, J. M. L. (2008). Vínculos afectivos que (des)ligan familias, adolescentes y abrigo. Paper presented at the III Congreso Argentino de salud Mental e III Encuentro Interamericano de Salud Mental
- Bonin, L. (1998). Individuo, cultura e sociedade. In M. Jacques & M. Strey (Eds.), Psicologia social contemporânea. Petrópolis: Vozes.
- Bosch, E.; Ferrer Pérez, V. A.; Navarro Guzmán, C. (Comps.): Los Feminismos como Herramientas de Cambio Social (I): Mujeres Tejiendo Redes Históricas, Desarrollos en el Espacio Público y Estudios de las Mujeres. Palma Treballs Feministes, 5. Universitat de les Illes Balears, 2006

- Botomé, S. (1996). Serviço à população ou submissão ao poder: o exercício do controle na intervenção social do psicólogo. *Revista Estudos de Psicologia (Natal)*, 1 (2), 27-34.
- Bourdieu, P. (1982). *Lição sobre a lição*. Vila Nova de Gaia: Estratégias Criativas.
- Bourdieu, P. (1989). *O poder simbólico*. Lisboa: DIFEL.
- Bourdieu, P. (1997). *Razões práticas sobre a teoria da ação*. Oeiras: Celta.
- Bourdieu, P. (1999). *A dominação masculina*. Oeiras: Celta.
- Bourdieu, P. (2002). *Esboço de uma teoria da prática: precedido de três estudos de etnologia* (M. S. Pereira, Trans.). Oeiras: Celta.
- Bozal, A. G., & Bozal, J. G. (2006). Tejiendo redes: de la mitología al ciberfeminismo. In E. Bosch, V. A. F. Pérez & C. N. Guzmán (Eds.), *Los feminismos como herramientas de cambio social (I): mujeres tejiendo redes históricas, desarrollos en el espacio publico y estudios de las mujeres* (Vol. 5, pp. 73-86). Palma: Universitat de Las Illes Balears.
- Bragado, M. J. B. (2006). Luce Irigaray - The way of love. In T. L. L. Vieja, O. Barrios, A. Figueruelo, C. Velayos & J. Carbajo (Eds.), *Bioética y Femenismo: estudios multidisciplinarios de género* (pp. 276-279). Salamanca: Centro de Estudios de La Mujer de la Universidad de Salamanca.
- BRASIL, Congresso Nacional. Lei Maria da Penha, nº 11.340 de 07 de Agosto de 2006. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil/_ato2004-2006/2006/lei/l11340.htm com acesso no dia 11 de Julho de 2011.
- Bravo, M. A. B. (1999). *Ecofeminismo: un reencuentro con la naturaleza*. Jaen: Universidad de Jaen.
- Breton, D. L. (2006). *A sociologia do corpo*. Petrópolis: Vozes.
- Burton, M., & Kagan, C. (2005). Liberation Social Psychology: Learning from Latin America. *Journal of Community & Applied Social Psychology*, 15, 63-78.
- Butler, J. (1998). Fundamentos contingentes: o feminismo e a questão do "pós-modernismo". *Revista Cadernos Pagu*, 11, 11-42.
- Butler, J. (2001a). *Mecanismo psíquicos del poder: teorías sobre la sujeción*. Madrid: Cátedra Feminismos.
- Butler, J. (2001b). *El grito de Antígona*. Barcelona: El Roure.
- Butler, J. (2006). *Deshacer el género*. Barcelona: Paidós Ibérica.
- Butler, J. (2008). *Cuerpos que importan: sobre los límites materiales y discursivos del sexo* (Vol. 6). Buenos Aires: Paidós.
- Butler, J. (2009). Desdiagnosticando o gênero. *Revista Physis*, 19 (1), 95-126.

- Campo, M. G. & Vale, T. (2002). História da Ética. *CienteFico*, 02 (1), 15-21.
- Campos, A., & Salas, J. M. (2004). Explotación sexual comercial y masculinidad. Un estudio regional cualitativo con hombres de la población general. . San José, Costa Rica: OIT., 4(1), 11-23.
- Canotilho, P., Macedo, E., & Marques, C. (2003). Da tessitura complexificadora entre feminismos e pós-modernidade: uma relação de interpolação crítica. In C. Marquês & C. Nogueira (Eds.), *Um olhar sobre os feminismos: pensar a democracia no mundo da vida*. Porto: UMAR.
- Cantera, L. (2007). Casais e violência: um enfoque além do gênero. Porto Alegre: Dom Quixote.
- Capiotto, P. d. C., Silva, L. M., Castro, P. R., Fernandes, J., & Domício, A. M. B. (2007). A violência de gênero e a inter-relação com as políticas da ação social no município de Banabuiú Paper presented at the III Encontro de Pesquisa e Extensão da FCRS, Quixadá.
- Carballo, R. P. (1999). Realidad, símbolo y discriminación: la violencia en la construcción de una imagen de mujer. *Asparkia Investigación Feminista*, 4, 97-108.
- Carmo, I., & Amâncio, L. (2004). Vozes insubmissas: a história das mulheres e dos homens que lutaram pela igualdade dos sexos quando era crime fazê-lo. Lisboa: Dom Quixote.
- Carvalho, C., & Vieira, C. (2003). Feminismo: conceito polêmico, perspectiva histórica. In C. Marquês & C. Nogueira (Eds.), *Um olhar sobre os feminismos: pensar a democracia no mundo da vida*. Porto: UMAR.
- Carvalho, M. P. (2000). O corpo educado: pedagogias da sexualidade. *Cadernos de Pesquisa*, 109, 240-242.
- Cascante, M. J. S. (2001). El cuerpo femenino y su representación en la ficción literaria. In M. Azpeitia, M. J. Barral, L. E. Díaz, T. G. Cortés, E. Moreno & T. Yago (Eds.), *Piel que habla: viaje a través de los cuerpos femeninos*. Barcelona: Icaria. Barcelona: Icaria Editorial.
- Cassigoli, R. (2008). La morada y lo femenino en el pensamiento de Emmanuel Levinas. In R. Cassigoli (Ed.), *Pensar lo femenino: un itinerario filosófico hacia la alteridad* (pp. 59-74). Barcelona: Programa Universitario de Estudios de Género de la Universidad Autónoma de México; Anthropos.
- Castañon, G. A. (2004). Construcionismo social: uma crítica epistemológica. *Temas em psicologia da SBP*, 12 (1), 67– 81.
- Castro, M. G. A. e. (2002). Imaginação em Paul Riceur. Lisboa: Instituto Piaget.
- Cavalcante, R. (Org) (2001) Educação biocêntrica: um movimento de construção dialógica. Fortaleza : Edições CDH.
- Cavarero, A., & Butler, J. (2007). Condição humana contra "natureza". *Revista Estudos Feministas*, 15, 650-662.

- Certeau, M. (2003). *A invenção do cotidiano: artes de fazer* (9 ed.). Petrópolis: Vozes.
- Chacón, E. (2004). El uso del ATLAS/TI como herramienta para el análisis de datos cualitativos en Investigaciones Educativas. Paper presented at the I Jornadas Universitárias.
- Chamme, S. j. (2002). Corpo e saúde: inclusão e exclusão social. *Revista Saúde e Sociedade*, 11 (2), 3-17.
- Ciampa, A. C., Ardans, O., & Satow, S. (1996). Parar para pensar... E depois fazer! *Revista Psicologia & Sociedade*, 8 (1), 23-48.
- Claramunt Vallespí, R. M. (2003). *Las mujeres en las ciencias experimentales*. Madrid: Universidad Nacional de Educación a Distancia.
- Connor, S. (2004). *Cultura pós-moderna: introdução as teorias do contemporâneo* (A. U. Sobral & M. S. Gonçalves, Trans.). Rio de Janeiro: Edições Loyola.
- Conte, J. (2001) O silêncio dos espaços infinitos. In : Sousa, E. L.; Tessler, E; Slavutzky, A. (Orgs) *A invenção da vida: arte e psicanálise*. Porto Alegre: Artes e Ofícios.
- Cordeiro, A., Vieira, E., & Ximenes, V. (2007). *Psicologia e(m) transformação social: práticas e diálogos* (Vol. 1). Fortaleza: EDUFC.
- Costa, C. L. (1998). O tráfico do gênero. *Revista Cadernos Pagu*, 11, 127-140.
- Costa, L. F., & Brandão, S. N. (2005). Abordagem clínica no contexto comunitário: uma perspectiva integradora. *Revista Psicologia & Sociedade*, 17 (2), 33-41.
- Costa, S. G. (2003). Movimentos feministas, feminismos. *Revista Estudos Feministas*, 12, 23-36.
- Courtine, J. (2008). O espelho da alma. In G. Vigarello, J. Courtine & A. Corbin (Eds.), *História do corpo: da renascença à Luzes*. Petrópolis: Vozes.
- Crugel, J. (2001). Mujeres y democracia en America Latina. In P. Villota (Ed.), *Globalización a qué precio? El impacto en las mujeres del Norte y del Sur* (pp. 141-172). Barcelona.
- Cruz, C. L. (2001). Género y comercio: los derechos de las mujeres en la agenda internacional. In P. Villota (Ed.), *Globalización a qué precio? El impacto en las mujeres del Norte y del Sur* (pp. 25-34). Barcelona: Ediciones Icaria Antrazt.
- Derdy, E. (2001) *Linha do horizonte: por uma poética do ato criador*. São Paulo: Escuta.
- Dimenstein, M. (2000). A cultura profissional do psicólogo e o ideário individualista: implicações para a prática no campo da assistência pública à saúde. *Revista Estudos de Psicologia*, 5(1), 95-121.
- Doménech, M., Iñiguez, L., & Tirado, F. (2003). George Herbert Mead y la Psicología Social de los objectos. *Revista Psicologia & Sociedade*, 15 (1), 18-36.

- Domício, A. M. B. (2000) Representações sociais dos profissionais de saúde do município de Icapuí sobre a saúde mental na atenção primária. Monografia de conclusão de curso, Especialização em Gestão de sistemas locais de saúde (SILOS), Escola de saúde pública do estado do Ceará. Fortaleza.
- Domício, A. M. B. (2003). Espaços de representação da saúde mental na atenção primária: para além do cotidiano das equipes de saúde da família. Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza.
- Domício, A. M. B. (2007). Relações sociais de gênero e intervenção comunitária: um olhar feminista sobre a violência psíquica contra as mulheres no município de Banabuiú/Ceará. Paper presented at the V Encontro Norte Nordeste de Psicologia, Alagoas.
- Domício, A. M. B., & Nogueira, C. (2009). Fronteiras do corpo, gênero e metodologias feministas nos espaços de intervenção comunitária. Paper presented at the XV Encontro Nacional da ABRAPSO, Maceió.
- Domício, A. M. B., & Nogueira, C. (2009a). Fronteiras do corpo, gênero e metodologias feministas nos espaços de intervenção comunitária. Paper presented at the XV Encontro Nacional da ABRAPSO, Maceió.
- Domício, A. M. B., & Nogueira, C. (2010). Feminismos, relações de poder e simbolismo do corpo com grupos de mulheres vítimas de abuso não-físico no nordeste do Brasil. . In M. J. Magalhães, M. Tavares, S. Coelho, M. Góis & E. Seixas (Eds.), Quem tem medo dos feminismos? (Vol. 1, pp. 149-156). Funchal: Nova Delphi.
- Domício, A. M. B., Bomfim, Z. A. C., & Paz, F. (2007). Diálogos e métodos de intervenção em psicologia comunitária e psicologia ambiental. Paper presented at the XIV Encontro Nacional da Associação Brasileira de Psicologia Social, Rio de Janeiro.
- Domício, A. M. B., Fernandes, J., Silva, L. M., Capiotto, P. C., Castro, P. R., Sousa, F. A. B., et al. (2007). Contribuições da psicologia comunitária nas questões de gênero e sexualidade no cotidiano das mulheres vítimas de violência no contexto familiar. Paper presented at the XIX Encontro Nacional da ABRAPSO, Rio de Janeiro.
- Domício, A. M. B., Nogueira, C., Bomfim, Z. A. C., & Neves, A. S. A. (2009b). Relações sociais de gênero, simbolismo do espaço e afetividade: aproximações entre a psicologia ambiental e comunitária a partir dos feminismos críticos. Paper presented at the XV Encontro Nacional da ABRAPSO, Maceió.
- Domício, A. M. B., Nogueira, C., Bomfim, Z. A. C., & Neves, A. S. A. d. (2009). Relações sociais de gênero, simbolismo do espaço e afetividade: aproximações entre a psicologia ambiental e

- comunitária a partir dos feminismos críticos. Paper presented at the XV Encontro Nacional da ABRAPSO, Maceió.
- Dutra, E. (1996). O trabalho corporal como um recurso facilitador da experiência. *Revista Estudos de Psicologia (Natal)*, 1 (2), 14-29.
- Esmeraldo, G. G. S. L. (2006). O feminismo no plural: para pensar a diversidade constitutiva das mulheres. *Revista Estudos Feministas*, 14 (3), 819-841.
- Estramiana, J. L. A. (1995). *Psicologia social: perspectivas teóricas e metodológicas*. Barcelona: Siglo Veintiuno.
- Fadiman, J., & Frager, R. (1979). *Teorias da Personalidade* (C. P. Sampaio & S. Safolié, Trans.). São Paulo: Harper & Row.
- Falcón, L. (2001). *Los nuevos mitos del feminismo*. Madrid: Vidicación Feminista.
- Farr, R. M. (2004). *As raízes da psicologia social moderna*. Petrópolis: Vozes.
- Farr, R. M. (1995) Representações Sociais: a teoria e sua história. In: Guareschi, P.; Jovchelovitch, S. (Orgs.) *Textos em representações sociais*. Coleção psicologia social: Petrópolis : Vozes.
- Femenías, M. L. ((2003) *Judith Butler: introducción a su lectura*. Buenos Aires: Catálogos.
- Fernandes, J., Castro, P. R., Silva, L. M., Capiotto, P. C., Sousa, F. A. B., & Domício, A. M. B. (2007). Reinterpretação do cotidiano das mulheres vítimas de violência física no contexto familiar. Paper presented at the III Encontro de Pesquisa e Extensão da FCRS, Quixadá.
- Fernández, M., & Wilding, F. (2002). *Cyberfeminist Practices*. USA: Automedia.
- Ferrari, D., & Vecina, T. (2002). *O fim do silêncio na violência familiar: teoria e prática*. São Paulo: Ágora.
- Filho, K. P., & Martins, S. (2007). A subjetividade como objeto(s) da(s) psicologia(s). *Revista Psicologia & Sociedade*, 19 (3), 14-19.
- Fisher, H. (2001). *O primeiro sexo: como as mulheres estão a mudar o mundo*. Lisboa: Editorial Presença.
- Flores, F. E. V. (1998). O princípio biocêntrico. *Cadernos de Biodança*, 6, 17-24.
- Fondacaro, M. R., & Weinberg, D. (2002). Concepts of social justice in community psychology: toward a social ecological epistemology. *American Journal of Community Psychology*, 30 (4).
- Fonseca, M. d. J. M. (2009). Carl Rogers: uma concepção holística do homem: . *Centro vocacional e educacional do Paraná*, 3(1), 42-78.
- Fonseca, T. M. G. (2000). *Gênero, subjetividade e trabalho*. Petrópolis: Vozes.
- Fox, D. (2008). Confronting psychology's power. *Journal of community psychology*, 36 (2), 232-

237.

Fraser, N., & Nicholson, L. J. (1992). *Crítica social sin filosofía: un encuentro entre el feminismo y el posmodernismo*. In L. J. Nicholson (Ed.), *Feminismo/Posmodernismo*. Buenos Aires.

Frayze-Pereira, J. A. (2001) *Recepção estética em exposições de arte : ilusão, criação, perversão*. In : Souza, E. L. A.; Tessler, E.; Slavutzky, A. (Orgs) *A invenção da vida : arte e psicanálise*. Porto Alegre: artes e ofícios.

Freire, P. (1980). *Conscientização: teoria e prática da libertação*. São Paulo: Moraes.

Freire, P. (1987). *Pedagogia do oprimido*. São Paulo: Paz e Terra.

Freitas, M. F. Q. (1996). Modelos presentes nas práticas e intervenções em comunidades e propostas para a delimitação de fronteiras e paradigmas para o trabalho da psicologia comunitária no Brasil. In N. A. Vasconcelos (Ed.), *Comunidade, meio ambiente e qualidade de vida*. (Vol. 3). Rio de Janeiro: ANPPEP.

Freitas, M. F. Q. (1999). Voices from the south the construction of Brazilian community social psychology. *Journal of Community & Applied Social Psychology*, 9, 204-215.

Freitas, M. F. Q. (2000). O movimento da lente focal na história recente da psicologia latino-americana. In R. H. F. Campos & P. Guareschi (Eds.), *Paradigmas em Psicologia Social: a perspectiva latino-americana* (pp. 167-185). Petrópolis: Vozes.

Freitas, M. T. d. A. (2002). A abordagem sócio histórica como orientadora da pesquisa qualitativa. *Revista Cadernos de Pesquisa*, 116(1), 201-329.

Fryer, D. (2008a). Power from the people? Critical reflection on a conceptualization of power. *Journal of community psychology*, 36 (2), 238-245.

Fryer, D. (2008b). Some questions about the history of community psychology. *American Journal of Community Psychology*, 36 (5), 572-586.

Fryer, D., & Fagan, R. (2003). Toward A Critical Community Psychological Perspective on Unemployment and Mental Health Research. *American Journal of Community Psychology*, 32 (1/2).

Furtado, O. (2000). Psicologia e compromisso social: base epistemológica de uma psicologia crítica. *PSI – Revista de Psicologia Social Institucional*, 2(2), 217-229.

Furtado, O., Bock, A. M. B., Ferreira, M. R., & Gonçalves, M. G. M. (2007). Silvia Lane e o projeto do compromisso social da psicologia. *Revista Psicologia & Sociedade*, edição especial(02), 46-56.

Gallo, V. H. (2009). La Etnometodología como herramienta para los estudios de género: las masculinidades en Moa, estudio de caso. . *Rede Masculinidades*, 4(1), 21-34.

- Garaudy, R. (1980). *Dançar a Vida*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Garaudy, R. (1981). *Para a libertação da mulher*. Lisboa: Dom Quixote.
- Gebara, I. (2000). *Rompendo o silêncio: uma fenomenologia feminista do mal* (2a ed.). Petrópolis: Vozes.
- Geertz, C. (1989). *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos Científicos.
- Gélis, J. (2008). O corpo, a igreja e o sagrado. In T. L. M. E. Orth (Ed.), *História do corpo: da renascença às luzes*. (pp. 182-179). Petrópolis: Vozes.
- Gergen, K. (1977) The social construction of self-knowledge. In: Michel, T. (org) *The self: psychological and philosophical issues*. New Jersey: Roman and Littlefield, p.139-169.
- Gergen, K. J. (1973). Social psychology as history. *Journal of Personality and Social Psychology*, 26 (2), 309-320.
- Gergen, K. J. (1985). Movement of social constructionism in modern psychology. *Journal of American Psychology*, 40 (33), 266-275.
- Gergen, K. J. (1994). *Realities and relationships: soundings in social construction*. United States: Harvard University.
- Gergen, K. J. (1998). Constructionism and realism: How are we to go on? . In I. Parker (Ed.), *Social constructionism, discourse and realism* (pp. 147-155). London: SAGE Publications.
- Gergen, K. J. (1999). *An invitation to social construction*. London: SAGE.
- Giddens, A. (1982). *Profiles and Critiques in Social Theory*. London: Macmillan.
- Giddens, A. (1991). *As consequências da modernidade*. São Paulo: UNESP.
- Giddens, A. (1993). *A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*. São Paulo: EDUNESP.
- Giddens, A. (1996). *Para além da esquerda e da direita: o futuro da política radical*. São Paulo: UNESP.
- Giora, R. C. (2000) *Emoção na criatividade artística*. In : Lane, S. T. M.; Giora, R. C.; et al (Orgs) *Arqueologia das emoções*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Girão, P. C. (sem data). *As charqueadas*. Fortaleza: Revista do Instituto do Ceará.
- Goia, J. (2007). *Memórias de um corpo esquecido*. *Revista do Departamento de Psicologia*, 19 (1), 101-109.
- Góis, C. W. L. (1993). *Noções de psicologia comunitária*. Fortaleza: Edições Viver.
- Góis, C. W. L. (1995). *Vivência: caminho à identidade*. Fortaleza: Edições Viver.
- Góis, C. W. L. (2005). *Psicologia comunitária: atividade e consciência*. Fortaleza: Instituto Paulo

Freire de Estudos Psicossociais.

Gómez, M. C. S.; Dominguez, F. I. R.; Izard, J. F. M. (2009) Herramientas de análisis cualitativo para la investigación en contextos multiculturales. Disponível em http://web.usal.es/~fird/docs/Nacional_Pedagogia-Valencia_2004.pdf com acesso em 11 de Julio de 2011.

González, F. R. (2004). O social na psicologia e a psicologia social: a emergência do sujeito. (V. L. Mello, Trans.). Petrópolis: Vozes.

González, F. R., & Furtado, O. (2002). Por uma epistemologia da subjetividade: um debate entre a teoria sócio-histórica e a teoria das representações sociais. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Grandesso, M. (2002). Terapias posmodernas: un panorama. *Revista Sistemas Familiares*, 18 (3).

Gregorio-Godeo, E. (2008). Sobre la instrumentalidad del Análisis Crítico del Discurso para los Estudios Culturales: la construcción discursiva de la “neomasculinidad”. *Discurso & Sociedad*, 2(1), 39-85.

Grossi, M. P. (2004). A revista estudos feministas faz dez anos: uma breve história dos feminismos no Brasil. *Revista Estudos Feministas*, 12 (N.E).

Guanaes, C., & Japur, M. (2003). Construcionismo social e metapsicologia: um diálogo sobre o conceito de self. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 19 (2), 135-143.

Guaraldo, O. (2007). Pensadoras de peso: o pensamento de Judith Butler e Adriana Cavarero. *Revista Estudos Feministas*, 15, 663-677.

Guareschi, P. (2000). Os construtores da informação: meios de comunicação, ideologia e ética. Petrópolis: Vozes.

Guareschi, P. (2003). Ética e paradigmas. In K. S. Ploner (Ed.), *Ética e paradigmas na psicologia social*. Florianópolis: ABRAPSO Sul.

Guba, E. G. (1990). The alternative paradigm dialog. In E. G. Guba (Ed.), *The paradigm dialog* (pp. 17-27). Newbury Park: SAGE.

Guedes, M. C. (2007). A viagem histórica pela América Latina. *Revista Psicologia & Sociedade*, 19 (2), 39-45.

Guzzo, R. L. S. & Júnior, F. L. (2009), *Psicologia social para a América Latina: o resgate da psicologia da libertação*. Campinas: Editora Alínea.

Guzzo, R. L. S., & Galbiatti, F. (2010). Diferentes contextos, diferentes vidas: percebendo as diferenças na vida sob o capitalismo. Paper presented at the XV Encontro de Iniciação Científica.

Guzzo, R. S. L. & Filho, A. E. (2009). Desigualdade social e pobreza: contexto de vida e de

- sobrevivência. *Revista Psicologia & Sociedade*, 21(1), 35-44.
- Hall, S. (2006). *A identidade cultural na pós-modernidade* (T. T. Silva & G. L. Louro, Trans. 11 ed.). Rio de Janeiro: DP & A.
- Harari, H. & McDavid, J. (1980) *Psicologia e Comportamento Social*. Tradução: PE. Francisco da Rocha Guimarães. Rio de Janeiro: Interciência.
- Haraway, D. (1988). *Situated Knowledges: The Science Question in Feminism and the Privilege of Partial Perspective*. *Feminist Studies*, 14, 575-599.
- Haraway, D. (1991). *A Cyborg Manifesto: Science, Technology, and Socialist-Feminism in the Late Twentieth Century*. In Simians (Ed.), *Cyborgs and Women: The Reinvention of Nature* (pp. 149-181). New York: Routledge.
- Harding S. (ed.) (2004), *Feminist Standpoint Theory*, New York: Reader.
- Harding, S. (1991). *Whose Science? Whose Knowledge?: Thinking from Women's Lives*. New York: Cornell Univ Press.
- Harding, S. (1993a) *The 'Racial' Economy of Science: Toward a Democratic Future (race, gender and science)*. New York: Cornell Univ Press.
- Harding, S. (1996). *Ciência y Feminismo*. Madrid: Morata.
- Harding, S.; Narayan, U. (ed.) (1999), *Decentering the Center: Philosophy for a Multicultural, Postcolonial, and Feminist World*, New York: Cornell Univ Press.
- Harvey, D. (2002). *A condição pós-moderna*. São Paulo: Loyola.
- Hawkesworth, M. (2006). *A semiótica de um encontro prematuro: o feminismo em uma era pós-feminista*. *Revista Estudos Feministas*, 14 (3), 737-763.
- Heredia, E. B. (2006). *Qué aportamos las mujeres en el espacio público?* In E. Bosch, V. A. F. Pérez & C. N. Guzmán (Eds.), *Los feminismos como herramientas de cambio social (I): mujeres tejiendo redes históricas, desarrollos en el espacio publico y estudios de las mujeres* (Vol. 5, pp. 145-160). Palma: Universitat de Les Illes Balears.
- Hollanda, H. (1994). *Tendências e impasses: feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco.
- Holmes, D. S. (1997). *Semiologia dos transtornos mentais*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Honda, H. (2004). *Notas sobre a noção de inconsciente em Wundt e Leibniz*. *Revista psicologia: teoria e pesquisa*, 20, 275-277.
- Ibañez-Gracia, T. (1989). *La Psicología Social como dispositivo desconstruccionista*. In T. Ibañez-Gracia (Ed.), *El conocimiento de la realidad social* (pp. 109-133). Barcelona: Sendai.

- INTERNACIONAL, A. (1995). *Derechos humanos: un derecho de la mujer*. Madrid: EDAL.
- Irigaray, L. (1974). *Speculum of the other woman* (G. C. Gill, Trans.). United States.
- Jacques, M. G. (1998). Identidade. In M. G. Jacques & M. N. Strey (Eds.), *Psicologia social contemporânea*. Petrópolis: Vozes.
- Jacques, M. G., & Titoni, J. (1998). *Psicologia Social Contemporânea*. Petrópolis: Vozes.
- Jodelet, D. (1998). A alteridade como produto e processo psicossocial. In A. Arruda (Ed.), *Representando a alteridade*. Petrópolis: Vozes.
- Joffe, H. (1995) "Eu não", "o meu grupo não" : representações sociais transculturais da AIDS. In : Guareschi, P.; Jovchelovitch, S. (Orgs.) *Textos em representações sociais*. Coleção psicologia social. Petrópolis : Vozes.
- Jones, A. R. (2002). Escrever o corpo. In A. G. Macedo (Ed.), *Gênero, identidade e desejo: antologia crítica do feminismo contemporâneo*. Lisboa: Cotovia.
- Koss, M. (2000). *Feminino + Masculino: uma nova coreografia para a eterna dança das polaridades*. São Paulo: Escrituras.
- Lane, S. T. M. (1995b). *O que é psicologia social?* São Paulo: Brasiliense.
- Lane, S. T. M., & Codo, W. (1984). *Psicologia social: o homem em movimento*. São Paulo: Brasiliense: EDUC.
- Lane, S. T. M., & Sawaia, B. B. (1995a). *Avanços da psicologia social na América Latina*. São Paulo: Brasiliense: EDUC.
- Larrain, A., & Moretti, R. (2011). Análises dialógico de habla privada argumentativa. *Psicoperspectivas: individuo y sociedad*, 10(02), 60-86.
- Levinas, E. (1980). *Totalidade e Infinito*. Lisboa: Edições 70.
- Levine, M. (2007). Principles from history, community psychology and developmental psychology applied to community based programs for deinstitutionalized youth. *Revista Análise Psicológica*, 1 (25), 63-75.
- Louro, G. L. (2001). Teoria queer: uma política pós-identitária para educação. *Revista Estudos Feministas*, 9 (2), 541-553.
- Luxemburg, R. (1994). El voto femenino y la lucha de clases. *Asparkia Investigación Feminista*, 4, 109-116.
- Macedo, A. G. (2002). *Gênero, identidade e desejo: uma antologia crítica do feminismo contemporâneo*. Lisboa: Cotovia.
- Macedo, A. G. (2006). Pós-feminismo. *Revista Estudos Feministas*, 14 (3), 813-817.

- Machado, A. L. (2001) Espaços de representação da loucura: religião e psiquiatria. Campinas, São Paulo: Papirus.
- Magalhães, M. J. (1998). Movimento feminista e educação: Portugal, décadas de 70 e 80. Oeiras: Celta.
- Malinowski, B. (1922) Argonauts of the western Pacific. : Waveland Pr Inc (March 1984).
- Marente, E. M. M. (2007). El poder en las relaciones de género. Sevilla: Consejería de la presidencia.
- Mariano, S. A. (2005). O sujeito do feminismo e o pós-estruturalismo. *Revista Estudos Feministas*, 13 (3), 483-505.
- Marques, C., & Nogueira, C. (2003). Um olhar sobre os feminismos: pensar a democracia no mundo da vida. Porto: UMAR.
- Marshall, T. H. (1973). Citizenship and Social Class. In T. H. Marshall (Ed.), *Class, Citizenship and Social Development*. Connecticut: Greenwood Press.
- Martin-Baró, I. (1997). O papel do psicólogo. *Revista Estudos de Psicologia (Natal)*, 2 (1).
- Martínez, A. S., Moya, J. M. R., & Muñoz, M. Á. D. (1995). Mujeres, espacio y sociedad: hacia una geografía del género. Madrid: Editorial Síntesis.
- Martínez-Guzmán, A., & Íñiguez-Rueda, L. (2010). La fabricación del Trastorno de Identidad Sexual. *. Discurso & Sociedad*, 4(1), 30-51.
- Maton, K. I., Perkins, D. D., & Saegert, S. (2006). Community psychology at the crossroads: prospects for interdisciplinary research. *American Journal of Community Psychology*, 38, 9-21.
- Matos, M. I. S., & Soihet, R. (2003). O corpo feminino em debate. São Paulo: UNESP.
- Maurente, V., & Tittoni, J. J. (2007). Imagens como estratégia metodológica em pesquisa: a fotocomposição e outros caminhos possíveis. *Revista Psicologia & Sociedade*, 19 (3), 33-38.
- McDavid, J., & Harari, H. (1980). *Psicologia e Comportamento Social* (P. F. R. Guimarães, Trans.). Rio de Janeiro: Interciência.
- Méllo, R. P., Silva, A. A., Lima, M. L. C., & Paolo, Â. F. D. (2007). Construcionismo, práticas discursivas e possibilidades de pesquisa em psicologia social. *Revista Psicologia & Sociedade*, 19 (3).
- Méndez, L. (2007). *Antropología Feminista*. Madrid: Síntesis.
- Menezes, M. M. (2008). O pensamento de Emmanuel Lévinas: uma filosofia aberta ao feminino. *Revista Estudos Feministas*, 16 (1), 13-33.
- Merleau-Ponty, M. (1999). *Fenomenologia da percepção* (2 ed.). São Paulo: Martins Fontes.

- Minayo, M. C. S. (1998). O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo: HUCITEC: ABRASCO.
- Minayo, M. C. S. . (Org) (1994) Pesquisa Social – teoria, método e criatividade. Coleção Temas Sociais, Petrópolis : Vozes.
- Minicucci, A. (1992). Técnicas do trabalho de grupo. (2 ed.). São Paulo: Atlas.
- Moehlecke, V., & Fonseca, T. M. G. (2005). Da dança e do devir: o corpo no regime do sutil. *Revista do Departamento de Psicologia*, 17 (1), 29-44.
- Montero L. G. M. (1995) Objetividade X Subjetividade: da crítica à psicologia à psicologia crítica. In : Lane, S. T. M.; Sawaia, B. B. (Orgs) *Novas veredas da psicologia social*. São Paulo: Brasiliense: EDUC.
- Montero, M. (1996). Paradigmas, corrientes y tendencias de la psicología social finisecular. *Revista Psicologia & Sociedade*, 8 (1), 102-119.
- Montero, M. (2006). *Hacer para transformar: el método en la psicología comunitaria*. Buenos Aires: Paidós.
- Montero, M. (2008). An insider's look at the development and current state of community psychology in Latin America. *American Journal of Community Psychology*, 36 (5), 661-674.
- Morales, J., & Moya, M. (1994). *Psicología social*. Madrid: McGraw-Hill: Interamericana España.
- Moré, C. L. O. O., & Macedo, R. M. S. (2006). *A psicologia na comunidade: uma proposta de intervenção*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Morgan, D. L. (1988). *Focus groups as qualitative research*. London: SAGE.
- Moscovici, S. (1978) *A representação social da psicanálise*. Rio de Janeiro : Zahar Editores.
- Mulheres, R. d. E. d. (2006). *As mulheres na União Européia: política, igualdade, cristianismo*. (A. Barradas, Trans.). Lisboa: Ela por Ela.
- Muñoz, A. M. M., Gil, C. G., & Espinoza, A. S. (2007). *Cuerpos de mujeres: miradas, representaciones e identidades*. Granada: Universidad de Granada.
- Muñoz, J. (2005). *Análisis de datos textuales con Atlas.ti 5*. [Electronic Version]. Retrieved <http://es.wikibooks.org/wiki/Atlas.ti>.
- Neiva-Silva, L., & Koller, S. H. (2002). O uso da fotografia na pesquisa em psicologia. *Estudos de Psicologia (Natal)*, 7 (2), 237-250.
- Nepomuceno, L. B., Ximenes, V. M., Cidade, E. C., Mendonça, F. W. O., & Soares, C. A. (2008). Por uma psicologia comunitária da libertação. *Revista Psico*, 39, 456-464.
- Neves, A. S. A. (2008). Amor, poder e violências na intimidade: os caminhos entrecruzados entre o

pessoal e o político. Lisboa: Quarteto.

Neves, S., & Barbosa, C. (2003). Feminismo liberal. In C. Marques & C. Nogueira (Eds.), *Um olhar sobre os feminismos: pensar a democracia no mundo da vida*. Porto: UMAR.

Neves, S., & Bernardes, N. (1998). Psicologia social e comunidade. In M. Strey & M. Jacques (Eds.), *Psicologia social contemporânea*. Petrópolis: Vozes.

Nogueira, C. (1994). As filhas de Pandora: do mito a ilusão do poder duradouro. In L. S. Almeida & I. Ribeiro (Eds.), *Família e desenvolvimento*. Portalegre: Associação dos Psicólogos Portugueses.

Nogueira, C. (1995). Gender representations and perceptions of managerial success. In C. Nogueira & L. Amâncio (Eds.), *Gender management and science* (pp. 103-111). Braga: Universidade do Minho.

Nogueira, C. (1996). Um novo olhar sobre as relações sociais de gênero: perspectiva feminista crítica na psicologia social. Universidade do Minho, Braga.

Nogueira, C. (1999). A psicologia e a construção social do gênero. Paper presented at the Seminário Internacional "Coeducação : do princípio ao desenvolvimento de uma prática: actas" Lisboa.

Nogueira, C. (2001). Feminismos e discurso do gênero na psicologia social. *Revista Psicologia & Sociedade*, 13 (1), 107-128.

Nogueira, C. (2001b). Contribuições do construcionismo social a uma nova psicologia do gênero. *Cadernos de Pesquisa*, 112, 137-153.

Nogueira, C., & Fidalgo, L. (1994). As filhas de Pandora: do mito a ilusão do poder duradouro. In L. S. Almeida & I. Ribeiro (Eds.), *Família e desenvolvimento*. Portalegre: Associação dos Psicólogos Portugueses.

Nogueira, C., & Neves, A. S. A. (2004). Metodologias feministas na psicologia social crítica: a ciência ao serviço da mudança social *Ex-Aequo*, 11, 123-138.

Nogueira, C., & Saavedra, L. (2006a). Critical (feminist) psychology in Portugal: will it be possible? Paper presented at the Annual review of critical psychology. from <http://hdl.handle.net/1822/6359>.

Nogueira, C., & Saavedra, L. (2006b). Memórias sobre o feminismo na psicologia: para a construção de memórias futuras. *Memorandum*, 11, 113-127.

Nogueira, C., Neves, A. S. A., & Saavedra, L. (2006). Critical (feminist) psychology in Portugal: will it be possible? Paper presented at the Annual review of critical psychology. from <http://hdl.handle.net/1822/6359>.

- Nogueira, C., Neves, S., & Barbosa, C. (2005). Fundamentos construcionistas sociais e críticos para o estudo do gênero. *Revista Psicologia: Teoria, Investigação e Prática*, 2, 1-15.
- Nuernberg, A. (2001). Uma análise crítica do direito à diferença. *Revista Estudos Feminista*, 1, 299-301.
- Nye, A. (1995). *Teoria feminista e as filosofias do homem* (N. Caixeiro, Trans.). Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos.
- Oliveira, J. M. & Amâncio, L. (2006). Teorias feministas e representações sociais: desafios dos conhecimentos situados para a psicologia social. *Revista Estudos Feministas*, 14 (3), 597-615.
- Oliveira, J. M. (2006). Teorias feministas e representações sociais: desafios dos conhecimentos situados para a psicologia social. *Revista Estudos Feministas*, 14 (3), 597-615.
- Oliveira, J. M. d. (2009). *Uma escolha que seja sua: uma abordagem feminista ao debate sobre a interrupção voluntária da gravidez em Portugal* Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa, Lisboa.
- ONU. (2002). *Plano de Ação da III Conferência Mundial de Combate ao Racismo, Discriminação Racial, Xenofobia e Intolerância Correlata*. Retrieved. from.
- Ortiz-Osés, A. (2003). *Amor y sentido: uma hermenêutica simbólica*. Barcelona: Anthopos.
- Otto, C. (2004). O feminismo no Brasil: suas múltiplas faces. *Revista Estudos Feministas*, 12 (2), 238-241.
- Parker, I. (1989). Discourse and power. In J. Shotter & K. J. Gergen (Eds.), *Texts of Identity* (pp. 23-49). London: SAGE.
- Parker, I. (1998). Realism, relativism and critique in psychology. In I. Parker (Ed.), *Social Constructionism, Discourse an Realism* (pp. 34-51). London: SAGE.
- Parker, I., & Shotter, J. (1990). *Deconstructing Social Psychology*. London: SAGE.
- Penna, A. G. (2000). *Introdução ao Gestaltismo*. Coleção Introdução à Psicologia. Rio de Janeiro: Imago Ed., 132 p.
- Pichon-Riviere, E. (1982) *Teoria do Vínculo*. Tradução Eliane Toscano Zamikhowsky. Coleção Psicologia e Pedagogia. São Paulo: Martins Fontes, 143 p.
- Pinto, J. P. (2004). Sobre o discurso feminista em publicações: a política do grupo transas do corpo. *Revista Estudos Feministas*, 12 (E.E.), 106-114.
- Poovey, M. (1994). Feminism and postmodernism: another view. In M. Ferguson & J. Wicke (Eds.), *Feminism and postmodernism*. London: SAGE.
- Prado, M. A. M. (2002). *A psicologia comunitária nas Américas: o individualismo, o comunitarismo*

- e a exclusão do político. *Revista Reflexão e Crítica*, 15 (1), 201-210.
- Prilleltensky, I. (1989). Psychology and the status quo. *American Journal of Community Psychology*, 21, 795-802.
- Prilleltensky, I. (1998). Values and assumptions about values and assumptions. *American Journal of Community Psychology*, 15, 325-326.
- Prilleltensky, I. (2001). Value-based praxis in community psychology: moving toward social justice and social action. *American Journal of Community Psychology*, 29 (5), 747-778.
- Prilleltensky, I. (2003). Book Reviews: Market killing: what the free market does and what social scientists can do about it. *Journal of Community & Applied Social Psychology*, 13, 78-83.
- Prilleltensky, I. (2003). Understanding, Resisting, and Overcoming Oppression: Toward Psychopolitical Validity. *American Journal of Community Psychology*.
- Prilleltensky, I. (2004). An Introduction to Critical Social Psychology. *Journal of Community & Applied Social Psychology*, 14, 44-51.
- Prilleltensky, I. (2004). Books Reviews: Critical consciousness: a study of morality in global, historical context. *Journal of Community & Applied Social Psychology*, 14, 500-503.
- Prilleltensky, I. (2004a). An Introduction to Critical Social Psychology. *Journal of Community & Applied Social Psychology*, 14, 44-51.
- Prilleltensky, I. (2004b). Books Reviews: Critical consciousness: a study of morality in global, historical context. *Journal of Community & Applied Social Psychology*, 14, 500-503.
- Prilleltensky, I. (2005). Book Review: Introduction to critical psychology. *American Journal of Community & Applied Social Psychology*, 15, 79-82.
- Prilleltensky, I. (2008). The role of power in wellness, oppression, and liberation: the promise of psychopolitical validity. *Journal of community psychology*, 36 (2), 116-136.
- Prilleltensky, I., & Austin, S. (2001c). Contemporary debates in critical psychology: Dialectics and syntheses. *Journal of Australian Psychologist*, 36, 1-75.
- Prilleltensky, I., & Fox, D. (2007). Psychological literacy for wellness and justice. *Journal of psychology*, 35 (6), 793-805.
- Prilleltensky, I., Davidson, H., Evans, S., Ganote, C., Henrickson, J., Jacobs-Priebe, L., et al. (2006). Power and Action in Critical Theory Across Disciplines: Implications for Critical Community Psychology. *American Journal of Community Psychology*, 35-49.
- Prilleltensky, I., Nelson, G., & MacGillivray, H. (2001b). Building value-based partnerships: toward solidarity with oppressed groups. *American Journal of Community Psychology*, 29 (5), 649-677.

- Prysthon, A. (2003). Estudos culturais: (in)disciplina. *Revista da Faculdade de Comunicação*, 134-141.
- Puleo, A. H. (2000). *Filosofía, género y pensamiento crítico*. Valladolid: Universidad de Valladolid.
- Quivy, R., & Campenhoudt, V. (1999). *Manual de investigação em ciências sociais*. São Paulo: EDUSP.
- Ramos, C., & Carvalho, J. E. C. (2008). Espaço e subjetividade: formação e intervenção em psicologia comunitária. *Revista Psicologia & Sociedade*, 20 (2), 174-180.
- Rêgo, M. C. (2003). Falar de mulheres: da igualdade à paridade. In Z. O. Castro (Ed.), *Falar de mulheres: da igualdade à paridade*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Rego, T. C. (1995) *Vygotsky: uma perspectiva histórico-cultural da educação*. 3 ed., Petrópolis : Vozes.
- Ribeiro, M. (2006). O feminismo em novas rotas e visões. *Revista Estudos Feministas*, 14 (3), 801-811.
- Rich, A. (2002). Notas para uma política da localização. In A. G. Macedo (Ed.), *Gênero, identidade e desejo: antologia crítica do feminismo contemporâneo* (pp. 15-36). Lisboa: Cotovia.
- Richardson, R. J. (1999). *Psicologia social: métodos e técnicas*. São Paulo: Atlas.
- Sá, C. A. P. (1995) Representações sociais: o conceito e o estado atual da teoria. In: Spink, M. J. (Org). *O conhecimento no cotidiano: as representações sociais na perspectiva da psicologia social*. São Paulo: Brasiliense.
- Sá, C. P. (1998). *A construção do objeto de pesquisa em representações sociais*. Rio de Janeiro: EDUERJ.
- Saffioti, H. (2004). *Gênero, patriarcado, violência*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo: Câmara Brasileira do Livro.
- Sánchez, S. B., & Peyrí, M. T. P.-S. (2001). *El cuerpo silenciado: una aproximación a la identidad femenina*. Barcelona: Editora Viena.
- Sandoval, S. (2004). O que há de novo na psicologia social latino-americana (P. Guareschi, Trans.). In R. M. Farr (Ed.), *As raízes da psicologia social moderna*. Petrópolis: Vozes.
- Santos, B. S. (2002). O fim das descobertas imperiais. In I. B. Oliveira & P. Sgarbi (Eds.), *Redes culturais, diversidade e educação*. Rio de Janeiro: DP & A.
- Saranyana, J. (1997). *La discusión medieval sobre la condición femenina: siglos VIII al XIII*. Salamanca: Universidad Pontificia Salamanca.
- Sarti, C. A. (2004). O feminismo brasileiro desde os anos 1970: revisitando uma trajetória. *Revista*

Estudos Feministas, 12 (2), 35-50.

Sawaia, B. B. (2000). *As Artimanhas da Exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade*. Petrópolis: Vozes.

Sawaia, B. B. (2007). Psicologia e desigualdade social: uma reflexão sobre liberdade e transformação social. *Revista Psicologia & Sociedade*, 21(03), 364-372.

Sawaia, B. B.; Lane, S. T. M. (1995). *Novas Veredas da psicologia social*. Brasiliense: EDUC.

Scarpato, H. B. K., & Guareschi, N. M. F. (2007). Psicologia social comunitária e formação profissional. *Revista Psicologia & Sociedade*, 19 (2), 100-108.

Schmidt, S. P. (2004). Como e por que somos feministas. *Revista Estudos Feministas*, 12 (E. E.), 17-22.

Semeraro, G. (2007). Da libertação à hegemonia: Freire e Gramsci no processo de democratização do Brasil. *Revista de Sociologia Política*, 29(1), 95-104.

Shildrick, M. L. (1997). *Bodies and boundaries: feminism, post-modernism and (bio)ethics*. London: Routledge.

Shotter, J. (1993). *Conversational realities: constructing life through language*. London: SAGE.

Silva, I., & Nóbrega, R. (2002). *Feridas que não cicatrizam*. Recife: EDUPE.

Silva, L. M., Saraiva, C. L. Q., Franco, K. C. S., & Domício, A. M. B. (2007). Intervenção comunitária e diagnóstico-ação na comunidade do Sossego: conhecendo a proposta de atuação do NEPUC/FCRS. Paper presented at the V Encontro Norte Nordeste de Psicologia, Maceió.

Silva, N. (1998). Subjetividade. In M. Strey (Ed.), *Psicologia Social Contemporânea*. Petrópolis: Vozes.

Simmel, G. (2006). *Questões fundamentais da sociologia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Sluga, G., & Caive, B. (2000). *Género y história: mujeres en cambio sociocultural europeo: de 1780 a 1920*. Madrid: Narcea.

Sousa, M. (2002). *A participação feminina em espaços de educação não-formal*. Universidade do Minho, Braga.

Souto, C. (1985). *A explicação sociológica: uma introdução à sociologia*. São Paulo: EPU.

Souza, L. C. G. d., & Filho, E. A. d. S. (2009). O lugar da psicologia social na formação dos psicólogos. *Psicologia & Sociedade*, 21 (3), 383-390.

Spink, M. J. (1995). *O conhecimento no cotidiano: as representações sociais na perspectiva da psicologia social*. São Paulo: Brasiliense.

Spink, M. J., & Menegon, V. M. (2000). *A pesquisa como prática discursiva: superando os horrores*

- metodológicos. In M. J. Spink (Ed.), *Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas*. São Paulo: Cortez.
- Streck, D. R. (2009). Da pedagogia do oprimido às pedagogias da exclusão: um greve balanço crítico. *Educação Social (Campinas)*, 30(1), 539-560.
- Suassuna, D., & Azevedo, A. (2007). *Política e lazer: interfaces e perspectivas*. Brasília: Thesaurus.
- Taboana, C., & Arróspide, J. (2006). La intervención psicosocial como medio de creación de ámbitos grupales en contextos de crisis. In C. S. J. Guillén (Ed.), *Intervención psicosocial: elementos de programación y evaluación socialmente eficaces*. Bogotá: Universidad de Los Andes: Anthropos.
- Tavares, M. (2003). A partilha do político. In Z. Castro (Ed.), *Falar de mulheres: da igualdade à paridade* (pp. 64-71). Lisboa: Horizontes.
- Tebúrcio, V., & Domício, A. M. B. (2009, 8-11 Setembro). O uso da corporeidade enquanto linguagem de resistência. . Paper presented at the XIV Encontro Norte Nordeste de Ciências Sociais, Recife.
- Tellería, J. e. (2009). Exploraciones Cualitativas en Masculinidades. . *CISTAC*, 8(2), 87-95.
- Thompson, J. B. (1995). *Ideologia e cultura moderna*. Petrópolis: Vozes.
- Toro, R. A. (1991). *Teoria da Biodança: coletânea de textos*. Fortaleza: ALAB.
- Toro, R. A. (1997). *Árbol de los deseos*. Unpublished manuscript, Fortaleza.
- Touraine, Alain (2002). Os Movimentos Sociais. In: Forachi, M. & Martins, J. *Sociologia e Sociedade: leituras de introdução a Sociologia*. São Paulo: LTC.
- Traverso-Yopez, M. (2001). A interface psicologia social e saúde: perspectivas e desafios. *Revista Estudos de Psicologia*, 6 (2), 49-56.
- Tseng, V., Chesir-Teran, D., Becker-Klein, R., Chan, M. L., Duran, V., Roberts, A., et al. (2002). Promotion of social change: a conceptual framework. *American Journal of Community Psychology*, 30 (3).
- Vala, J. (1986). Análise de Conteúdo. In A. S. Silva & J. M. Pinto (Eds.), *Metodologias das Ciências Sociais*. Porto: Afrontamento.
- Vala, J., & Montero, M. B. (2006). *Psicologia Social* (7 ed.). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Varela, N. (2008). *Feminismo para principiantes*. Barcelona: Ediciones B.
- Varikas, E. (1994). Gênero, experiência e subjetividade: a propósito do desacordo Tilly-Scott. *Revista Cadernos Pagu*, 3, 63-84.
- Veiga-Neto, A. (1998). Ciência e Pós-Modernidade. *Revista Episteme*, 3 (5), 143-156.

- Veloso, T. M. G. "A representação social do trabalho alugado ou 'com a enxada nas costas e o coração apertado". In : Estudos de Psicologia. Departamento de Psicologia / Serviço de Psicologia Aplicada. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Volume 1 – Número 1 – Janeiro a Junho de 1996.
- Veronese, M. V., & Felipe, F. (2000). Os transgênicos na mídia: práticas sociais e ideologia. In P. Guareschi (Ed.), Os construtores da informação: meios de comunicação, ideologia e ética. Petrópolis: Vozes.
- Veronese, M. V., & Guareschi, P. (2005). Possibilidades solidárias e emancipatórias do trabalho: campo fértil para a prática da psicologia social crítica. *Revista Psicologia & Sociedade*, 17 (2), 58-69.
- Vicente, A. (2002). Os poderes das mulheres, os poderes dos homens. Lisboa: Gótica.
- Vidal, A., & Sánchez, A. (1989, 7-8 Abril). Psicología comunitaria: origen, concepto y características. Paper presented at the IV Encuentro Nacional de Psicología Comunitaria de la Sociedad Valenciana del Psicología Social, Valencia.
- Viegas, J. M., & Farias, S. (2001). As mulheres na política. Oeiras: Celta.
- Vieira, R. (1999). Ser igual, ser diferente: encruzilhadas da identidade. Aveiro: Profedições.
- Vieja, M. T. L. I. (2007). El significado del feminismo. In E. Martínez, A. Figueruelo, M. T. L. I. Vieja, O. Barrios, C. Velayos & M. D. Calvo (Eds.), *La igualdad como compromiso: estudios de género en homenaje a la profesora Ana Díaz Medina* (Universidad de Salamanca ed., pp. 24-39). Salamanca: Centro de Estudios de la Mujer de la Universidad de Salamanca.
- Vigarelo, G., Courtine, J., & Corbin, A. (2008). História do corpo: da renascença às luzes (L. M. E. Orth, Trans.). Petrópolis: Vozes.
- Villaverde, M. A. (2009). A força da razão compartilhada. Lisboa: Edições Instituto Piaget, Coleção: Pensamento e Filosofia.
- Villota, P. (2001). Globalización a qué precio? El impacto en las mujeres del Norte y del Sur. Barcelona: Icaria Antrazt.
- Wagner, W. (1995) Descrição, explicação e métodos na pesquisa das representações sociais. In: Guareshi, P.; Jovchelovitch, S. (Orgs.) *Textos em representações sociais*. Coleção psicologia social. Petrópolis : Vozes.
- Watts, R. J., Williams, N. C., & Jagers, R. J. (2003). Sociopolitical development. *American Journal of Community Psychology*, 31 (1/2).
- Weil, P., & Tompakow, R. (1986). O corpo fala: a linguagem silenciosa da comunicação não-verbal

Petrópolis: Vozes.

Xavier, U. (1999). Desenvolvimento rural no Ceará e o projeto cédula da terra: inclusão social ou um cavalo de tróia? Fortaleza.

Ximenes, V. M., & Barros, J. P. P. (2009). Perspectiva histórico-cultural: que contribuições teórico-metodológicas podem dar à práxis do psicólogo comunitário? *Psicologia e Argumento* (Curitiba), 27(1), 65-76.

Ximenes, V., & Góis, C. W. L. (2004). Núcleo de Psicologia Comunitária (Nucom) - Práxis Libertadora. Paper presented at the 2º Congresso Brasileiro de Extensão Universitária.

Ximenes, V., Nepomuceno, B., & Moreira, A. (2007). Cooperação Universitária: uma prática comunitária/ libertadora a partir da psicologia comunitária. In A. Cordeiro, E. Vieira & V. Ximenes (Eds.), *Psicologia e(m) transformação social: práticas e diálogos* (Vol. 1). Fortaleza: EDUFC.

Yamamoto, O. H. (2007). Políticas sociais: terceiro setor e compromisso social: perspectivas e limites do trabalho do psicólogo. *Revista Psicologia & Sociedade*, 19(1), 30-37.

Yamamoto, O. H., Siqueira, G. S., & Oliveira, S. C. C. (1997). A psicologia no Rio Grande do Norte: caracterização geral da formação acadêmica e do exercício profissional. *Revista Estudos de Psicologia* (Natal), 2 (1).